

CAPÍTULO 1

NO PRINCÍPIO

A Potestade e Majestade de Deus na Obra da Criação

Existe qualquer coisa particularmente notável na maneira como o Espírito Santo abre este livro sublime. Ele apresentados, imediatamente, a Deus, na plenitude essencial do Seu ser e no isolamento da Sua atuação. Toda a matéria preliminar é dispensada. E a Deus que somos trazidos. Ouvimo-Lo, de fato, quebrando o silêncio e brilhando sobre as trevas da terra com o propósito de fomentar um globo no qual pudesse mostrar o Seu poder eterno e a Sua Divindade.

Não há nada aqui em que a vã curiosidade possa alimentar-se — nada em que a pobre mente humana possa fazer especulação. Existe a perfeição e realidade da VERDADE DIVINA no seu poder moral para atuar sobre o coração e o entendimento. Nunca poderia estar dentro do alcance do Espírito de Deus satisfazer a vã curiosidade apresentando teorias curiosas.

Os geólogos podem explorar as entranhas da terra e extrair delas materiais donde podem tirar conclusões para ajuntar e, nalguns casos, contradizer o relato divino. Podem especular com os restos de fósseis; porém, o discípulo do Senhor agarra-se, com santo prazer, às páginas inspiradas: lê, crê e adora a Deus. Possamos nós, neste espírito, prosseguir o estudo do livro profundo que temos agora aberto. Possamos nós saber o que é "aprender no templo". Oxalá que a nossa investigação do conteúdo da Escritura Sagrada seja sempre feita no verdadeiro espírito de adoração.

"No princípio, criou Deus os céus e a terra". A primeira frase no cânon divino coloca-nos na presença d Aquele que é a origem infinita de toda a verdadeira bem-aventurança. Não há argumento elaborado em prova da existência de Deus. O Espírito Santo não trata de nada dessa espécie. Deus revela-Se a Si. Faz-Se conhecer pelas Suas obras: "Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos" (SI 19:1). "Todas as tuas obras te louvarão, ó Senhor" (SI 145:10). "Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor, Deus Todo-poderoso!" (Ap 15:3).

Ninguém, a não ser um infiel ou um ateu, procuraria um argumento para provar a existência de Um que, pela palavra da Sua boca, chamou os mundos à existência e Se revelou a Si Mesmo como o Deus Todo-poderoso e eterno. Quem, senão Deus, podia criar alguma coisa? "Levantai ao alto os olhos e vede quem criou estas coisas, quem produz por conta o seu exército, quem a todas chama pelo seu nome; por

causa da grandeza das suas forças e pela fortaleza do seu poder, nenhuma faltará" (Is 40:26). "... os deuses das nações são vaidades; porém o SENHOR fez os céus" (1 Cr 16:26).

No livro de Jó, capítulos 38 a 41, temos um apelo feito do modo mais sublime, da parte do Senhor, à obra da criação, como um argumento incontestável da Sua superioridade infinita; e este apelo, ao mesmo tempo que põe perante a compreensão a prova mais ardente e convincente da onipotência de Deus, toca o coração, também, pela sua assombrosa condescendência. A majestade, o amor, o poder e a ternura são divinos.

As Trevas e a luz

"E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo". Aqui estava, em boa verdade, uma esfera na qual só Deus podia operar. O homem, na vaidade do seu coração, tem sempre mostrado estar pronto a interferir com Deus noutras e mais elevadas esferas de atuação, porém, na cena que temos perante nós o homem não teve lugar, até que, com efeito, se tornou, como tudo mais, o objeto do poder criador.

Deus esteve só na criação. Ele olhou desde a Sua habitação eterna de luz para a imensidade assolada e viu nela a esfera na qual os Seus planos e desígnios maravilhosos haviam ainda de ser realizados e manifestados — onde o Filho eterno havia ainda de viver, trabalhar, testificar, sofrer e morrer, a fim de mostrar, à vista de mundos maravilhados, as perfeições gloriosas da Divindade. Tudo era trevas e caos; Deus é o Deus de luz e ordem. "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (1 Jo 1:5). As trevas e a confusão não podem viver na Sua presença, quer encaremos o fato sob o ponto de vista físico, moral, intelectual ou espiritual.

"E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas". Pôs-se a ponderar sobre o teatro das Suas futuras operações. Isto era um panorama verdadeiramente sombrio: uma vista em que havia amplo lugar para o Deus de luz e vida operar. Somente Ele podia iluminar as trevas, fazer brotar vida, substituir o caos por ordem e fazer separação entre as águas, onde a vida pudesse manifestar-se sem medo da morte. Eram operações dignas de Deus.

"E disse Deus: Haja luz. E houve luz". Quão simples! E, contudo, como é próprio de Deus! "Ele falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu" (SI 33:9).

A infidelidade pode perguntar: Como? Onde? Quando? A resposta é: "Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente" (Hb 11:3). Isto satisfaz o espírito dócil. A filosofia pode rir-se desdenhosamente por isto, e declará-lo ignorância rude ou credulidade cega, própria de um século de semi-barbarismo, mas completamente imprópria de homens que vivem num século iluminado da história

do mundo, quando o museu e o telescópio nos têm posto de posse de fatos dos quais os escritores sagrados nada sabiam. Que sabedoria! Que conhecimento! Ou antes, que loucura! Que falta de senso! Que inaptidão para compreender o fim e o desígnio da Sagrada Escritura!

Certamente, não é o objetivo de Deus fazer de nós astrônomos ou geólogos, ou ocupar-nos com pormenores que o microscópio ou o telescópio põem diante de cada rapaz da escola. O Seu objetivo é conduzir-nos à Sua presença como adoradores, com corações e a razão ensinados e devidamente governados pela Sua Palavra. Contudo, isto nunca satisfaria o chamado filósofo, que, desprezando o que ele chama preconceitos de mentes vulgares e tacanhas dos discípulos sinceros da Palavra de Deus, pega ousadamente no seu telescópio, e com ele examina os céus distantes, ou desce aos profundos recessos da terra em busca de stratum, formações geológicas e fósseis — todos os quais, segundo os seus cálculos, aperfeiçoam grandemente, se é que não contradizem absolutamente, o relato inspirado.

Com tais "oposições da falsamente chamada ciência" (1 Tm 6:20) nada temos que ver. Acreditamos que todas as verdadeiras descobertas, quer em cima nos céus, quer em baixo na terra, ou nas águas debaixo da terra, concordarão com o que está escrito na Palavra de Deus; e se não estiverem assim da harmonia são perfeitamente desprezíveis, segundo o parecer de todo verdadeiro amante da Escritura Sagrada. Isto dá grande tranquilidade ao coração em dias como estes, tão férteis em especulações de saber e teorias estrondosas; que, afinal, em muitos casos, cheiram a racionalismo e infidelidade positiva. É indispensável ter o coração inteiramente fundado quanto à plenitude, a autoridade, perfeição, majestade e inspiração plenária das Sagradas Escrituras. Ver-se-á como isto é a única salvaguarda eficaz contra o racionalismo da Alemanha e a superstição de Roma. O conhecimento perfeito e a sujeição profunda à Palavra de Deus são as grandes aspirações do momento presente. Que o Senhor, na Sua muita graça, aumente abundantemente tanto uma como outra destas aspirações.

"E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite". Temos aqui os dois grandes símbolos tão largamente empregados em toda a Palavra de Deus. A presença da luz faz o dia; a falta dela faz a noite. O mesmo se dá com a história das almas. Há os "filhos da luz" e os "filhos das trevas". E uma diferença muito clara e solene. Todos aqueles em quem resplandeceu a luz da vida — todos os que foram eficientemente visitados com "o Oriente do alto" (Lc 1:78); todos os que receberam a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo —, quem quer que sejam e onde quer que se encontrem, pertencem à primeira classe, são "filhos da luz, e filhos do dia".

Por outro lado, todos os que ainda estão nas trevas da natureza, na cegueira da natureza e na incredulidade da natureza — todos os que não receberam ainda em

seus corações, pela fé, os raios resplandecentes do Sol da justiça — estão ainda envoltos nas trevas da noite espiritual: são "filhos das trevas, filhos da noite".

Que o leitor pergunte a si mesmo, na presença d'Aquele que esquadrinha os corações, a qual destas duas classes de pessoas pertence, neste momento. Que pertence a uma ou outra, é fora de dúvida. Pode ser pobre, desprezado e iletrado; mas se, pela graça de Deus, há um laço que o liga ao Filho de Deus, "a luz do mundo", então é, na realidade, um filho do dia, e está destinado a brilhar, dentro em pouco, nessa esfera celestial, aquela região de glória, da qual o "Cordeiro que foi morto" será o Sol central, para todo o sempre.

Nada disto é obra nossa. E o resultado do desígnio e operação do Próprio Deus, que nos deu luz e vida, gozo e paz, em Jesus, e no Seu sacrifício consumado na cruz.

Porém, se o leitor é totalmente estranho à ação santa e à influência da luz divina; se os seus olhos não foram abertos para ver alguma beleza no Filho de Deus, então, ainda que tivesse toda a ciência de Newton, ainda que tivesse sido enriquecido com todos os tesouros da filosofia, ainda que tivesse bebido com avidez em todos os cursos da ciência humana, ainda que o seu nome fosse adornado com todos os títulos que as Escolas e Universidades do mundo lhe pudessem dar, continuaria a ser um "filho da noite", um "filho das trevas"; e se morrer na sua presente condição ficará na escuridão e horror de uma noite eterna. Não leia, portanto, nem mais uma página sem ter ficado inteiramente certo se pertence ao "dia" ou à "noite".

O ponto sobre o qual desejo agora falar é a criação das luzes. "E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos. E sejam para luminares na expansão dos céus, para alumiar a terra. E assim foi. E fez Deus os dois grandes luminares: o lunar maior para governar o dia, e o lunar menor para governar a noite; e fez as estrelas".

O sol é o grande centro de luz, o centro do nosso sistema. Em redor dele giram os astros menores. Dele recebem, também, a sua luz. Por isso, o sol pode, legitimamente, ser visto como um símbolo próprio d'Aquele que em breve há-de levantar-Se, trazendo cura nas Suas asas, para alegrar os corações daqueles que temem o Senhor. A aptidão e beleza do símbolo é inteiramente clara para quem, tendo passado a noite em vigília, presencia o nascer do sol dourando com os seus raios o céu oriental. As neblinas e as sombras da noite são dispersas, e toda a criação parece aclamar o regresso do astro de luz. Assim será, em breve, quando aparecer o Sol da Justiça. As sombras da noite fugirão, e toda a criação regozijar-se-á com o raiar de uma "manhã sem nuvens" — o alvorecer de um dia brilhante e interminável de glória.

A lua, sendo por si mesma opaca, recebe toda a sua luz do sol. A lua reflete sempre a luz do sol, salvo quando a terra e as suas influências intervém (1). Tão depressa o sol se põe no nosso horizonte, a lua apresenta-se para receber os seus raios de luz e refleti-los outra vez sobre o mundo na escuridão; ou no caso de ser visível durante o dia exhibe sempre uma luz pálida, como resultado inevitável de aparecer na presença de maior claridade. E verdade, como tem sido observado, que o mundo às vezes interpõe-se: nuvens escuras, neblinas cerradas, e vapores gelados, também, levantam-se da superfície da terra e ocultam da nossa vista a luz prateada da lua.

(1) É um fato interessante que a lua, quando vista através de um poderoso telescópio, apresenta o aspecto de uma vasta ruína da natureza.

Contudo, assim como o sol é o símbolo lindo e próprio de Cristo, do mesmo modo a lua nos lembra admiravelmente a Igreja. A origem da sua luz está oculta para a vista. O mundo não O vê, mas ela vê-O; e é responsável por refletir os Seus raios de luz sobre o mundo de trevas. O mundo não tem meio de conhecer coisa alguma de Cristo senão por meio da Igreja. "Vós", diz o apóstolo Paulo, "sois a nossa carta,... conhecida e lida por todos os homens". E acrescenta: "Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo" (2 Co 3:2).

Que lugar de responsabilidade! Quão sinceramente deve ele vigiar contra tudo que impede o reflexo da luz celestial de Cristo em todos os seus caminhos! Porém, como deve a Igreja refletir esta luz? - Permitindo que a luz brilhe sobre ela em todo o seu brilho límpido. Se a Igreja tão-somente andar na luz de Cristo, há-de, certamente, refletir a Sua luz; e isto mantê-la-á sempre na sua própria posição.

A luz da lua não é sua. Do mesmo modo acontece com a Igreja. Ela não é chamada para se mostrar a si mesma ao mundo. Deve, simplesmente, refletir a luz que recebe. E obrigada a estudar, com santa devoção, o caminho que o Senhor trilhou aqui no mundo; e mediante a energia do Espírito Santo, que habita nela, seguir nesse caminho. Mas, ah! O mundo com as suas neblinas, nuvens, e os seus vapores, intervém e oculta a luz e mancha a epístola. O mundo não pode ver muito dos traços do caráter de Cristo naqueles que se chamam pelo Seu nome; na verdade, em muitos casos, eles apresentam um contraste humilhante, em vez de uma semelhança. Possamos nós estudar Cristo devotamente, de modo a podermos imitá-Lo mais fielmente.

As Estrelas

As estrelas são luminares distantes. Brilham noutras esferas, e têm pouca ligação com este sistema, a não ser que pode ver-se a sua cintilação. "Uma estrela difere em

glória de outra estrela". Assim será no reino futuro do Filho de Deus. Ele resplandecerá com brilho vivo e eterno, o Seu Corpo, a Igreja, refletirá, fielmente, o Seu brilho sobretudo à sua volta; enquanto que os santos, individualmente, brilharão nessas esferas que o Justo Juiz lhes distribuir, como galardão do serviço fiel prestado durante a noite da Sua ausência.

Este pensamento deve animar-nos a uma mais ardente e vigorosa diligência por conformidade com o nosso Senhor ausente (veja-se Lc 19:12-19).

Em seguida são introduzidas as ordens inferiores da criação. O mar e a terra são criados para transbordar com vida. Alguns podem sentir-se autorizados a considerar as operações de cada novo dia como simbolizando as várias dispensações e os seus grandes princípios característicos de ação. Quero apenas dizer, a este respeito, que existe uma grande necessidade, quando a Palavra de Deus é tratada deste modo, de vigiar, com todo o zelo, a operação da imaginação; e também de prestar a maior atenção à analogia da Escritura, de contrário corremos o risco de fazer erros graves. Não me sinto disposto a entrar numa tal linha de interpretação; portanto, limitar-me-ei àquilo que julgo ser o sentido claro do texto sagrado.

A Criação do Homem à Imagem de Deus

Vamos considerar agora o lugar do homem, colocado sobre as obras de Deus. Depois de tudo haver sido posto em ordem, era preciso alguém para tomar a direção. "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra".

O leitor notará a alteração de ele para eles. Não nos é apresentado o fato atual da formação da mulher até o capítulo subsequente; não obstante, encontramos aqui Deus abençoando-os e dando-lhes conjuntamente o lugar do governo universal. Todas as ordens inferiores da criação foram postas sob o seu domínio comum. Eva recebeu todas as suas bênçãos em Adão. Nele recebeu, também, a sua dignidade. Se bem que ainda não tivesse sido chamada à existência, ela era, no desígnio de Deus, vista como parte do homem. "No Teu livro todas estas coisas foram escritas; as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia" (SI 139:16).

A Posição de Eva com Respeito a Adão

Assim é com a Igreja — a noiva do Segundo Homem. Ela era vista desde toda a eternidade em Cristo, a sua Cabeça; como lemos no primeiro capítulo de Efésios: "Como também nos elegeu n'Ele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante d'Ele em amor". Antes que um só membro da Igreja tivesse respirado o fôlego da vida, todos eram, na mente eterna de Deus, predestinados para serem conformes à imagem de Seu Filho. Os desígnios de Deus tornam a Igreja necessária para completar o homem místico. Por isso a Igreja é chamada "a plenitude d'Aquele que cumpre tudo em todos" (Ef 1:23). Trata-se dum título espantoso, que explica muito da dignidade, importância e glória da Igreja. Em geral considera-se a redenção como dizendo respeito apenas à bem-aventurança e segurança das almas, individualmente. Isto, porém, é uma opinião muito fraca sobre o assunto. Que tudo que pertence, de algum modo, ao indivíduo está absolutamente seguro, é — bendito seja Deus — um fato verdadeiro. Mas esta é a parte menos importante da redenção. Porém, que a glória de Cristo está incluída na, e ligada com, a existência da Igreja é uma verdade profunda e poderosamente mais importante. Se eu tenho o direito, com base na autoridade das Escrituras Sagradas, de me julgar como uma parte essencial do que é na realidade necessário para Cristo já não posso ter dúvida alguma se há abundância de provisões para as minhas necessidades. E não é a Igreja do mesmo modo necessária para Cristo? E, sem dúvida. "Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma adutora" (Gn 2:18). "Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão. Porque também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão... Todavia, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher, sem o varão, no Senhor. Porque, como a mulher provém do varão, assim também o varão provém da mulher, mas tudo vem de Deus" (1 Co 11:8-12). Por isso, já não é apenas a questão de saber se Deus pode salvar um pobre pecador perdido, e recebê-lo no poder da justiça divina. Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só". Não deixou "o primeiro homem" sem "uma adutora", nem tão-pouco deixará o "Segundo". Assim como no caso do primeiro haveria um vazio na criação sem Eva, do mesmo modo — que pensamento estupendo! — no caso do último haveria uma falta na nova criação sem a Noiva, a Igreja.

Adão e Eva, Figuras de Cristo e da Igreja

Vejamos agora a maneira como Eva foi trazida à existência, se bem que, fazendo-o, tenhamos que antecipar parte do capítulo subsequente. De entre todas as ordens da criação não foi encontrada uma adutora para Adão. "Um sono pesado" tinha que cair sobre ele, e uma adutora devia ser formada de si mesmo, para partilhar do seu domínio e da sua bem-aventurança: "Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a

carne em seu lugar; e da costela que o SENHOR Deus tomou do homem formou (1) uma mulher: e trouxe-a a Adão: E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada" (Gn 2:21-23).

(1) Uma consulta em Efésios 2:20.22 mostrará ao leitor que as palavras traduzidas por "edificados" e "juntamente edificados" e a palavra hebraica aqui traduzida por "formou" são inflexões do mesmo verbo.

Contemplando Adão como um símbolo de Cristo, e Eva como figura de Igreja, como a Sagrada Escritura inteiramente nos autoriza, vemos como a morte de Cristo necessitava ser um fato consumado, antes que a Igreja pudesse ser estabelecida, embora, nos desígnios de Deus, ela fosse vista, e escolhida em Cristo, antes da fundação do mundo.

Há, no entanto, uma grande diferença entre o secreto propósito de Deus e a revelação e seu cumprimento. Antes que o propósito divino pudesse ser atualizado a respeito das partes constituintes da Igreja, era preciso que o Filho de Deus fosse rejeitado e crucificado — que Ele tomasse o Seu lugar nas alturas —, que mandasse o Espírito Santo para batizar os crentes num corpo. Não é que almas não fossem vivificadas e salvas antes da morte de Cristo. De certo que o foram. Adão foi salvo, e milhares de outros, em todos os séculos, em virtude do sacrifício de Cristo; embora esse sacrifício não tivesse sido ainda consumado.

Porém, a salvação individual de almas é uma coisa; e a formação da Igreja, como uma coisa distinta, pelo Espírito Santo, outra completamente diferente.

Esta distinção não é suficientemente compreendida; e, mesmo onde é mantida na teoria, é acompanhada de poucos dos resultados práticos que podem naturalmente ser esperados de uma verdade tão estupenda. O lugar único da Igreja — o seu parentesco especial com "o Segundo Homem, o Senhor do céu" —, os seus privilégios distintos e dignidades, todas estas coisas produziriam, se fossem compreendidas no poder do Espírito Santo, os mais ricos, mais raros e mais fragrantos frutos (veja-se Ef 5:23-32).

Quando contemplamos o símbolo que temos perante nós, podemos fazer alguma ideia dos resultados que deveriam seguir-se à compreensão da posição da Igreja e seu parentesco. Quanto amor não devia Eva a Adão! Que intimidade ela desfrutava! Que intimidade de comunhão! Que parte em todos os seus pensamentos! Em toda a sua dignidade, e em toda a sua glória, ela tinha inteiramente parte. Ele não dominava sobre ela, mas com ela. Ele era senhor de toda a criação, e ela tinha parte com ele. Sim, como já foi observado, ela era olhada e abençoada nele. "O homem" era o objeto; e quanto "à mulher", ela era necessária para ele; e, portanto, foi trazida à existência.

Nada pode ser tão interessante como um símbolo. Primeiro o homem é criado, e a mulher vista nele, e então formada dele — tudo isso forma um símbolo do caráter mais notável e instrutivo. Não é que uma doutrina jamais possa ser fundada sobre um símbolo; mas quando achamos a doutrina plena e claramente estabelecida noutras partes da Palavra de Deus, podemos compreender, apreciar e admirar o símbolo.

O Salmo 8 dá-nos uma ideia admirável do homem colocado sobre as obras de Deus. "Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que te lembres dele? - E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo; as aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares". Aqui o homem é tido em conta, sem qualquer menção da mulher; e isto está perfeitamente de conformidade com o seu caráter, porque a mulher é considerada como fazendo parte do homem.

A Igreja não Está Revelada no Antigo Testamento

Não há revelação direta do mistério da Igreja em parte alguma do Velho Testamento. O apóstolo Paulo diz claramente, "o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas (do Novo Testamento)" (Ef 3:1 a 11). Deste modo, no Salmo que acabamos de reproduzir, somente nos é apresentado "o homem"; porém sabemos que o homem e a mulher são encarados debaixo de uma cabeça.

Tudo isto terá o seu cumprimento nos séculos vindouros. Então o Verdadeiro Homem, o Senhor do céu, tomará o Seu lugar no trono, e, na companhia da Sua noiva, a Igreja, dominará sobre a criação restaurada. Esta Igreja é vivificada da sepultura de Cristo, é parte "do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos". Ele é a Cabeça e ela o corpo, formando um Homem, como lemos no capítulo quatro de Efésios: "Até que todos chegemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo".

A Igreja, sendo assim parte de Cristo, ocupará um lugar na glória completamente único. Não havia criatura alguma que estivesse tão perto de Adão como Eva, porque nenhuma outra criatura era parte dele. Do mesmo modo, com respeito à Igreja, ela terá o lugar mais próximo de Cristo, na Sua glória futura.

Nem tão-pouco é apenas o que a Igreja será que desperta a nossa admiração, mas o que a Igreja é. Ela é, agora, o Corpo do qual Cristo é a cabeça; é agora o templo do qual Deus é o Habitante.

Oh! que espécie de pessoas nós devíamos ser! Se este é o presente, e tal será a dignidade futura daquilo que nós, pela graça de Deus, fazemos parte, sem dúvida que nos convém uma conduta santa, consagrada, em separação, e elevada.

Que o Espírito Santo possa mostrar estas coisas mais clara e poderosamente aos nossos corações, para que assim possamos ter uma compreensão mais profunda da conduta e do caráter de que é digna a santa devoção com que somos chamados. "Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da Igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (Ef 1:18-23).

CAPÍTULO 2

O SÉTIMO DIA E O RIO

O Sétimo Dia: O Descanso de Deus

Este capítulo chama a nossa atenção para dois fatos distintos, a saber, "o dia sétimo" e o "rio do Éden". O primeiro requer atenção especial.

Existem poucos assuntos sobre os quais prevalece tanta incompreensão e contradição como a doutrina do "Sábado". Não é que haja o mínimo fundamento, quer para uma, quer para outra; porque todo o assunto está apresentado na Palavra de Deus da maneira mais simples possível. O mandamento claro para santificar o dia de sábado será apresentado, se o Senhor permitir, nas nossas considerações sobre o livro do Êxodo.

No capítulo 2 de Gênesis não há qualquer mandamento dado ao homem, mas apenas o relato de que Deus "descansou no sétimo dia de toda a sua obra. Assim, os céus, e a terra, e todo o seu exército foram acabados. E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera" (versículos 1 -3). Não há aqui mandamento algum dado ao homem. Diz-se simplesmente que Deus teve o Seu descanso, porque tudo estava feito, tanto quanto se referia à criação. Nada mais havia a fazer, e, portanto, Aquele que, durante seis dias, tinha estado trabalhando,

terminou o trabalho e gozou o Seu descanso. Tudo estava completo; tudo era muito bom; tudo era precisamente como Ele o tinha feito; e Ele descansou nisso. "As estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam" (Jó 38:7). A obra da criação estava terminada, e Deus celebrava um sábado.

E note-se que este é o verdadeiro caráter do sábado. Este é o único sábado que Deus jamais guardou, tanto quanto as Escrituras Sagradas nos informam. Depois disto, lemos que Deus ordenou ao homem que guardasse o sábado, e que o homem falhou completamente em o fazer; mas nunca mais lemos as palavras, "Deus descansou"; pelo contrário, o Senhor Jesus disse: "... Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também" (Jo 5:17).

O sábado, no sentido próprio e exato do termo, só podia ser celebrado quando não havia realmente nada a fazer. Só podia ser celebrado no meio de uma criação imaculada — uma criação na qual não podia ser discernida nódoa de pecado. Deus não pode ter descanso onde há pecado; necessitamos apenas de olhar em nossa volta para podermos compreendera impossibilidade absoluta de Deus ter um descanso na criação agora.

Os espinhos e cardos, juntamente com milhares de outros frutos tristes e humilhantes de uma criação de gemidos, levantam-se perante nós e declaram que Deus deve estar a trabalhar e não a descansar. Poderia Deus descansar no meio de espinhos e cardos? Poderia Ele ter descanso no meio dos suspiros, das lágrimas, dos gemidos e das dores, as enfermidades, a morte, degradação e culpa de um mundo arruinado? Poderia Deus assentar-Se, na realidade, e celebrar um sábado no meio de tais circunstâncias?

Seja qual for a resposta dada a estas interrogações, a verdade é que a Palavra de Deus ensina-nos que Deus não teve ainda sábado, a não ser aquele de que fala o segundo capítulo do Gênesis. "O dia sétimo", e não outro, era o sábado. Mostrava a perfeição da obra da criação; porém, a obra da criação foi manchada, e o descanso do sétimo dia interrompido; e assim, desde a queda até à encarnação, Deus não deixou de trabalhar; desde a encarnação até à cruz, Deus o Filho trabalhou; e desde o Pentecostes até esta data, Deus o Espírito Santo tem estado trabalhando.

Certamente, Cristo não teve descanso quando esteve no mundo. E verdade que Ele acabou a Sua obra — bem-aventurada e gloriosamente a acabou —, porém, onde passou Ele o dia de sábado? - No sepulcro! Sim, prezado leitor: Cristo, o Senhor, Deus manifestado em carne, o Senhor do sábado, o Criador e Mantenedor do céu e da terra, passou o sétimo dia no silêncio sombrio do túmulo. Não há nisto uma voz para nós? Não há nisto ensino? Poderia o Filho de Deus passar o sétimo dia na sepultura se esse dia fosse para ser passado em paz e descanso, e de sentir que nada mais restava fazer? Impossível!

Não precisamos de mais provas da impossibilidade de guardar o sábado do que aquela que nos é dada com a sepultura do Senhor Jesus. Podemos ficar ao lado dessa sepultura admirados de a achar ocupada por uma tal Pessoa no dia de sábado; mas, oh! a razão é óbvia. O homem é uma criatura caída, arruinada e culpada. A sua longa carreira de culpa terminou com a crucificação do Senhor da glória; e não só com a Sua crucificação mas colocando uma grande pedra sobre a porta do sepulcro, para evitar, se fosse possível, a Sua saída dali.

E o que fazia o homem enquanto o Filho de Deus estava na sepultura? Guardava o sábado! Que pensamento! Cristo na sepultura para reparar um sábado quebrado, e no entretanto o homem procurando guardar o sábado como se ele não tivesse sido quebrado. Era o sábado do homem, e não de Deus. Era um sábado sem Cristo — uma formalidade vazia, ineficaz, sem valor, porque era uma formalidade sem Cristo e sem Deus.

O Sétimo Dia não se Tornou no Primeiro (O Domingo)

Mas dirá alguém: — o dia foi mudado, enquanto que todos os princípios continuam a ser os mesmos. Não creio que a Sagrada Escritura dê base alguma para uma tal ideia. Onde é que se encontra a permissão divina para uma tal afirmação? E claro que se existe fundamento bíblico nada pode ser mais fácil do que apresentá-lo. Porém, o fato é que não existe nenhum; pelo contrário, a distinção é claramente apresentada no Novo Testamento. Vejamos uma passagem notável como prova: "no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana" (Mt 28:1). Não há aqui menção alguma de mudança do dia de sábado para o primeiro dia; nem tão-pouco de qualquer transferência do sábado de um dia para outro. O primeiro dia da semana não é o sábado mudado, mas um dia inteiramente novo. É o primeiro dia de um novo período e não o último dia de um velho período. O sétimo dia está ligado com a terra e o descanso terrestre; o primeiro dia da semana, pelo contrário, introduz-nos no céu e no descanso celestial.

Há nisto uma grande diferença de princípios; e quando encaramos o assunto de um modo prático, a diferença é muito material. Se guardarmos o sábado, tornamo-nos desse modo criaturas terrestres, tanto mais que esse dia é, claramente, o descanso da terra — descanso da criação; porém, se eu sou ensinado pela Palavra e o Espírito de Deus a compreender a significação do primeiro dia da semana, compreenderei imediatamente a sua ligação íntima com a nova e celestial ordem de coisas, das quais a morte e ressurreição de Cristo formam o fundamento eterno.

O sétimo dia pertencia a Israel e à terra. O primeiro dia da semana pertence à Igreja e ao céu. Além disso, a Israel foi mandado guardar o dia de sábado: a Igreja tem o privilégio de desfrutar o primeiro dia da semana. O primeiro era o ensaio da condição moral de Israel; o último é aprova significativa da eterna aceitação da

Igreja. Aquele manifestou o que Israel podia fazer por Deus; esta declara perfeitamente o que Deus fez por nós.

É inteiramente impossível calcular o valor e a importância do dia do Senhor; quer dizer, o primeiro dia da semana, como o temos no primeiro capítulo de Apocalipse. Sendo o dia em que Cristo ressuscitou dos mortos, mostra, não o acabamento da criação, mas o triunfo perfeito e glorioso da redenção. Nem tão pouco devemos considerar a guarda do primeiro dia da semana como um caso de escravidão, ou como um jugo posto sobre o cristão. É seu deleite guardar esse dia feliz. Por isso vemos que o primeiro dia da semana era proeminentemente o dia em que os primitivos cristãos se reuniam para partir o pão; e nesse período da história da Igreja, a distinção entre o sábado e o primeiro dia da semana era plenamente mantida.

Os judeus guardavam o sábado, reunindo-se nas suas sinagogas para ler "a lei e os profetas"; os cristãos guardavam o primeiro dia da semana, reunindo-se para partir o pão. Não há nem sequer uma passagem da Escritura na qual o primeiro dia da semana seja chamado o sábado; enquanto que há abundantes provas da sua inteira distinção.

Portanto, porque contender por aquilo que não tem fundamento na Palavra de Deus? Amai, honrai e guardai o dia do Senhor tanto quanto possível; procurai, como o apóstolo João, estar "em espírito" nesse dia; que o vosso retraimento das coisas seculares seja tão profundo quanto o possais fazer; porém, enquanto fazeis tudo isto, chamai-o pelo seu próprio nome; dai-lhe o seu próprio lugar; compreendei os seus próprios princípios; ligai com ele os seus característicos; e, acima de tudo, não obrigueis o cristão, como com uma barra de ferro, a guardar o sétimo dia, quando é seu alto e santo privilégio guardar o primeiro. Não o façais descer do céu, onde ele pode descansar, à terra amaldiçoada e manchada de sangue, onde ele não pode ter descanso. Não o obrigueis a guardar um dia que o seu Senhor passou no túmulo, em vez desse dia bendito em que Ele o deixou (veja-se, com muita atenção, Mt 28:1-6; Mc 16:1-2; Lc 24:1; Jo 20:1.19.26; At 20:7; 1 Co 16:2; Ap 1:10; At 13:14; 17:2; Cl 2:16).

Um Descanso Verdadeiro

No entanto não deve supor-se que nós perdemos de vista o fato importante que o dia de sábado será guardado outra vez na terra de Israel e sobre toda a criação: será incontestavelmente: "... resta ainda um repouso para o povo de Deus" (Hb 4:9). Quando o Filho de Abraão, Filho de Davi, e Filho do homem, assumir a Sua posição de governo sobre toda a terra, haverá um sábado glorioso — um descanso que o pecado nunca mais interromperá. Porém, agora Ele é rejeitado, e todos os que O conhecem e O amam são chamados a tomar o seu lugar com Ele na Sua

rejeição; são chamados para "sair fora do arraial, levando o Seu vitupério" (Hb 13:13).

Se a terra pudesse guardar um sábado, não haveria vitupério; porém, o próprio fato de a igreja professa procurar fazer do primeiro dia da semana o sábado revela um princípio profundo. E apenas o esforço de voltar a uma posição terrestre, e a um código terrestre de moral.

Muitos podem não ver isto. Muitos verdadeiros cristãos podem, conscienciosamente, guardar o dia de sábado, como tal; e nós temos o dever de respeitar as suas consciências, posto que nos seja perfeitamente lícito pedir-lhes para apresentarem a base bíblica das suas convicções. Não devemos pôr um tropeço ou ferir as suas consciências, mas devemos procurar instruí-los. Todavia, não estamos por agora ocupados com a consciência ou as suas convicções, mas somente com o princípio que se encontra à raiz daquilo que pode ser chamado a questão do sábado; e apenas apresento a questão ao leitor, o que é mais conforme com o fim e o espírito do Novo Testamento, a guarda do sétimo dia ou o sábado, ou a guarda do primeiro dia da semana ou o dia do Senhor?(1).

(1) Este assunto será tratado outra vez, se o Senhor permitir, no capítulo vinte do Êxodo; quero, todavia, acentuar aqui, que muita da incompreensão quanto ao assunto importante do sábado pode ser justamente atribuída à conduta impensada e injusta de alguns, que, no seu zelo pelo que chamam liberdade cristã, a respeito do sábado, esquecem as pretensões de consciências honestas, e, também, o lugar que o dia do Senhor ocupa no Novo Testamento.

E sabido que alguns tomam as suas vocações semanais simplesmente para mostrarem a sua liberdade, e deste modo causam escândalo desnecessário. Uma tal conduta nunca poderia ser ditada pelo Espírito de Cristo. Se eu for livre e claro de mente, deverei respeitar as consciências de meus irmãos; e, além disso, não creio que aqueles que assim se conduzem compreendam realmente os privilégios verdadeiros e preciosos ligados com o dia do Senhor. Devemos ser agradecidos por estarmos livres de toda a ocupação e distração secular, para podermos pensar em recorrer a essas coisas, com o fim de mostrar a nossa liberdade.

A boa providência de Deus preparou as coisas de tal modo, para o Seu povo, em todo o Império Britânico, que todos podem, sem prejuízo pecuniário, gozar o resto do dia do Senhor, visto que toda a gente é obrigada a abster-se de fazer negócio nesse dia. Isto deve ser considerado, por toda a mente normal, como uma misericórdia de Deus; porque, se assim não fosse, o coração ambicioso do homem roubaria, possivelmente, o crente do doce privilégio de frequentar a Assembleia de Deus no dia do Senhor. E quem poderá dizer o que seria o efeito de ocupação ininterrupta com as coisas deste mundo? Aqueles que, desde domingo de manhã

até sábado à tarde, respiram a atmosfera densa do mercado, do estabelecimento ou da fábrica, podem fazer uma ideia do que isso seria. O ato de alguns introduzirem medidas para a profanação pública do dia do Senhor não pode ser tomado como bom sinal. Tais medidas marcam, certamente, o progresso da infidelidade. Mas há alguns que ensinam que a expressão "o dia do Senhor" se refere ao "dia do juízo", e que o apóstolo exilado se achou, de fato, arrebatado pelo Espírito ao dia do Senhor anunciado no Velho Testamento. Não creio que o original possa dar uma tal interpretação; e, além disso, temos em 1 Tessalonicenses 5:2 e 2 Pedro 3:10, as palavras exatas, "o dia do Senhor", cujo original é inteiramente diferente da expressão acima mencionada. Isto esclarece o assunto plenamente, tanto quanto se refere à crítica; e quanto à interpretação é bem claro que a maior parte do Apocalipse está ocupada, não com "o dia do Senhor", mas com acontecimentos antecedentes a esse dia.

O Rio do Éden, Imagem do Rio da Graça

Consideremos agora a ligação entre o sábado e o rio que saía do Éden. Há nisto grande interesse. E a primeira vez que vemos o rio de Deus em ligação com o descanso de Deus. Quando Deus descansou das Suas obras, todo o mundo sentiu a bênção e o refrigério disso. Era impossível que Deus guardasse um sábado sem que a terra sentisse a sua sagrada influência. Porém, infelizmente, as correntes que corriam do Éden — a cena do descanso terrestre — foram em breve interrompidas, porque o resto da criação foi manchada pelo pecado.

E contudo, bendito seja Deus, o pecado não pôs termo às Suas atividades, mas apenas lhes deu uma nova esfera; e onde quer que Ele é visto atuando vê-se o rio correndo. Assim, quando O encontramos, com mão forte e braço estendido, conduzindo as Suas hostes remidas através das areias estéreis do deserto, vemos o rio saindo, não do Éden, mas da Rocha ferida — uma expressão própria e linda do fundamento sobre o qual a graça soberana supre as necessidades dos pecadores! Isto era redenção e não simples criação. "A rocha era Cristo", Cristo ferido para suprir as necessidades do Seu povo. A Rocha batida estava ligada com o lugar do Senhor no Tabernáculo; e efetivamente havia beleza moral nessa ligação. Deus habitando atrás de cortinas, e Israel bebendo de uma rocha que havia sido ferida, tinham uma voz para todo o ouvido atento, e uma lição profunda para todo o coração circuncidado (Êx 17:6).

Avançando na história dos caminhos de Deus, encontramos o rio correndo noutra canal: "... no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre" Jo 7:37-38). Aqui, pois, encontramos o rio emanando de outra origem, e correndo sobre outro leito; se bem que, em certo sentido, a origem do rio fosse sempre a mesma: o Próprio Deus.

Porém, então, não era Deus conhecido num novo parentesco e sobre um novo princípio. Assim, na passagem que acabamos de reproduzir, o Senhor Jesus tomava o Seu lugar, em espírito, fora de toda a ordem existente de coisas, e apresentava-Se como a origem do rio da água da vida, do qual rio a pessoa do crente tinha que ser o leito. O Éden da antiguidade foi constituído devedor a toda a terra, para estender os seus afluentes fertilizantes. E no deserto, a rocha, depois de ferida, tornou-se devedora às hostes sedentas de Israel. Do mesmo modo, agora, todo aquele que crê em Jesus é devedor para com a cena em derredor de si de permitir que os cursos de refrigério corram dele.

O cristão deve considerar-se como o leito através do qual possa correr a multiforme graça de Cristo para um mundo necessitado; e quanto mais graça ele transmitir, mais receberá, porque "alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros que retêm mais do que é justo, mas é para a sua perda" (Pv 11:24). Isto põe o crente num lugar do mais doce privilégio, e, ao mesmo tempo, da mais solene responsabilidade: é chamado para ser o expoente e a testemunha da graça d'Aquela em Quem crê.

Ora quanto mais ele compreender o seu privilégio, tanto melhor corresponderá à sua responsabilidade: se é habitualmente alimentado por Cristo, não pode evitar O manifestar.

Quanto mais o Espírito Santo conservar o olhar do cristão fixo em Jesus, tanto mais o seu coração estará ocupado com a Sua adorável Pessoa, e a sua vida e o seu caráter darão testemunho inequívoco da Sua graça. A fé é, imediatamente, o poder de ministério, de testemunho e de adoração. Se não estivermos vivendo "pela fé no Filho de Deus, o qual nos amou e se entregou a si mesmo por nós", não seremos servos eficientes, nem testemunhas fiéis, nem verdadeiros adoradores. Poderemos fazer muita coisa; mas não será serviço para Cristo. Poderemos dizer muita coisa, mas não será testemunho de Cristo. Poderemos exibir muita piedade e devoção, mas nada disto será espiritual nem verdadeira adoração.

O Rio de Deus

Finalmente, é-nos apresentado o rio de Deus no último capítulo do Livro do Apocalipse (1). "E mostrou-se o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro". "Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo" (Salmo 46:4). É este o último lugar em que achamos o rio. A sua origem nunca poderá ser tocada — o seu curso nunca mais interrompido. "O trono de Deus" é expressivo de estabilidade eterna; e a presença do Cordeiro é a evidência de estar fundado sobre o fundamento da redenção efetuada. Não se trata do trono de Deus na criação, nem em providência, mas em redenção. Quando contemplo o Cordeiro, vejo a sua relação comigo como pecador. "O trono de Deus", como tal, apenas me deteria;

porém, quando Deus Se revela na Pessoa do Cordeiro, o coração é atraído, e a consciência tranquilizada.

(1) Comparem-se também Ezequiel 47:1-12; e Zacarias 14:8.

O sangue do Cordeiro purifica a consciência de toda a nódoa e mácula de pecado, e põe-na, em perfeita liberdade, na presença da santidade que não pode tolerar o pecado. Na cruz, todas as exigências da santidade divina foram perfeitamente satisfeitas; de modo que, quanto mais compreendo a santidade, mais aprecio a cruz. Quanto maior for a nossa apreciação da santidade, tanto maior será a nossa apreciação da obra da cruz. "A graça reina em justiça, para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor". Por isso, o Salmista convida os santos a renderem graças com a lembrança da santidade de Deus. Isto é um fruto precioso de uma perfeita redenção. Antes de o pecador poder dar graças com a lembrança da santidade de Deus, deve encará-la pela fé do outro lado da cruz — a ressurreição.

A Responsabilidade de Adão: Obedecer

Havendo seguido o rio de Deus desde Gênesis ao Apocalipse, pensemos, rapidamente, na posição de Adão no Éden. Já o vimos como um símbolo de Cristo; contudo, ele não deve ser visto apenas tipicamente, mas pessoalmente; não apenas simbolizando "o segundo Homem, o Senhor do céu", mas também como ocupando o lugar de responsabilidade. No meio da encantadora cena da criação, o Senhor Deus pôs um testemunho, e este testemunho era também uma prova para a criatura. Falava de morte no meio da vida: "... no dia em que dela comeres, certamente morrerás". Estranho e solene aviso! E todavia, era um aviso necessário. A vida de Adão estava pendente da sua obediência. O elo que o ligava ao Senhor Deus(1) era obediência, baseada em confiança implícita n'Aquele que o tinha colocado na sua posição de dignidade — confiança na Sua verdade, confiança no Seu amor. Ele só podia obedecer enquanto confiasse. Veremos a verdade e o poder disto mais claramente quando tivermos ocasião de examinar o capítulo seguinte.

(1) O leitor há-de notar a mudança, neste capítulo, da expressão "Deus" para "Senhor Deus". Existe grande importância nesta distinção. Quando Deus atua em relação com o homem toma o título de "Senhor Deus" — Jeová Elohim —, mas até o homem aparecer em cena a palavra "Senhor" não é empregada. Quero apresentar apenas duas ou três passagens em que esta distinção é admiravelmente apresentada. "E os que entraram, macho e fêmea de toda a carne entraram, como Deus — Elohim — lhe tinha ordenado: e o Senhor — Jeová — o fechou por fora" (Gn 7:16). Elohim ia destruir o mundo que criara; mas Jeová teve cuidado do homem com quem estava em relações "e toda a terra saberá que há Deus (Elohim)

em Israel: e saberá toda esta congregação que o Senhor (Jeová) salva" (1 Sm 17:46-47). Toda a terra devia reconhecer a presença de Elohim; porém Israel era chamado a reconhecer os feitos de Jeová, com Quem estava relacionado. Por último: "... Josafá clamou e o Senhor (Jeová) o ajudou. E Deus (Elohim) os desviou dele" (2 Cr 18:31). Jeová teve cuidado do Seu pobre servo errado; mas Elohim, embora desconhecido, atuou sobre os corações dos incircuncisos Sírios.

Quero, de passagem, chamar a atenção do leitor para o contraste notável entre o testemunho levantado no Éden, e o que agora se encontra posto. Então, quando tudo em redor era vida, Deus falou de morte-, agora, pelo contrário, quando tudo em volta de nós é morte, Deus fala de vida: então a Sua Palavra era: "... no dia em que dela comeres, certamente morrerás"; agora a Palavra é "crê e viverás". E, assim como no Éden o inimigo procurou tornar nulo o testemunho de Deus, como resultado de comerem do fruto, do mesmo modo agora, ele procura anular o testemunho do Senhor como resultado de crer o evangelho. Deus havia dito: "... no dia em que dela comeres, certamente morrerás". Porém, a serpente disse: "Certamente não morrereis". E agora, em que a Palavra de Deus declara perfeitamente que "aquele que crê no Filho tem a vida eterna" (Jo 3:36), a mesma serpente procura persuadir as pessoas de que não têm a vida eterna, e que nem tão-pouco devem presumir pensar em tal coisa, até terem, primeiro, feito, sentido, e experimentado toda a sorte de coisas.

Prezado leitor, se ainda não crês de todo o teu coração no que Deus diz na Sua Palavra, quero pedir-te que deixes "a voz do Senhor" prevalecer acima do silvo da serpente. "Quem ouve a minha palavra e crê n'Aquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida" (Jo 5:24).

CAPÍTULO 3

A QUEDA

Esta parte do livro apresenta-nos o colapso de toda a cena que temos estado a comentar. Abunda em princípios muito importantes; e tem sido, muito justamente, em todos os tempos, recurso como um tema frutífero para os que desejam apresentar a verdade quanto à ruína do homem e o remédio de Deus.

A serpente apresenta-se com uma pergunta atrevida quanto à revelação divina — um modelo terrível e precursor de todas as perguntas infieis levantadas desde então por aqueles que, infelizmente, têm servido fielmente a causa da serpente no

mundo; perguntas que só podem ser atendidas pela autoridade suprema e a majestade da Escritura Sagrada.

A Serpente Introduz a Dúvida acerca daquilo que Deus Havia Dito
"E assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?"

Esta foi a pergunta astuta de Satanás; e se a Palavra de Deus estivesse escondida no coração de Eva, a sua resposta podia ter sido direta, simples, e concludente. O verdadeiro meio de enfrentar as perguntas e insinuações de Satanás é tratá-las como suas e repeli-las com a Palavra de Deus. Admiti-las junto do coração, ainda que seja só por um momento, é perder o único poder mediante o qual devem ter resposta.

O Diabo não se apresentou abertamente, dizendo: "eu sou o diabo, o inimigo de Deus, e venho para O caluniar e arruinar-te". Isto não seria conforme com a serpente; e contudo ela fez realmente tudo isto, levantando dúvidas na mente da criatura. Admitir a pergunta, "é assim que Deus disse?", quando sei que Deus falou, é infidelidade positiva; e o próprio fato de eu a admitir mostra a minha incapacidade absoluta para poder dar-lhe resposta. Por isso, no caso de Eva, a maneira da sua resposta evidenciou o fato que ela tinha admitido em seu coração a pergunta astuta da serpente.

Em vez de se agarrar unicamente às palavras exatas de Deus, ela, na sua resposta, acrescenta-lhes, com efeito, alguma coisa.

Ora, se eu acrescentar, ou tirar, alguma coisa à Palavra de Deus, isso mostra claramente que a Sua Palavra não está em meu coração, nem governando a minha consciência. Se alguém está achando gozo na obediência, se ela é a sua comida e a sua bebida, se vive de toda Palavra que sai da boca de Deus, estará, indubitavelmente, familiarizado e inteiramente atento à Sua Palavra. Não se pode ser indiferente à Palavra de Deus.

O Senhor Jesus, no Seu conflito com Satanás, empregou corretamente a Palavra, porque Ele vivia dela, e apreciava-a mais do que o Seu próprio alimento. Não podia citá-la mal ou torcê-la na sua aplicação, nem tão-pouco podia ficar indiferente a seu respeito.

Não foi assim com Eva. Ela acrescentou alguma coisa ao que Deus havia dito. O Seu mandamento era simples e suficiente: "dela não comerás". A isto Eva acrescenta as suas próprias palavras, "nem nele tocareis". Estas eram palavras de Eva, e não de Deus. Deus não tinha dito nada acerca de tocar no fruto; de modo que, quer a sua má citação fosse o efeito da ignorância, ou indiferença, ou o desejo de representar Deus de um modo arbitrário, ou devido às três coisas, é evidente que ela estava fora do verdadeiro terreno de confiança simples em e sujeição à Palavra de Deus. "... pela Palavra dos teus lábios me guardei das veredas do destruidor" (SI 17:4).

O Valor da Palavra de Deus

Nada pode ter mais poder de interesse do que o modo como a Palavra é posta em evidência através de todo o cânon sagrado, juntamente com a grande importância de obediência rigorosa. Devemos obediência à Palavra de Deus, simplesmente porque é a Sua Palavra. Levantar uma dúvida, quando Ele tem falado, é blasfêmia. Nós encontramos-nos no lugar de criaturas. Ele é o Criador; e pode, portanto, exigir justamente a nossa obediência. Os infiéis podem chamar a isto "obediência cega"; mas o cristão chama-lhe obediência inteligente, tanto mais que é baseada sobre o conhecimento de que é à Palavra de Deus que ele obedece. Se o homem não tivesse a Palavra de Deus, podia muito bem dizer-se que estava em escuridão e trevas, porque não há tanto como um simples raio de luz divina em nós ou à nossa volta, mas só aquilo que procede da Palavra de Deus pura e eterna. Tudo que precisamos saber é que Deus falou, e então a obediência torna-se a ordem mais elevada de ação inteligente. Quando a alma se levanta para Deus chega à origem mais elevada de poder. Nenhum homem, ou agrupamento de homens, pode exigir obediência à sua palavra por ser sua palavra. Quando Deus fala, o homem deve obedecer. Feliz dele se o fizer. Ai dele se não o fizer! A infidelidade pode pôr em dúvida se Deus tem falado; a superstição pode pôr a autoridade humana entre a consciência e aquilo que Deus tem dito: ambas procuram roubar a Palavra de Deus, e, por consequência, a bem-aventurança da obediência.

Há bênção em cada ato de obediência, mas no momento em que a alma hesita, o inimigo tem a vantagem; e há-de, indubitavelmente, empregá-la para afastar a alma mais e mais de Deus. Assim, neste capítulo, a pergunta, "E assim que Deus disse?" foi seguida por "certamente não morrereis". Quer dizer, primeiro levantou-se a questão se Deus tinha falado, e então seguiu-se abertamente a contradição do que Deus havia dito.

Este fato solene é suficiente para mostrar como é perigoso admitir uma interrogação quanto à revelação divina na sua plenitude e integridade. Um racionalismo polido está muito próximo de infidelidade atrevida; e a infidelidade que se atreve a julgar a Palavra de Deus não está longe do ateísmo que nega a Sua existência. Eva nunca teria ficado a ouvir desmentir Deus se não tivesse previamente caído em relaxamento e indiferença quanto à Sua Palavra. Ela também teve as suas "Fases de Fé", ou, para falar mais corretamente, as suas fases de infidelidade: ela permitiu que Deus fosse desmentido por uma criatura, simplesmente porque a Sua Palavra tinha perdido o seu próprio poder sobre o seu coração, a sua consciência, e o seu entendimento.

A Plena Inspiração das Escrituras

Isto oferece um aviso muito solene a todos os que estão em perigo de serem enredados pelo racionalismo profano. Não existe verdadeira segurança, salvo

numa fé profunda na inspiração plenária e autoridade suprema de "TODA A ESCRITURA". A alma que é dotada com isto tem uma resposta vitoriosa para todo o impugnador, quer ele venha de Roma ou da Alemanha. "Não há nada novo abaixo do sol". O mesmíssimo mal que está corrompendo as próprias fontes do pensamento religioso, através da parte mais bela do Continente da Europa, foi o mesmo que lançou o coração de Eva na ruína, no jardim do Éden. O primeiro passo no seu rumo descendente foi atender a pergunta: "E assim que Deus disse?" E então, foi para diante, de cena em cena, até que, por fim, curvou-se perante a serpente, e reconheceu-a como deus e a origem da verdade.

Sim, prezado leitor, a serpente desalojou Deus, e a sua mentira suplantou a verdade divina.

Assim aconteceu com o homem caído; e assim acontece com a posteridade do homem caído. A Palavra de Deus não tem lugar no coração do homem natural, mas a mentira da serpente tem. Examinai o coração do homem, e ver-se-á que existe nele um lugar para a mentira de Satanás, mas nenhum absolutamente para a verdade de Deus. Daí a ênfase da palavra a Nicodemos: "Necessário vos é nascer de novo" (Jo 3:7).

No entanto, é importante vermos a maneira como a serpente procurou abalar a confiança de Eva na verdade de Deus, e deste modo trazê-la para baixo do poder da "razão" infiel. Isto foi feito abalando a sua confiança no amor de Deus. Satanás procurou abalar a confiança de Eva no que Deus havia dito, fazendo-lhe crer que Ele não agia por amor. "Porque", disse ele, "Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal" (versículo 5). Isto queria dizer, por outras palavras: "Há vantagem verdadeira em comer do fruto do qual Deus vos está privando: portanto, por que acreditar no testemunho de Deus? Não podeis confiar em quem, claramente, não vos ama, porque se Ele vos amasse havia de proibir-vos de gozardes um privilégio seguro?-" A segurança de Eva contra a influência de todo este raciocínio teria sido o descanso simples na infinita bondade de Deus. Podia ter dito à serpente: "Tenho a maior confiança na bondade de Deus, e, portanto, considero uma coisa impossível Ele negar-me algum bem. Se o fruto fosse bom para mim eu tê-lo-ia, certamente; porém, o fato de me ser proibido por Deus é prova de que eu não estaria melhor mas muito pior comendo-o. Estou certa do amor de Deus e persuadida da verdade de Deus, e creio, também, que tu és um ser perverso que procuras afastar o meu coração da fonte da bondade e verdade. Retira-te de mim, Satanás".

Isto teria sido uma resposta nobre. Mas não foi dada. A sua confiança na verdade e no amor cedeu, e tudo foi perdido; e assim vemos que existe tão pouco lugar no coração do pecador para o amor de Deus como para a verdade de Deus. O coração humano é um estranho tanto para uma coisa como para a outra, até ser renovado pelo poder do Espírito Santo.

Conhecer a Deus

É de grande interesse deixar a maneira de Satanás quanto à verdade e ao amor de Deus, para podermos considerar a missão do Senhor Jesus Cristo, que veio do seio do Pai para revelar o que Ele realmente é. "A graça e a verdade" — as mesmíssimas coisas que o homem perdeu com a sua queda — "vieram por Jesus Cristo" (Jo 1:17). Ele foi "a testemunha fiel" do que Deus era (Ap 1:5). A verdade revela Deus como Ele é; porém, esta verdade está ligada à revelação de perfeita graça; assim o pecador descobre, para seu gozo inefável, que a revelação do que Deus é, em vez de ser a sua destruição, torna-se a base da sua salvação eterna. "A vida eterna é esta: que conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17:3). Eu não posso conhecer a Deus e não ter vida.

A falta do conhecimento de Deus era morte, porém o conhecimento de Deus é vida. Isto, necessariamente, toma a vida uma coisa inteiramente fora de nós próprios e dependente do que Deus é. Seja qual for a medida de conhecimento que eu consiga alcançar, não está escrito que seja "vida eterna conhecerem-se a si mesmos", embora, sem dúvida, o conhecimento de Deus e o conhecimento próprio andem intimamente ligados. Contudo, "a vida eterna" está ligada com o conhecimento de Deus, e não com o conhecimento natural. Conhecer a Deus como Ele é, é vida, e todos "os que não conhecem a Deus" serão punidos com "a eterna perdição ante a face do Senhor e a glória do Seu poder".

E da maior importância ver que o que realmente distingue o caráter e a condição do homem é a sua ignorância ou o conhecimento que tem de Deus. Isto é o que marca o seu caráter no mundo e determina o seu destino futuro. E mau nos seus pensamentos, nas suas palavras e nas suas ações? É tudo consequência da sua ignorância de Deus. Por outro lado, ele é puro em pensamento, santo na sua conversação e gracioso nas suas ações? É tudo apenas o resultado prático do seu conhecimento de Deus. E assim também quanto ao futuro. Conhecer a Deus é o fundamento eterno de bem-aventurança — glória eterna. Não O conhecer é "eterna perdição". Deste modo, o conhecimento de Deus é tudo: vivifica a alma, purifica o coração, tranquiliza a consciência, eleva as afeições, e santifica todo o caráter e a conduta.

Devemos então estranhar que o grande interesse de Satanás fosse roubar a criatura do conhecimento do Deus verdadeiro?

Ele deturpou o bendito Deus, pois disse que Ele não era bondoso. Foi esta a origem secreta de toda a ofensa. Não importa qual a forma que o pecado tem tomado desde então — não interessa saber qual o curso que tenha corrido, sob que chefia tenha andado, ou com que vestuário se tenha vestido: deve ser sempre visto como tendo a sua origem no desconhecimento de Deus. O moralista mais culto, o mais devoto religioso, o maior filantropo, se desconhecer a Deus está tão longe da vida e da

verdadeira santidade como o publicano e a meretriz. O filho pródigo era tão pecador, e estava tão longe de seu pai, quando cruzava a porta da casa, como quando apascentava porcos num país distante (Lc 15:13-15). Assim aconteceu no caso de Eva. Desde o momento em que ela se despegou das mãos de Deus, e deixou a Sua posição de absoluta dependência e de sujeição à Sua Palavra, entregou-se ao domínio dos sentidos usados por Satanás, para sua queda.

Os Desejos da carne, dos olhos e a vanglória da vida

O versículo seis apresenta três coisas; a saber, "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida"; as quais, como declara o apóstolo João, incluem "tudo que há no mundo" (1 Jo 2:16). Estas coisas tomaram necessariamente a direção logo que Deus foi deixado de fora. Se eu não permanecer na segurança feliz do amor e da verdade de Deus, da Sua graça e fidelidade, entregar-me-ei ao governo de algum, ou talvez de todos os princípios acima descritos; e isto é apenas outro nome para o domínio de Satanás. Não existe, rigorosamente falando, qualquer coisa como a vontade livre do homem. Se o homem se governar a si próprio, é realmente governado por Satanás! E se assim não for é governado por Deus.

Bom. Os três grandes meios mediante os quais Satanás opera são "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida". Estas coisas foram apresentadas por Satanás ao Senhor Jesus, na tentação. Ele começou por tentar o Segundo Homem para o desviar da posição de absoluta dependência de Deus. "Manda que estas pedras se tornem em pães". Pediu-Lhe para fazer isto, não, como no caso do primeiro homem, para se tornar naquilo que não era, mas para mostrar o que era. Depois seguiu-se a oferta dos reinos do mundo, com a sua glória. E finalmente, conduzindo-O a um pináculo do templo, tentou-O para Se lançar dali abaixo repentina e milagrosamente ante a admiração do povo reunido (compare-se Mt 4:1-11 com Lc 4:1-13).

O fim claro de cada tentação era convencer o Bendito Senhor a deixar a posição de inteira dependência de Deus e perfeita sujeição à Sua vontade. Mas foi tudo em vão. "Está escrito", foi a resposta invariável do único homem dependente, abnegado e perfeito. Outros podiam pensar em agir por si próprios; mas Ele preferia que Deus, o Pai, agisse por Si.

Que exemplo para os fiéis em todas as suas circunstâncias! Jesus agarrou-Se às Escrituras, e assim venceu. Sem qualquer outra arma, salvo a espada do Espírito, manteve-se no conflito e ganhou um triunfo glorioso. Que contraste com o primeiro Adão! Um usou tudo para advogar por Deus; o outro teve tudo para lutar contra Ele. O jardim, como todas as suas delícias, num caso; o deserto, com todas as suas privações, no outro; confiança em Satanás, num caso; confiança em Deus, no

outro; completa derrota num caso; vitória completa no outro. Bendito seja para sempre o Deus de toda a graça, por ter confiado todo o nosso socorro a um Senhor tão poderoso para vencer — poderoso para salvar!

A Consciência

Vejam agora até que ponto Adão e Eva beneficiaram com a vantagem da promessa da serpente. Isto levar-nos-á a um ponto profundamente importante em relação com a queda do homem. O Senhor Deus tinha ordenado isto de tal maneira, que, com e por meio da queda, o homem havia de alcançar aquilo que antes não possuía, e isso era a consciência, um conhecimento tanto do bem como do mal. Isto não podia o homem ter tido, evidentemente, antes. Não podia ter conhecimento coisa alguma do mal, tanto mais que não havia mal para ser conhecido. Ele estava num estado de inocência, o qual é um estado de ignorância do mal. O homem recebeu uma consciência com e por meio da queda; e vemos que o primeiro efeito da consciência foi fazer dele um covarde. Satanás tinha enganado completamente a mulher; havia-lhe dito, "os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal". Mas tinha deixado de fora uma parte importante da verdade, a saber, que conheceriam o bem sem o poder para o fazer; e que conheceriam o mal sem o poder de o evitar. O seu próprio esforço para se elevarem à escala da existência moral incluía a perda da verdadeira exaltação. Tornaram-se aviltados, impotentes, escravos de Satanás, com uma consciência culpada: criaturas horrorizadas. "Os olhos de ambos foram abertos", sem dúvida, mas, ah! para que espetáculo! Foi só para descobrirem a sua nudez. Abriram os seus olhos para a sua própria condição, que era "desgraçada, e miserável, e pobre, e cega, e nua". "Conheceram que estavam nus", — triste fruto da árvore do conhecimento!

Não foi nenhum novo conhecimento da excelência divina que alcançaram — nenhum raio novo de luz divina da sua pura e eterna fonte —, ah! não! o primeiro resultado do seu esforço desobediente pelo conhecimento foi a descoberta de que estavam nus.

Bem, é bom compreendermos isto; bom, também, sabermos como a consciência opera — para vermos que apenas pode fazer de nós cobardes, como sendo o conhecimento íntimo daquilo que somos. Muitos perdem-se quanto a isto; julgam que a consciência nos trará a Deus. Foi assim no caso de Adão e Eva? Certamente que não. Nem tampouco será no caso de qualquer pecador. Como poderia ser? — Como poderia a compreensão do que eu sou trazer-me jamais a Deus, se não for acompanhada pela fé do que Deus é? Impossível; produzirá em mim vergonha, censura e remorso. Pode também ocasionar certos esforços da minha parte, para remediar a condição que mostra; mas estes próprios esforços, longe de nos aproximarem de Deus, atuam, pelo contrário, como um véu para O ocultar da nossa vista. Assim, no caso de Adão e Eva, a descoberta da sua nudez foi seguida por um esforço próprio para a ocultar: "... e coseram folhas de figueira, e fizeram

para si aventais." E este o primeiro relato que temos do esforço do homem para remediar, por seu próprio expediente, a sua condição; e a sua consideração atenciosa dar-nos-á não pouca instrução quanto ao verdadeiro caráter da religiosidade humana em todas as épocas. Em primeiro lugar, vemos, não só no caso de Adão, mas em todos os casos, que os esforços do homem para remediar a sua situação são baseados sobre o sentido da sua nudez. Ele está, claramente, nu, e todas as suas obras são o resultado de ser assim. Um tal esforço nunca poderá valer-nos. Devemos saber que estamos vestidos, antes de podermos fazer qualquer coisa agradável aos olhos de Deus.

E esta, note-se, é a diferença entre a verdadeira Cristandade e a religião humana. Aquela é baseada sobre o fato do homem estar vestido; esta, sobre o fato de estar nu. A primeira tem como seu ponto de partida aquilo que a última tem como seu alvo. Tudo quanto um verdadeiro cristão faz é porque está vestido — perfeitamente vestido; tudo quanto o mero religioso faz é com o fim de se vestir. Nisto está a grande diferença. Quanto mais examinarmos o engenho da religião do homem, em todas as suas fases, tanto mais veremos a sua inteira insuficiência para remediar o seu estado, ou mesmo para satisfazer a sua compreensão desse estado. Pode ser muito bom por algum tempo. Pode servir enquanto a morte, o juízo, e a ira de Deus são vistos à distância, se é que são vistos de fato; mas quando um homem é chamado a enfrentar estas realidades, descobrirá em boa verdade, que a sua religião é uma cama muito curta para ele se poder estender e uma coberta muito estreita para se embrulhar.

A Nudez do Homem perante Deus

No momento em que Adão ouviu a voz do Senhor Deus, no jardim, "temeu", porque, como ele próprio confessou, "estava nu". Sim, nu embora tivesse sobre si o seu vestido. Portanto, é evidente que esse vestido nem sequer satisfazia a sua consciência. Tivesse a sua consciência sido divinamente satisfeita e ele não teria ficado assustado. "Se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus" (1 Jo 3:21). Porém se até mesmo a consciência humana não pode achar repouso nos esforços religiosos do homem, quanto menos a santidade de Deus. O vestido de Adão não podia ocultá-lo dos olhos de Deus; e ele não podia estar na Sua presença nu; portanto fugiu para se esconder. É isto que a consciência fará sempre: obrigará o homem a esconder-se de Deus; e, além disso, tudo quanto a sua religião lhe pode oferecer é um esconderijo de Deus. E um recurso miserável, tanto mais quanto é certo que tem de encontrar-se com Deus, mais cedo ou mais tarde; e se não tiver nada mais salvo a consciência triste do que é, deve sentir-se assustado — sim, deve sentir-se miserável. Na verdade, nada é preciso, salvo o próprio inferno,

para completar a miséria de todo aquele que sente que tem de se encontrar com Deus, e só conhece a sua própria incapacidade para comparecer perante Ele.

Se Adão tivesse conhecido o amor perfeito de Deus não teria ficado assustado. "Na caridade não há temor, antes a perfeita caridade lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em caridade" (1 Jo 4:18). Porém Adão não conhecia isto, porque tinha acreditado na mentira da serpente. Ele pensou que Deus era tudo menos amor; e portanto o último pensamento do seu coração teria sido arriscar-se a comparecer na Sua presença. Não podia fazer isso. O pecado estava ali, e Deus e o pecado nunca podem encontrar-se; enquanto houver pecado na consciência deve haver o sentimento de distância de Deus. Ele é "tão puro de olhos, que não pode ver o mal e a vexação não pode contemplar" (Hc 1:13). A santidade e o pecado não podem habitar juntos. O pecado, onde quer que for chamado, só pode ser enfrentado pela ira de Deus.

Mas, bendito seja Deus, existe alguma coisa ao lado da consciência do que eu sou. Existe a revelação do que Deus é. E esta foi a queda do homem que a ocasionou. Deus não Se havia revelado plenamente na criação: tinha mostrado "tanto o seu eterno poder, como a sua divindade"(1), mas não tinha contado todos os segredos profundos da Sua natureza e do Seu caráter. Pelo que, Satanás cometeu um grande erro em se intrometer na criação de Deus. Mostrou apenas ser o instrumento da sua eterna derrota e confusão, e "a sua violência descera" para sempre "sobre a sua mioleira". A sua mentira deu apenas ocasião para a revelação da plena verdade acerca de Deus.

(1) Existe um pensamento profundamente interessante na comparação da palavra divindade em Romanos 1:20 e Colossenses 2:9: estas duas passagens apresentam um pensamento muito diferente. Os pagãos podiam ver que havia alguma coisa super-humana, alguma coisa divina, na criação; porém divindade pura, essencial e incompreensível, habitou na Pessoa adorável do Filho de Deus.

Deus Busca o Homem

A criação nunca poderia revelar o que Deus era. Havia infinitamente mais n'Ele do que poder e sabedoria. Havia amor, misericórdia, santidade, justiça, bondade, ternura, e longanimidade. Onde poderiam todos estes atributos de Deus ser manifestados senão num mundo de pecadores? Deus, no princípio, desceu para criar; e, depois, quando a serpente ousou imiscuir-se na criação, Deus desceu para salvar. Isto é revelado nas primeiras palavras proferidas pelo SENHOR Deus, depois da queda do homem. "E chamou o SENHOR Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?" Esta pergunta prova duas coisas: prova que o homem estava perdido, e que Deus havia descido para o buscar. Provou o pecado do homem e a graça de Deus.

"Onde estás?" Fidelidade assombrosa! Graça maravilhosa! Fidelidade para mostrar, na própria pergunta, a verdade quanto à condição do homem; graça para revelar, no próprio fato de Deus fazer uma tal pergunta, a verdade quanto ao Seu caráter e atitude, a respeito do homem caído. O homem estava perdido; mas Deus havia descido para o procurar— para o trazer do seu esconderijo, atrás das árvores do jardim, a fim de que, na confiança feliz da fé, ele pudesse achar um lugar de refúgio em Si Mesmo. Isto era graça. Criar o homem do pó da terra foi poder -, mas buscar o homem no seu estado de perdição foi graça. Mas quem poderá contar tudo que se acha encerrado com a ideia de Deus ser Aquele que procura ? Deus buscando um pecador? Que teria visto o Bendito Senhor no homem que O levasse a procurá-lo? A mesma coisa que o pastor viu na ovelha perdida; ou o que a mulher viu na moeda de prata perdida; ou o que o pai viu no filho pródigo. O pecador é valioso para Deus; mas a razão disso só a eternidade o dirá.

Como respondeu, então, o pecador à chamada fiel e graciosa do bendito Deus? Ah! a resposta revela apenas a terrível profundidade do pecado em que ele havia caído. "E ele disse: Ouve a tua voz soar no jardim e temi, porque estava nu e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?— Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi". Aqui encontro-o, com efeito, atribuindo a culpa a sua vergonhosa queda às circunstâncias em que Deus o havia posto, e deste modo, indiretamente, ao próprio Deus. Este tem sido sempre o método do pecador. Toda a gente e todas as coisas são criticadas, exceto o eu. No caso de verdadeira convicção, dá-se precisamente o contrário. "Não fui eu que pequei?" é a pergunta de uma alma verdadeiramente humilhada. Se Adão se tivesse conhecido a si próprio, quão diferente teria sido a sua linguagem! Mas ele nem se conhecia a si nem a Deus; e portanto em vez de lançar a culpa inteiramente sobre si próprio, atribuiu-a a Deus.

Aqui, pois, estava a posição terrível do homem. Tinha perdido tudo. O seu domínio, a sua dignidade, a sua felicidade, a sua inocência, a sua pureza, a sua paz — tudo tinha desaparecido dele; e, o que era mais grave ainda, ele acusou Deus de ser a causa de tudo isso(1). Ali estava, pecador perdido, arruinado, culpado, e todavia, vingativo e acusador de Deus.

(1) O homem não somente acusa Deus de ser o autor da sua queda, mas culpa- - O da sua nudez. Quantas vezes ouvimos nós pessoas dizerem que não podem crer a não ser que Deus lhes dê o poder para crerem; e, além disso, que a não ser que sejam os objetos do decreto eterno de Deus não poderão ser salvas.

Ora é perfeitamente verdade que ninguém pode crer no evangelho, salvo pelo poder do Espírito Santo; e é também verdade que todos os que creem o evangelho são os felizes objetos dos desígnios eternos de Deus. Mas poderá tudo isto pôr de

parte a responsabilidade do homem crer o testemunho claro que lhe é apresentado pela Palavra de Deus? Certamente que não. Mas revela o triste mal do coração do homem, o qual o leva a rejeitar o testemunho de Deus plenamente revelado, e a dar como razão para assim fazer o deserto de Deus, que é profundamente secreto, conhecido somente d'Ele. Contudo, isto de nada valerá, porque lemos em 2 Tessalonicenses 1:8-9 que aqueles "que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, por castigo, padecerão eterna perdição".

Os homens são responsáveis por crer o evangelho, e serão condenados por não crerem. Não são responsáveis por saber alguma coisa dos desígnios de Deus, visto que estes não são revelados, e, portanto, não pode haver pena imputada à ignorância deles. O apóstolo Paulo podia dizer aos tessalonicenses, "Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus". Como o sabia ele? Era por ter acesso às páginas dos decretos eternos e secretos de Deus? De modo nenhum. Então como? "Porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder" (I Ts 1:4-5). Este é o meio de conhecer a eleição de alguém. Quando o evangelho vem em poder é uma prova clara da eleição de Deus.

Mas não há dúvida, que aqueles que argumentam com os desígnios divinos para rejeitar o testemunho divino, apenas procuram uma desculpa inconsciente para continuar no pecado. Na realidade, não querem Deus; e seria muito mais honesto se dissessem isso, claramente, do que apresentarem uma desculpa que não somente é inconsistente, mas, positivamente blasfema. Um tal argumento não lhes valerá muito no meio dos terrores do dia do juízo, agora mais perto do que nunca.

No entanto, precisamente neste ponto, Deus começou a revelar-Se e os Seus desígnios de amor redentor: e nisto está a verdadeira base da paz e bem-aventurança do homem. Quando o homem chega ao fim de si mesmo, Deus pode revelar-Se o que é; mas não antes. A cena tem que ser inteiramente limpa do homem e de todas as suas vãs pretensões — jactância e argumentos blasfemos — antes que Deus possa revelar-Se. Deste modo, foi quando o homem estava escondido atrás das árvores do jardim que Deus revelou o Seu maravilhoso plano de redenção pelos ferimentos da semente da mulher. Aqui é-nos ensinado um princípio valioso da verdade quanto aquilo que somente trará o homem, calmamente e confiadamente, à presença de Deus.

Já foi acentuado que a consciência nunca conseguirá este fim. A consciência afugentou Adão para trás das árvores do jardim; a revelação trouxe-o dali para a presença de Deus. O conhecimento do que ele era aterrorizava-o; a revelação do que Deus era tranquilizava-o. Isto é verdadeiramente consolador para o coração oprimido com o fardo do pecado. A realidade do que eu sou é satisfeita pela realidade do que Deus é; e isto é salvação.

A Revelação da Graça de Deus

Existe um ponto onde Deus e o homem têm de encontrar-se, quer seja em graça ou em juízo, e esse ponto é onde ambos são revelados como são. Feliz daqueles que alcançarem esse ponto em graça. Ai daqueles que tiverem de o fazer em juízo! É com aquilo que somos que Deus trata; e é como Ele é que trata conosco. Na cruz vejo Deus descendo em graça às profundidades, não apenas da minha situação negativa, mas também da positiva como pecador. Isto dá paz perfeita. Se Deus me encontrou, na minha condição de pecador, e fez provisão de um remédio apropriado, tudo está eternamente liquidado. Porém, todos quantos não veem deste modo, pela fé, Deus, na cruz, terão de encontrá-LO, mais tarde, em juízo, quando Ele tiver de tratar, de conformidade com o que Ele é, do que eles são.

Logo que o homem chega ao conhecimento do seu verdadeiro estado não pode encontrar descanso até achar Deus, na cruz, e então descansa no Próprio Deus. Ele é, bendito seja o Seu nome, o repouso e esconderijo da alma crente. Isto põe as obras e a justiça humanas, imediatamente, no seu próprio lugar. Podemos dizer, em verdade, que aqueles que descansam em tais coisas não podem possivelmente ter chegado ao verdadeiro conhecimento de si próprios. E inteiramente impossível que uma consciência divinamente vivificada possa descansar em coisa alguma salvo no sacrifício perfeito do Filho de Deus. Todos os esforços para confirmar a justiça própria devem proceder do desconhecimento da justiça de Deus. Adão podia compreender, à luz do testemunho divino, no tocante "à semente da mulher", a inutilidade do seu avental de folhas de figueira. A magnitude daquilo que tinha de ser feito provou a impossibilidade absoluta do pecador para o fazer. O pecado tinha que ser tirado. Podia o homem fazer isso? Não, foi por ele que o pecado entrou no mundo. A cabeça da serpente tinha de ser esmagada. O homem podia fazer isso? Não, ele tinha-se tornado escravo da serpente. As reivindicações de Deus tinham de ser satisfeitas. Podia o homem fazê-lo? Não, ele tinha-as já calcado aos pés. A morte tinha que ser abolida. Podia o homem fazer isso? Não, ele tinha-a introduzido, com o pecado, e dera-lhe o seu terrível agulhão.

Assim, seja qual for o modo de encarar o assunto, vemos a importância completa do pecador e, como uma consequência, a loucura insolente de todos os que procuram ajudar Deus na obra estupenda da redenção, como certamente fazem todos os que pensam que podem ser salvos de qualquer outro modo que não seja "pela graça, mediante a fé".

Cristo, a Semente da Mulher

Contudo, embora Adão pudesse ver e sentir que nunca poderia cumprir tudo quanto tinha que ser feito, Deus mostrou que estava prestes a efetuar até um jota e um til de tudo isso por meio da semente da mulher. Em resumo, vemos que Ele tomou graciosamente o assunto nas Suas mãos. Tratou dele como se fosse um caso

inteiramente entre Si e a serpente; pois embora o homem e a mulher tivessem sido chamados, individualmente, para colher, de vários modos, os frutos amargos do seu pecado, ainda assim, foi à serpente que o SENHOR Deus disse, "Porquanto fizeste isto". A serpente foi a origem da ruína; e a semente da mulher devia ser a fonte da redenção. Adão ouviu tudo isto, e creu; e, no poder dessa fé, "chamou o nome de sua mulher, Eva, porquanto ela era a mãe de todos os viventes". Isto representava um fruto precioso de fé na revelação de Deus. Encarando o assunto debaixo do ponto de vista da natureza, Eva podia ser chamada "a mãe de todos os moribundos" mas no exercício da fé ela era a mãe de todos os viventes. Raquel teve um filho, e aconteceu que, "chamou o seu nome Benoni (filho da minha dor), mas seu pai o chamou Benjamim (filho da minha destra)" (Gn. 35).

Foi por meio da energia da fé que Adão pôde sofrer os resultados terríveis do que havia feito. Foi a misericórdia admirável de Deus que lhe permitiu ouvir o que Ele disse à serpente, antes de ser chamado para ouvir o que Deus tinha a dizer-lhe a ele próprio. Se assim não tivesse sido, ele teria caído no desespero. E desespero ter que olhar para mim próprio sem poder olhar para Deus, tal como foi revelado na cruz, para minha salvação. Não há filho algum de Adão que possa consentir ter os seus olhos abertos para a realidade do que é e o que tem feito, sem cair em desespero, a não ser que possa refugiar-se na cruz. Por isso, naquele lugar para onde todos os que rejeitam Cristo terão finalmente de ser lançados não pode haver esperança. Nesse lugar, os olhos dos homens serão abertos para a realidade do que são, e o que têm feito; mas não poderão achar alívio e refúgio em Deus. O que Deus é incluirá, então, perdição sem esperança; tão certo como o que Deus é inclui, agora, salvação eterna. A santidade de Deus será, então, eternamente contra eles; assim como agora é aquilo em que todos os que creem são chamado para se regozijarem. Quanto mais compreendo a santidade de Deus, agora, mais conheço a minha segurança; porém, no caso dos perdidos, a santidade será apenas a retificação da sua perdição eterna. Solene — inefavelmente solene — meditação!

Túnicas de Peles

Passemos agora rapidamente uma vista de olhos à verdade que nos é apresentada na provisão de túnicas que Deus fez para Adão e Eva. "E fez o SENHOR Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles e os vestiu". Aqui temos apresentada, em figura, a grande doutrina da justiça divina. A túnica que Deus fez era uma veste eficaz, porque era dada por Ele; do mesmo modo que o avental era uma veste ineficaz, porque era obra do homem.

Além disso, a túnica de Deus era baseada no derramamento de sangue. O avental de Adão não o era. Assim também agora a justiça de Deus é revelada na cruz; a justiça do homem é mostrada nas obras, as obras manchadas de sangue, das suas próprias mãos. Quando Adão estava vestido com a túnica de peles não podia dizer que "estava nu", nem tão-pouco tinha motivo algum para se esconder. O pecador

pode sentir-se perfeitamente em segurança, quando, pela fé, sabe que Deus o vestiu; mas achar descanso até então, só pode ser o resultado de presunção ou ignorância. Saber que a veste que uso, e na qual compareço na presença de Deus, é feita por Ele Próprio, deve dar perfeito descanso ao meu coração. Não pode haver descanso verdadeiro, perfeito, em coisa alguma mais.

A Árvore da Vida: Fora do Alcance!

Os últimos versículos deste capítulo são cheios de instrução. O homem, no seu estado decaído, não pode ser autorizado a comer o fruto da árvore da vida, porque isso lhe acarretaria interminável miséria neste mundo. Tomar do fruto da árvore, e comer, e viver para sempre, na nossa condição presente, seria pura miséria. A árvore da vida só pode ser apreciada na ressurreição. Viver para sempre num tabernáculo frágil, num corpo de pecado e morte, seria insuportável. Pelo que, "o SENHOR Deus, pois o lançou fora". Lançou-o num mundo que, em toda a parte, apresentava os resultados lamentáveis da sua queda. Os querubins e a espada inflamada, também, impediam o homem de apanhar o fruto da árvore da vida; enquanto que a revelação de Deus lhe indicava a morte e ressurreição da semente da mulher, como aquilo em que devia achar-se a vida além do poder da morte.

Deste modo, Adão era um homem mais feliz e estava mais seguro fora dos limites do Paraíso do que havia sido dentro dele; por esta razão: dentro, a sua vida dependia de si mesmo, ao passo que fora dependia de outrem, a saber, a promessa de Cristo. E quando levantava os olhos e via os "querubins e a espada inflamada", podia bendizer a mão que os havia ali posto "para guardar o caminho da árvore da vida", visto que essa mesma não tinha aberto um caminho melhor, mais seguro e mais feliz para essa árvore. Se os querubins e a espada inflamada guardavam o caminho para o Paraíso, o Senhor Jesus Cristo abriu um caminho novo e vivo para o Santuário (Hb 10:20). "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14:6). Com o conhecimento disto, o crente avança através de um mundo que está debaixo da maldição — onde os vestígios do pecado são visíveis por toda a parte: achou o seu caminho, pela fé, para o seio do Pai; e enquanto pode descansar sossegadamente ali, é animado pela bendita segurança que Aquele que ali o conduziu foi preparar-lhe um lugar nas muitas moradas da casa do Pai, e que em breve virá e levá-lo-á para Si, no meio da glória do reino do Pai. Assim, no seio, na casa, e no reino do Pai, o crente acha a sua presente porção, o seu lar futuro e galardão.

CAIM E ABEL: DIFERENTES ATITUDES DE DOIS PECADORES PERANTE DEUS

Um Homem Mundano e um Homem de Fé

A medida que cada parte do livro do Gênesis abre perante nós é-nos apresentada nova evidência do fato que estamos andando, como muito bem disse um autor, recentemente, sobre "o projeto de toda a Bíblia"; e não somente isso, mas sobre o plano da história completa do homem.

Desta maneira, temos, no capítulo quatro, nas pessoas de Caim e Abel, os primeiros exemplos dum homem do mundo religioso e dum genuíno homem de fé. Nascidos, como na realidade foram, fora do Éden, e sendo os filhos de Adão, depois da Queda, nada podiam ter de natural que os distinguisse um do outro. Eram ambos pecadores, tinham ambos uma natureza decaída. Nenhum deles era inocente. É bom estarmos certos disto, a fim de que a realidade da graça divina e a integridade da fé possam ser distintamente vistas.

Se a distinção entre Caim e Abel fosse fundada na sua natureza, então teríamos que aceitar, como conclusão inevitável, que eles não participavam da natureza decaída de seu pai nem das consequências da sua Queda; e, portanto, não podia haver lugar para a manifestação da graça e a experiência da fé.

Alguns pretendem dizer-nos que o homem é nascido com qualidades que, se forem perfeitamente aproveitadas, o habilitarão a encontrar o caminho do regresso a Deus. Isto é uma negação declarada do fato, tão claramente visto na história, e que agora temos perante nós.

Caim e Abel nasceram, não dentro, mas fora do Éden. Eram filhos, não do Adão inocente, mas, sim, do Adão culpado. Entraram no mundo como participantes da natureza de seu pai; e não importa saber em que fase possa ter sido manifestada essa natureza, era ainda natureza — caída, arruinada, irremediavelmente natureza. "O que é nascido da carne é (— não apenas carnal, mas —) carne, e o que é nascido do Espírito é (— não apenas espiritual, mas —) espírito" (Jo 3:6).

Se alguma vez houve uma melhor oportunidade para as qualidades distintas, capacidades, tendências e os recursos da natureza se manifestarem por si próprios, a vida de Caim e Abel deu-a. Se houvesse alguma coisa na natureza com que ela pudesse recuperar a sua inocência e estabelecer-se novamente dentro dos limites do Éden, este foi o momento para a sua manifestação. Porém nada disto se deu. Estavam ambos perdidos. Eram "carne". Não eram inocentes. Adão perdeu a sua inocência e nunca mais a reaveu. Apenas pode ser visto como a cabeça de uma raça caída, que, pela sua "desobediência", foi feita de "pecadores" (Rm 5:19). Ele tornou-se, tanto quanto lhe dizia respeito pessoalmente, a origem corrupta de onde brotaram os braços corruptos de uma humanidade arruinada e culpada — o

tronco morto de onde emanaram as varas de uma humanidade morta, moral e espiritualmente morta.

E verdade que, como já tivemos ocasião de observar, ele foi feito um objeto da graça e o possuidor e expositor de uma fé viva num Salvador prometido; porém, nada disto era natural, mas alguma coisa inteiramente divina. E visto que não era natural, tão-pouco estava dentro da capacidade humana transmiti-la. Não era, de modo nenhum, hereditária. Adão não podia legar nem transmitir a sua fé a Caim ou Abel. A sua possessão da fé era simplesmente fruto do amor divino. Havia sido implantada na sua alma por poder divino; e ele não possuía poder divino para a comunicar a outrem. Tudo que era natural, Adão podia, segundo os meios da natureza, comunicar; mas nada mais. E visto que ele, como pai, se achava em estado de ruína, os seus filhos apenas podiam achar-se no mesmo estado. Tal qual é o gerador, tal é aquele que dele é gerado. Tem, necessariamente, de participar da natureza daquele de quem deriva. "Qual o terreno, tais são também os terrenos" (1 Co 15:48).

As Duas Naturezas

Nada pode haver de mais importante, em si, do que uma compreensão correta da doutrina da chefia federal. Se o leitor abrir a sua Bíblia em Romanos 5:12-21, verá que o apóstolo inspirado contempla toda a raça humana como sendo compreendida debaixo de duas cabeças. Não pretendo demorar-me em considerações acerca dessa passagem, mas apenas referir-me a ela, em ligação com o assunto de que estou tratando.

O capítulo 15 de 1 Coríntios dará também instrução de um caráter semelhante. No primeiro homem, temos pecado, desobediência, e morte. No Segundo Homem, temos justiça, obediência, e vida. Assim como trazemos a natureza do primeiro, do mesmo modo temos a do segundo. Sem dúvida, cada natureza mostrará, em cada caso específico, as suas próprias energias peculiares; mostrará em cada indivíduo que as possui os seus próprios poderes peculiares. Contudo, existe a possessão absoluta de uma natureza real, abstrata, e positiva.

Ora assim como a maneira de recebermos a natureza do primeiro homem é por meio do nascimento, assim também o modo de recebermos a natureza do Segundo homem é por meio do novo nascimento. Tendo nascido, participamos da natureza do primeiro; sendo "nascidos de novo", participamos da natureza do último.

Um recém-nascido, embora inteiramente incapaz de representar o ato que reduziu Adão à condição de um ser decaído, é, todavia, participante da sua natureza; assim, também, um recém-nascido de Deus, uma alma regenerada, embora nada tenha que ver com a obediência perfeita do "homem Cristo Jesus", é, contudo, participante da Sua natureza. Verdade é que, ligado com a velha natureza, há pecado; e ligado com a nova, há justiça — o pecado do homem no primeiro caso; a

justiça de Deus no último: todavia, em todo o tempo, existe a participação de uma natureza verdadeira em boa fé, seja qual for o seu complemento.

Os filhos de Adão participam da natureza humana e suas consequências; os filhos de Deus participam da natureza divina e seus resultados. A velha natureza é segundo "a vontade do varão" (Jo 1:13); a segunda é segundo "a vontade de Deus"; como Tiago, pelo Espírito Santo, nos diz, "Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade" (Tg 1:18).

De tudo quanto se tem dito, segue-se que Abel não fazia distinção alguma natural de seu irmão Caim. A distinção entre eles não era baseada em coisa alguma da sua natureza ou das circunstâncias, porque, quanto a estas, "não há diferença". Em que consistiu, portanto, a grande diferença? A resposta é tão simples quanto o evangelho da graça de Deus a pode fazer. A diferença não consistiu neles, na sua natureza ou nas suas circunstâncias, mas inteiramente nos seus sacrifícios. Isto torna o assunto muito simples para qualquer pecador verdadeiramente convicto — para alguém que sinta verdadeiramente que não só participa de uma natureza pecaminosa, mas que é, em si próprio, também, pecador.

A história de Abel apresenta a uma tal pessoa o único fundamento verdadeiro da sua aproximação e relação com Deus. Mostra-lhe, distintamente, que não pode chegar a Deus sobre a base de coisa alguma que pertença ou seja da natureza; e tem de procurar fora de si mesmo, e na pessoa e obra de outrem, a base verdadeira e eterna da sua ligação com o Deus santo, Verdadeiro e Justo.

O capítulo onze de Hebreus apresenta-nos o assunto do modo mais distinto e compreensível. "Pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho dos seus dons, e por ela, depois de morto, ainda fala". Aqui é-nos dito que não foi de modo nenhum uma questão quanto a homens, mas quanto aos seus sacrifícios — não foi uma questão quanto ao ofertante, mas acerca da sua oferta. Aqui está a grande diferença entre

Caim e Abel. O leitor não pode ficar indiferente quanto à compreensão deste fato, pois que nele está envolvida a verdade quanto à posição de qualquer pecador perante Deus.

A Oferta de Caim: o Fruto da Terra

E agora vejamos o que eram os sacrifícios. "E aconteceu, ao cabo de dias, que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura; e atentou o SENHOR para Abel e para a sua oferta. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou" (Gn 4:3-5).

Esta passagem apresenta-nos claramente a diferença: Caim ofereceu ao Senhor o fruto da terra amaldiçoada, e isso também sem sangue para remover a maldição: apresentou um sacrifício incruento simplesmente porque não tinha fé. Tivesse ele

possuído esse princípio divino, e teria compreendido, mesma nessa época primeva, que "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9:22).

Esta é uma grande verdade. A pena do pecado é a morte.

Caim era pecador e, como tal, a morte estava entre si e o Senhor. Porém, na sua oferta não havia reconhecimento algum deste fato. Não havia a apresentação de uma vida sacrificada para cumprir as reivindicações da santidade divina ou corresponder à sua verdadeira condição como pecador. Caim tratou o Senhor como se Ele fosse inteiramente igual a si, que pudesse aceitar o fruto manchado de pecado da terra amaldiçoada.

Tudo isto e muito mais se acha incluído no sacrifício incruento de Caim. Mostrou absoluta ignorância com referência às exigências divinas, no tocante ao seu próprio caráter e condição como pecador perdido e culpado e quanto ao estado verdadeiro do terreno cujo fruto presumiu oferecer. Sem dúvida, a razão podia dizer, "que sacrifício mais aceitável podia um homem oferecer do que aquele que ele tinha produzido pelo labor das suas mãos e o suor do seu rosto?" A razão e a mente do homem podem pensar dessa maneira; mas Deus pensa de uma maneira diferente; e a fé pode estar sempre certa de concordar com os pensamentos de Deus. Deus ensina, e a fé crê, que deve haver vida sacrificada, de contrário não pode haver aproximação de Deus.

Desta forma, quando encaramos o ministério do Senhor Jesus, vemos, imediatamente, que, se Ele não tivesse morrido na cruz, todo o Seu trabalho teria sido inteiramente inútil quanto ao estabelecimento do nosso parentesco com Deus. Na verdade, "Ele andou fazendo bem" toda a Sua vida; mas foi a Sua morte que rasgou o véu (Mt 27:51). Nada senão a Sua morte o podia fazer. Se Ele tivesse continuado, até este momento, "fazendo bem" o véu teria permanecido inteiro, para impedir a aproximação de adoradores do "lugar santíssimo"?

Por isso podemos ver o terreno falso em que Caim se encontrava como ofertante e adorador. Um pecador imperdoado vindo à presença do Senhor, para apresentar um sacrifício incruento, só podia ser tido como culpado do maior grau de presunção. E verdade que ele tinha trabalhado para produzir a sua oferta; mas que quer isso dizer? i

Poderia o esforço de um pecador remover a mancha e maldição do pecado? Poderia satisfazer as exigências de um Deus infinitamente santo?- Poderia preparar um lugar adequado de aceitação do pecador? Poderia pôr de lado a pena que era devida ao pecado? Poderia tirar o aguilhão da morte ou a sua vitória? Poderia conseguir alguma ou todas estas coisas? Impossível. "Sem derramamento de sangue não há remissão".

O sacrifício incruento de Caim, à semelhança de todo o sacrifício incruento, não só era inútil como abominável, na apreciação divina. Não só mostrou completa ignorância da sua condição, como também do caráter divino. "Deus não é servido

por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa". E todavia Caim pensou que podia aproximar-se de Deus desta forma. E todo o mero religioso pensa o mesmo. Caim tem tido muitos milhões de seguidores através dos séculos. O culto de

Caim tem abundado em todo o mundo. É o culto de toda a alma inconvertida, e é mantido por todo o sistema falso de religião abaixo do céu.

O homem faria de bom grado de Deus o recebedor em vez de dador; mas isto não pode ser; porque "mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (At 20:35); e, certamente, Deus deve ter o lugar mais bem-aventurado. "Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior" (Hb 7:7). "Quem lhe deu primeiro a Ele?" (Rm 11:35). Deus pode aceitar a oferta mais simples dum coração que tenha aprendido a verdade profunda que estas palavras encerram: da tua mão to damos" (1 Cr 29:14). Contudo logo que o homem presume tomar o lugar do "primeiro" dador, a resposta de Deus é, "se Eu tivesse fome, não to diria" (SI 50:12); porque "Ele não é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois Ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas" (At 17:25). O grande dador de "todas as coisas" não pode possivelmente necessitar de coisa alguma. Louvor é tudo que podemos oferecer a Deus; mas isto só pode ser feito com a compreensão plena e clara de que os nossos pecados estão todos tirados; o que aliás só pode ser conhecido pela fé em virtude de uma expiação consumada.

O leitor pode fazer agora uma pausa e ler no espírito de oração as seguintes passagens das Escrituras: Salmo 1, Isaías 1:11-18; e Atos 17:22-34; em todas as quais encontrará distintamente estabelecida a verdade quanto à verdadeira posição do homem perante Deus, bem como também à própria base de adoração.

O Sacrifício de Abel: os Primogênitos de Suas Ovelhas

Consideremos agora o sacrifício de Abel. "E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura" (versículo 4). Por outras palavras, ele compreendeu, pela fé, a gloriosa verdade que Deus podia ser aproximado por meio de sacrifício; que havia a possibilidade de um pecador pôr a morte de outrem entre si mesmo e as consequências do seu pecado, para que as exigências da natureza de Deus e os tributos do Seu caráter pudessem ser satisfeitos pelo sangue de uma vítima imaculada — uma vítima oferecida para cumprir as exigências de Deus, e as profundas necessidades do pecador. Esta é, em breves palavras, a doutrina da cruz, unicamente na qual a consciência do pecador pode encontrar descanso, porque nela Deus é plenamente glorificado.

Todo o pecador divinamente convencido deve sentir que a morte e o julgamento estão na sua frente, como "o justo galardão dos seus feitos"; nem tão-pouco pode, por coisa alguma que possa cumprir, alterar esse destino. Pode afadigar-se e trabalhar; pode, com o suor do seu rosto, produzir uma oferta; pode fazer votos e

tomar resoluções; pode alterar o seu modo de vida; pode reformar o seu caráter; pode ser moderado, moral, reto, e, na aceitação humana da palavra, religioso; pode, embora inteiramente destituído de fé, ler, orar, e ouvir sermões. Enfim, pode fazer qualquer coisa, ou tudo que está dentro do alcance da competência humana; porém, não obstante tudo isso, "a morte e o juízo" estão na sua frente. Não pode dispersar essas duas nuvens carregadas que se formaram no horizonte. Permanecem ali; e, longe de poder removê-las, ou tirá-las, por meio de todos os seus esforços, só pode viver na antecipação do momento sombrio em que elas se precipitarão sobre a sua cabeça culpada. E impossível ao pecador, por suas próprias obras, colocar-se a si próprio na vida e triunfo, do outro lado da "morte e juízo" — de fato, as suas próprias obras são realizadas apenas com o propósito de o preparar, se for possível, para essas realidades temidas.

Aqui, contudo, é precisamente onde a cruz entra. Nessa cruz o pecador convicto pode ver a provisão divina para toda a sua culpa e necessidades. Ali, também, pode ver a morte e o julgamento retirados inteiramente da cena, e a vida e glória estabelecidas em seu lugar. Cristo tirou as perspectivas da morte e do julgamento, tanto quanto diz respeito ao verdadeiro crente, e enche-o de vida, dá-lhe justiça e glória. Ele "aboliu a morte, e trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho" (2 Tm 1:10); glorificou a Deus tirando aquilo que nos conservaria separados para sempre da Sua santa e bem-aventurada presença, e aniquilou o pecado; por isso o pecado foi tirado (Hb 9:26). Tudo isto é apresentado, em figura, no sacrifício de Abel. Não houve intenção da parte de Abel em pôr de lado a verdade quanto à sua própria condição e lugar como pecador culpado — não tentou afastar a espada inflamada e forçar o seu caminho de regresso à árvore da vida; nem fez a oferta insolente dum "sacrifício incruento", nem ofereceu ao Senhor os frutos duma terra amaldiçoada: ele tomou a verdadeira posição de pecador, e, como tal, pôs a morte de uma vítima entre si e os seus pecados, e entre estes e a santidade de um Deus santo. Tudo isto era muito simples. Abel merecia a morte e juízo, porém achou um substituto.

Assim é com todo o pecador contrito, perdido, e cômico da sua culpa. Cristo é o seu substituto, o seu maior sacrifício: TUDO. Ele descobrirá, à semelhança de Abel, que o fruto da terra nunca lhe poderá valer; que ainda que pudesse oferecer a Deus os mais deliciosos frutos da terra, ficaria com a consciência manchada de pecado. Visto que "sem derramamento de sangue não há remissão". Os frutos mais deliciosos, e as flores mais fragrantas, na maior das profusões, não podiam tirar uma simples nódoa da consciência. Nada senão o sacrifício perfeito do Filho de Deus pode dar sossego ao coração e à consciência. Todo aquele que pela fé se assegura dessa realidade divina gozará daquela paz que o mundo não pode dar nem tirar. E a paz que põe a alma de posse desta paz. "Sendo, pois, justificados pela fé,

temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5:1). "Pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim" (Hb 11:4).

Não se trata de uma questão de sentimentos, como muitos pensam. E inteiramente uma questão de fé num fato consumado — fé dada à alma de um pecador por meio do poder do Espírito Santo. Esta fé é alguma coisa completamente diferente do mero sentimento do coração, ou do assentimento do intelecto. O sentimento não é fé. O assentimento intelectual não é fé. Alguns fazem da fé o mero assentimento do intelecto. Mas isto é terrivelmente falso. Faz da fé uma questão humana, ao passo que é realmente divina. Põe-na ao nível do homem, ao passo que ela vem de Deus. A fé não é uma coisa de hoje nem de amanhã. E um princípio imprecável, emanando de uma origem eterna, a saber, do Próprio Deus; apossa-se da verdade de Deus, e põe a alma na Sua presença.

O mero sentimento nunca poderá elevar-se acima da origem de onde emana; e essa origem é a personalidade; porém, a fé trata com Deus e a Sua Palavra eterna, e é um elo vivo ligando o coração que o possui com Deus que a dá. Os sentimentos e os afetos humanos, por muito intensos que sejam, não podem ligar a alma com Deus. Não são nem divinos nem eternos, mas humanos e evanescentes. São como a aboboreira de Jonas: nascem numa noite e perecem durante ela. Não é assim a fé. Esse princípio precioso participa de todo o valor, todo o poder, e toda a realidade da origem de onde emana, e do objetivo com que tem de tratar. Justifica a alma (Rm 5:1); purifica o coração (At 15:9); opera por amor (Gl 5:6); e vence o mundo (1 Jo 5:4). O sentimento e o afeto nunca poderiam conseguir tais resultados: pertencem à natureza e à terra; a fé pertence a Deus e ao céu. O sentimento e o afeto estão ocupados com a personalidade, a fé está ocupada com Cristo; aqueles olham para baixo e no íntimo, a fé olha para fora e para cima; aqueles deixam a alma em trevas e dúvidas, a fé leva-a para a luz e paz; ambos têm que tratar com a própria condição incerta da pessoa, a fé tem que tratar com a verdade imutável de Deus, e o sacrifício eterno de Cristo.

Sem dúvida, a fé produzirá sentimentos e afeição — sentimentos espirituais e afetos verdadeiros—, todavia, os frutos da fé não devem ser confundidos com a própria fé. Não somos justificados por sentimentos, nem tão-pouco pela fé e por sentimentos, mas simplesmente pela fé. E por quê? Porque a fé crê no que Deus diz; acredita na Sua Palavra; compreende-O tal qual Ele Se revelou na Pessoa e Obra do Senhor Jesus Cristo. Isto é vida, justiça e paz. Conhecer a Deus como Ele é, é a súpula de toda a bênção presente e eterna. Quando a alma encontra Deus, encontra tudo que possivelmente necessita nesta vida ou na vida futura; contudo Deus só pode ser conhecido por meio da Sua própria revelação, e pela fé que Ele Próprio dá, e que, além disso, procura sempre a revelação divina como seu próprio objetivo.

Um Sacrifício mais Excelente

Assim, podemos, pois, em certa medida, compreender o significado e poder do relato, "pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim". Caim não tinha fé, e, portanto, ofereceu um sacrifício incruento. Abel tinha fé, e, portanto, ofereceu "o sangue e a gordura", os quais, em figura, mostram a apresentação da vida, e também a excelência inerente da Pessoa de Cristo. "O sangue" manifesta a primeira; enquanto que "a gordura" expõe a segunda. Tanto o sangue como a gordura eram proibidos como alimento pela economia Mosaica. O sangue é a vida; e o homem, debaixo da lei, não tinha direito à vida. Contudo, em João 6, somos informados que, a não ser que comamos o sangue, não temos vida em nós mesmos. Cristo é a vida. Não há uma centelha de vida fora d'Ele. Fora de Cristo é tudo morte. "Nele estava a vida", e em nenhum outro (Jo 1:4).

Mas Ele deu a Sua vida na cruz; e a essa vida o pecado foi, por imputação, ligado, quando o bendito Senhor foi pregado na cruz de maldição. Deste modo, dando a Sua vida, Ele entregou, também, o pecado com ela ligado, de maneira que, o pecado foi, eficientemente, tirado, tendo sido deixado na sepultura, donde o Senhor ressuscitou triunfante, no poder de uma nova vida, à qual a justiça é tão claramente ligada como o pecado o foi a essa vida que Ele deu na cruz. Isto ajudar-nos-á a compreender uma expressão empregada pelo bendito Senhor depois da Sua ressurreição, "um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24:39). Ele não disse "carne e sangue"; porque na ressurreição Ele não tomou, na Sua bendita Pessoa, o sangue que tinha derramado na cruz para expiação pelo pecado. "A alma da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma: porquanto é o sangue que fará expiação pela alma". (Lv 17:11). A atenção a este ponto terá o efeito de aprofundar nas nossas almas a compreensão de como o pecado foi plenamente tirado pela morte de Cristo; e sabemos que o que quer que for que contribua para aumentar a nossa compreensão dessa realidade gloriosa deve, necessariamente, contribuir para o estabelecimento da nossa paz, e para a mais eficiente elevação da glória de Cristo, no que se refere à sua ligação com o nosso testemunho e serviço.

Já nos referimos a um ponto de muito interesse e valor na história de Caim e Abel, a saber, a inteira identificação de cada um com o sacrifício que ofereceu. O leitor não poderá certamente prestar atenção demasiada a esta verdade. A questão, em cada caso, não era acerca da pessoa do ofertante; mas, inteiramente, quanto ao caráter da sua oferta. Por isso, de Abel lemos que "Deus dá testemunho dos seus dons". Deus não deu testemunho de Abel, mas sim do seu sacrifício; e isto estabelece, claramente, o próprio fundamento da paz do crente e sua aceitação perante Deus.

Existe uma tendência constante no coração para basear a nossa paz e aceitação sobre alguma coisa em ou acerca de nós mesmos, até mesmo se admitimos que alguma coisa é operação do Espírito Santo. Por isso levanta-se constantemente a

ideia de olharmos para o íntimo, ao passo que o Espírito Santo quer que olhemos para fora. A questão para o crente não é, "o que sou eu? mas antes, "o que é Cristo?". Havendo chegado a Deus "em nome de Jesus", está inteiramente identificado com Ele, e aceite no Seu nome, e, além disso, não pode ser mais rejeitado, assim como não o pode ser Aquele em cujo nome ele vem. Antes de se poder levantar uma dúvida acerca do crente mais humilde tem que ser levantada quanto a Cristo. O segundo caso é claramente impossível, e a segurança do crente está estabelecida sobre um fundamento que nada pode abalar. Sendo por si mesmo pobre, pecador indigno, ele veio em nome de Cristo, está identificado com Cristo, aceite em e com Cristo — incluído no mesmo volume de vida com Cristo. Deus dá testemunho, não dele, mas do seu dom, e o seu dom é Cristo. Tudo isto é sumamente tranquilizador e consolador. É nosso privilégio podermos, na confiança da fé, reportar a Cristo, e ao Seu sacrifício consumado, todas as objeções e os opositores. Todas as nossas fontes estão n'Ele. N'Ele nos gloriamos todo o dia. A nossa confiança não está em nós, mas n'Aquele que fez tudo por nós. Dependemos do Seu nome, confiamos na Sua obra, temos os olhos fixos na Sua Pessoa, e esperamos a Sua vinda.

A Irritação de Caim e o Homicídio de Abel

Porém, a mente carnal manifesta logo a sua inimizade contra toda esta verdade, que tanto alegra e satisfaz o coração do crente. Foi assim com Caim: "E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o seu semblante" (versículo 5). A mesma coisa que enchia Abel de paz, encheu Caim de ira. Caim, na sua incredulidade, desprezou o único meio pelo qual um pecador pode vir a Deus. Recusou oferecer sangue, sem o qual não pode haver remissão; e, então, porque não foi recebido nos seus pecados, e porque Abel foi aceite na sua oferta, ele "irou-se" e descaiu-lhe o seu semblante. E todavia como poderia ser de outra maneira Ele tinha que ser recebido com os seus pecados ou sem eles; mas Deus não pôde recebê-lo com eles, e ele recusou trazer o sangue que somente faz expiação: e, portanto, foi rejeitado, e, sendo rejeitado, manifesta nos seus atos os frutos da religião corrompida.

Perseguiu e assassinou a verdadeira testemunha — o homem aceite e justificado —, o homem de fé; e, fazendo-o, ele encontra-se como modelo e precursor de todos os falsos religiosos, em todos os tempos. Em todas as épocas, e em toda a parte, os homens têm-se mostrado mais prontos à perseguição sob o fundamento da religião do que sobre qualquer outro. São como Caim. Justificação— plena, perfeita, justificação inqualificada, somente pela fé, faz de Deus tudo, e do homem nada; e o homem não gosta disto: faz com que o seu semblante descaia, e provoca a sua ira. Não é que ele possa apresentar alguma razão para a sua ira; porque não é, como temos visto, uma questão do homem, mas somente do fundamento em que ele se aproxima de Deus. Se Abel tivesse sido recebido sobre o fundamento de

alguma qualidade que houvesse em si, então, na verdade, a ira de Caim, com o seu semblante descaído, teria algum fundamento justo; porém, visto que foi recebido, inteiramente, sobre o fundamento da sua oferta, e visto que não foi dele, mas da sua oferta que o Senhor deu testemunho, a sua ira não tinha justificação possível. Isto é revelado nas palavras do Senhor a Caim: "Se bem fizeres" (ou como a versão dos LXX diz, se fizerdes uma oferta corretamente) "não haverá aceitação para ti"? Fazer o bem dizia respeito à oferta. Abel andou bem escondendo-se atrás de um sacrifício aceitável. Caim portou-se mal trazendo uma oferta em que não havia derramamento de sangue; e todo o seu procedimento ulterior não foi senão o resultado autêntico da sua falsa adoração.

(1)A versão grega do Antigo Testamento (N. do T)

"E falou Caim com seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel e o matou". Assim tem sido sempre: os Cains têm perseguido e matado os Abéis. Em todos os tempos, o homem e a sua religião são os mesmos; a fé e a sua religião são as mesmas: e onde quer que se têm encontrado, tem havido conflito.

Contudo, é bom notar que o ato de assassinio praticado por Caim foi a verdadeira consequência — o próprio fruto — da sua falsa religião. Os seus fundamentos eram maus, e a superestrutura edificada sobre eles era também má. Nem tão-pouco ficou satisfeito com o ato de assassinio; mas tendo ouvido a sentença de Deus, desesperado sem o perdão, por sua ignorância de Deus, saiu da Sua presença bendita, e edificou uma cidade e teve na sua família os inventores e apreciadores das ciências úteis e ornamentais — agrônomos, músicos e mestres de toda a obra de metais.

Por ignorar o caráter divino, ele disse que o seu pecado era grande demais para ser perdoado. Não era que reconhecesse realmente o seu pecado, mas que não conhecia a Deus. Mostrou inteiramente o fruto terrível da queda no próprio pensamento que proferiu acerca de Deus. Não queria o perdão, porque não queria Deus. Não tinha o verdadeiro sentido da sua própria condição; nem desejo de Deus; nem entendimento do terreno de aproximação do pecador de Deus. Era radicalmente corrupto — fundamentalmente mau; e tudo que desejava era fugir da presença de Deus e perder-se no mundo com as suas ocupações. Pensou que podia viver muito bem sem Deus, e portanto dispôs-se a aformosear o mundo, tanto quanto pôde, com o fim de o tornar um lugar aprazível, e ele próprio um homem digno de respeito nele; embora aos olhos de Deus o mundo estivesse debaixo da maldição, e ele fosse um fugitivo e vagabundo.

O Caminho de Caim

Tal era "o caminho de Caim", caminho no qual milhões estão correndo, neste momento. Tais pessoas não são, de modo nenhum, destituídas do elemento religioso no seu caráter. Gostariam de oferecer alguma coisa a Deus e de fazer alguma coisa para Ele. Julgam que é próprio apresentar-Lhe os resultados do seu labor. Desconhecem-se a si próprios, e vivem na ignorância do caráter de Deus. Porém a par de tudo isto existe o esforço diligente de melhorar o mundo; de tornar a vida agradável em vários modos; de adornar a cena com as cores mais belas. O remédio de Deus para purificação do pecado é rejeitado, e os esforços do homem para melhorar a sua condição são postos em seu lugar. Este é "o caminho de Caim" (Judas 11).

O leitor tem apenas que olhar em redor de si para ver como este "caminho" prevalece na atualidade. Embora o mundo esteja manchado com o sangue de "um maior do que Abel", o próprio sangue de Cristo, vede como o homem procura torná-lo um lugar agradável! Como aconteceu nos dias de Caim, em que os sons agradáveis da "harpa e do órgão", sem dúvida, abafavam, aos ouvidos do homem, completamente o clamor do sangue de Abel. Assim também agora o ouvido do homem é enchido com outros sons, em vez daqueles que emanam do Calvário; e os seus olhos são atraídos por outro objeto que não um Cristo crucificado. Os recursos do seu gênio são também empregados para fazer deste mundo uma estufa na qual são produzidos, na sua forma mais rara, todos os frutos que a natureza tanto deseja. E não somente são as necessidades reais do homem, como criatura, supridas, como o gênio inventivo da mente humana é posto a trabalhar com o fim de descobrir coisas que, logo que os olhos as veem, o coração deseja-as, e não somente as deseja, mas julga que a vida seria insuportável sem elas.

Assim, por exemplo, há alguns anos, as pessoas sentiam-se satisfeitas por gastar dois ou três dias numa viagem de cem milhas; ao passo que agora podem fazê-la em três ou quatro horas,(1) e não somente isso, mas lamentar-se-ão tristemente se tiverem de chegar cinco ou dez minutos atrasados. Com efeito, o homem tem que evitar o incômodo da vida. Deve viajar sem fadiga, e ouvir notícias sem ter de dispender paciência com elas. Colocará linhas férreas através da terra, e linhas telefônicas abaixo do mar, como se quisesse antecipar, do seu próprio modo, esse bendito e glorioso século em que "não haverá mais mar"(2).

(1) O autor escreveu a sua obra no século XVIII, quando muitas das invenções que são do nosso conhecimento não passavam sequer pela mente do homem (N. do T.).

(2) Na verdade, Deus usa todas essas coisas para o progresso dos Seus próprios desígnios; e o servo do Senhor pode usá-las também livremente; porém isto não nos impede de ver o espírito que as caracteriza

Em complemento de tudo isto, existe muita religião, assim chamada; mas, ah! a própria caridade é obrigada a alimentar a apreensão de que muito daquilo que passa por ser religião é apenas um parafusinho na grande máquina que foi construída para conveniência do homem e sua exaltação. O homem não pode viver sem religião. Não seria respeitável sem ela: e, portanto, fica contente em consagrar um sétimo do seu tempo à religião; ou, como ele pensa e professa, aos seus interesses eternos; e então tem seis-sétimos para consagrar aos seus interesses temporais; mas quer trabalhe para o tempo, quer para a eternidade, é realmente para si próprio que trabalha. Tal é, pois, "o caminho de Caim". Que o leitor não deixe de meditar bem no assunto. Veja onde este caminho começa, para onde conduz, e onde acaba.

Como é diferente o caminho do homem da fé! Abel sentiu e reconheceu a maldição; viu a nódoa do pecado, e, na energia santa da fé, ofereceu aquilo que podia enfrentá-lo, e enfrentá-lo perfeitamente — do modo divino. Buscou e achou um refúgio em Deus; e em vez de edificar uma cidade na terra, ele achou apenas uma sepultura nas suas entranhas. A terra, em cuja superfície se manifestaram as energias e o gênio de Caim e sua família, estava manchada com o sangue de um justo. Que o homem do mundo se não esqueça disto; lembre-se disto o homem de Deus; que o crente mundano se recorde deste fato. A terra que trilhamos está manchada com o sangue do filho de Deus. O mesmo sangue que justifica a Igreja condena o mundo. A sombra carregada da cruz de Jesus pode ser vista pelo olhar da fé, pairando sobre todo o brilho e resplendor deste mundo evanescente. "O mundo passa". Em breve terá tudo acabado, tanto quanto diz respeito ao estado atual de coisas. Ao "caminho de Caim" seguir-se-á "o engano de Balaão", na sua forma consumada; e então virá "a contradição de Coré". E depois? "O abismo" abrirá a sua boca para receber os ímpios, e fechá-la-á outra vez, para os encerrar na "negrura das trevas" (Judas 13).

CAPÍTULO 5

O REINADO DA MORTE

Em confirmação do que atrás fica dito podemos passar uma vista de olhos ao capítulo 5 e encontrarmos nele o relato humilhante da fraqueza do homem e sua sujeição ao domínio da morte. Ele podia viver centenas de anos e gerar "filhos e filhas"; mas, por fim, tinha que ser escrito que "morreu". "A morte reinou desde Adão até Moisés". E, mais, "aos homens está ordenado morrerem uma vez". O homem não pode vencer esta lei. Não pode, por meio do vapor, da eletricidade ou

coisa alguma mais ao alcance do seu gênio, desarmar a morte do seu aguilhão terrível. Não pode, por sua energia, pôr de lado a sentença de morte, embora possa produzir os confortos e prazeres da vida.

Mas donde veio esta coisa estranha e temível, a morte? Paulo dá-nos a resposta a esta pergunta: "... por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte" (Rm 5:12). Aqui temos a origem da morte. Veio pelo pecado. O pecado quebrou em dois o elo que ligava a criatura ao Deus vivo; e, isto feito, ela foi entregue ao domínio da morte, do qual domínio não tinha poder algum para se libertar. E isto, note-se, é uma das muitas provas do fato da impossibilidade do homem para se encontrar com Deus. Não pode comunhão entre Deus e o homem, salvo no poder da vida; mas o homem está debaixo do poder da morte; por isso, não pode haver comunhão com base em meios naturais.

A vida não pode ter comunhão com a morte, assim como não há comunhão entre a luz e as trevas, a santidade e o pecado. O homem tem que se encontrar com Deus num terreno absolutamente novo, e sobre um novo princípio, a saber, a fé; e esta fé habilita-o a reconhecer a sua própria posição de "vendido ao pecado", e, portanto, sujeito à morte; enquanto que, ao mesmo tempo, habilita-o a compreender o caráter de Deus, como o dador de uma nova vida—vida para além do poder da morte—uma vida que nunca pode ser tocada pelo inimigo, nem perdida por nós.

E isto o que caracteriza a segurança da vida do crente. Cristo é a sua vida — um Cristo ressuscitado e glorificado —, um Cristo vitorioso sobre todas as coisas que podiam ser contra nós. A vida de Adão era fundada sobre a sua própria obediência; e, portanto, quando desobedeceu perdeu o direito à vida. Porém, Cristo, tendo vida em Si Mesmo, veio ao mundo, e satisfez inteiramente todas as circunstâncias do pecado do homem, de todos os modos possíveis; e, submetendo-Se à morte, destruiu aquele que tinha o seu império, e, na ressurreição, torna-se a vida e justiça de todos os que creem no Seu excelente nome.

Ora, é impossível que Satanás possa tocar nesta vida, quer seja na sua origem, no seu meio, o seu poder, a sua espera, ou a sua duração. Deus é a sua origem; Cristo ressuscitado é o seu meio; o Espírito Santo, o seu poder; o céu é a sua esfera; e a eternidade a sua duração. Por isso, como podia esperar-se, para aquele que possui esta maravilhosa vida toda a cena é alterada; e, enquanto, em certo sentido, tem que ser dito, "no meio da vida estamos na morte", todavia, noutra sentido, pode dizer-se, "no meio da morte estamos na vida". Não há morte na esfera em que o Cristo ressuscitado introduz o Seu povo. Como podia haver? Não a aboliu Ele? Não pode ser uma coisa abolida e existente ao mesmo tempo, e para as mesmas pessoas; a Palavra de Deus diz- nos que foi abolida. Cristo esgotou a cena da morte, e encheu-a de vida; e, portanto, não é a morte, mas a glória que está em frente do crente. A morte está atrás dele, e atrás dele para sempre. Quanto ao futuro, é todo de glória—glória sem nuvens. É verdade que pode muito bem ser que ele tenha de

adormecer — "dormir em Jesus" — mas isso não é morte, mas "vida em atividade". O próprio fato de partir para estar com Cristo não pode alterar a esperança específica do crente, a qual é encontrar Cristo nos ares, para estar com Ele, e ser semelhante a Ele, para sempre.

Enoque não Passou pela Morte

Em Enoque temos uma exemplificação perfeita de tudo isto; o qual é a única exceção à regra do capítulo 5. A regra é, "morreu"; a exceção é, "para não ver a morte". "Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte e não foi achado, porque Deus o trasladara; visto como, antes da sua transladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus" (Hb 11:5). Enoque foi "o sétimo desde Adão"; e é profundamente interessante vermos que à morte não foi permitido triunfar sobre "o sétimo"; mas que, no seu caso, Deus interveio e fez dele um troféu da Sua própria vitória gloriosa sobre todo o poder da morte. O coração exulta, depois de ter lido, seis vezes, o triste relato "e morreu", por descobrir que o sétimo não morreu; e quando perguntamos, como se fez isto, a resposta é, "pela fé". Enoque viveu na fé da sua transladação, e andou com Deus trezentos anos. Isto separava-o, praticamente, de tudo à sua volta. Andar com Deus deve, necessariamente, pôr uma pessoa fora da esfera dos pensamentos deste mundo. Enoque cumpriu isto; porque, nos seus dias, o espírito do mundo era manifesto; e era, também como agora, oposto a tudo que era de Deus. O homem de fé sentia que nada tinha a fazer com o mundo, salvo ser uma testemunha paciente nele da graça de Deus, e do juízo vindouro. Os filhos de Caim podiam gastar as suas energias num esforço vão de melhorar o mundo amaldiçoado, mas Enoque achou um mundo melhor, e viveu no poder dele(1). A sua fé não lhe foi dada para melhorar o mundo, mas para andar com Deus.

(1) É evidente que Enoque não sabia nada quanto ao modo de "fazer o melhor dos dois mundos". Para ele havia apenas um mundo. Assim devia ser conosco.

Oh! quanta coisa se acha compreendida nestas três palavras, "andou com Deus"! Que separação e renúncia própria! Que santidade e beleza moral! Que graça e afabilidade! Que humildade e ternura! E, todavia, que zelo e energia! Que paciência e longanimidade! E, contudo, que fidelidade e decisão firme! Andar com Deus abrange tudo que está dentro dos limites da vida divina, quer seja ativa ou passiva. Compreende o conhecimento do caráter de Deus tal qual Ele o revelou. Implica também a compreensão do parentesco que temos com Ele. Não se trata da mera maneira de viver de regras e regulamentos; nem de elaborar planos de ação; nem tão-pouco de resoluções de andar cá e lá, fazer isto ou aquilo. Andar com Deus é muito mais do que qualquer ou todas estas coisas. Além disso, pode por vezes levar- -nos contrariamente aos pensamentos dos homens, e até mesmo dos

nossos irmãos, se eles próprios não estiverem andando com Deus. Pode, por vezes, acarretar-nos a acusação de trabalharmos demais; por outras vezes, de fazermos muito pouco. Porém, a fé que nos habilita a andar "com Deus" habilita-nos também a ligar o valor próprio aos pensamentos do homem.

A Esperança da Igreja

Assim, temos em Abel e Enoque instrução valiosa quanto ao sacrifício sobre o qual descansa a fé; e quanto às perspectivas que a fé agora antevê; ao passo que, ao mesmo tempo, andar "com Deus", abrange todos os pormenores da vida atual que se acham entre estes dois pontos. "O SENHOR dará graça e glória"; e entre a graça que se revelou e a glória que há-de ser revelada existe a certeza feliz de que "o SENHOR não negará bem algum aos que andam na retidão" (SI 84:11).

Tem sido dito que "a cruz e a vinda do Senhor no término da existência da Igreja na terra", e este término, são prefigurados no sacrifício de Abel e na trasladação de Enoque. A Igreja conhece a sua justificação perfeita pela morte e ressurreição de Cristo, e espera pelo dia em que Ele há-de vir para a levar para Si mesmo. Ela, "pelo Espírito da fé", aguarda a esperança da justiça (G1 5:5). Não espera por justiça, tanto mais que ela, pela graça, já a tem; mas aguarda a esperança que pertence propriamente à condição em que ela foi introduzida.

O leitor deve procurar estar ciente quanto a isto. Alguns expositores da verdade profética, não vendo o lugar específico da Igreja, a sua porção e esperança, cometem erros tristes. Com efeito, lançam nuvens tão carregadas e neblina tão densa em volta da "estrela resplandecente da manhã", que é a própria esperança da Igreja, que muitos santos, no presente, parecem não poder chegar acima da esperança do remanescente de Israel, a qual consiste em ver nascer "o Sol da Justiça" trazendo salvação debaixo das suas asas (Ml 4:2). Nem tão-pouco isto é tudo. Muitíssimas pessoas têm sido privadas do poder moral da esperança do aparecimento de Cristo por meio do ensinamento que têm recebido para esperarem vários acontecimentos e circunstâncias antes da Sua manifestação à Igreja. A restauração dos Judeus, o progresso da imagem de Nabucodonosor, a revelação do homem do pecado — todas estas coisas, argumenta-se, devem ter lugar antes de Cristo vir. Que isto não é verdade pode ser comprovado por muitas passagens do Novo Testamento, se fosse este o lugar próprio para as apresentar.

A Igreja, à semelhança de Enoque, será tirada do meio do mal que a rodeia, e do mal que há-de vir. Enoque não foi deixado para ver o mal do mundo elevar-se ao máximo, e o juízo de Deus desencadeado sobre ele. Não viu como "se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram". Foi levado antes de ter ocorrido qualquer destas coisas; e apresenta-se perante o olhar da fé como um símbolo encantador daqueles que não dormirão, mas que serão transformados, "num momento, num abrir e fechar de olhos" (1 Co 15:51-52). Trasladação, e não

morte, era a esperança de Enoque; e, quanto à esperança da Igreja, é expressa, rapidamente, pelo apóstolo do seguinte modo: "Esperar dos céus a Seu Filho" (1 Ts 1:10). O crente mais simples e menos letrado pode compreender e gozar esta esperança. Pode também, em certa medida, experimentar e manifestar o seu poder. Pode não poder estudar profecia, mas pode, bendito seja Deus, provar a bem-aventurança, a realidade, o conforto, o poder, e virtude elevada e separada dessa esperança celestial que propriamente lhe pertence, como membro desse corpo celestial, a Igreja; cuja esperança não é apenas ver o "Sol da Justiça", por mais bem-aventurada que possa ser no seu próprio lugar, mas ver "a estrela da manhã" (Ap 2:28). E assim como no mundo a estrela da manhã é vista por aqueles que a esperam, antes do sol nascer, do mesmo modo Cristo, como a Estrela da manhã, será visto pela Igreja, antes que o remanescente de Israel possa ver os raios do "Sol da Justiça".

CAPÍTULOS 6 A 9

O DILÚVIO E NOÉ

A Condição do Homem perante Deus

Chegamos agora a uma parte profundamente importante e fortemente acentuada deste livro. Enoque tinha desaparecido da cena. A sua carreira, como estrangeiro na terra, tinha terminado com a trasladação para o céu. Ele fora levado antes que a maldade humana tivesse atingido o seu máximo, e, portanto, antes do julgamento divino ter sido desencadeado. A pouca influência que a sua carreira e trasladação tiveram sobre o mundo é evidente pelos primeiros dois versículos do capítulo 6: "E aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas; viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram".

A mistura daquilo que é de Deus com o que é do homem é uma forma especial do mal, e um instrumento eficiente nas mãos de Satanás para manchar o testemunho de Cristo na terra. Este amálgama pode frequentemente ter a aparência de alguma coisa muito agradável; pode muitas vezes parecer uma promulgação mais ampla daquilo que é de Deus — uma saída plena e vigorosa de influência divina —, alguma coisa em que nos devemos regozijar em vez de nos lamentarmos: todavia, o nosso juízo quanto a isto dependerá inteiramente do ponto de vista em que encararmos o assunto. Se o considerarmos à luz da presença de Deus, não podemos possivelmente imaginar que se ganha vantagem quando o povo de Deus se mistura com os filhos do mundo; ou quando a verdade de Deus é corrompida pela mistura

humana. Este não é o método divino de proclamar a verdade, ou de promover os interesses daqueles que deveriam ocupar o lugar de Suas testemunhas na terra. Separação de todo o mal é o princípio de Deus; e este princípio nunca pode ser violado sem grave prejuízo para a verdade.

Na narrativa que agora temos presente, vemos que a união dos filhos de Deus com as filhas dos homens levou às mais desastrosas consequências. É verdade que o fruto dessa união parecia muitíssimo lícito, segundo o critério do homem, como vemos, "estes eram os valentes que houve na antiguidade, os varões de fama"; todavia, o parecer de Deus era completamente diferente. Ele vê não como o homem vê. Os Seus pensamentos não são os nossos pensamentos.

"E viu o SENHOR que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente". Tal era a condição do homem perante Deus — só má —, "má continuamente". Isto quanto à mistura do que era puro com o que era profano. Assim terá de ser sempre. Se a semente santa não mantiver a sua pureza, tudo será perdido, no que diz respeito ao testemunho na terra. O primeiro esforço de Satanás foi frustrar o propósito de Deus matando a semente santa; e quando falhou nesse intuito procurou alcançar os seus fins corrompendo-a.

Ora, é do maior interesse que o leitor compreenda inteiramente o alvo, o caráter e o resultado desta união entre "os filhos de Deus" e "as filhas dos homens". Existe grande perigo, nos nossos dias, de se comprometer a verdade por amor da união. Devemos estar precavidos contra isto. Não pode conseguir-se verdadeira união à custa da verdade. O verdadeiro lema do Cristão deve ser sempre manter a verdade a todo o custo; se a união puder ser conseguida deste modo, tanto melhor, mas deve manter-se a verdade. O princípio da conveniência, pelo contrário, deve ser assim denunciado: promover a união a todo o preço; se a verdade puder ser também mantida, tanto melhor, mas promova-se a união. Este último princípio só poderá ser conseguido à custa de tudo quanto é divino no caminho do testemunho(1). Não pode haver, evidentemente, verdadeiro testemunho onde a verdade é perdida; e por isso, no caso do mundo pré-diluviano, vemos a união ilícita entre o que é santo e o que é profano — entre o que era divino e o que era humano, e que apenas teve o efeito de elevar o mal ao máximo, e então seguiu-se o juízo de Deus.

(1) Devemos ter sempre em vista que "a sabedoria que do alto vem é, primeiramente, pura, depois pacífica". (Tg. 3:17). A sabedoria que é de baixo põe primeiramente pacífica, e, portanto, nunca pode ser pura.

"E disse o SENHOR: Destruirei". Nada menos do que isto produziria efeito. Tinha de haver inteira destruição daquilo que havia corrompido o caminho de Deus na

terra. "Os valentes, os varões de fama", tinham de ser varridos da terra, sem distinção, "...toda a carne" tinha de ser posta de lado, como imprópria para Deus. "O fim de toda a carne é vindo perante a minha face". Não era apenas o fim de alguma carne; não, toda estava corrompida, à vista do Senhor — toda era irremediavelmente má. Havia sido experimentada, e fora achada em falta; e o Senhor anuncia o Seu remédio a Noé nestas palavras: "Faze para ti uma arca de madeira de Gofer."

A Fé de Noé

Noé foi assim posto ao corrente dos pensamentos de Deus quanto a tudo à sua volta. O efeito da Palavra de Deus foi pôr a descoberto as raízes de tudo aquilo em que o olhar do homem podia descansar com complacência e vaidade.

O coração humano podia inchar-se de orgulho, e o seio suspirar com emoção, à medida que os olhos contemplavam a classe brilhante dos homens de arte, homens de talento, "os valentes", e "varões de fama". O som da harpa e do órgão pedia comoção à alma, enquanto que, ao mesmo tempo, a terra era cultivada e as necessidades do homem eram supridas de forma a contradizer todo o pensamento acerca do juízo que se aproximava. Mas, oh! aquelas palavras, "destruirei"! Que obscuridade sombria lançavam sobre aquela cena fulgurante! Não poderia o gênio do homem inventar um meio de salvação? Não podiam "os valentes" libertar-se pela sua muita força! Ah! não! Havia um meio de escapar, porém tinha sido revelado à fé, não à vista—não à razão, nem à imaginação.

"Pela fé, Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, temeu, e, para salvação da sua família, preparou a arca, pela qual condenou o mundo, e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé" (Hb 11:7).

A Palavra de Deus faz com que a Sua luz brilhe sobre tudo aquilo por que o coração humano é enganado. Remove, completamente, o brilho com que a serpente cobre um mundo frívolo, enganador e passageiro, sobre o qual pende a espada do juízo divino. Porém, é somente a "fé" que pode ser "avisada" por Deus, quando as coisas de que Ele fala ainda se não veem. A natureza é governada por aquilo que vê — é governada pelos seus sentidos. A fé é governada pela Palavra pura de Deus — inestimável tesouro neste mundo sombrio! —; isto dá estabilidade, sejam quais forem as aparências exteriores. Quando Deus falou a Noé do julgamento pendente não havia sintoma dele. Fazia parte das coisas que se não viam. Contudo, a Palavra de Deus tornou-o uma realidade presente para o coração que era capaz de juntar essa palavra com a fé. A fé não precisa ver uma coisa, antes de crer, porque "a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus" (Rm 10:17).

Tudo que o homem de fé precisa saber é que Deus tem falado; isto dá perfeita certeza à sua alma. "Assim diz o Senhor" resolve tudo. Uma simples linha da Sagrada Escritura é resposta abundante para toda a argumentação e todas as

fantasias da mente humana; e quando se tem a Palavra de Deus como base das convicções pode-se aguentar calmamente a maré cheia de opinião e dos preconceitos humanos. Foi a Palavra de Deus que fortaleceu o coração de Noé durante a sua longa carreira de serviço; e essa mesma Palavra tem fortalecido milhões de santos, desde esse dia até ao presente, em face das contradições do mundo.

Por isso, nunca poderemos dar valor demasiado à Palavra de Deus. Sem ela, tudo é incerteza; com ela tudo é luz e paz. Onde ela brilha, marca para o homem de Deus um trilho seguro e abençoado; onde ela não brilha, fica-se atônito no meio da confusão da perplexidade da tradição. Como poderia Noé ter pregado a justiça, durante 120 anos, se não tivesse tido a Palavra de Deus como o fundamento da sua pregação? Como poderia ele ter resistido ao escárnio e ao sarcasmo do mundo infiel? Como podia ele ter perseverado em testificar do "juízo futuro", quando nem sequer uma nuvem tinha aparecido no horizonte do mundo? Impossível. A Palavra de Deus era o fundamento em que ele se apoiava, e "o Espírito de Cristo" habilitava-o a ocupar, com santa decisão, esse terreno elevado e inabalável.

A Arca, Imagem da Cruz de Cristo

E agora, prezado leitor, que temos nós mais com que permanecer, no serviço de Cristo, em tempos trabalhosos como os atuais? Nada, certamente; nem nós necessitamos de alguma coisa mais. A Palavra de Deus e o Espírito Santo, por intermédio de Quem a Palavra pode somente ser compreendida, empregados ou usados são tudo que precisamos para estarmos perfeitamente equipados — preparados para "toda a boa obra", seja qual for a classificação dessas obras (2 Tm 3:16-17). Que descanso para o coração! Que alívio para todas as fantasias de Satanás e as quimeras humanas! A Palavra de Deus, pura, incorruptível e eterna! Que os nossos corações O adorem pelo tesouro inestimável! Toda a imaginação dos pensamentos do coração do homem era só má continuamente; porém, a Palavra de Deus era o lugar simples de descanso para o coração de Noé. "Então, disse Deus a Noé: O fim de toda carne é vindo perante a minha face... faze para ti uma arca de madeira de Gofer". Aqui estava a ruína do homem, e o remédio de Deus. O homem tinha sido autorizado a prosseguir na sua carreira até ao máximo limite, até que os seus princípios e caminhos atingiram a maturidade. O fermento tinha levedado a massa. O mal havia atingido o seu auge. "Toda a carne" se tinha tornado tão má que já não podia ser pior; pelo que nada restava senão Deus destruí-lo totalmente; e, ao mesmo tempo, salvar aqueles que foram achados segundo os Seus desígnios eternos, ligados com "o oitavo" homem — o único justo que então existia.

As Águas do Juízo

Isto mostra-nos a doutrina da cruz de um modo intenso. Vemos ali, imediatamente, o juízo de Deus abrangendo na Sua sentença a natureza e o seu pecado; e, ao mesmo tempo, a revelação da Sua graça salvadora, em toda a sua amplitude e adaptação perfeita àqueles que, segundo o juízo de Deus, têm chegado ao ponto mais baixo da sua condição moral. "Com que o Oriente do alto nos visitou" (Lc 1:78). Onde? Precisamente onde estamos, como pecadores. Deus desceu até às profundezas da nossa ruína. Não existe um ponto em todo o estado do pecador onde a luz desse bendito sol do Oriente do alto não tenha penetrado; porém, se assim tem penetrado, deve, em virtude do que é, revelar o nosso verdadeiro caráter. A luz deve julgar todas as coisas que lhe são postas; contudo, ao mesmo tempo que o faz, dá também "conhecimento da salvação na remissão dos pecados". A cruz, ao mesmo tempo que revela o juízo de Deus contra "toda a carne", mostra a Sua salvação para o pecador perdido e culpado. O pecado é perfeitamente julgado — o pecador perfeitamente salvo —, e Deus perfeitamente revelado e inteiramente glorificado na cruz.

Se o leitor consultar, por um momento, a 1 Epístola de Pedro, encontrará muita luz lançada sobre este assunto. No terceiro capítulo, versículos 18-22, lemos: "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; no qual (Espírito) também foi e pregou (— por Noé —) aos espíritos (— agora —) em prisão; os quais em outro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água, que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, batismo, não do despojamento(1), da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo; o qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu, havendo-se-lhe sujeitado os anjos e as autoridades e as potências".

(1) E impossível sobreestimar a sabedoria do Espírito Santo, como é vista na maneira como trata da ordenação do batismo, na passagem acima. Conhecemos o mau uso que se tem feito do batismo; conhecemos o lugar falso que tem obtido nos corações de muitos; conhecemos como a eficácia que somente pertence ao sangue de Cristo tem sido atribuída ao batismo da água; sabemos como a graça regeneradora do Espírito Santo tem sido transferida para o batismo da água; e, com o conhecimento de tudo isto, não podemos senão ser despertados com o modo com que o Espírito de Deus guarda o assunto, frisando que não é a mera lavagem da impureza da carne com água, mas a resposta de uma boa consciência para com Deus, cuja resposta temos, não por meio do batismo, por muito importante que possa ser, como uma ordenação do reino, mas pela ressurreição de Jesus Cristo, o qual foi entregue por nossos pecados, e ressuscitou para nossa justificação.

O batismo, escusado será dizer, como uma ordenação de instituição divina, e no seu lugar divinamente apontado, é muito importante e profundamente significativo; porém, quando encontramos homens, de um modo ou de outro, pondo a figura no lugar da substância, somos obrigados a expor a obra de Satanás à luz da Palavra de Deus.

Esta passagem é muito importante. Coloca a doutrina da arca e a sua ligação com a morte de Cristo claramente perante nós. Como no dilúvio, também na morte de Cristo todas as vagas e ondas do julgamento divino passaram por cima daquilo que, em si, era sem pecado. A criação foi sepultada debaixo do dilúvio da justa ira do Senhor; e o Espírito de Cristo exclama: "... todas as tuas ondas e vagas têm passado sobre mim" (SI 42:7). Aqui está uma verdade profunda para o coração e consciência do crente. "Todas as ondas e vagas" de Deus passaram sobre a imaculada Pessoa do Senhor Jesus, quando Ele foi crucificado na cruz; e como bendita consequência nenhuma delas ficou para passar sobre a pessoa do crente. No Calvário vemos, em boa verdade, romperem-se todas as fontes do grande abismo, e as janelas do céu abrirem-se. "Um abismo chama outro abismo, ao ruído das tuas catadupas" (SI 42:7). Cristo bebeu o cálix, e suportou a ira. Pôs-se a Si Próprio, judicialmente, sob o peso de todas as responsabilidades do Seu povo, e rasgou-os gloriosamente. O conhecimento deste fato dá paz duradoura à alma. Se o Senhor Jesus enfrentou tudo que era contra nós, se tirou do caminho todo o obstáculo, se tirou o pecado, se Ele esgotou o cálix da ira e julgamento por nós, se afastou toda a possibilidade de nuvens, não devemos nós gozar de paz duradoura? Indubitavelmente. Paz é a nossa porção inalienável. A nós pertence-nos a bem-aventurança santa e incontável que o amor pode dar-nos sobre a base da obra de Cristo consumada.

O Senhor Tranca a Porta da Arca: Perfeita Segurança para Noé

Noé sentiu alguma ansiedade quanto às ondas do julgamento divino? Nenhuma absolutamente. Como poderia ele tê-la? Sabia que "tudo" tinha sido desencadeado, enquanto ele próprio havia sido levantado, por essas mesmíssimas catadupas, a uma região de paz sem nuvens: flutuou em paz sobre a própria água mediante a qual "toda a carne" foi julgada: foi posto em lugar fora do alcance do julgamento; e posto ali, também, pelo Próprio Deus. Podia ter dito, na linguagem vitoriosa de Romanos 8, "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" tinha sido convidado pelo próprio Senhor, como lemos em capítulo 7:1, "Entra tu e toda a tua casa na arca"; e depois de ter tomado o seu lugar nela, lemos, "e o SENHOR a fechou por fora".

Aqui estava, sem dúvida, segurança perfeita para todos os que estavam dentro da arca. O Senhor guardava a porta e ninguém podia entrar na arca nem sair dela sem Sua permissão. Havia uma porta e uma janela na arca. O Senhor fechou a porta com a Sua mão onipotente, e deixou a janela aberta para que Noé pudesse olhar

para o lugar de onde tinha emanado todo o julgamento, e ver que não restava julgamento para si. A família salva só podia olhar para cima, porque a janela era "em cima" (capítulo 6:16). Nenhum deles podia ver as águas do julgamento, nem a morte e desolação que essas águas haviam causado. A salvação de Deus — a "madeira de Gofer" — estava entre eles e todas estas coisas. Por isso só tinham que contemplar um céu sem nuvens, o lugar eterno de habitação d'Aquele que tinha condenado o mundo, e os tinha salvo.

Nada pode ilustrar melhor a segurança perfeita do crente em Cristo do que essas palavras, "e o Senhor o fechou por fora". Quem pode abrir o que Deus fechou ninguém. A família de Noé estava tão segura quanto Deus podia torná-la. Não havia poder, angélico, humano, ou diabólico, que pudesse abrir de par em par a porta da arca e deixar entrar a água. Essa porta tinha sido fechada pela mesmíssima mão que tinha aberto as janelas do céu, e rompido as fontes do abismo. Assim fala-se de Cristo como Aquele que "tem a chave de Davi; o que abre e ninguém fecha; e fecha e ninguém abre" (Ap 3:7). Ele tem em Sua mão "as chaves da morte e do inferno" (Ap 1:18). Ninguém pode entrar os portais da sepultura, nem sair dali, sem contar com Ele. Ele tem "todo o poder no céu e na terra" (Mt 28:18). Foi constituído "sobre todas as coisas como cabeça da igreja" (Ef 1:22) e n'Ele o crente está perfeitamente seguro.

Quem poderia tocar em Noé? Que onda poderia penetrar nessa arca que era betumada "por dentro e por fora" com betumei Do mesmo modo, agora, quem poderá tocar naqueles que têm, pela fé, achado refúgio à sombra da cruz? Todo o inimigo foi enfrentado e reduzido ao silêncio — sim, reduzido ao silêncio para sempre. A morte de Cristo respondeu vitoriosamente a toda a objeção; enquanto que a Sua ressurreição é a declaração satisfatória da complacência infinita de Deus nessa obra, que é a base da Sua justiça recebendo-nos, e da nossa confiança, aproximando-nos d'Ele.

Por isso, a porta da nossa arca estando segura pela mão do Próprio Deus, nada nos resta senão usufruir a janela; ou, por outras palavras, andar em feliz e santa comunhão com Aquele que nos salvou da ira futura e fez de nós herdeiros da glória vindoura. Pedro fala daqueles que são cegos, "nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados" (2 Pe 1:9). É uma condição lamentável para todo aquele que nela se encontrar, e é o resultado de não se cultivar comunhão diligente, intercessória, com Aquele que nos fechou eternamente em Cristo.

Noé, Pregador da Justiça

Deitemos agora, antes de prosseguir com a história de Noé, um olhar à condição daqueles aos quais ele pregou por tanto tempo a justiça. Temos estado a pensar nos salvos, deitemos agora um olhar aos perdidos: temos pensado naqueles que

estavam dentro da arca, pensemos agora nos que estavam fora. Sem dúvida, muitos teriam deitado um olhar de ansiedade ao vaso de misericórdia, à medida que ele se elevava com a água; mas, ah! "a porta havia sido fechada" — o dia da graça tinha terminado —, a época do testemunho acabara, e para sempre, tanto quanto lhes dizia respeito. A mesma mão que havia fechado Noé na arca, tinha-os deixado fora, e era tão impossível para os que estavam fora entrarem nela, como para os que estavam dentro sair. Aqueles estavam irremediavelmente perdidos; estes estavam eficientemente salvos. A longanimidade de Deus e o testemunho do Seu servo tinham sido desprezados. As coisas temporais tinham-no absorvido. "Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e consumiu a todos" (Lc 17:27). Não havia nada de mal nestas coisas, vistas abstratamente. O mal não estava nas coisas que se faziam, mas nos que as praticavam. Todas essas coisas podiam ser feitas no temor do Senhor e para glória do Seu santo nome, se tão somente fossem feitas pela fé. Porém, não acontecia assim. A Palavra de Deus era rejeitada. Ele falou de juízo, mas eles não acreditaram; falou de pecado e ruína; porém não foram convencidos; falou dum remédio, mas não quiseram dar atenção. Continuaram com os seus próprios planos e especulações, e não tiveram lugar para Deus. Agiram como se a terra lhes pertencesse por direito de posse, para sempre. Esqueceram que existia uma cláusula de rendição. Não pensaram naquela palavra solene "até". Deus foi deixado de fora: "... toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente"; e por isso não podiam fazer nada justo. Pensavam, falavam e atuavam por si mesmos. Fizeram a sua própria vontade e esqueceram Deus.

Aplicação do Dilúvio ao Dia da Vinda do Senhor

E, prezado leitor, lembremos as palavras do Senhor Jesus Cristo, que disse: "E como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem" (Mt 24:37). Alguns gostariam que acreditássemos, que antes do Filho do homem vir nas nuvens do céu a terra será coberta, de um polo ao outro, com um lindo manto de justiça. Dizem-nos que devemos esperar um reino de justiça e paz, como resultado de atividades postas agora em ação; porém a passagem que acabamos de reproduzir corta pela raiz, num momento, todas essas especulações vãs e ilusórias. Como era nos dias de Noé? A justiça cobria a terra, como as águas cobrem o mar? A verdade de Deus dominava? A terra estava cheia do conhecimento do Senhor? — A Sagrada Escritura responde: "A terra... encheu-se de violência; toda carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra; a terra... estava corrompida diante da face de Deus". Pois bem, "assim será também nos dias do Filho do homem". Isto é bem claro. "A justiça" e a "violência" não são muito parecidas uma com a outra. Nem tão-pouco existe semelhança alguma entre a maldade universal e a paz. Apenas é preciso um coração obediente à Palavra de Deus e livre da influência de opiniões

preconcebidas para se compreender o verdadeiro caráter dos dias que precederão imediatamente "a vinda do Filho do homem". Que o leitor não se deixe extraviar. Curve-se reverentemente perante a Escritura Sagrada. Olhe para o estado do mundo "nos dias anteriores ao dilúvio" (Mt 24:38); e não se esqueça, que assim como era então, "assim" será no fim desta época. Isto é muito simples — conclusivo. Não havia então nada como um estado de justiça e paz universal, nem tão-pouco haverá coisa alguma que se pareça com um tal estado no fim.

Sem dúvida, o homem mostrava bastante energia com o fim de tornar o mundo um lugar agradável; porém isso era uma coisa muito diferente a torná-lo um lugar conveniente para Deus. Assim é também neste tempo presente: o homem está tão ocupado quanto pode em remover as pedras do caminho da vida humana, e torná-lo o mais liso possível; mas isto não é "endireitar no ermo vereda a nosso Deus" (Is 40:3); nem tão-pouco é aplinar o que é áspero para que toda a carne veja a salvação do Senhor. A civilização prevalece; porém civilização não é justiça. A varredura e o embelezamento continuam; mas não é com o fim de preparar a casa para Cristo, mas sim para o anti-cristo. A sabedoria do homem é empregada com o fim de cobrir, com as dobras da sua própria roupagem, os defeitos e manchas da humanidade; contudo, embora cobertas, não são tiradas! Encontram-se tapadas, e em breve aparecerão com deformidade mais repugnante do que nunca. A pintura de verniz será em breve riscada, e a madeira lavrada de cedro destruída. As represas, por meio das quais o homem procura cuidadosamente deter a torrente da vileza humana, terão em breve de ceder caminho à força esmagadora que dela resulta. Todos os esforços para limitar a degradação física, mental e moral da posteridade de Adão dentro dos limites, que a benevolência humana tem inventado, não darão, como sequência, resultado. O testemunho havia sido dado: "O fim de toda a carne é vindo perante a minha face."

Não era vindo perante a face do homem; mas era vindo perante a face de Deus; e, embora a voz dos escarnecedores possa ainda dizer, "Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação" (2 Pe 3:4), o momento aproxima-se rapidamente em que receberão a resposta. "... o dia do Senhor virá como ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão" (2 Pe 3:4-10). Esta, prezado leitor, é a resposta ao escárnio intelectual dos filhos deste mundo, mas não às afeições espirituais e à expectativa dos filhos de Deus. Estes, graças a Deus, têm uma perspectiva completamente diferente, a de encontrarem o Noivo nos ares, antes do mal ter atingido o seu ponto culminante, e, portanto, antes de começar o julgamento divino.

A Esperança da Igreja

A Igreja de Deus não espera a ocasião do mundo arder em brasas, mas o aparecimento da "resplandecente estrela da manhã" (Ap 22:16).

Porém, seja qual for o modo como contemplem o futuro, qualquer que seja o ponto de vista de onde o contemplemos, quer o assunto que preocupa a visão da alma seja a Igreja na glória, quer o mundo em chamas, a vinda do Noivo ou o ladrão de noite, a Estrela da Manhã ou o Sol da justiça, a trasladação ou o dilúvio, devemos sentir a importância inefável de contar com o testemunho de Deus em graça para com os pecadores perdidos. "Eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação" (2 Co 6:2). "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados" (2 Co 5:19). Ele está procedendo agora à reconciliação; julgará no fim; agora é tudo graça; então será só ira; agora Deus perdoa o pecado por meio da cruz; então puni-lo-á, no inferno, e isso para sempre. Agora Ele está dando uma mensagem da graça mais pura, mais rica, mais liberal: fala aos pecadores de uma redenção efetuada por meio do precioso sacrifício de Cristo. Declara que a questão do pecado foi liquidada. Espera a oportunidade de poder ser gracioso. "A longanimidade de nosso Senhor é a salvação" (2 Pe 3:15). "O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se" (2 Pe 3:9). Tudo isto torna o momento presente de solenidade peculiar. Pura graça proclamada! — pura ira pendente! Como tudo isto é solene! Profundamente solene!

E com que profundo interesse devemos nós prosseguir o desenrolar dos desígnios divinos! A Bíblia lança a sua luz sobre estas coisas, e luz tal, também, que não precisamos, como alguém disse, "de ficar a olhar ociosamente para os acontecimentos, como aqueles que não sabem de onde são nem para onde vão". Devemos conhecer corretamente o nosso rumo. Devemos compreender completamente a tendência de todos os princípios que agora operam. Devemos conhecer o turbilhão para o qual todas as correntes tributárias estão correndo rapidamente. Os homens sonham com um século áureo; prometem a si um milênio das artes e ciências; alimentam-se com o pensamento de que "amanhã será como hoje e mais abundante". Contudo, oh! como são inteiramente vãos estes pensamentos, sonhos e promessas! A fé pode ver as nuvens ajuntando-se carregadas em volta do horizonte do mundo. O juízo aproxima-se. O dia da ira está perto. A porta da salvação será em breve fechada. A "grande desilusão" em breve se verificará com intensidade terrível. Como é necessário, portanto, levantar a voz do aviso — procurar, por meio de um testemunho fiel, contrariar a complacência lamentável do homem. Verdade é que, fazendo-o, ficaremos sujeitos à acusação que Acabe fez contra Mica de sempre profetizar o mal; mas isso não deve dar-nos cuidado. Profetizemos o que a Palavra de Deus profetiza, e façamo-lo simplesmente com o propósito de "persuadir os homens". A Palavra de Deus só

remove de debaixo dos nossos pés uma concavidade com o fim de pôr em seu lugar um fundamento que nunca pode ser abalado. Tira-nos apenas uma esperança ilusória para nos dar em seu lugar "uma esperança que não se envergonha". Tira "uma cana quebrada" para nos dar "a rocha dos séculos". Acaba com uma "cisterna rota, que não retém a água", para abrir em seu lugar "o manancial de águas vivas" (Jr 2:13). Isto é amor verdadeiro. É o amor de Deus. Ele não clamará "paz, paz, quando não há paz"; nem "fará reboco de cal não adubada" (Ez 22:28). Anela ter o coração do pecador descansado sossegadamente na Sua Arca eterna de segurança, gozando comunhão com Ele, e acalentando a esperança de que, quando toda a ruína, desolação, e o juízo tiverem passado, descansará Consigo na criação restaurada.

Voltemos agora para Noé e vejamo-lo numa nova posição. Vimo-lo ocupado na construção da arca, depois em segurança na arca, e vamos vê-lo sair agora dela e tomar o seu lugar na nova terra. "E lembrou-se Deus de Noé." Tendo sido consumada a obra do juízo, a família salva e tudo que lhe dizia respeito foi lembrado: "... e Deus fez passar um vento sobre a terra, e aquietaram-se as águas. Cerraram-se também as fontes do abismo e as janelas dos céus, e a chuva dos céus deteve-se" (cap. 8:1). Os raios de sol começaram agora a incidir sobre a terra que havia sido batizada com o batismo de juízo. O juízo é "obra estranha de Deus". Ele não tem prazer nela, embora seja por meio dele glorificado. Bendito seja o Seu nome, Ele está sempre pronto a abandonar o lugar do juízo e entrar no lugar de misericórdia, porque Se compraz nela (').

(1) Quero mencionar aqui, para meditação do leitor, um pensamento muito vulgar com aqueles que se entregam especialmente ao estudo do que é chamado "a verdade dispensacional". Diz respeito a Enoque e Noé. O primeiro foi levado, como vimos, antes de vir o juízo; ao passo que o último foi conduzido através do julgamento. Ora, é vulgar pensar-se que Enoque é figura da Igreja, que será levada antes do pecado atingir o auge, e antes que o julgamento divino caia sobre ele. Por outro lado, Noé é uma figura do remanescente de Israel, que será conduzido através das águas profundas da aflição, e do fogo do julgamento, e levado ao pleno gozo da bem-aventurança milenial em virtude do concerto eterno de Deus. Posso acrescentar que aceito inteiramente este pensamento quanto aos pais do Velho Testamento. Entendo que tem o apoio do assunto geral e da analogia da Escritura Sagrada.

O Corvo e a Pomba

"E aconteceu que, ao cabo de quarenta dias abriu Noé a janela da arca que tinha feito: e soltou um corvo, que saiu, indo e voltando, até que as águas se secaram de sobre a terra." A ave imunda escapou-se, e achou, sem dúvida, um lugar de repouso

em qualquer carcaça flutuante. Não voltou a procurar a arca. Não aconteceu assim com a pomba. "A pomba porém não achou repouso para a planta do seu pé e voltou a ele para a arca... e tornou a enviar a pomba fora da arca. E a pomba voltou a ele sobre a tarde; e eis, arrancada, uma folha de oliveira no seu bico." Agradável símbolo da mente regenerada, que no meio de toda a desolação busca e acha o seu repouso e a sua porção em Cristo; e não somente isso, mas que também lança mão do título da herança, e mostra a prova bendita que o julgamento é passado e uma nova terra se apresenta inteiramente à vista. A mente carnal, pelo contrário, pode descansar em qualquer coisa menos em Cristo. Pode alimentar-se de toda a imundície. "A folha de oliveira" não tem encanto para ela. Pode achar tudo que precisa numa cena de morte, e por isso não está ocupada com o pensamento de um novo mundo e as suas glórias; porém, o coração que é ensinado e exercitado pelo Espírito de Deus só pode descansar e regozijar-se naquilo em que Ele descansa e Se regozija. Descansa na Arca da Sua salvação "até aos tempos da restauração de tudo" (At. 3:21). Que assim seja com o leitor e comigo; que Jesus seja o lugar de repouso e a porção dos nossos corações, para que não tenhamos que buscá-los num mundo que jaz sob o juízo de Deus. A pomba voltou para Noé, e esperou pelo seu tempo de repouso: e nós devemos encontrar sempre o nosso lugar com Cristo, até ao tempo da Sua exaltação e glória, nos séculos vindouros. Aquele que há-de vir, "certamente virá, não tardará" (Hc 2:3). Tudo quanto precisamos, a este respeito, é de um pouco de paciência. Que Deus dirija os nossos corações no Seu amor, e "na paciência de Cristo".

Noé Sai da Arca e Adora ao SENHOR

"Então falou Deus a Noé, dizendo: sai da arca." O Mesmo Deus que tinha dito "faze para ti uma arca", e "entra na arca" agora diz: "sai da arca". "Então saiu Noé..., e edificou um altar ao Senhor." Tudo é obediência simples. Há a obediência da fé e a adoração da fé: aqui andam juntas. O altar é edificado onde antes tudo havia sido uma cena de morte e juízo. A arca tinha conduzido Noé e sua família em segurança por cima das águas do julgamento. Tinha-o conduzido do velho para o novo mundo, onde ele agora toma o seu lugar como adorador(1). E, notemos, foi "ao Senhor" que ele edificou o seu altar. A superstição teria adorado a arca, como havendo sido o meio da salvação. A tendência do coração é sempre para substituir Deus pelas Suas ordenações. Ora, a arca era uma ordenação muito clara e notória; porém a fé de Noé passou além da arca para o Deus da arca; e, por isso, quando saiu dela, em vez de lhe lançar um derradeiro olhar ou considerá-la como um objeto de veneração ou culto, edificou um altar ao Senhor e adorou-O: e da arca nunca mais se ouve falar.

(1) É interessante vermos este assunto da arca e do dilúvio em ligação com a questão importante e profundamente significativa da ordenação do batismo. Uma pessoa verdadeiramente batizada, isto é, aquele que, como o apóstolo diz, "obedece de coração à forma de doutrina a que fostes entregues" (Rm 6:17), passou do mundo antigo para o novo em espírito e princípio e pela fé. A água corre sobre a sua pessoa, significando que o seu homem velho está sepultado, que o seu lugar na natureza é ignorado — que a sua velha natureza é posta inteiramente de parte; em suma, que é um homem morto. Quando é metido debaixo da água, é dada expressão ao fato, que o seu nome, lugar e existência, na natureza, são postos fora da vista; que a carne, com tudo que lhe pertence, os seus pecados, as suas iniquidades e responsabilidades, é sepultada na sepultura de Cristo, e nunca mais pode aparecer à vista de Deus.

Do mesmo modo, quando sai da água, é dada expressão à verdade, que sai como possuidor de uma nova vida, a saber, a vida de ressurreição de Cristo. Se Cristo não tivesse ressuscitado dos mortos, o crente não podia sair da água, mas teria que ficar sepultado nela, como simples expressão do lugar que pertence justamente à natureza. Porém, visto que Cristo ressuscitou dos mortos, no poder de uma nova vida, tendo tirado inteiramente os nossos pecados, nós também saímos da água; e, fazendo-o, mostramos o fato, que estamos, pela graça de Deus, e mediante a morte de Cristo, de posse absoluta de uma nova vida, à qual se liga inseparavelmente a justiça divina. "De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida" (Rm 6:4; Cl 2:12; compare-se também 1 Pe 3:18-22). Tudo torna a instituição do batismo de imensa importância e cheia de significação.

Isto ensina-nos uma lição muito simples, mas ao mesmo tempo muito oportuna. No momento em que o coração deixa escapar a realidade do próprio Deus, não há possibilidade de pôr limite à sua decadência; encontra-se de caminho para as piores formas de idolatria. No parecer da fé, uma ordenação é somente válida à medida que transmite Deus, em poder vivo, à alma; isto é, enquanto a fé pode fruir Cristo por meio dela, segundo a Sua própria determinação. Além disso, não vale nada; e se ela, ainda que seja na mínima escala, se interpõe entre o coração e o Seu trabalho precioso e a Sua gloriosa Pessoa deixa de ser uma ordenação de Deus, para se tornar num instrumento do diabo. Segundo o juízo da superstição a ordenação é tudo, e Deus é deixado de fora; e o nome de Deus é somente usado para a enaltecimento e dar-lhe uma melhor posse do coração humano e uma influência poderosa sobre a mente. Foi assim que os israelitas adoraram a serpente de metal. Aquilo que havia sido um meio de bênção para eles, por ter sido usado por Deus, tornou-se, quando os seus corações deixaram o Senhor, um objeto de veneração supersticiosa; e Ezequias teve que quebrá-la em pedaços. Em si mesmo era apenas um "Nehustan",

mas quando usado por Deus era um meio da mais rica bênção. Ora a fé reconheceu que ela era aquilo que a revelação divina havia dito que era; porém a superstição, arremessando, como sempre faz, com a revelação divina ao largo, perdeu o verdadeiro propósito de Deus com o objeto, e com efeito, fez do próprio objeto um deus (2 Reis 18:4).

E, prezado leitor, não existe nisto uma lição profunda para os nossos dias? Creio que sim. Vivemos numa época de ordenações. A atmosfera, que envolve a igreja professa, está cheia de elementos duma religião tradicional, a qual rouba à alma Cristo e a Sua plena salvação. Não é que as tradições humanas neguem abertamente que existe a pessoa de Cristo ou a cruz de Cristo: se o fizessem os olhos de muitos podiam ser abertos. Mas, não é assim. O mal é de um caráter muito mais ímpio e perigoso. As ordenações são ajuntadas a Cristo e à Sua obra. E assim o pecador não é salvo somente por Cristo, mas por Cristo e as ordenações. Desta maneira ele é defraudado de Cristo completamente; porque, sem dúvida, ver-se-á que Cristo e as ordenações provarão, como consequência, ser ordenações e não Cristo. E um pensamento muito sério para todos os que professam uma religião de ordenações. "Se vos deixardes circuncidar Cristo de nada vos aproveitará" (G1 5:2). Tem que ser Cristo unicamente, ou nada. O diabo convence os homens de que honram Cristo sempre que se preocupam muito com as Suas ordenações; enquanto que, ao mesmo tempo, ele sabe muito bem que eles estão, na realidade, pondo Cristo inteiramente de parte, e divinizando as ordenações. Desejo repetir aqui uma observação que já fiz algures, a saber, que a superstição faz tudo da ordenação; a infidelidade, a profanidade e o misticismo, nada fazem dela; a fé usa-a segundo instruções divinas.

O Arco nas Nuvens

Mas alonguei-me com esta divisão do assunto muito mais do que eu tinha previsto. Terminá-la-ei, portanto, com um rápido olhar ao conteúdo do capítulo 9. Nele encontramos o novo concerto, sob o qual foi posta a criação, depois do dilúvio, juntamente com o sinal desse concerto. "E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra." Notemos que o mandamento de Deus, dado ao homem, à sua entrada na terra restaurada, era para repovoar a terra; não apenas partes da terra, mas a terra. Ele desejava que os homens se dispersassem sobre a face da terra, e não que confiassem nas suas energias concentradas. Veremos no capítulo 11 como o homem descuidou isto.

O temor do homem encontra-se agora gravado no coração de todas as demais criaturas. De aqui em diante o serviço prestado ao homem pelas ordens inferiores da criação deve ser o resultado constringido de "temor e receio". Na vida, e na morte, os animais inferiores tinham de estar ao serviço do homem. Toda a criação

é libertada, por meio do concerto eterno de Deus, do temor de um segundo dilúvio. O juízo nunca mais tomará esse aspecto. "Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio. Mas os céus e a terra, que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios" (2 Pe 3:6-7). A terra foi uma vez purificada com água, e será mais uma vez purificada pelo fogo; e desta segunda purificação ninguém escapará, salvo aqueles que se tiverem refugiado nAquele que passou pelas águas profundas da morte e enfrentou o fogo do juízo divino.

"E disse Deus: Este é o sinal do concerto..., o meu arco tenho posto na nuvem;... e me lembrarei do meu concerto." Toda a criação descansa, quanto à sua isenção de um segundo dilúvio, na estabilidade eterna do concerto de Deus, do qual o arco-íris é o testemunho; e é uma coisa feliz lembrarmo-nos que, quando aparece o arco, os olhos de Deus descansam sobre ele; e o homem é lançado, não na sua memória incerta e imperfeita, mas na de Deus. "Então", diz Deus, "me lembrarei". Como é bom pensar naquilo que Deus lembrará e naquilo que não lembrará! Ele lembrar-Se-á do Seu concerto, mas não Se lembrará dos pecados do Seu povo. A cruz, que retifica o primeiro, tira os últimos. A crença nisto dá paz ao coração aflito e à consciência preocupada.

"E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, aparecerá o arco nas nuvens." Belo e expressivo símbolo! Os raios de sol, refletidos por aquilo que ameaça juízo, tranquilizam o coração, falando do concerto de Deus, a salvação de Deus, e a recordação de Deus. Preciosos, preciosismos raios de sol, que recebem mais beleza das próprias nuvens que os refletem! Como este arco nos lembra, forçosamente, o Calvário! Ali vemos, na verdade, uma nuvem — uma nuvem negra, carregada, carregada com o juízo de Deus, despejando-se sobre a cabeça santa do Cordeiro de Deus —, uma nuvem tão negra, que até mesmo ao meio dia "houve trevas em toda a terra" (Lc 23:44). Mas, bendito seja Deus, a fé descobre na nuvem mais carregada que jamais houve o arco mais brilhante e belo que jamais apareceu, porque vê os raios brilhantes do amor eterno de Deus penetrando através da terrível obscuridade e refletidos na nuvem. Também ouve as palavras, "está consumado", vindo de entre as trevas, e nessas palavras reconhece a retificação dos desígnios eternos de Deus, não somente quanto à criação, mas acerca das tribos de Israel e a Igreja de Deus.

A Embriaguez de Noé

O último parágrafo deste capítulo apresenta-nos um espetáculo humilhante. O senhor da criação falhou em se governar a si próprio: "E começou Noé a ser lavrador da terra e plantou uma vinha. E bebeu do vinho e embebedou -se; e descobriu-se no meio de sua tenda." Que estado para Noé, o único homem justo, o pregador da justiça! Ah! o que é o homem? -! Vejamo-lo onde quer que for, e

veremos só fracasso. No Éden, falhou; na terra restaurada, falhou; em Canaã, falhou; na Igreja, ele falha e na presença da bem-aventurança do milênio, falhará: O homem falha em toda a parte, e em todas as coisas: nada há de bom nele. Quer as suas vantagens sejam grandes, os seus privilégios vastos, a sua posição agradável, ele só pode mostrar falha e pecado.

Devemos, contudo, pensarem Noé sob dois aspectos, a saber, como uma figura, e um homem e enquanto o símbolo é cheio de beleza e significado, o homem é cheio de pecado e loucura. Todavia, o Espírito Santo escreveu estas palavras: "Noé era varão justo e reto em suas gerações; Noé andava com Deus" (Gn 6:9). A graça divina tinha coberto todos os seus pecados, e vestido a sua pessoa com um manto imaculado de justiça. Apesar de Noé ter mostrado a sua nudez, Deus não a viu, porque não olhava para ele na fraqueza da sua própria condição, mas no pleno poder da justiça divina. Por isso podemos ver quão perdido se encontrava — totalmente alienado de Deus e dos Seus pensamentos — Cam, na carreira que adotou; evidentemente não conheceu nada da bem-aventurança do homem cuja iniquidade é perdoada e cujos pecados são cobertos; pelo contrário, Sem e Jafé mostram, com o seu procedimento, um exemplo perfeito do método divino de tratar com a nudez humana; pelo que herdaram uma bênção, enquanto que Cam herda uma maldição.

CAPÍTULO 10

OS TRÊS FILHOS DE NOÉ E SUA DESCENDÊNCIA

Ninrode e Babilônia

Esta parte do livro menciona as gerações dos três filhos de Noé, notando, especialmente, Ninrode, o fundador do reino de Babel, ou Babilônia, um nome que ocupa um lugar proeminente nas páginas inspiradas. Babilônia é um nome muito conhecido — uma influência bem conhecida. Desde o capítulo dez do Gênesis ao capítulo dezoito do Apocalipse, Babilônia aparece perante nós repetidas vezes e sempre como alguma decididamente hostil àqueles que ocupam, presentemente, a posição de testemunho público de Deus. Não é que devamos pensar na Babilônia do Velho Testamento como sendo idêntica com a Babilônia do Apocalipse. De modo nenhum. Creio que a primeira é uma cidade; a última, um sistema; porém tanto a cidade como o sistema exercem uma grande influência sobre o povo de Deus. Mal Israel tinha começado as guerras de conquista da terra de Canaã, quando "uma capa babilônica" lançou profanação e dor, derrota e confusão, nas suas hostes. É o primeiro relato que temos da influência perniciosa de Babilônia sobre o

povo de Deus; contudo qualquer estudante das Escrituras conhece o lugar que Babilônia ocupa através de toda a história de Israel.

Não é este o lugar para notar, em pormenor, as várias passagens nas quais a cidade é apresentada. Quero apenas frisar que, sempre que Deus tem um testemunho corporativo na terra, Satanás tem uma Babilônia para manchar e corromper esse testemunho. Quando Deus liga o Seu nome com uma cidade na terra, então Babilônica toma a forma de uma cidade; e quando Deus liga o Seu nome com a Igreja, então Babilônica toma a forma dum sistema religioso corrompido, chamado "a grande prostituta", "a mãe das abominações", etc. Em resumo, a Babilônica de Satanás é sempre vista como o instrumento moldado e talhado pela sua mão, com o propósito de impedir a operação divina, quer seja com o antigo Israel, quer com a Igreja agora.

Através de todo o Velho Testamento Israel e Babilônia são vistos, com efeito, em lugares opostos: quando Israel se encontra poderoso, Babilônia está em decadência; e quando Babilônia prospera, Israel está em declínio. Deste modo, quando Israel falhou inteiramente como testemunho do Senhor, "o rei de Babilônia lhe quebrou os ossos" (Jr 50:17), e anexou-o. Os vasos da casa de Deus, que deviam permanecer na cidade de Jerusalém, foram levados para a cidade de Babilônia. No entanto, Isaías, na sua profecia sublime, conduz-nos ao oposto de tudo isto: mostra-nos, em magníficas tons, um quadro em que a estrela de Israel se vê em ascendência, e Babilônia inteiramente submersa. "E acontecerá que, no dia em que o SENHOR vier a dar-te descanso do teu trabalho, e do teu tremor, e da dura servidão com que te fizeram servir, então, proferirás este dito contra o rei da Babilônia e dirás: Como cessou o opressor! A cidade dourada acabou!... Desde que tu caíste, ninguém sobe contra nós para nos cortar" (Is 14:3-8).

Isto quanto à Babilônia do Velho Testamento. Porém, quanto à Babilônia do Apocalipse, o leitor só tem que abrir os capítulos 17 e 18 desse livro para ver o seu caráter e fim. Ela é apresentada em contraste com a noiva, a esposa do Cordeiro; e quanto ao seu fim, é lançada como uma grande mó ao mar (18:21); depois do que temos as bodas do Cordeiro, com toda a sua bem-aventurança e glória.

Contudo, não pretendo prosseguir este assunto tão interessante aqui: apenas quis deitar-lhe uma vista de olhos em ligação com Ninrode. Estou certo de que o leitor se julgará plenamente recompensado, por qualquer incômodo que tiver em examinar, atenciosamente, todas as passagens, nas quais o nome de Babilônia é mencionado. Voltemos agora para o nosso capítulo.

"E Cuxe gerou a Ninrode; este começou a ser poderoso na terra. E este foi poderoso caçador diante da face do SENHOR; pelo que se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do SENHOR. E O princípio do seu reino foi Babel, e Ereque, e Acade, e Calné, na terra de Sinar." Aqui temos, pois, o caráter do fundador de Babilônia: foi "poderoso na terra", — "poderoso caçador diante da face do

SENHOR". Tal foi a origem de Babilônia; e o seu caráter, através de todo o Livro de Deus, corresponde a isso admiravelmente. E sempre apresentado como uma influência poderosa na terra, agindo em antagonismo positivo a tudo que deve a sua origem ao céu; e não é antes desta Babilônia ter sido inteiramente abolida que se ouve o grito, entre as hostes celestes, "Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-Poderoso reina" (Ap 19:6). Então toda a caçada poderosa de Babilônia terá acabado para sempre, quer seja a sua caça às feras, para as dominar; ou a sua caça às almas, para as destruir. Todo o seu poder, e toda a sua glória, toda a sua pompa e o seu orgulho, a sua riqueza e luxúria, a sua luz e alegria, e o seu brilho e resplendor, terão passado para sempre. Ela terá sido varrida com o espanador da destruição, e lançada nas trevas, no horror e desolação de uma noite eterna. "Até quando, Senhor?"

CAPÍTULO 11

A CONSTRUÇÃO DE BABEL

O Homem se Estabelece na Terra

Este capítulo é de profundo interesse para a mente espiritual. Registra dois grandes fatos, a saber, a edificação de Babel, e a chamada de Abraão, ou, por outras palavras, o esforço do homem para suprir as suas necessidades, e a provisão de Deus dada a conhecer à fé — a diligência do homem para se estabelecer na terra, e Deus chamando um homem dela, para ter a sua porção e o seu lar no céu.

"E era toda a terra de uma mesma língua, e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali... E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra."

O coração humano procura sempre um nome, uma parte, e um centro na terra. Nada sabe dos desejos quanto ao céu, do Deus do céu ou da glória do céu. Deixado entregue a si, encontrará sempre os seus fins neste mundo; edificará sempre "abaixo dos céus". São precisos a chamada de Deus, a revelação de Deus e o poder de Deus, para elevar o coração do homem acima deste mundo, pois o homem é uma criatura rasteira — alienado do céu, e ligado à terra. No quadro que agora temos perante nós não há reconhecimento de Deus, nem um olhar para cima nem esperança n'Ele; nem tão-pouco se tratou de pensamento do coração humano para fazer um lugar no qual Deus pudesse habitar — juntar materiais para a construção de um lugar para Ele. O Seu nome nunca é mencionado. Fazer um nome para si

próprio, foi o objetivo do homem na planície de Sinar; e tal tem sido o seu objetivo desde então.

Quer contemplemos o homem na planície de Sinar ou nos bancos do Tigre, vemos que ele é sempre na mesma criatura, independente, orgulhoso, e sem Deus. Existe uma consistência melancólica em todos os seus propósitos, nos seus princípios e caminhos; procura sempre pôr Deus de parte e exaltar-se a si próprio.

A verdade é que, seja qual for a luz a que olharmos para esta confederação Babilônica, é do maior interesse vê-la na primitiva manifestação do gênio e energias do homem, sem contar com Deus. Se olharmos para o decorrer da história humana, poderemos facilmente perceber uma tendência acentuada para confederação ou associação. O homem busca, a maior parte das vezes, alcançar os seus fins deste modo. Quer seja por meio da Filantropia, da Religião, ou da Política, nada pode ser feito sem uma associação de indivíduos regularmente bem organizados. E conveniente notarmos este princípio — bom frisarmos o começo da sua operação —, para vermos o modelo primitivo, que as páginas inspiradas nos dão duma associação humana, como a vemos na planície de Sinar, no seu plano, objetivo, intento, e malogro. Se olharmos em volta de nós, na atualidade, veremos o mundo cheio de associações. E inútil descrevê-las, visto que são tão numerosas como os propósitos do coração humano. Todavia é importante notar que a primeira de todas foi a associação de Sinar, organizada com o fim de promover os interesses humanos e exaltar o nome humano — propósitos estes que podem muito bem ser postos em competição com qualquer outro que chame a atenção deste século iluminado e civilizado. Porém, no parecer da fé, há nisso um grande defeito, a saber, Deus é deixado de fora; e procurar exaltar o homem, sem Deus, é exaltá-lo a um ponto estouvado, apenas para que possa ser lançado dali em confusão desesperada, e irreparável ruína. O cristão deve apenas conhecer uma associação, e esta é a Igreja do Deus vivo, unida pelo Espírito Santo, que veio do céu como testemunha da glorificação de

Cristo, para batizar os crentes num corpo, e constituí-los em lugar de habitação de Deus. Babilônia é o próprio oposto disto, em todo o sentido; e torna-se no fim, como sabemos, "morada de demônios" (Ap 18).

A Confusão das Línguas e a Intervenção da Graça

Então o Senhor disse: "Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e, agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade." Tal foi o fim da primeira tentativa do homem para se associar. Assim será até ao fim. "Alvorçai-vos, ó povos, e sereis

quebrantados; dai ouvidos, todos os que sois de longes terras: cingi-vos e sereis feitos em pedaços." (Is 8:9).

Quão diferente é quando Deus junta os homens! No capítulo 2 de Atos dos Apóstolos vemos o bendito Senhor vindo, em graça infinda, para encontrar o homem, nas próprias circunstâncias em que o pecado o havia posto. O Espírito Santo habilitou os mensageiros da graça a darem a sua mensagem na própria língua em que cada um havia nascido. Preciosa verdade esta, que Deus desejou alcançar o coração do homem com a doce história da graça! A lei dada do monte em fogo não foi assim promulgada. Quando Deus dizia o que o homem devia ser, falou só numa língua; mas quando dizia o que Ele Próprio era, falou em muitas línguas. A graça passou sobre a barreira que a vaidade e loucura do homem tinham dado causa a que fosse erguida, a fim de que cada homem pudesse ouvir e compreender as boas novas de salvação — "as obras maravilhosas de Deus". E com que fim? Precisamente para associar os homens sobre o terreno de Deus, em volta do centro de Deus e segundo os princípios de Deus. Era para lhes dar, na realidade, uma língua, um centro, um objetivo, uma esperança, uma vida. Era para os ajuntar de tal maneira que nunca mais fossem espalhados ou confundidos; para lhes dar um nome e um lugar que deveriam perdurar para sempre; para lhes edificar uma cidade e uma torre cujo topo não só chegaria ao céu, mas cujos fundamentos inabaláveis, lançados pela mão onipotente do próprio Deus, estariam no céu. Era para os ajuntar em volta da Pessoa gloriosa de um Cristo ressuscitado e exaltado, e uni-los a todos num grande desígnio de louvor e adoração.

Se o leitor abrir o Apocalipse, no capítulo 7, encontrará "todas as nações, e tribos, e povos e línguas", perante o Cordeiro, tributando-Lhe como uma mesma voz todo o louvor. Desta maneira as três Escrituras podem ser lidas com interessante e proveitosa ligação: em Gênesis 11 Deus dá várias línguas como uma expressão do Seu julgamento; em Atos 2 Ele dá várias línguas como expressão de graça; e em Apocalipse 7 vemos todas essas línguas reunidas em volta do Cordeiro, na glória. Quão melhor é, portanto, encontrarmos o nosso lugar na associação de Deus do que na do homem! A primeira acaba na glória, a última na confusão; aquela é conduzida pela energia do Espírito Santo, esta pela energia profana do homem pecador; uma tem como seu objetivo a exaltação de Cristo, a outra tem como seu alvo a exaltação do homem, de um ou de outro modo.

Por fim, direi que todos aqueles que, sinceramente, desejarem conhecer o verdadeiro caráter, objetivo, e fim das associações humanas, devem ler os primeiros versículos de Gênesis 11 ; e, por outro lado, todos quantos desejarem conhecer a excelência, a beleza, o poder e caráter duradouro da associação divina, devem olhar para essa corporação santa, viva e celestial, que é chamada, no Novo Testamento, a Igreja do Deus vivo, o Corpo de Cristo, a Noiva do Cordeiro.

Que o Senhor nos ajude a meditar e a compreender estas coisas no poder da fé; porque só deste modo poderão beneficiar as nossas almas. Os pontos de verdade, por muito interessantes que sejam; o conhecimento bíblico, por muito profundo e extensivo que seja; a crítica bíblica, por muito rigorosa e valiosa que possa ser, deixam o coração vazio e as afeições frias. Precisamos de achar Cristo nas Escrituras; e, tendo-O achado, devemos-nos alimentar d'Ele pela fé. Isto dará frescura, unção, poder, vitalidade, energia, e intensidade, coisas das quais necessitamos profundamente, nestes dias de frio formalismo. Qual é o valor duma ortodoxia fria sem um Cristo vivo, conhecido em todas as Suas atrações poderosas e pessoais? Sem dúvida, a sã doutrina é imensamente importante. Todo o servo fiel de Cristo sentir-se-á terminantemente chamado para guardar e conservar "o modelo das sãs palavras" (2 Tm 1:13). Mas, afinal, Cristo vivo é a própria alma, e vida, as juntas e medula, as capilares e artérias, a essência e substância da sã doutrina.

Possamos nós, pelo poder do Espírito Santo, ver mais beleza e preciosidade em Cristo, e assim sermos afastados do espírito e princípios de Babilônia.

Consideraremos, se o Senhor permitir, o resto do capítulo no capítulo subsequente.

CAPÍTULO 12

ABRAÃO E A TERRA DE CANAÃ

O livro de Gênesis ocupa-se, na sua maior parte, com a história de sete homens, a saber: Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó e José. Existe, não duvido, uma linha específica de verdade apresentada em ligação com cada um destes homens. Assim por exemplo, em Abel temos a grande verdade fundamental da aproximação de Deus por meio da expiação — expiação compreendida pela fé. Em Enoque temos a própria porção e esperança da família celestial; enquanto que Noé nos mostra o destino da família terrestre. Enoque foi levado para o céu antes do julgamento; Noé foi conduzido através do julgamento para uma terra restaurada. Desta maneira, temos em cada um o caráter distinto da verdade, e, como consequência, uma fase clara de fé. O leitor poderá prosseguir o assunto inteiramente em ligação com o capítulo 11 de Hebreus; e eu estou certo que encontrará muito interesse e proveito fazendo-o. Vamos prosseguir com a dissertação seguinte, a saber, a chamada de Abraão.

O Chamado de Abraão

Comparando os capítulos 12:1 e 11:31 com Atos 7:2-4, vemos uma verdade de valor prático para a alma. "O Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei." Tal foi a comunicação feita a Abraão — uma comunicação do mais definido caráter, destinada por Deus a atuar sobre o coração e a consciência de Abraão. "O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai, estando na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, e disse-lhe: Sai da tua terra e dentre a tua parentela e dirige-te à terra que eu te mostrar.

Então saiu da terra dos caldeus, e habitou em Harã. E dali, depois que seu pai faleceu, Deus o trouxe para esta terra em que habitais agora" (At 7:2-4). O resultado desta comunicação é apresentado no capítulo 11:31: "E tomou Tera a Abrão, seu filho, e a Ló, filho de Harã, filho de seu filho, e a Sarai, sua nora, mulher de seu filho Abrão, e saiu com eles de Ur dos Caldeus, para ir à terra de Canaã; e vieram até Harã, e habitaram ali... e morreu Tera em Harã."

De todas estas passagens concluímos que os laços da natureza impediram a resposta plena da alma de Abraão à chamada de Deus. Embora chamado para Canaã, contudo, demora-se em Harã, até que os laços da natureza sejam quebrados pela morte, e então, com passo decidido, toma o seu caminho para o lugar que "o Deus da glória" o havia chamado. Isto é cheio de significação. As influências da natureza são sempre hostis à plena realização e poder prático da "chamada de Deus". Somos tristemente propensos a tomar caminho mais baixo do que aquele que a chamada divina põe diante de nós. É necessária muita simplicidade e integridade de fé para habilitar a alma a elevar-se à altura dos pensamentos de Deus, e fazer nosso aquilo que Ele revela.

A oração do apóstolo Paulo (Ef 1:15-22) demonstra inteiramente como ele, por intermédio do Espírito Santo, teve a noção da dificuldade que a Igreja havia sempre de ter que lutar, para compreender "a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos"; porque, evidentemente, se falharmos em compreender a chamada, não poderemos "andar como é digno" dela. Eu devo saber para onde sou chamado, antes de poder ir para lá. Tivesse a alma de Abraão estado inteiramente sob o poder da verdade que "a chamada de Deus" era para Canaã, e que ali, também, estava a "sua herança", e ele não poderia ter ficado em Harã. E assim é conosco. Se formos conduzidos pelo Espírito Santo à compreensão da verdade que somos chamados com uma chamada celestial; que o nosso lar, a nossa porção, a nossa esperança e a nossa herança são de cima, "onde Cristo está à destra de Deus", nunca poderemos ficar satisfeitos por manter uma posição, buscar um nome, ou ter uma herança na terra. As duas coisas são incompatíveis; é este o verdadeiro modo de encarar o assunto. A chamada celestial não é um dogma vazio, uma teoria ineficaz, nem uma especulação tosca. Ou é uma realidade divina, ou não é absolutamente nada. A chamada de Abraão para Canaã era uma especulação?

Era uma simples teoria a respeito da qual ele podia falar ou argumentar, ao mesmo tempo que continuava em Harã? Não, seguramente. Era uma verdade, uma verdade divina, prática e poderosa. Ele fora chamado para Canaã, e Deus não podia, possivelmente, aprovar a sua demora noutra lugar. Foi assim com Abraão, e assim é conosco. Se quisermos ter a aprovação divina, e a presença divina, devemos procurar, pela fé, agir segundo a chamada divina. Quer dizer, devemos procurar atingir em experiência, na prática, e no caráter moral, o ponto para o qual Deus nos chamou, e esse ponto é a plena comunhão com Seu Filho — comunhão com Ele na Sua rejeição neste mundo, e na Sua aceitação no céu.

Porém, assim como no caso de Abraão foi a morte que quebrou o laço pelo qual a natureza o prendia a Harã, do mesmo modo, no nosso caso, é a morte que quebra o laço pelo qual a natureza nos liga a este mundo. Devemos compreender a verdade que morremos em Cristo, a nossa Cabeça e nosso Representante — que o nosso lugar na natureza, e no mundo, se encontra entre as coisas que eram —, e que a cruz de Cristo é para nós o que o Mar Vermelho foi para Israel, a saber, aquilo que nos separa, para sempre, da terra, da morte e julgamento. Só assim poderemos andar "como é digno da vocação com que fomos chamados" — a nossa chamada, santa, elevada e celestial —, a nossa "chamada de Deus em Cristo Jesus".

Os Dois Aspectos Essenciais da Cruz

Aqui, desejo falar, um pouco, da cruz de Cristo, nas suas duas grandes fases fundamentais, ou por outras palavras, a cruz como base da nossa adoração e do nosso discipulado, a nossa paz e o nosso testemunho, a nossa afinidade com Deus, e a nossa relação com o Mundo. Se, como pecador convicto, olho para a cruz do Senhor Jesus Cristo, vejo nela o fundamento eterno da minha paz. Vejo o meu "pecado" tirado, quanto ao seu princípio ou raiz, e vejo que os meus "pecados" foram lavados. Vejo como Deus é, na verdade, "por mim", e isso também, na própria condição em que a minha consciência me diz que estou. A cruz revela Deus como o Amigo do pecador. Revela-O nesse maravilhoso caráter de Justificador do mais ímpio pecador. A criação nunca poderia fazer isto. A providência nunca poderia consegui-lo. Nelas posso ver o poder de Deus, a Sua majestade e a Sua sabedoria: mas e se todas estas coisas fossem dispostas contra mim?— Vistas em si mesmas abstratamente teriam de sê-lo, porque eu sou pecador; e o poder, a majestade, e a sabedoria não podem tirar o meu pecado, nem justificar Deus por me receber.

A introdução da cruz, no entanto, altera o aspecto das coisas inteiramente. Nela vejo Deus tratando com o pecado de tal maneira que se glorifica a Si Próprio infinitamente. Ali vejo a manifestação magnificente e a harmonia perfeita de todos os atributos divinos. Vejo amor, amor tal que cativa e anima o meu coração, e afasta-o, na proporção em que o realizo, de qualquer outro objetivo. Vejo

sabedoria, e sabedoria tal que confunde os demônios e surpreende os anjos. Vejo poder, e poder tal que derruba toda a oposição. Vejo santidade, e santidade tal que repudia o pecado para o ponto mais distante do universo moral, e dá a expressão mais intensa de como Deus o detesta que jamais podia ter sido dada. Vejo graça, e graça tal que põe o pecador na própria presença de Deus — sim, põe-no no Seu seio. Onde poderia eu ver estas coisas senão na cruz? Em mais parte nenhuma. Para onde quer que olhemos não podemos encontrar nada que tão ditosamente combine esses dois pontos essenciais, a saber, "glória a Deus nas alturas", e "paz na terra".

Quão preciosa, portanto, é a cruz, nesta sua primeira fase como o fundamento da paz do pecador, a base da sua adoração, e do seu eterno parentesco com Deus, que é nela tão ditosa e gloriosamente revelado! Quão preciosa é para Deus, como um fundamento justo em que pode continuar com a manifestação das Suas perfeições imaculadas, e os Seus desígnios preciosos com o pecador! E tão preciosa para Deus que, como bem disse um autor recentemente, "Tudo quanto Ele tem dito — tudo que tem feito, desde o princípio, indica que ela sempre predominou em Seu coração. E não admira! O Seu Filho amado havia de ser suspenso ali, entre o céu e a terra, feito objeto de toda a vergonha e sofrimento que o homem e os demônios acumularam sobre Si, porque Ele amava fazer a vontade de Seu Pai, e redimir os filhos da Sua graça. Ela será o grande centro de atração, como a plena expressão do Seu amor, por toda a eternidade".

Por outro lado, como base do nosso discipulado prático e testemunho, a cruz requer a nossa mais profunda consideração. Neste aspecto, não preciso dizer, é tão perfeita como no primeiro. A mesma cruz que me liga com Deus separou-me do mundo. Um homem morto, acabou, evidentemente, para o mundo; e por isso o crente, tendo morrido com Cristo, acabou para o mundo; e tendo ressuscitado com Cristo, está ligado com Deus no poder de uma nova vida, uma nova natureza. Estando assim inseparavelmente unido com Cristo, ele participa da Sua aceitação com Deus, e na Sua rejeição pelo mundo. As duas coisas andam juntas. A primeira faz dele um adorador e cidadão do céu; a segunda torna-o uma testemunha e um estrangeiro na terra. Aquela leva-o a entrar dentro do santuário; esta lança-o fora do arraial. Uma é tão perfeita como a outra. Se a cruz se interpôs entre mim e os meus pecados, interpôs-se realmente do mesmo modo entre mim e o mundo. No primeiro caso, põe-me no lugar de paz com Deus; no segundo, coloca-me no lugar de hostilidade com o mundo, isto é, sob o ponto de vista moral; embora, noutra sentido, faça de mim a testemunha paciente, humilde, dessa graça eterna, preciosa, e insondável, que é revelada na cruz.

Todavia, o crente deve compreender, claramente, e fazer distinção entre estes dois aspectos da cruz de Cristo. Não deve professar gozar de um, enquanto recusar entrar no outro. Se os seus ouvidos estiverem atentos à voz de Cristo para além do

véu, devem estar prontos a ouvir também a Sua voz fora do arraial. Se tem a noção da expiação que a cruz consumou, deve também compreender a rejeição que, necessariamente, ela inclui. A expiação resulta da parte- que Deus teve na cruz; a rejeição da parte que o homem teve. É nosso privilégio não somente termos acabado com os nossos pecados, mas com o mundo também. Tudo isto se acha incluído na doutrina da cruz. Por isso o apóstolo podia dizer: "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu, para o mundo" (G1 6:14). Paulo via o mundo como uma coisa que devia ser pregada na cruz; e o mundo, tendo crucificado Cristo, crucificou tudo que Lhe pertencia. Por isso existe uma crucificação dupla, quanto ao crente a ao mundo; e se isto fosse bem compreendido mostraria a impossibilidade absoluta de jamais se misturarem as duas. Prezado leitor, ponderemos estas coisas honestamente e com oração; e que o Espírito Santo nos conceda capacidade para compreender o poder prático destes dois aspectos da cruz de Cristo.

Harã e os Impedimentos Familiares

Voltemos agora ao nosso assunto.

Não sabemos por quanto tempo Abraão se demorou em Haran; todavia Deus esperou graciosamente pelo Seu servo, até que, livre do obstáculo da natureza, ele pôde obedecer absolutamente à Sua ordem. Contudo, não houve adaptação dessa ordem às circunstâncias da natureza. Isto nunca dará resultado. Deus ama os Seus servos bem demais para os privar da bênção de completa obediência. Não houve novas revelações a Abraão durante o tempo da sua permanência em Haran. É bom notarmos este fato. Devemos agir segundo a luz comunicada, e então Deus dar-nos-á mais luz. "Aquele que tem se dará" (Mt 13:12). Este é o princípio de Deus. Ainda assim, devemos lembrar que Deus nunca nos arrastará ao longo do caminho do verdadeiro discipulado. Isto não estaria de conformidade com a excelência moral que caracteriza todos os caminhos de Deus. Ele não nos arrasta, mas atrai-nos ao longo do caminho que conduz à bem-aventurança inefável n'Ele Próprio; e se nós não vemos que é para nossa verdadeira vantagem quebrar todas as barreiras da natureza, a fim de respondermos à chamada de Deus, desprezamos as nossas próprias misericórdias. Mas, ah!, os nossos corações compreendem pouco disto! Começamos a calcular os sacrifícios, impedimentos, e as dificuldades, em vez de corrermos ao longo do caminho, em vivacidade de alma, como aqueles que conhecem e amam Aquele cuja chamada soou aos seus ouvidos.

Existe verdadeira bênção, para a alma em cada ato de obediência, pois a obediência é o fruto da fé; e a fé liga-nos a Deus e leva-nos a uma comunhão viva com Ele. Considerando a obediência à luz deste conhecimento, podemos ver sim dificuldade como é diferente, em todos os seus traços, do legalismo, O legalismo

põe o homem, com o fardo dos seus pecados, ao serviço de Deus, guardando a lei; por isso a alma é mantida em constante tortura, e, longe de correr no caminho da obediência, não dá sequer o primeiro passo. Pelo contrário, a verdadeira obediência é simplesmente a manifestação ou o fluxo de uma nova natureza comunicada em graça. A esta nova natureza Deus dá graciosamente preceitos para sua direção; e é certo que a natureza divina, guiada por preceitos divinos, nunca pode transformar-se em legalidade. O que constitui a legalidade é o ato da velha natureza tomar os preceitos de Deus e procurar praticá-los. Tentar regular a natureza humana caída, por meio da lei pura e santa de Deus, é tão inútil e absurdo quanto o pode ser qualquer coisa. Como poderia a natureza pecaminosa respirar uma atmosfera tão pura? Impossível. Tanto a atmosfera como a natureza devem ambas ser divinas.

A Fé, a Força Motriz da Alma

No entanto, o bendito Deus não somente transmite uma natureza divina ao crente, e guia essa natureza pelos Seus preceitos celestiais, como põe perante ela esperanças e expectativas apropriadas. Assim, no caso de Abraão, "O Deus da glória" apareceu-lhe. E com que fim? Para pôr diante da visão da sua alma um objetivo atraente — "uma terra que eu te mostrarei". Isto não era coação, mas atração. A terra de Deus era, no parecer da nova natureza — o juízo da fé —, muito melhor que Ur ou Harã; e embora ele nunca a tivesse visto a fé julgava valer a pena possuí-la, visto que era a terra de Deus; e, que era não apenas digna de ser possuída, mas também que valia a pena deixar todas as coisas presentes por ela. Por isso lemos, "Pela fé, Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu sem saber para onde ia" (Hb 11:8). Quer dizer, "andou por fé e não por vista". Embora não tivesse visto com os seus olhos, creu com o coração, e a fé tornou-se a grande mola real da sua alma. A fé descansa num terreno muito mais sólido do que a evidência dos nossos sentidos, isto é, a Palavra de Deus. Os nossos sentidos poderão enganar-nos, mas a Palavra de Deus nunca. Ora a verdade completa da natureza divina, juntamente com os preceitos que a orientam e as esperanças que a animam — o todo da doutrina divina respeitadamente a estas coisas — é completamente lançada fora pelo sistema do legalismo. O legalista ensina que devemos renunciar ao mundo a fim de ganharmos o céu. Mas como pode a natureza decaída renunciar àquilo com que está aliada? Como poderá ser atraída por aquilo em que não vê encanto? O céu não tem encantos para a natureza; na verdade é o último lugar onde ela gostaria de ser encontrada. A natureza não tem gosto pelo céu, pelas suas ocupações ou pelos seus habitantes. Se fosse possível ao homem natural encontrar-se ali, sentir-se-ia miserável. Por isso, a natureza não tem poder para renunciar ao mundo, nem desejo de ir para o céu. E verdade que teria muito gosto em escapar ao inferno e ao seu inexprimível tormento, à sua tristeza e miséria. Porém o desejo de escapar ao inferno, e o desejo

de chegar ao céu, partem de duas origens muito diferentes. Aquele pode existir na velha natureza;

este só pode ser encontrado na nova natureza. Se não houvesse "lago de fogo", nem "bicho" no inferno, a natureza não sentiria o seu terror. O mesmo princípio aplica-se a todos os desejos e ambições da natureza. O legalista ensina que devemos deixar o pecado antes de podermos obter justiça. Mas a natureza não pode largar o pecado; e quanto à justiça, odeia-a absolutamente. Verdade é que gosta de um pouco de religião; mas é apenas com a ideia de que a religião a guardará do fogo do inferno. Não ama a religião por ela introduzir a alma no gozo atual de Deus e dos Seus caminhos.

"O Evangelho da Glória do Deus Bendito"

Quão diferente e de todo este sistema miserável de legalismo, em cada uma das suas fases, "o evangelho da glória de Deus"! (1 Tm 1:11). Este evangelho revela-nos o Próprio Deus vindo ao mundo em graça perfeita e tirando o pecado pelo sacrifício da cruz; tirando-o, da maneira mais absoluta, sob a base da justiça eterna, porquanto Cristo sofreu por ele, tendo sido feito pecado por nós. E não somente Deus é visto tirando o pecado do mundo mas dando também uma nova vida — a própria vida de ressurreição de Seu Filho, exaltado, e glorificado —, vida que todo o verdadeiro crente tem, em virtude de estar ligado, nos desígnios eternos de Deus, com Aquele que foi pregado na cruz, mas está agora no trono da Majestade nas alturas. Esta natureza, como já acentuamos, é guiada graciosamente pelos preceitos da Palavra de Deus, aplicada com poder pelo Espírito Santo. Ele anima-a também apresentando-lhe esperanças indestrutíveis: revela, à distância, "a esperança da glória" — "uma cidade que tem fundamentos" —, "uma pátria melhor, isto é, a celestial" — as muitas moradas da casa do Pai, harpas e salvas de ouro —, e vestidos brancos, um reino que não pode falhar — ligação eterna com Ele próprio, nessas regiões de glória e luz, onde a dor e as trevas nunca poderão entrar — o inefável privilégio de ser conduzido, através dos séculos incontáveis da eternidade, "águas tranquilas, e verdes pastos" de amor redentor. Como tudo isto é diferente do conceito do legalista! Em vez de me mandar educar e dominar, por meio de dogmas de religião sistemática, uma natureza irremediavelmente corrompida, de maneira a que eu possa desse modo renunciar o mundo que amo, e alcançar um céu que detesto, Deus, em graça infinita, e com base no sacrifício de Cristo, concede-me uma natureza que pode gozar o céu, e o céu para essa natureza gozar; e, não somente o céu, mas Ele Próprio, a fonte infalível de toda a alegria do céu. Tal é o caminho excelente de Deus. Assim Ele tratou com Abraão. Assim tratou com Saulo de Tarso. Assim trata conosco. O Deus da glória mostrou a Abraão um melhor país do que Ur ou Harã: mostrou a Saulo de Tarso uma glória tão brilhante, que fechou os seus olhos para as glórias mais refulgentes da terra, e originou que

ele as considerasse todas "como esterco", para poder ganhar Aquele bendito Senhor que lhe havia aparecido, e cuja voz tinha falado ao mais íntimo da sua alma. Ele viu um Cristo celestial na glória; e, durante o resto da sua carreira, não obstante a fraqueza do vaso terrestre, Aquele Cristo celestial e essa glória celestial absorveram toda a sua alma.

Deus Responde à Fé de Abraão, porém Põe o Seu Servo à Prova

"E passou Abrão por aquela terra até ao lugar de Siquém, até ao Carvalho de Moré; e estavam, então, os Cananeus na terra". A presença dos Cananeus na terra de Deus havia necessariamente de ser uma prova para Abraão. Seria uma exigência para a sua fé e esperança, um exercício do coração e uma prova de paciência: tinha deixado Ur e Harã para trás e entrado no país do qual "o Deus da glória" lhe havia falado, e encontrou lá "os Cananeus". Porém encontrou lá também o Senhor. "E apareceu o Senhor a Abrão, e disse: A tua semente darei esta terra". A ligação entre os dois relatos é bela e tocante. "Os Cananeus estavam na terra", e para que os olhos de Abraão não fossem atraídos pelos Cananeus, os possuidores da terra, o Senhor aparece-lhe como Aquele que ia dar-lhe a terra e à sua semente para sempre. Assim Abraão toma o seu lugar elevado com Deus e não com os Cananeus. Isto é cheio de instrução para nós. Os Cananeus na terra são a expressão do poder de Satanás; porém, em vez de estarmos ocupados com o poder de Satanás para nos afastar da herança, nós somos chamados para compreender o poder de Cristo para nos introduzir na posse da herança. "Não temos que lutar contra carne e sangue,.. mas sim contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais" (Ef 6:12). A própria esfera para onde somos chamados é a esfera do nosso conflito. Deve isto aterrorizar-nos? De modo nenhum. Temos Cristo nela: um Cristo vitorioso, em Quem "somos mais do que vencedores". Por isso em vez de acedermos ao "espírito de temor", nós cultivamos o espírito de adoração. "E edificou ali um altar ao SENHOR, que lhe aparecera. E moveu-se dali para a montanha à banda do oriente de Betel e armou a sua tenda". O altar e a tenda dão-nos os dois grandes traços do caráter de Abraão: adorador de Deus e estrangeiro na terra — bem-aventurados característicos! Nada tendo no mundo, temos, todavia, tudo em Deus. Abraão não tinha "sequer onde pôr a planta do seu pé"; mas tinha Deus e isso era bastante.

Contudo, a fé tem as suas provas, bem como as suas respostas. Não deve pensar-se que o homem de fé, tendo sido empurrado para fora das circunstâncias, ache tudo simples e fácil. De modo nenhum. De vez em quando tem que enfrentar mar encapelado e céu carregado; todavia é tudo graciosamente destinado a levá-lo a uma experiência mais profunda do que Deus é para o coração que confia n'Ele. Se os céus nunca tivessem nuvens, e o oceano nunca se agitasse, o crente não conheceria tão bem o Deus com Quem tem de tratar; porque, enfim!, nós sabemos como o coração é propenso a confundir a paz das circunstâncias com a paz de

Deus. Quando todas as coisas correm agradavelmente — os nossos bens seguros, os negócios prósperos, os filhos e os servos conduzindo-se corretamente, a nossa casa confortável, e gozarmos de boa saúde, em suma, tudo à medida dos nossos desejos —, como somos propensos a confundir a paz que repousa sobre tais circunstâncias com aquela paz que o emana do conhecimento da presença de Cristo. O Senhor conhece isto, e portanto vem, de um ou outro modo, e sacode o apoio; isto é, se estivermos descansando nas circunstâncias, em vez de esperarmos n'Ele.

Por outro lado, somos frequentemente levados a julgar a retidão de uma carreira pela sua exceção às provações ou vice-versa. Isto é um grande erro. A carreira de obediência pode ser por vezes muito difícil para a carne e o sangue. Assim, no caso de Abraão, ele não foi apenas chamado para encontrar os Cananeus, no lugar para onde Deus o havia chamado, mas havia também "fome na terra". Devia ele portanto concluir que não estava no seu próprio lugar? Certamente que não. Isso seria julgar segundo as aparências, a própria coisa que a fé nunca faz. Sem dúvida, era uma grande prova para o coração, um enigma inexplicável para a natureza: mas para a fé era tudo claro e fácil. Quando Paulo foi chamado para a Macedônia, a primeira coisa que encontrou, por assim dizer, foi a prisão de Filipos. Isto para um coração que não estivesse em comunhão com Deus teria parecido um golpe mortal na sua missão. Porém, Paulo nunca pôs em dúvida a retidão da sua posição. Ele pôde cantar hinos a Deus no meio de tudo, certo de que tudo era precisamente como devia ser: e assim era; pois que nas prisões de Filipos estava um dos vasos da misericórdia de Deus, que não podia, humanamente falando, ter ouvido o evangelho se os seus pregadores não tivessem sido lançados no próprio lugar onde ele estava. O diabo foi, apesar do que é, o instrumento para mandar o evangelho aos ouvidos de um dos eleitos de Deus.

A Fome e o Egito

Ora, Abraão podia ter raciocinado da mesma maneira, com respeito à fome. Ele estava no próprio lugar onde Deus o tinha posto; e, evidentemente, não recebeu instruções para o deixar. Na verdade, a fome estava ali; e, além disso, o Egito ficava perto, oferecendo alívio da pressão; ainda assim o dever do servo de Deus era claro. E melhor morrer-se de fome em Canaã, se assim tiver de ser, do que viver na luxúria no Egito.

É muito melhor sofrer no caminho de Deus do que estar à vontade no de Satanás. E melhor ser-se pobre com Cristo do que rico sem Ele. Abraão teve "ovelhas, e vacas, e jumentos, e servos, e servas, e jumentas e camelos". Prova real, diria o coração natural, indubitavelmente, da retidão do passo que havia dado, descendo ao Egito. Mas, oh! ele não tinha altar — não havia comunhão com Deus. O Egito não era o lugar da presença de Deus. Abraão perdeu mais do que ganhou indo para lá. Este é sempre o caso. Nada pode compensar a perda da nossa comunhão com Deus.

A falta de opressão temporária, e o acesso às maiores riquezas, são apenas pobres equivalências daquilo que se perde por nos afastarmos, ainda que seja só a pontadum cabelo, do caminho reto da obediência. Como temos que acrescentar o nosso amém a isto! Quantos, com o fim de evitarem a provação e o exercício espiritual ligados com o caminho de Deus, se têm desviado para a corrente do presente século mau, e acarretado desse modo pobreza, tristeza e mágoa sobre as suas almas! Pode muito bem ser que tenham, para usar a frase que é muito vulgar, "feito dinheiro", aumentado os seus bens, conseguido os favores do mundo e que sejam "muito estimados" pelos seus Faraós, alcançando um nome e uma boa posição entre os homens. Porém, estas coisas são uma equivalência própria para a alegria em Deus, comunhão e liberdade de coração, uma consciência pura e tranquila, um espírito de louvor, um testemunho vigoroso e serviço eficaz? Ai daquele que pensa que sim! E contudo estas bênçãos incomparáveis têm sido, por vezes, vendidas por um pouco de bem-estar, alguma influência e dinheiro.

Prezado leitor, devemos vigiar contra a tendência de nos afastarmos do caminho estreito, todavia seguro, por vezes áspero e contudo sempre agradável, mas simples e sempre de obediência. Vigiem com zelo e rigor pela "fé e a boa consciência" (1 Tm 1:19), a qual não pode ser compensada por nada. Se vier a provação, devemos esperar em Deus, em vez de descermos ao Egito; e assim a provação, em vez de ser uma ocasião de tropeço, será uma oportunidade de obediência. Quando, somos tentados a seguir o curso do mundo, lembremo-nos d'Aquele "que se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus, nosso Pai" (G1 1:4). Se tal foi o Seu amor por nós, e era tal o Seu sentido do verdadeiro caráter deste presente século mau, que Se deu a Si Mesmo a fim de nos libertar dele, negá-Lo-emos lançando-nos outra vez naquilo de que a Sua cruz nos libertou? - Permita Deus que não! Que Deus nos guarde em Sua mão e à sombra das Suas asas, até vermos Jesus como Ele é, sermos semelhantes a Ele, andarmos e estarmos com Ele para sempre.

CAPÍTULO 13

A RESTAURAÇÃO DE ABRAÃO E SUA SEPARAÇÃO DE LÓ

Abraão Volta até o Lugar onde antes Estava a Sua Tenda

A abertura deste capítulo apresenta-nos um assunto do maior interesse para o coração, a saber, o verdadeiro caráter da restauração divina. Quando um filho de Deus tem, de qualquer modo, declinado no seu estado espiritual e perdido a sua comunhão corre o perigo, quando a consciência começa a trabalhar, de não

compreender a graça e ficar muito aquém da nossa própria marca da restauração divina. Ora nós sabemos que Deus faz todas as coisas de uma maneira inteiramente digna de Si. Quer seja na criação, redenção, conversão, restauração ou suprimento de necessidades, Ele só pode atuar como é digno do Seu caráter. O que é digno d'Ele é sempre e tão somente o Seu padrão de ação. Isto é uma verdade inefavelmente ditosa para nós, porquanto procuramos sempre "limitar o Santo de Israel"; e em nada somos tão propensos em O restringir como na Sua graça restauradora.

No caso que temos perante nós, vemos que Abraão não foi apenas libertado do Egito, mas trazido "ao lugar onde, ao princípio, estivera a sua tenda... até ao lugar do altar que, dantes, ali tinha feito; e Abrão invocou ali o nome do SENHOR". Nada pode satisfazer Deus, com respeito a um extraviado ou apóstata, senão a sua inteira restauração. Nós, na justiça própria dos nossos corações, podíamos pensar que uma tal pessoa devia ocupar um lugar mais baixo do que aquele que havia ocupado antes; e assim teria de ser, se fosse uma questão do seu mérito ou caráter; mas visto que é inteiramente uma questão de graça é prerrogativa de Deus estabelecer a regra da restauração; e a Sua regra é estabelecida na passagem seguinte: "Se voltares, ó Israel, diz o SENHOR, para mim voltarás" (Jr 4:1). É assim que Deus restaura e seria impróprio de Si fazê-lo de modo diferente. Ele ou não procederá à restauração, ou então restaurará de maneira a engrandecer e glorificar as riquezas da Sua graça. Assim o leproso depois de sarado era conduzido "à porta da tenda da congregação" (Lv 14:11). Quando o filho pródigo regressou ao lar paterno, assentou-se à mesa com o pai. Quando Pedro foi restaurado, pôde enfrentar os varões de Israel e dizer-lhes "...vós negastes o Santo e o Justo" (At 3:14) — a mesmíssima coisa que ele próprio tinha feito nas piores circunstâncias. Em todos estes casos, e em muitos outros mais que podíamos acrescentar, vemos a perfeição da restauração levada a efeito por Deus. Ele traz sempre a alma outra vez a Si, no pleno poder da graça e a plena confiança da fé. "Se voltares, ...para mim voltarás". Abraão veio "ao lugar onde, ao princípio, estivera a sua tenda".

Quanto ao efeito moral da restauração divina é profundamente prático. Se o legalismo consegue a sua resposta no caráter da restauração, o antinomianismo tira-a do seu efeito. A alma restaurada terá uma compreensão profunda e viva do mal de que foi libertada, e isto será evidenciado por meio de um espírito cioso, de oração, santo e prudente. Não somos restaurados para voltarmos a pecar mais levemente, mas antes para "não pecarmos mais". Quanto maior for a minha compreensão da graça da restauração divina, tanto mais intensa será também a minha apreciação da sua santidade. Este princípio é estabelecido e ensinado em toda a Escritura; mas principalmente em duas passagens muito conhecidas, a saber, Salmo 23:3, onde lemos: "Restaura(1) a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome"-, e em 1 João 1:9: "Se confessarmos os nossos

pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça." O caminho próprio para a alma divinamente restaurada é o das "veredas da justiça". Por outras palavras, tendo provado a graça divina, nós andamos em justiça. Falar de graça, enquanto se anda na injustiça é, como diz o apóstolo, "converter em dissolução a graça de Deus" (Jd 4). Se a graça reina pela justiça para a vida eterna (Rm 5:21), também se manifesta em justiça, no fluxo dessa vida. A graça que perdoa os nossos pecados purifica-nos de toda a injustiça. Estas coisas nunca devem ser separadas. Quando tomadas juntas dão-nos uma resposta vitoriosa para o legalismo e o antinomianismo do coração humano.

(¹) Versão inglesa "King James Version" e "Darby Translation" (N. do T.)

Ló

Contudo, houve uma prova mais profunda para Abraão do que a própria fome, isto é, a resultante da companhia de um que, evidentemente, não andava na energia da fé nem na compreensão de responsabilidade pessoal. Parece claro que Ló foi desde o princípio levado mais pela influência e exemplo de Abraão do que pela sua própria fé em Deus. Isto é um caso muito vulgar. Se olharmos para a história do povo de Deus, podemos ver facilmente como em todos os grandes movimentos produzidos pelo Espírito Santo determinados indivíduos se ligaram com eles sem que fossem pessoalmente participantes do poder que havia promovido o movimento. Tais pessoas podem continuar por algum tempo, quer seja como um peso morto sobre o testemunho, quer como um impedimento ativo sobre ele. Assim, no caso de Abrão, Deus chamou-o para deixar a sua parentela; mas ele levou a sua parentela consigo. Tera fê-lo demorar na sua viagem, até que a morte o tirou do caminho. Ló seguiu-o mais longe, até que "as ambições de outras coisas" (Mc 4:19) o venceram, e falhou inteiramente.

A mesma coisa vê-se no grande movimento da saída de Israel do Egito. "O vulgo, que estava no meio deles" causou muita profanação, fraqueza e dor: é o que lemos em Números 11:4: "o vulgo, que estava no meio deles, veio a ter grande desejo; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar e disseram: Quem nos dará carne a comerá" Da mesma maneira aconteceu também nos primeiros dias da Igreja; e não só então mas em todos os avivamentos que têm tido lugar até ao presente muitos têm sido induzidos por influências, que, não sendo divinas, mostraram ser evanescentes; e as pessoas assim induzidas cedem, mais tarde ou mais cedo, e encontram o seu próprio nível. Nada que não seja de Deus perdurará.

Precisamos de compreender o elo entre Deus e nós. Eu devo conhecer-me como um que foi chamado por Ele para a posição que ocupo, de contrário não terei estabilidade e não poderei mostrar consistência nela. De nada serve seguirmos no rasto de outros apenas porque é o seu trilho. Deus dará graciosamente a cada um o

trilho para seguir, uma esfera onde se mover, e uma responsabilidade a cumprir; e nós somos obrigados a conhecer a nossa chamada e o cargo dela, para que, pela Sua graça, ministrada diariamente às nossas almas, possamos trabalhar eficazmente para Sua glória. Não importa qual possa ser a nossa medida, desde que seja o que Deus nos tem dado. Podemos ter "cinco talentos" ou apenas "um"; contudo, se usarmos esse "um" com os olhos postos no Mestre, poderemos estar certos de ouvir dos Seus benditos lábios as palavras "bem está", como se tivéssemos usado os "cinco". Isto é animador. Paulo, Pedro, Tiago e João tinham cada um a sua aptidão peculiar: o seu ministério específico; e assim é com todos; ninguém precisa de interferir com outrem. Um carpinteiro tem a serra e a plaina, um martelo e um formão, e faz uso deles como necessita. Nada pode ser mais inútil do que a imitação. Se olharmos para as várias ordens da criação no mundo natural, não vemos imitação. Todas têm a sua própria esfera, a sua própria função. E se é assim no mundo natural, quanto mais no espiritual. O campo é bastante largo para todos. Em cada casa há vasos de vários tamanhos e feitios. O dono precisa deles todos. Devemos, portanto, prezado leitor, procurar ver se estamos andando segundo uma influência divina ou humana; se a nossa fé está posta na sabedoria do homem ou no poder de Deus; se estamos fazendo as coisas porque os outros as fazem, ou porque o Senhor nos chamou para as fazermos; se somos meramente fortalecidos pelo exemplo e influência do nosso semelhante ou sustentados pela fé em Deus. São interrogações sérias. É, sem dúvida, um privilégio desfrutarmos a comunhão dos nossos irmãos; porém se formos amparados por eles em breve fracassaremos. Do mesmo modo, se nos afastamos da nossa aptidão a nossa ação será forçada, desagradável, enfadonha e fora do natural. É muito fácil ver quando um homem está trabalhando no seu lugar e segundo a sua capacidade. A afetação, o disfarce e a imitação são desprezíveis em absoluto.

Por isso se não podemos ser grandes, sejamos honestos; e embora não possamos ser brilhantes, sejamos verdadeiros. Se uma pessoa vai além da sua altura sem saber nadar terá muito que estrebuchar. Se um barco se fizer ao mar sem lastro e em condições de navegar, será certamente arrojado para o porto ou perdido. Ló saiu de "Ur dos Caldeus", mas caiu nas planícies de Sodoma. A chamada de Deus não tinha tocado o seu coração, nem a herança de Deus enchido a sua visão.

Que pensamento solene! Ponderemo-lo seriamente! Bendito seja Deus, há um caminho para cada um dos Seus servos, ao longo do qual brilha a luz do Seu semblante, e andar nele deve ser o nosso principal gozo. A sua aprovação é bastante para o coração que O conhece. É verdade que nem sempre podemos inspirar a aprovação, e o assentimento dos nossos irmãos: podemos frequentemente ser mal compreendidos; porém não podemos evitar estas coisas. "O dia" aclarará todas estas coisas (1 Co 3:13) e o coração fiel pode alegremente

esperar por esse dia, sabendo que então "cada um receberá de Deus o louvor" (1 Co 4:5).

O Contraste entre a Fé de Abraão e a Conformidade com o Mundo de Ló Contudo, será bom vermos, especialmente, o que foi que deu lugar a que Ló se afastasse do caminho do testemunho público. Existe uma crise na história de cada homem em que será, indubitavelmente, revelado o fundamento em que ele descansa, quais os motivos por que é instigado, e quais os fins que o animam. Assim foi com Ló. Não morreu em Harã; mas caiu em Sodoma. A causa aparente da sua queda foi a contenda entre os seus pastores e os pastores de Abraão; porém o fato é que quando alguém não anda realmente com um motivo verdadeiro e afeições puras facilmente encontrará uma pedra para tropeçar. Se não a encontra numa ocasião, encontrá-la-á noutra. Se não a encontra aqui, achá-la-á acolá. Em certo sentido, pouco importa o que seja a causa aparente de se afastar; a verdadeira causa encontra-se oculta, longe da observação normal, nas câmaras íntimas dos afetos e desejos do coração, onde o mundo, de qualquer forma ou feitio, tem sido procurado.

A contenda entre os pastores podia facilmente ter sido resolvida sem prejuízo espiritual para Abraão ou Ló. Para aquele, na verdade, foi apenas uma ocasião para mostrar o poder formoso da fé e a elevação moral — o terreno celestial vantajoso, em que a fé sempre põe o seu possuidor. Mas para este foi uma ocasião de mostrar o mundanismo completo do seu coração. A contenda não produziu o mundanismo em Ló, do mesmo modo que não produziu a fé em Abraão: apenas mostrou, no caso de cada um, o que estava realmente nele.

Assim é sempre: controvérsias e divisões levantam-se na Igreja de Deus, e muitos tropeçam com isso, e são arrastados outra vez para o mundo, de um ou de outro modo. Então atribuem a culpa às controvérsias e divisões, ao passo que, a verdade é que estas coisas eram apenas os meios de revelar o verdadeiro estado da alma e a inclinação do coração. O mundo estava no coração e tinha de ser alcançado de uma ou de outra maneira; nem tão-pouco há muito de moral revelada em criticar os outros e as coisas, quando a raiz do mal se encontra no coração. Não é que a controvérsia e as divisões não sejam de lamentar profundamente; indubitavelmente que são. Ver irmãos envolvidos em contendas na presença dos Cananeus e dos Pereseus é, verdadeiramente, humilhante e lamentável. A nossa linguagem deve ser sempre, "Ora, não haja contenda entre mim e ti... porque irmãos somos". Todavia, porque não escolheu Abraão Sodoma? - Por que razão a contenda não o arrastou para o mundo? - Porque não foi uma ocasião de tropeço para ele? - Porque encarou o caso debaixo do ponto de vista de Deus. Sem dúvida, ele tinha um coração que podia ser atraído por "campinas bem regadas" tão forte como o de Ló; mas a verdade é que ele não permitiu que o seu coração escolhesse.

Primeiramente deixou que Ló fizesse a sua escolha, e então deixou que Deus escolhesse por ele. Isto era sabedoria celestial. É o que a fé sempre faz: permite que Deus determine a sua herança, assim como consente que Ele a faça boa. Satisfaz-se sempre com aquilo que Deus lhe dá. Pode dizer, "As linhas caem-me em lugares deliciosos: sim, coube-me uma formosa herança" (SI 16:6). Não importa onde "as linhas" caíam; porque, no parecer da fé, elas sempre caem "em lugares deliciosos", porque Deus deita-as para ali.

O homem de fé pode facilmente proporcionar ao homem que anda por vista que faça a sua escolha. Ele pode dizer, "...se escolheres a esquerda, irei para a direita; e, se a direita escolheres, eu irei para a esquerda". Que belo desinteresse e elevação moral temos aqui! E todavia que segurança! E certo que, estenda-se a natureza até onde quer que for, torne o seu alcance mais compreensível, a sua velocidade mais ousada, não existe nunca o mínimo perigo de deitar mão ao tesouro da fé. Procurará a sua parte por caminhos opostos. A fé deixa a sua herança num lugar que a natureza nunca pensaria verificar; e quanto à sua aproximação dela não poderia lá chegar, ainda que quisesse; e não quereria fazê-lo se pudesse. Por isso, a fé está perfeitamente segura, bem como maravilhosamente desinteressada, podendo permitir que a natureza faça a sua escolha.

Ló Escolhe a Campina

Que escolheu, então, Ló, quando lhe foi dada preferência?- Escolheu Sodoma. O próprio lugar que estava prestes a ser julgado. Mas como foi isto?- Porque escolher um tal lugar?- Porque olhou para as aparências e não para o caráter intrínseco e destino futuro. O caráter intrínseco era "ímpio". O seu destino era o julgamento para ser destruída por "fogo e enxofre do céu". Porém, pode dizer-se, "Ló não sabia nada disto". Talvez não, nem tão-pouco Abraão; mas Deus sabia; e se Ló tivesse permitido que Deus escolhesse a sua herança por ele, Ele certamente não teria escolhido um lugar que estava prestes a destruir. Mas ele não o fez. Fez juízo por si mesmo. Sodoma agradava-lhe, embora não agradasse a Deus. Os seus olhos cobiçaram "a campina, que era toda bem regada", e o seu coração foi atraído por ela.

"Armou as suas tendas até Sodoma".

Tal é a escolha da natureza! "Demas me desamparou, amando o presente século" (2 Tm 4:10). Ló desamparou Abraão pelo mesmo motivo. Deixou o lugar do testemunho e pôs-se no lugar do Juízo.

A Parte de Abraão

"E disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta, agora, os teus olhos e olha desde o lugar onde estás, para a banda do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; porque toda esta terra que vês te hei-de dar a ti e à tua semente, para

sempre". A "contenda" e a separação, longe de prejudicarem o estado espiritual de Abraão, revelaram, em compensação, os seus princípios celestiais e fortaleceram, na sua alma, a vida da fé. Além disso esclareceram as suas perspectivas e libertaram-no da companhia de um que só podia ser um peso morto para si. Assim tudo contribuiu para bem e produziu abundantes bênçãos. É, ao mesmo tempo, muito solene e animador notar que, afinal, os homens encontram sempre o seu próprio meio. Os que correm sem ser enviados caem, de um modo ou de outro, e regressam àquilo que professavam ter abandonado. Por outro lado, aqueles que são chamados por Deus e se apoiam n'Ele são, pela Sua graça, mantidos. A sua vereda "é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito" (Pv 4:18). Este pensamento deve manter-nos humildes, vigilantes e em oração. "Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia" (1 Co 10:12), porque "muitos primeiros serão derradeiros, e muitos derradeiros serão primeiros" (Mt 19:30). "Aquele que perseverar até o fim será salvo" (Mt 10:22), é um princípio que, seja qual for a sua aplicação, implica um amplo comportamento moral. Muitos barcos têm partido do porto com pompa e todas as velas alçadas, por entre aclamações, vivas, e perspectivas agradáveis de uma viagem feliz; mas, infelizmente, tempestades, ondas, escolhos, rochedos e bancos de areia, mudaram o aspecto das coisas; e a viagem, que começara com esperança, acabou em desastre. Refiro-me aqui apenas ao caminho do serviço e testemunho, e, de modo nenhum, à questão da aceitação eterna do crente em Cristo. Esta, bendito seja Deus, não descansa, de modo nenhum, em nós, mas n'Aquele que disse "...dou-lhes a vida eterna, e nunca hão-de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão". No entanto, não sabemos nós todos que muitos encetam algum serviço especial ou testemunho debaixo da impressão que são chamados por Deus para o fazer, e, depois de algum tempo, desistem"?- Indubitavelmente. E, além disso, muitíssimos empreendem a profissão de algum princípio especial de atividade, acerca da qual não foram divinamente ensinados ou cujas consequências tão-pouco consideraram na presença de Deus, e, como resultado inevitável, foram achados, depois de algum tempo, em transgressão aberta desses mesmos princípios. Tudo isto é lamentável e deve ser cuidadosamente evitado. Tende a enfraquecer a fé dos eleitos de Deus, e dá lugar a que os inimigos da verdade falem injuriosamente. Cada um deve receber a sua chamada e a sua comissão diretamente do Próprio Mestre. Todos os que Cristo chama para qualquer serviço especial mantê-los-á, infalivelmente, porque Ele nunca chamou ninguém para militar à sua própria custa. Porém se quisermos militar sem sermos enviados, não somente teremos que aprender a custa da nossa parvoíca, mas também de mostrá-la.

Todavia, isto não quer dizer que alguém possa apresentar-se como se fosse a personificação de qualquer princípio, ou um exemplo de algum carácter especial de serviço ou testemunho. Deus nos livre! Isto seria a maior tolice, e um conceito

vazio. É obrigação do ensinador mostrar a Palavra de Deus; e é dever do servo manifestar a vontade do Senhor; porém, enquanto isto é inteiramente compreendido e admitido, devemos sempre lembrar a necessidade profunda que há de contar-se com o custo, antes de decidirmos edificar uma torre, ou entrar a militar. Se isto fosse seriamente ponderado, haveria muito menos confusão e falha no nosso meio. Abraão foi chamado por Deus de Ur para Canaã, e por isso Deus conduziu-o pelo caminho. Quando Abraão se demorou em Harã, Deus esperou por ele; quando desceu ao Egito, Deus restaurou-o; quando precisou de orientação, Deus guiou-o; quando houve contenda e separação, Deus tomou conta dele; de maneira que Abraão somente tinha que dizer, "Oh! Quão grande é a tua bondade, que guardaste para os que te temem, e que tu mostraste àqueles que em ti confiam na presença dos filhos dos homens!" (SI 31:19). Abraão nada perdeu com o litígio. Ele tinha a sua tenda e o seu altar antes; e teve a sua tenda e o seu altar depois. "E Abrão armou as suas tendas, e veio, e habitou nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e edificou ali um altar ao SENHOR". LÓ podia escolher Sodoma; mas quanto a Abraão, ele buscou e achou tudo em Deus. Não havia altar em Sodoma. Enfim, todos quantos viajam nessa direção andam em busca de alguma coisa completamente diferente disso. Nunca é a adoração a Deus, mas o amor do mundo, que os leva ali, E ainda que consigam o seu objetivo, que é isso? Como acabai Deste modo: "E ele satisfez-lhes o desejo, mas fez definhar a sua alma"(Sl 106:15).

CAPÍTULO 14

LÓ É LIBERTADO POR ABRAÃO

A Manifestação de Amor Fraternal

Aqui é-nos feito o relato histórico da revolta de cinco reis contra Quedorlaomer e da batalha que se seguiu. O Espírito de Deus pode ocupar-Se dos movimentos de "reis e seus exércitos", quando tais movimentos são de qualquer maneira ligados com o povo de Deus. No caso presente, Abraão, pessoalmente, nada tinha a ver em absoluto com a revolta ou as suas consequências. A sua "tenda e o altar" não eram um motivo crível para uma declaração de guerra, nem tão-pouco para serem afetados pela luta ou seus resultados. A parte que pertence a um homem celestial nunca pode, de qualquer modo, tentar a cobiça nem excitar ambição de reis e conquistadores deste mundo.

Mas embora Abraão não fosse prejudicado pela luta de "quatro reis contra cinco", todavia Ló era. A sua posição era tal que o comprometia com todo o

acontecimento. Enquanto pudermos, pela graça, seguir no caminho da fé seremos afastados inteiramente do curso das circunstâncias deste mundo; porém se abandonarmos a nossa elevada e santa posição como aqueles cuja "cidade está nos céus", e buscarmos um nome, um lugar e um quinhão na terra, devemos esperar sofrer as consequências das convulsões e vicissitudes do mundo. Ló estabelecera a sua morada na campina de Sodoma, e foi, portanto, profundamente atingido pelas guerras de Sodoma. Sempre assim será. E uma coisa amarga e dolorosa para um filho de Deus imiscuir-se com os filhos deste mundo. Nunca poderá fazê-lo sem grave prejuízo para a sua própria alma, bem como para o testemunho que lhe está confiado.

Que testemunho deu Ló em Sodoma? Um testemunho muito fraco, na verdade, se é que deu algum testemunho. O próprio fato de se ter estabelecido ali foi o golpe mortal no seu testemunho. Ter dito uma palavra contra Sodoma e os seus caminhos teria sido condenar-se a si próprio, pois, por que razão estava ele ali? Mas, na verdade, não parece, de modo nenhum, que testemunhar de Deus fizesse parte do seu objetivo armando as suas tendas até Sodoma. Os interesses pessoais e familiares parecem ter sido o seu motivo principal de ação; e, embora, como Pedro nos diz, a sua alma justa fosse todos os dias afligida (2 Pe 2:8) pelo que via e ouvia sobre as suas obras injustas, ele tinha pouco poder para atuar contra o mal, na hipótese de estar disposto a fazê-lo.

É importante notarmos, debaixo do ponto de vista prático, que não podemos ser regidos por dois objetivos ao mesmo tempo. Por exemplo, eu não posso ter perante mim, como objetivos, os meus interesses mundanos e os interesses do evangelho de Cristo. Se me dirijo a uma cidade com o fim de tratar dos meus negócios, então, claramente, o negócio é o meu objetivo, e não o evangelho. Posso, sem dúvida, tencionar fazer as duas coisas, os negócios e pregar o evangelho também; mas durante todo o tempo, um ou o outro deve ser o meu objetivo. Não é que um servo de Cristo não possa eficazmente pregar o evangelho e tratar dos negócios também; claro que pode; mas, nesse caso, o evangelho será o seu objetivo, e não o negócio. Paulo pregava o evangelho e fazia tendas; mas o evangelho era o seu objetivo, e não a fabricação de tendas. Se eu fizer dos meus negócios o meu objetivo, a pregação do evangelho será em breve um trabalho formal e improdutivo; na verdade, será bom se não for usado para santificar a minha ambição. O coração é traiçoeiro! E é, muitas vezes, verdadeiramente, espantoso ver como ele nos engana quando desejamos alcançar alguma coisa. Dará, em abundância, as razões mais plausíveis; enquanto que os olhos do nosso entendimento estão tão cegos por interesses próprios, ou obstinação, que são incapazes de detectar a sua plausibilidade. Quantas vezes ouvimos pessoas defendendo a permanência numa posição, que admitem ser má, sob o argumento que desse modo desfrutavam uma melhor esfera de utilidade. A uma tal argumentação, Samuel dá uma resposta

poderosa e direta: "obedecer é melhor do que sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros" (1 Sm 15:22).

Qual dos dois pôde fazer mais bem, Abraão ou Ló? Não é a história destes dois homens uma prova indiscutível de que o meio mais eficaz de servir o mundo é ser-se fiel para com ele por meio da separação, e testificar contra ele?

Separação e Comunhão

Mas recorde-se que separação genuína do mundo só pode ser o resultado de comunhão com Deus. Eu posso excluir-me do mundo e constituir-me o centro do meu ser, à semelhança dum monge ou dum cínico; contudo, separação para Deus é uma coisa muito diferente. Uma esfria e contrai-se, a outra aquece e expande. Aquela lança-nos sobre nós próprios; esta faz-nos sair em atividade e amor pelos outros. A primeira faz da personalidade e dos seus interesses o nosso centro; a última faz de Deus e a Sua glória o nosso centro. Assim, no caso de Abraão, vemos que o próprio fato da sua separação habilitou-o a prestar um serviço eficaz àquele que se havia metido em dificuldades pelos seus caminhos mundanos. "Ouvindo, pois, Abrão que o seu irmão estava preso, armou os seus criados, nascidos em sua casa, trezentos e dezoito, e os perseguiu até Dã... e tornou a trazer toda a fazenda e tornou a trazer também a Ló, seu irmão, e a sua fazenda, e também as mulheres, e o povo". Ló era, afinal, irmão de Abraão; e o amor fraterno deve atuar. "Na angústia nasce o irmão" (Pv 17:17); e acontece muitas vezes que uma época de adversidade suaviza o coração, e torna-o susceptível de amabilidade, até mesmo para com aqueles de quem nos tenhamos separado; e é notável que, enquanto lemos no versículo 12 que "tomaram a Ló, filho do irmão de Abrão", no versículo 14 lemos, "ouvindo, pois, Abrão que o seu irmão estava preso". As exigências da aflição de um irmão são atendidas pela afeição do coração dum irmão. Isto é divino. A fé verdadeira, ao mesmo tempo que nos torna sempre independentes, nunca nos torna indiferentes. Nunca se agasalha no seu manto, enquanto um irmão sente arrepios de frio. Existem três coisas que a fé faz: "purifica o coração", "age por amor" e "vence o mundo"; e todos estes resultados da fé são admiravelmente apresentados em Abraão, nesta ocasião. O seu coração estava purificado das abominações de Sodoma; ele mostrou amor verdadeiro por seu irmão Ló; e, finalmente, ficou completamente vitorioso sobre os reis. Tais são os frutos preciosos da fé, esse princípio celestial, honroso para Cristo.

O Rei de Sodoma e Melquisedeque

Todavia, o homem de fé não está livre dos assaltos do inimigo; e acontece com frequência que imediatamente após uma vitória encontra-se uma nova tentação. Assim aconteceu com Abraão. "O rei de Sodoma saiu-lhes ao encontro, (depois que voltou de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele)". Havia,

evidentemente, um intento insidioso do inimigo nesta atitude. "O rei de Sodoma" apresenta um pensamento muito diferente e mostra uma fase muito diversa do poder do inimigo daquela que temos em Quedorlaomer e os reis que estavam com ele. No primeiro caso vemos o silvo da serpente; no segundo o rugido do leão; mas quer fosse a serpente ou o leão, a graça de Deus era amplamente bastante; e esta graça era o mais apropriada possível para o seu servo no momento exato de necessidade. "E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho e era este sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abraão do Deus altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra; e bendito seja o Deus altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos." Aqui, vemos em primeiro lugar o ponto especial em que Melquisedeque entra em cena; e, em segundo lugar, o efeito duplo do seu ministério. Ele não apareceu quando Abraão foi em perseguição de Quedorlaomer, mas quando o rei de Sodoma foi atrás de Abraão. Isto faz uma grande diferença moral. Um caráter mais profundo de comunhão era necessário para enfrentar o maior aspecto do conflito.

E, depois, "quanto ao ministério, o "pão e o vinho" animaram o espírito de Abraão, depois do seu conflito com Quedorlaomer; ao passo que a bênção preparou o seu coração para o conflito com o rei de Sodoma. Abraão era um vencedor, e todavia estava prestes a ser um contendor, e o sacerdote real animou o espírito do vencedor e fortificou o coração do combatente.

E particularmente agradável observar a maneira como Melquisedeque apresenta Deus aos pensamentos de Abraão. Fala d'Ele como "O Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra"; e, não somente isto, mas declara Abraão "bendito" do mesmo Deus. Isto era efetivamente prepará-lo para o encontro com o rei de Sodoma. Um homem que era "bendito" de Deus não precisava de tomar coisa alguma do inimigo; e se "O Possuidor dos céus e da terra" enchia a sua visão, "os bens" de Sodoma podiam ter apenas pouca sedução. Por isso, como podia esperar-se, quando o rei de Sodoma faz a sua proposta: "Dá-me a mim as almas e a fazenda toma para ti", Abraão responde: "Levantei minha mão ao SENHOR, O Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra, e juro que desde um fio até à correia dum sapato, não tomarei coisa alguma de tudo o que é teu; para que não digas: Eu enriqueci a Abraão". Abraão recusa ser enriquecido pelo rei de Sodoma. Como poderia ele pensar em libertar Ló do poder do mundo, se ele próprio fosse governado por ele? O único meio de libertar outro é eu próprio estar inteiramente libertado. Enquanto eu permanecer no fogo é-me de todo impossível tirar alguém dele. O caminho de separação é o caminho de poder, assim como e o caminho da paz e bem-aventurança.

O mundo, nas suas várias fases, é o grande instrumento que Satanás usa, com o fim de enfraquecer as mãos, e alienar o afeto dos servos de Cristo. Porém, bendito seja Deus, quando o coração Lhe é fiel, Ele vem sempre para animar, fortalecer e

fortificar, no momento oportuno. "Quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é perfeito para com ele" (2 Cr 16:9). Isto é uma verdade animadora para os nossos corações tímidos, duvidosos e vacilantes. Cristo será a nossa força e escudo. Ele cobrirá a nossa cabeça no dia da batalha (SI 140:7); "adestra as nossas mãos para a peleja e os nossos dedos para a guerra" (SI 144:1); e por fim... esmagará em breve Satanás "debaixo dos nossos pés" (Rm 16:20). Tudo isto é consolador para o coração ansioso por fazer guerra ao "mundo, a carne e o diabo". Que o Senhor guarde os nossos corações fiéis a Si no meio da cena ardilosa que nos rodeia.

CAPÍTULO 15

O SENHOR FAZ UM PACTO COM ABRAÃO

"Eu Sou o Teu Escudo, o Teu Galardão"

"Depois destas coisas veio a Palavra do SENHOR a Abrão em visão, dizendo: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão." O Senhor não quis que o Seu servo fosse prejudicado rejeitando as ofertas deste mundo. Foi infinitamente melhor para Abraão encontrar-se abrigado atrás do escudo do Senhor do que tomar refúgio sob a proteção do rei de Sodoma e ter antecipado "o seu grandíssimo galardão", em vez de aceitar "a fazenda" de Sodoma. A posição que Abraão ocupa no primeiro versículo deste capítulo é admiravelmente expressiva da posição na qual a alma é introduzida pela fé de Cristo. O Senhor era o seu "escudo", para que ele pudesse descansar n'Ele, e o seu "galardão" para que pudesse esperar n'Ele. Assim é agora com o crente: ele acha a sua paz, o seu descanso e a sua segurança em Cristo. Nenhuma flecha do inimigo pode penetrar o escudo que protege o crente mais fraco em Jesus.

E quanto ao futuro, Cristo preenche-o. Precioso quinhão! Preciosa esperança! Uma parte que nunca poderá ser esgotada: uma esperança que nunca nos envergonhará. Estão ambas infalivelmente seguras pelos desígnios de Deus e a expiação de Cristo. A sua posse presente é por meio do Espírito Santo que habita em nós. Sendo este o caso, é evidente que se o crente seguir uma carreira mundana, ou se entregar a desejos mundanos ou carnisais, não pode possuir o "escudo" nem o "galardão". Se o Espírito Santo for enrustecido não dará o gozo daquilo que é a nossa porção — a nossa própria esperança. Por isso mesmo, nesta parte da história de Abraão, vemos que quando ele voltou da matança dos reis, e rejeitou a oferta do rei de Sodoma, o Senhor revelou-Se à sua alma no caráter duplo como o seu "escudo e o seu

grandíssimo galardão". Que o coração pondere isto, pois que encerra um volume de verdade prática. Examinemos agora o resto do capítulo.

Filho e Herdeiro

Nele vemos o desenrolar dos dois grandes princípios de filiação e direito de sucessão. "Então disse Abraão: Senhor Jeová, que me hás de dar, pois ando sem filhos, e o mordomo da minha casa é o Damasceno Eliézer? - Disse mais Abrão: Eis que me não tens dado semente, e eis que um nascido na minha casa será o meu herdeiro." Abraão desejava um filho, pois sabia, de fonte divina, que a sua "semente" herdaria a terra (capítulo 13:15). A filiação e sucessão acham-se inseparavelmente ligadas nos pensamentos de Deus: "...aquele que de ti será gerado, esse será o teu herdeiro." A filiação é a base de todas as coisas; e, além disso, é o resultado do desígnio soberano e da operação de Deus, como lemos em Tiago 1:18, "segundo a sua vontade, ele nos gerou". Em conclusão, é baseada no princípio eterno de ressurreição. Como poderia ser de outra formai O corpo de Abraão estava "morto"; pelo que, no caso, como em qualquer outro, a filiação tem que ser no poder da ressurreição. A natureza está morta e não pode conceber nem gerar nada para Deus. Ali estava a herança estendendo-se perante os olhos do patriarca, em todas as suas magnificentes dimensões, mas onde estava o herdeiro? O corpo de Abraão e o ventre de Sara respondiam ambos "morte". Mas Jeová é o Deus da ressurreição, e, portanto, um "corpo morto" era a coisa mais apropriada para agir. Não estivesse a natureza morta e Deus tê-la-ia dado à morte antes de poder revelar-Se inteiramente. A cena mais agradável para o Deus vivo é aquela da qual a natureza, com todos os seus poderes de ostentação e pretensões vazias, foi inteiramente expulsa pela sentença da morte. Portanto, a Palavra de Deus a Abrão foi: "Olha, agora, para os céus, e conta as estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua semente". Quando o Deus da ressurreição enche a visão não há limite para a bênção da alma, porque Aquele que pode vivificar os mortos, pode fazer tudo.

A Fé de Abraão

"E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça." A atribuição da justiça a Abraão é, aqui, fundada sobre a sua crença no Senhor como Aquele que vivifica os mortos. É neste carácter que Ele Se revela no mundo onde reina a morte; e quando a alma crê n'Ele, como tal, isso é-lhe contado por justiça à Sua vista. Isto necessariamente põe o homem de lado, no tocante à sua cooperação, pois que poderá ele fazer no meio de uma cena de morte*? - Acaso pode ele ressuscitar os mortos? - Pode abrir as portas da sepultura? - Pode libertar-se a si próprio do poder da morte e sair em vida e liberdade para além dos limites do seu império funesto? - Indubitavelmente que não. Pois bem, se não pode fazer nada disto, não pode

conseguir a justiça, nem tão-pouco dar-se a si próprio o lugar de filho. "Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos" (Mt 22:32), e, portanto, visto que o homem se encontra debaixo do poder da morte e sob o domínio do pecado não pode conhecer a posição de filho —nem a condição de justiça. Assim, só Deus pode conceder a adoção de filhos, e somente Ele pode imputar a justiça, e tanto uma coisa como a outra estão ligadas com a fé n'Ele como Aquele que ressuscitou Cristo de entre os mortos.

E desta maneira que o apóstolo trata da questão da fé de Abraão, em Romanos 4:23-24, onde, diz ele: "Ora, não só por causa dele está escrito que lhe fosse tomado em conta, mas também por nós, a quem será tomado em conta, os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus, nosso Senhor". Aqui o Deus da ressurreição é-nos apresentado como o objeto da fé, e a nossa fé n'Ele é vista como o único fundamento da nossa justiça. Se Abraão tivesse olhado para o firmamento, ornado de inumeráveis estrelas, e então atentasse "para o seu próprio corpo já amortecido" (Rm 4:19), como poderia compreender a ideia de uma semente tão numerosa como essas estrelas? Impossível. Porém, ele não atentou para o seu próprio corpo, mas para o poder do Deus de ressurreição, e, visto que esse era o poder que havia de produzir a semente, podemos ver facilmente que as estrelas do céu e a areia na praia do mar são, na verdade, apenas figuras fracas; pois que objeto natural poderia, possivelmente, exemplificar o efeito desse poder que ressuscita os mortos?

Assim também, quando um pecador ouve as boas novas do evangelho, se olhasse para a luz imaculada da presença divina, e então atentasse para as profundezas desconhecidas da sua natureza pecaminosa, bem poderia exclamar, como poderei jamais chegar ali?— Como poderei jamais ser digno de habitar nessa luz?— Onde está a resposta?— Nele mesmo? Não, graças a Deus, mas n'Aquele bendito Senhor que foi do seio do Pai até à cruz e à sepultura, e dali para o trono, enchendo assim, na Sua Pessoa e obra, o espaço compreendido entre esses dois extremos. Não pode haver nada mais elevado do que o seio de Deus — o lugar eterno de habitação do Filho; e nada mais baixo do que a cruz e a sepultura; mas — verdade espantosa! — encontramos Cristo em todos esses lugares. Eu encontro-O no Seio do Pai, e encontro-O na sepultura. Ele entrou na morte a fim de poder deixar atrás de Si, no pó dela, o peso completo dos pecados e das iniquidades do Seu povo. Cristo, na Sepultura, mostra o fim de tudo que é humano — o fim do pecado — o limite máximo do poder de Satanás. A Sepultura de Jesus é o termo de tudo. Porém, a ressurreição conduz-nos para além desse fim e constitui a base eterna na qual a glória de Deus e a bênção do homem repousam para sempre. No momento em que o olhar da fé repousa num Cristo ressuscitado, há uma resposta triunfal a todas as interrogações quanto ao pecado, o juízo, a morte e a sepultura. Aquele que enfrentou, divinamente, tudo isto está vivo de entre os mortos; e tomou o Seu

lugar nos céus à destra da Majestade; e, não somente isto, mas o Espírito desse Senhor ressuscitado e glorificado constitui o crente num filho. O crente é vivificado por meio da sepultura de Cristo; como lemos, "...quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoado-vos todas as ofensas (Cl 2:13).

Filhos e Filhas pela Graça

Portanto, a filiação, sendo fundada na ressurreição, acha-se ligada com a justificação — perfeita justiça —, perfeita liberdade de tudo que podia, de qualquer modo, ser contra nós. Deus não podia ter-nos na Sua presença com o nosso pecado sobre nós. Ele não poderia permitir uma simples mancha ou nódoa de pecado sobre os Seus filhos e filhas. O pai não pôde ter o pródigo à sua mesa com os andrajos do país distante sobre ele. Podia sair de casa para o encontrar andrajoso. Podia lançar-se-lhe ao pescoço e beijá-lo, estando ele ainda com esses andrajos. Era digno e admiravelmente típico da sua graça fazer assim; mas assentá-lo à sua mesa com os seus andrajos nunca poderia ser. A graça que fez sair o pai para se encontrar com o pródigo reina por meio da justiça que trouxe o pródigo ao pai. Não teria sido graça se o pai tivesse esperado que o filho se atviasse com as vestes da sua própria aquisição; e não teria sido justo trazê-lo para casa nos seus andrajos; porém a graça e a justiça brilharam em todo o seu respectivo esplendor e beleza quando o pai saiu e se lançou ao pescoço do pródigo; contudo, isso não lhe deu um lugar à mesa até ele estar vestido e ataviado duma maneira apropriada a essa alta e feliz posição. Deus, em Cristo, desceu ao grau mais baixo da condição moral do homem, para que, inclinando-se, pudesse elevar o homem ao grau mais elevado de bem-aventurança, em comunhão Consigo. De tudo isto deduz-se que a nossa filiação, com todos os seus consequentes privilégios e dignidade, não depende absolutamente de nós. Temos precisamente tanto que fazer nesse sentido como o corpo amortecido de Abraão e o ventre amortecido de Sara tinham que ver com uma semente tão numerosa como as estrelas que ornamentam os céus, ou como a areia na praia. É tudo obra de Deus. Deus o Pai delineou o plano; Deus o Filho lançou o fundamento; e Deus o Espírito Santo levantou a superestrutura; e sobre esta superestrutura lê-se a inscrição, "PELA GRAÇA, PELA FÉ, SEM AS OBRAS DA LEI".

Herança e sofrimentos

Mas em seguida o capítulo apresenta-nos outro assunto muito importante, a saber, o direito de sucessão. Havendo sido estabelecida a questão de filiação e justificação — e incondicionalmente estabelecida —, o Senhor disse a Abraão: "Eu sou o SENHOR, que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te a ti esta terra, para a herdares". Aqui temos a grande questão do direito de sucessão e do caminho

peculiar que os herdeiros escolhidos devem trilhar antes de alcançarem a herança prometida. "E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados." O nosso caminho para o reino encontra-se através do sofrimento, aflições e tribulações; mas, graças a Deus, nós podemos dizer pela fé: "...as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (Rm 8:17-18). Mais ainda, sabemos que "a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória muito excelente" (2 Co 4:17). E finalmente "também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência, e a experiência, a esperança" (Rm 5:3-4). É uma grande honra e um privilégio verdadeiro sermos autorizados a beber do cálix do nosso bendito Mestre, e sermos batizados com o Seu batismo; para viajarmos em bem-aventurada companhia com Ele ao longo da estrela que conduz diretamente à gloriosa herança. O Herdeiro e os co-herdeiros alcançam a herança pelo caminho do sofrimento.

Cristo Sofreu por nós

Mas não se esqueça que o sofrimento de que os co-herdeiros participam não tem elemento penal em si. Não é o sofrimento às mãos da justiça infinita, por causa do pecado; tudo isso foi plenamente julgado na cruz, quando a vítima divina curvou a Sua sagrada cabeça debaixo do golpe. "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados" (I Pe 3:18), e essa "vez" foi na cruz e em nenhuma outra parte. Ele nunca sofreu pelos pecados antes, e nunca mais poderá sofrer pelos pecados, "...mas, agora, na consumação dos séculos (o fim de toda a carne) uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9:26). "Cristo ofereceu-se uma vez" (Hb 9:28).

Há dois modos de encarar os sofrimentos de Cristo: primeiro, como moído por Jeová; segundo, como rejeitado pelos homens. No primeiro caso, Ele esteve só; no último, nós temos a honra de estar associados com Ele. No primeiro caso, repito, Ele estava só, pois quem poderia estar com Ele? Ele suportou a ira de Deus, sozinho; desceu em solidão ao "vale áspero que nunca foi lavrado nem semeado" (Dt 21:4), e onde liquidou, para sempre, a questão dos nossos pecados. Com isto nada tivemos a fazer, embora sejamos devedores a isso eternamente de tudo. Ele combateu o combate e ganhou a vitória, sozinho; mas divide os despojos conosco. Ele esteve em solidão no "lago horrível, um charco de lodo" (SI 40:2), mas diretamente pôs os Seus pés na "rocha" eterna da ressurreição, e associa-nos com Ele. Ele soltou o brado, sozinho; mas canta o novo cântico rodeado de companhia (SI 40:2-3).

Sofrer com Cristo

Ora a questão é esta: recusaremos nós sofrer às mãos do homem com Aquele que sofreu às mãos de Deus por nós? Que é, em certo sentido, uma interrogação, é evidente, devido ao uso constante que o Espírito faz da palavra "se", em ligação com ela. "Se é certo que com Ele padecemos" (Rm 8:17). "Se sofreremos, também com Ele reinaremos" (2 Tm 2:12). Não existem tais condições quanto à filiação. Nós não alcançamos a alta dignidade de filhos por meio do sofrimento, mas somente pelo poder vivificador do Espírito Santo, baseado na obra consumada de Cristo, segundo o conselho eterno de Deus, o qual nunca poderá ser alterado. Não entramos na família pelo sofrimento; isto se aplica somente ao reino, e Paulo diz aos tessalonicenses: "para que sejais havidos por dignos do Reino de Deus, pelo qual também sofreis" (2 Ts 1:5). Os tessalonicenses já faziam parte da família; porém tinham por destino o reino, e o caminho que conduz ao mesmo passa através dos sofrimentos. E mais, a medida de seu sofrimento pelo reino iria corresponder ao nível de sua devoção e de sua conformidade com o Rei. Quanto mais nos assemelharmos a Ele, tanto mais sofreremos com Ele; e quanto mais profunda for a nossa comunhão com Ele no sofrimento, tanto maior será a nossa comunhão em glória. Existe uma diferença entre a casa do Pai e o reino do Filho: a primeira é uma questão de capacidade como filhos; esta última é questão de uma posição conferida. Todos os meus filhos podem sentar-se ao redor da minha mesa, porém o seu gozo da minha companhia e conversação dependerá inteiramente da sua medida de capacidade. Um pode estar sentado nos meus joelhos, no pleno gozo da sua relação comigo, qual criança, sem que seja capaz de compreender uma palavra que eu diga; outro pode mostrar inteligência singular na conversação, e contudo não ser um fio mais feliz na sua comunhão do que o menino nos meus joelhos. No entanto quando se trata do serviço que os filhos sejam capazes de fazer, ou de sua identificação pública, é, evidentemente, outra coisa muito diferente. Esta comparação dá apenas uma fraca ideia de capacidade na casa do Pai e da posição que nos é conferida no reino do Filho.

Porém não se esqueça que o nosso sofrimento com Cristo não é um jugo de escravidão, mas um assunto de privilégio; não é uma regra de ferro, mas um dom gracioso; não é servidão constrangida, mas devoção voluntária. "Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele" (Fp 1:29). Além disso, não resta dúvida de que o segredo verdadeiro do sofrimento por Cristo é ter as afeições do coração centralizadas n'Ele. Quanto mais eu amar Jesus, mais perto estarei d'Ele, e quanto mais perto eu andar com Ele, mais fielmente o imitarei, e quanto mais fielmente eu o imitar, mais sofrerei com Ele. Assim tudo resulta do amor por Cristo; e daí é uma verdade fundamental que "nós o amamos porque ele nos amou primeiro". Nisto, como em tudo mais, tenhamos cuidado com o espírito do legalismo; pois não deve pensar-se que um homem, como jugo do legalismo no pescoço, está sofrendo por Cristo; enfim, é muito para

reacar que uma tal pessoa não conhece Cristo; não conhece a bem-aventurança da filiação; não foi ainda estabelecida em graça; está, pelo contrário, procurando alcançar a família por meio das obras da lei, em vez de chegar ao reino pelo caminho do sofrimento.

Por outro lado, certifiquemo-nos de que não estamos com medo do cálice e batismo do Senhor. Não devemos professar possuir os benefícios que a Sua cruz nos garante, enquanto recusamos a rejeição que essa cruz inclui. Podemos ter a certeza que o caminho para o reino não é alumiado pelo brilho do sol do favor deste mundo, nem coberto com as rosas da sua prosperidade. Se um cristão progride no mundo tem motivos para compreender que não está andando em companhia de Cristo. "Se alguém me serve, siga-me; e onde eu estiver, ali estará também o meu servo" (Jo 12:26). Qual foi o fim da carreira terrestre de Cristo? Foi uma posição elevada e de influência neste mundo? De modo nenhum. Então? Ele encontrou o Seu lugar na cruz, entre dois malfeitores condenados. "Mas", dir-se-á, "Deus estava em tudo isto." Certamente; porém o homem estava nisto igualmente; e esta última verdade é o que deve assegurar, inevitavelmente, a nossa rejeição pelo mundo, se tão somente andarmos em companhia de Cristo. A companhia de Cristo, que nos leva ao céu, lança-nos fora da terra; e falar daquela verdade enquanto se desconhece esta é prova de que há alguma coisa que está mal. Se Cristo estivesse agora no mundo qual seria a Sua conduta? Qual seria o fim dela? Onde acabaria? Gostaríamos nós de andar com Ele? Devemos responder a estas interrogações debaixo do gume da Palavra de Deus e perante o olhar do Todo-Poderoso; e que o Espírito Santo nos faça fiéis a um Senhor ausente — um Senhor que é rejeitado e foi crucificado. Aquele que anda em Espírito será cheio de Cristo; e, sendo cheio d'Ele, não se preocupará com o sofrimento, mas sim com Aquele por Quem sofre. Se o nosso olhar estiver fixado em Cristo, o sofrimento será como nada em comparação com o gozo presente e a glória futura.

O assunto do direito de sucessão levou-me mais longe que eu esperava; todavia não me arrependo disso, visto ser de importância considerável.

A Visão Profética de Abraão

Vejamos agora rapidamente a visão de profundo significado que Abraão teve, tal como nos é apresentada nos últimos versículos deste capítulo. "E, pondo-se o sol, um profundo sono caiu sobre Abraão; e eis que grande espanto e grande escuridão caíram sobre ele. Então, disse a Abrão: Saibas, de certo, que peregrina será a tua semente em terra que não é sua; e servi-los-á; e afligi-la-ão quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente à qual servirão, e depois sairão com grande fazenda... E sucedeu que, posto o sol, houve escuridão; e eis um forno de fumaça, e uma tocha de fogo que passou por aquelas metades."

A história de Israel é toda resumida nestas duas figuras, o "forno" e a "tocha de fogo". Aquele mostra-nos os períodos da sua história nos quais foram levados a sofrimento e provações; como, por exemplo, o longo período da escravidão do Egito, a sua sujeição aos reis de Canaã, o cativo babilônico e a sua dispersão presente e condição de exilados. Durante todos estes períodos da sua história, eles podem ser tidos como passando pelo forno de fumaça (Dt 4:20; 1 Rs 8:51; Is 48:10). Em seguida, na tocha de fogo, temos aquelas fases na história de Israel cheia dos acontecimentos em que o Senhor veio em seu socorro, tais como a sua libertação do Egito, por mão de Moisés; a sua libertação do poder dos reis de Canaã, por meio do ministério dos juizes; o regresso da Babilônia, por meio do decreto de Ciro; e a sua libertação final quando Cristo aparecer em glória. A herança tem de ser alcançada através do forno; e quanto mais negro for o fumo do forno, tanto mais brilhante e alegre será a tocha da salvação de Deus.

Nem este princípio é apenas limitado ao povo de Deus, como um todo; aplica-se, precisamente da mesma maneira, aos indivíduos. Todos quantos jamais alcançaram um lugar de eminência como servos têm passado pelo forno, antes de terem o prazer da tocha. "Grande espanto e grande escuridão" passaram sobre o espírito de Abraão. Jacó teve que passar vinte anos de trabalho penoso na casa de Labão. José achou o seu forno de aflição nas prisões do Egito. Moisés passou quarenta anos no deserto. Assim tem que ser com todos os servos de Deus. Primeiro têm que ser "experimentados", para que, sendo tidos por "fiéis", possam ser "postos no ministério". O princípio de Deus, com respeito àqueles que O servem, é revelado nas palavras de Paulo, "não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo" (1 Tm 3:6).

Uma coisa é ser um filho de Deus, e outra completamente diferente ser um servo de Cristo. Eu posso amar muito o meu filho, contudo, se o ponho a trabalhar no meu jardim, ele pode fazer mais mal do que bem. Por quê? É porque não é um filho querido? Não, mas porque não é um servo experimentado. Isto faz toda a diferença. Parentesco e trabalho são coisas distintas. Nenhum dos filhos da Rainha(1) é, presentemente, capaz de ser o seu primeiro-ministro. Não é que os filhos de Deus não tenham todos alguma coisa que fazer, alguma coisa que sofrer, alguma coisa que aprender. Têm, inegavelmente. Todavia, é fato que o serviço público e a disciplina privada acham-se intimamente ligados nos caminhos de Deus. Aquele que mais se apresenta em público necessitará daquele espírito moderado, juízo prudente, mente dominada e mortificada, vontade vencida e tom maduro, que são o resultado belo e seguro da disciplina secreta de Deus; e ver-se-á; geralmente, que aqueles que tomam um lugar proeminente sem mais ou menos possuírem os qualificativos morais acima mencionados cairão, mais cedo ou mais tarde.

Senhor Jesus, guarda os teus servos fracos muito perto da tua Bendita Pessoa e na concavidade da tua mão!

(1) O leitor deve lembrar-se que o original desta obra foi escrita em Inglaterra.

CAPÍTULO 16

A INCREDELIDADE E AS SUAS CONSEQÜÊNCIAS DESASTROSAS

A Impaciência de Sarai

Aqui vemos a incredulidade lançando as suas sombras escuras sobre o espírito de Abraão, e então afastando-o outra vez, por um pouco de tempo, do caminho da confiança simples e feliz em Deus. "E disse Sarai a Abrão: Eis que o SENHOR me tem impedido de gerar." Estas palavras indicam a impaciência usual da incredulidade; e Abrão devia tê-las considerado desse modo e esperar pacientemente no Senhor o cumprimento da Sua promessa graciosa. O coração naturalmente prefere tudo a ter que esperar. Lançará mão de qualquer expediente — qualquer plano —, qualquer recurso, em vez de se conservar nessa posição. Uma coisa é crer numa promessa, ao princípio, e outra muito diferente esperar, pacientemente, o seu cumprimento. Podemos ver esta diferença constantemente exemplificada numa criança. Se eu prometer a meu filho alguma coisa, ele não pensa em duvidar da minha palavra; contudo, eu posso ver como ele anda muito agitado e impaciente a respeito de como e quando cumprirei a minha promessa. E não pode o maior sábio ver um verdadeiro espelho, no qual se pode ver a si próprio, na conduta de uma criança?— Certamente. Abrão mostra fé, no capítulo 15, e todavia falha em paciência, no capítulo 16. Daí a beleza e força das palavras do apóstolo em Hebreus 6, "para que... sejais imitadores dos que pela fé e paciência herdaram as promessas." Deus faz uma promessa, a fé crê nela; a esperança antecipa-a; a paciência espera resignadamente por ela.

Existe no mundo comercial alguma coisa como "o valor atual" de uma letra ou nota promissória, porque se os homens têm que esperar pelo seu dinheiro, devem ser pagos por terem de esperar. Ora no mundo da fé existe alguma coisa como o valor presente das promessas de Deus; e a balança que acerca esse valor é o conhecimento experiente que o coração tem de Deus; porque da minha apreciação de Deus dependerá a minha apreciação da promessa de Deus; e, além disso, o espírito paciente e subjogado encontra o seu pleno galardão em esperar em Deus o cumprimento de tudo que Ele prometeu.

No entanto, quanto a Sara o valor real das suas palavras a Abraão, é este, "o Senhor faltou-me; talvez que a minha criada egípcia possa servir de meu recurso." Tudo serve, menos Deus, para um coração que está debaixo da influência da incredulidade. É verdadeiramente admirável observarmos as ninharias a que recorremos quando perdemos a noção da presença de Deus, da Sua fidelidade infalível e suficiência indubitável. Perdemos aquela condição calma e equilibrada da alma tão necessária ao próprio testemunho do homem de fé; e, à semelhança dos outros, entregamo-nos a qualquer ou todos os expedientes, de maneira a atingirmos o fim desejado, e chamamos a isso "o uso dos meios".

Porém, é uma coisa amarga afastarmo-nos do lugar de absoluta dependência de Deus. As consequências devem ser desastrosas. Se Sara tivesse dito, "a Natureza faltou-me, mas Deus é o meu recurso", como teria sido tudo tão diferente! Este teria sido o seu próprio lugar, porque a natureza estava, de fato, em falta para com ela. Mas era a natureza numa forma, e, portanto, ela quis experimentá-la doutra maneira. Não tinha aprendido a desviar a vista inteiramente da natureza. No juízo de Deus, e da fé, a natureza em Agar não era melhor do que a natureza em Sara. A Natureza, quer velha quer jovem, é a mesma para Deus; e portanto a mesma para a fé; porém, ah! nós só nos achamos no poder desta verdade quando encontramos por experiência o nosso centro vivo no Próprio Deus! Quando a nossa atenção é desviada desse Ente Glorioso, estamos preparados para o expediente mais indigno de incredulidade. E só quando nos achamos encostados ao único Deus vivo e verdadeiro que podemos deixar de olhar para qualquer meio natural. Não se trata de desprezarmos os instrumentos de que Deus Se serve. De modo nenhum. Fazê-lo seria ousadia e não fé. A fé aprecia o instrumento, não por si mesmo, mas por causa d'Aquele que o usa. A incredulidade vê apenas o instrumento, e julga o sucesso dum caso pela eficiência aparente dele, em vez da suficiência d'Aquele que, em graça, o usa — à semelhança de Saul, que, quando olhou para Davi e em seguida para o filisteu, disse: "Contra este filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu ainda és moço" (1 Sm 17:33). Todavia, a questão no coração de Davi não era se ele era capaz ou não, mas se o Senhor o era.

O caminho da fé é um caminho muito simples e muito estreito. Por um lado, não exalta os meios; por outro, não os despreza. Aprecia-os simplesmente por serem os meios que Deus usa. Existe uma grande diferença entre o emprego que Deus faz da criatura para me servir, e o emprego que eu faço dela para excluir Deus. Esta diferença não é suficiente tomada em conta. Deus usou os corvos para suprir as necessidades de Elias, mas Elias não os empregou para excluir Deus. Se o coração confiar verdadeiramente em Deus não se incomodará quanto aos Seus meios. Esperará n'Ele, na doce certeza de que, por quaisquer meios que lhe agradem, Ele abençoará, proverá, suprirá todas as coisas.

Agar

Ora no caso que temos perante nós, neste capítulo, é evidente que Agar não era o instrumento de Deus para o cumprimento da Sua promessa a Abrão. Deus tinha-lhe prometido um filho, sem dúvida, mas não havia dito que este seria filho de Agar; e, de fato, vemos pela narrativa que tanto Abrão como Sara "multiplicaram a sua dor" lançado mão do recurso de Agar: porque, "vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos". Isto era apenas o princípio das múltiplas dores que resultaram da pressa que houve em aproveitar os recursos da natureza. A dignidade de Sara foi pisoteada por uma serva egípcia, e ela achou-se no lugar de fraqueza e desprezo. O verdadeiro lugar de dignidade e poder é o lugar de admissão de fraqueza e dependência. Não há ninguém tão independente de tudo como o homem que anda realmente por fé, e que espera só em Deus; porém, logo que um filho de Deus se torna devedor à natureza ou ao mundo perde a sua dignidade e terá que sentir, rapidamente, a sua perda. Não é uma coisa fácil avaliar o prejuízo sofrido com o desvio, na mais pequena medida, do caminho da fé. Não há dúvida que todos os que andam nesse caminho encontrarão sofrimento e tentações; porém uma coisa é certa, que as bênçãos e a alegria que peculiarmente lhes pertencem são infinitamente maiores do que um contrapeso; ao passo que, quando se afastam, têm que enfrentar maiores provações, e nada mais.

"Então disse Sarai a Abrão: Meu agravo seja sobre ti." Quando não temos razão, estamos, a maior parte das vezes, prontos a lançar a culpa sobre outrem. Sarai colhia apenas o fruto da sua proposta, e todavia diz a Abrão, "Meu agravo seja sobre ti", e então, com autorização de Abraão, ela procura desembaraçar-se da provação que a sua própria impaciência havia trazido sobre si. "E disse Abrão a Sarai: Eis que tua serva está na tua mão, faze-lhe o que bom é aos teus olhos. E afligiu-a Sarai, e ela fugiu de sua face." Isto não pode ser. "A serva" não pode ser despedida com tratamento duro. Quando cometemos erros, e somos chamados a enfrentar os seus resultados, não podemos contrariar esses resultados conduzindo-nos a nós próprios com mão dura. Experimentamos constantemente este método, mas podemos ter a certeza que com isso agravamos as coisas. Se temos feito mal, devemos humilhar-nos e confessar o mal e esperar em Deus por libertação. Mas não houve nada disto no caso de Sarai. Mas o contrário. Não há o sentido de haver feito mal; e assim, longe de esperar em Deus por livramento, ela procura libertar-se a seu modo. Contudo ver-se-á sempre que todos os esforços que fazemos para emendar os nossos erros, antes de haver inteira confissão deles, só conseguem tornar o nosso caminho mais difícil. Assim Agar teve que regressar e dar à luz a seu filho, cujo filho mostrou não ser o filho da promessa, mas uma grande provação para Abrão e a sua casa, como teremos ocasião de ver na sequência.

O Retorno de Agar

Bom, devemos ver tudo isto sob um duplo aspecto: primeiro, como um princípio prático de muito valor; e depois debaixo do ponto de vista doutrinário. E, quanto ao ensino prático, podemos ver que, quando, devido à incredulidade de nossos corações, cometemos erros, não é num momento nem tão-pouco por nosso próprio expediente que podemos remediá-los. As coisas devem seguir o seu curso. "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito do Espírito ceifará a vida eterna" (G1 6:7-8). Este é um princípio inalterável, que encontramos constantemente nas páginas Sagradas, e também nas páginas da nossa história pessoal. A graça perdoa o pecado e restaura a alma, mas aquilo que é semeado tem que ser colhido. Abrão e Sarai tiveram de suportar a presença da escrava e de seu filho durante alguns anos, e então libertaram-se deles segundo o método de Deus. Existe bem-aventurança peculiar em nos entregarmos nas mãos de Deus. Se Abrão e Sarai tivessem feito assim, nesta ocasião, nunca teriam sido incomodados com a presença da escrava e seu filho; porém, tendo-se feito devedores à natureza, tiveram de sofrer as conseqüências. Todavia, enfim!, nós somos, por vezes, "como o novilho ainda não domado" (Jr 31:18), quando seria o nosso gozo inexcusável comportarmo-nos como a "criança desmamada para com sua mãe" (SI 131:2). Nada pode ser mais oposto do que um novilho teimoso e uma criança desmamada. Aquele simboliza uma pessoa lutando insensatamente debaixo do jugo das circunstâncias, e tornando o seu jugo mais doloroso por meio dos seus esforços para se libertar dele; esta mostra alguém curvando humildemente a sua cabeça a tudo e tornando a sua porção mais agradável mediante completa sujeição de espírito.

A Lei e a Graça

E agora quanto à parte doutrinária deste capítulo. Podemos pensar em Agar o seu filho como figuras do concerto das obras e de todos os que são desse modo trazidos à escravidão (veja-se G1 4:22-25). "A carne" é, nesta passagem importante, posta em contraste com "a promessa"; e deste modo não temos apenas a ideia divina do que significa o termo "carne", mas também quanto aos esforços de Abraão para obter a semente por meio de Agar, em vez de descansar na "promessa" de Deus. Os dois concertos são simbolizados por Agar e Sara, e são diametralmente opostos um ao outro: um engendra a escravidão, tanto mais que levantou a questão quanto à competência do homem para "fazer" e "não fazer", e fez a vida inteiramente dependente dessa competência. "O homem que fizer estas coisas por elas viverá" (G1 3:12). Este era o concerto de Agar. Porém o concerto de Sara revela Deus como o Deus da promessa, a qual promessa é inteiramente independente do homem e baseada na boa vontade e aptidão de Deus para a cumprir.

Quando Deus faz uma promessa não há "se" ligado com ela. Ele fá-la incondicionalmente, e está decidido a cumpri-la; e a fé descansa n'Ele, em perfeita liberdade de coração. Não é preciso esforço da natureza para conseguir o cumprimento de uma promessa divina. Foi aqui, precisamente, que Abraão e Sara falharam. Eles fizeram um esforço da natureza para conseguir um determinado fim, o qual estava absolutamente assegurado por uma promessa de Deus. Este é o grande erro da incredulidade. Por meio da sua atividade impaciente levanta uma neblina obscura em volta da alma, que impede os raios da glória divina de alcançarem. "Não fez ali muitas maravilhas por causa da incredulidade deles" (Mt 13:58). Uma característica eficaz da fé é que sempre deixa o campo livre para Deus Se revelar; e, verdadeiramente, quando Ele Se revela, o homem deve tomar o lugar de um feliz adorador.

O erro pelo qual os Gálatas se deixaram arrastar foi o acréscimo de alguma coisa da natureza àquilo que Cristo já tinha realizado por eles na cruz. O evangelho que lhes havia sido pregado, e que eles tinham recebido, era a apresentação simples da graça de Deus, perfeita e incondicional. Jesus Cristo havia, evidentemente, sido representado perante eles como crucificado (G1 3:1). Isto não era apenas uma promessa divina, mas sim uma promessa divina e gloriosamente consumada. Cristo crucificado correspondia perfeitamente tanto às exigências de Deus como às necessidades do homem. Porém os falsos ensinadores transtornavam tudo isto, ou procuravam transtorná-lo, dizendo: "...Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos" (At 15:1). Isto, como Paulo lhes disse, era, na realidade, tornar Cristo de nenhum efeito.

Cristo, um Salvador Perfeito

Cristo deve ser o único Salvador, ou não é Salvador em absoluto. Logo que alguém diz, "se não fizerdes isto ou aquilo não podeis salvar-vos" subverte totalmente o evangelho; porque no evangelho vejo Deus descendo para me encontrar tal qual eu sou — pecador perdido e culpado —, e vindo, além disso, com plena remissão de todos os meus pecados, e salvação completa do meu estado de perdição — tudo consumado perfeitamente por Ele na cruz.

Por isso, se alguém me diz, você deve ser assim e assim, para ser salvo, rouba à cruz toda a sua glória e tira-me a minha paz. Se a salvação depender de sermos ou de fazermos alguma coisa, estaremos, inevitavelmente, perdidos. Graças a Deus, não é assim, porque o grande princípio fundamental do evangelho é que Deus é TUDO — o homem NADA é. Não é mistura de Deus e homem. É tudo de Deus. A paz do evangelho não assenta em parte na obra de Cristo e em parte na obra do homem; descansa inteiramente na obra de Cristo, porque essa obra é perfeita — perfeita para sempre; e torna todo aquele que põe a sua confiança nela tão perfeito como ela.

Debaixo da Lei, Deus, de fato, ficou quieto para ver o que o homem podia fazer; porém, no evangelho, Deus atua, e quanto ao homem, ele tem de estar quieto e ver o livramento do Senhor (Ex 14:13). Sendo isto assim, o apóstolo não hesita em dizer aos Gálatas: "Cristo de nada vos aproveitará ... vós, os que vos justificais pela lei: da graça tendes caído" (Gl 5:2 e 4). Se o homem tiver alguma coisa a ver com o assunto, Deus é posto de lado; e se Deus é posto de parte, não pode haver salvação, pois é impossível que o homem possa operar a sua salvação por meio daquilo que prova ser ele uma criatura perdida; e, por outro lado, ser for uma questão de graça, deve ser tudo graça. Não pode ser metade graça e metade lei. Os dois concertos são perfeitamente distintos. Não pode ser Agar e Sara. Tem de ser uma ou outra. Se for Agar, Deus nada tem que ver com isso; e se for Sara o homem nada tem que ver com isso. É assim inteiramente. A lei fala ao homem, prova-o, vê o que ele vale realmente, declara-o em ruína, e deixa-o debaixo da maldição; e não somente o coloca debaixo da maldição, mas conserva-o ali, por todo o tempo que estiver ocupado com ela — enquanto vive. "A lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive" (Rm 7:1); porém, morto o homem o seu domínio cessa, necessariamente, tanto quanto lhe diz respeito, não obstante estar em vigor para amaldiçoar todo o homem que vive.

O evangelho, pelo contrário, considerando o homem como perdido, morto, revela Deus como Ele é — o Salvador dos perdidos; Perdoador dos culpados; Vivificador dos mortos. Revela-O, não exigindo nada do homem (porque o que poderia esperar-se de um que sucumbiu em falência?), mas mostrando a Sua graça em redenção. Isto faz toda a diferença e é a razão do poder de linguagem empregada na epístola aos Gálatas: "Maravilho-me..., Quem vos fascinou?- ...Receio de vós... eu quereria que fossem cortados aqueles que vos andam inquietando" (Gl 1:6; 3:1; 4:11; 5:12). Esta é a linguagem do Espírito Santo, que conhece o valor de Cristo e da salvação completa; e que sabe também quão essencial é o valor de ambos para o pecador. Não encontramos uma tal linguagem em qualquer outra epístola; nem mesmo na que é endereçada aos Coríntios, embora houvesse entre eles algumas das coisas mais grosseiras para serem corrigidas. O fracasso e o erro podem ser corrigidos cedendo à graça de Deus; contudo, os Gálatas, à semelhança de Abraão neste capítulo, estavam-se afastando de Deus, e voltando para a carne. Qual é o remédio para isto? Como corrigir um erro que consiste em deixar aquilo que somente pode corrigir alguma coisa Cair da graça é voltar para debaixo da lei, da qual nada se pode obter senão "A MALDIÇÃO". Que o Senhor confirme as nossas almas na Sua graça mui excelente!

CAPÍTULO 17

ANDAR PELA FÉ - A CIRCUNCISÃO

o Deus Todo-poderoso

Aqui é-nos apresentado o remédio de Deus para o fracasso de Abraão. "Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o SENHOR a Abrão e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo- Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito"(1). Este versículo é muito compreensivo. É evidente que Abraão não havia andado na presença do Deus Todo-Poderoso quando aceitou o recurso de Sara acerca de Agar. E somente a fé que pode habilitar alguém a andar na presença do Deus Todo-Poderoso. A incredulidade introduzirá sempre alguma coisa da personalidade — as circunstâncias, casos secundários e coisas semelhantes —, e deste modo a alma é privada do gozo e da paz, elevação calma e santa independência, que resultam de se descansar nos braços d'Aquele que pode fazer todas as coisas. Creio que necessitamos de ponderar isto profundamente. Deus não é uma realidade presente para as nossas vidas como devia ser, ou seria, se nós andássemos em simplicidade de fé e dependência d'Ele.

(1) Desejo fazer aqui uma observação quanto à palavra "perfeito". Quando Abraão foi convidado a ser "perfeito" isso não queria dizer perfeito em si mesmo; porque ele nunca o foi, e nunca poderia sê-lo. Queria dizer simplesmente que ele devia ser perfeito quanto ao objetivo posto perante o seu coração — que a sua esperança e expectativa deviam ser inteiramente centralizadas no "Todo- Poderoso".

Examinando o Novo Testamento, vemos que a palavra "perfeito" é usada, pelo menos, em quatro sentidos distintos. Em Mateus 5:48 lemos, "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus". Aqui compreendemos Pelo contexto que a palavra "perfeito" diz respeito à nossa conduta. Nos versículos 44 e 45 lemos, "Amai a vossos inimigos ..., para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos". Por isso, ser "perfeito" no sentido do versículo 48 é agir segundo um princípio de graça para com todos, até mesmo para com os que são injustos e hostis. Um cristão fazendo valer a lei, ou defendendo e contendendo pelos seus direitos, não é perfeito como o Seu Pai; porque o seu Pai está agindo em graça, enquanto que ele recorre à justiça.

A questão aqui não é de saber se é bom ou mal recorrer à lei (quanto aos irmãos Coríntios 6 é conclusivo). O que digo é que um cristão que assim procede está agindo num caráter que é diretamente oposto ao do seu Pai; porque, certamente, Ele não vai para o tribunal com o mundo. Ele não está agora no tribunal, mas no lugar de misericórdia — no trono de graça. Manda as Suas bênçãos sobre aqueles

que, se fosse para a justiça com eles, deviam estar no inferno. Pelo que é claro que um cristão, quando leva alguém ao tribunal, não é "perfeito" como é perfeito seu Pai que está nos céus.

No fim do capítulo 18 de Mateus temos uma parábola que nos ensina que todo aquele que defende os seus direitos é ignorante do verdadeiro caráter e efeito próprio da graça. O servo não era injusto em exigir o que lhe era devido, mas não tinha graça. Era inteiramente diferente do seu Mestre. Tinham-lhe sido perdoados dez mil talentos, e todavia pôde agarrar um dos seus conservos pela garganta por uma importância mesquinha de cem dinheiros. Qual foi o resultado? Foi entregue aos atormentadores. Perdeu-se o feliz sentido da graça e foi deixado para ceifar os frutos amargos de ter defendido os seus direitos, enquanto que ele mesmo era um objeto de graça. E note-se, além disso, que foi chamado "servo malvado" não por ter uma dívida de "dez mil talentos", mas por não ter perdoado os "cem dinheiros". O Senhor teve muita graça para lhe perdoar a sua dívida, mas ele não teve graça para arrumar o assunto com o seu conservo. Esta parábola fala numa voz solene a todos os cristãos que estão prontos a entrar em demanda; pois embora na sua aplicação seja dito "assim vos fará também meu Pai celestial se do coração não perdoardes cada um a seu irmão as suas ofensas", contudo o princípio de aplicação geral é que um homem agindo em justiça perderá o sentido da graça.

Em Hebreus 9 temos outro sentido do termo "perfeito". Aqui também o contexto arruma a importância da palavra. E "perfeito" a respeito da consciência. E um emprego importante do termo. O adorador sob a lei nunca poderia ter uma consciência perfeita, pela simples razão que nunca teve um sacrifício perfeito. O sangue de novilhos e cordeiros era suficiente para a ocasião, mas não podia servir para sempre e, portanto, não podia dar uma boa consciência. Agora, porém, até o crente mais fraco em Jesus tem o privilégio de ter uma consciência perfeita. Por quê? É por ser melhor do que o adorador debaixo da lei Não, mas porque tem um melhor sacrifício. Se o sacrifício de Cristo é perfeito para sempre, a consciência do crente é perfeita para sempre. As duas coisas andam necessariamente juntas. Para um cristão não ter uma consciência perfeita é uma desonra para o sacrifício de Cristo. E o mesmo que dizer que o Seu sacrifício é apenas temporário e não eterno nos seus efeitos; e o que vem a ser isto senão baixá-lo ao nível dos sacrifícios sob a dispensação Moisaica?

É preciso distinguir entre a perfeição na carne e perfeição quanto à consciência. A pretensão da primeira equivale a exaltar o eu; recusar a segunda é desonrar Cristo. O crente mais simples em Cristo deve ter uma consciência perfeita; ao passo que Paulo não tinha, não podia ter, perfeita carne. A carne não é apresentada na Palavra de Deus como uma coisa que pode ser melhorada, mas sim como uma coisa que foi crucificada. Isto faz uma grande diferença. O cristão tem o pecado em si, mas não

sobre si. Por quê? Porque Cristo, O Qual não tinha pecado em Si, teve o pecado sobre Si, quando foi pregado na cruz.

Finalmente, em Filipenses 3 temos outros dois sentidos da palavra "perfeito". u apóstolo diz, "Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito"; mas um pouco depois diz, "Pelo que todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo ". A primeira passagem diz respeito à conformidade eterna e plena do apóstolo com Cristo em glória. Enquanto que a segunda refere-se à nossa possessão de Cristo como o objeto das afeições do coração.

Somente Deus

"Anda em minha presença." Isto é verdadeiro poder. Andar assim implica não termos nada perante os nossos corações salvo Deus. Se a minha expectativa for baseada nos homens e nas coisas não estarei andando perante Deus, mas antes perante os homens e as coisas. É da máxima importância saber quem ou o que tenho perante mim como objetivo. Em quem confio? - Em quem ou no que descanso, neste momento? Deus enche inteiramente o meu futuro? Os homens e as circunstâncias têm alguma coisa a ver com isso? Há algum lugar para a criatura? O único meio de nos elevarmos acima do mundo é andarmos por fé, porque a fé enche o ambiente de tal modo com Deus, que não há lugar para a criatura — nem para o mundo. Se Deus enche o meu raio de visão, eu nada mais posso ver; e então posso dizer com o salmista: "Ó minha alma, espera somente em Deus, porque d'Ele vem a minha esperança. Só Ele é minha rocha e a minha salvação; é a minha defesa; não serei abalado"(Sl 62:5-6). Esta palavra "só" é profundamente penetrante. A natureza não pode dizer isto. Não é que ela, sob a influência do cepticismo atrevido e blasfemo, ponha Deus completamente de lado; mas, indubitavelmente, não pode dizer, "só Ele".

É bom vermos que, como no caso da salvação, e em todos os pormenores da vida presente, dia a dia, Deus não compartilhará a Sua glória com a criatura. Desde o princípio até ao fim tem de ser "só Ele"; e isto, também, em realidade. De nada servirá termos a palavra dependência de Deus nos nossos lábios, enquanto os nossos corações estão realmente confiando em qualquer recurso da criatura. Deus mostrará isto plenamente; Ele examinará o coração; passará a fé pelo fogo. "Anda em minha presença e sê perfeito." Chegamos assim ao ponto principal. Quando a alma pode, por graça, libertar-se de todas as expectativas queridas da natureza, então, e só então, está preparada para deixar Deus agir; e quando Ele atua tudo deve estar bem. Deus não deixará nada por fazer. Ele fará tudo em favor daqueles que põem simplesmente a sua confiança n'Ele. Quando a sabedoria infalível, o poder onipotente, e o amor infinito se combinam, o coração confiado pode gozar de descanso calmo. A não ser que achemos qualquer circunstância grande ou

pequena demais para "o Deus Todo-Poderoso" não temos fundamento próprio para um pensamento ansioso sequer. Isto é uma verdade maravilhosa, eminentemente calculada para pôr todos aqueles que acreditam nela na mesma presença bendita em que encontramos Abraão neste capítulo. Quando Deus lhe havia dito, com efeito, "deixa tudo Comigo, e Eu arrumarei tudo por ti, muito para além dos teus desejos e da tua esperança — a semente e a herança, e tudo que lhes pertence de direito, serão eternamente estabelecidas, segundo o concerto com o Deus Altíssimo —, "Então caiu Abraão sobre o seu rosto". Na verdade, bem-aventurada atitude! A única própria para um pecador inteiramente vazio, fraco e inútil, poder ocupar na presença do Deus vivo, o Criador dos céus e da terra, Possuidor de todas as coisas — "o Deus Onipotente".

"E falou Deus com ele." E quando o homem está por terra que Deus pode falar com ele em graça. A atitude de Abraão aqui é a expressão bela de inteira prostração na presença de Deus, no sentido de inteira fraqueza e nulidade. E tal humilhação, note-se, é segura precursora da revelação do Próprio Deus. E quando a criatura se humilha que Deus pode mostrar-Se no esplendor puro do que Ele é. Ele não dará a Sua glória a outrem: pode manifestar-Se e permitir que o homem adore em face dessa revelação; porém, até que o pecador tome o seu próprio lugar não pode haver revelação do caráter divino. Como é diferente a atitude de Abraão neste capítulo daquela que tomou no capítulo precedente! Ali ele tinha a natureza perante si; aqui tem o Deus Todo-Poderoso. Naquele ele era um ator; neste é adorador. Antes ele deixara-se levar pelo plano de Sara; agora entrega-se a si, e as suas circunstâncias, o seu presente e o seu futuro, nas mãos de Deus, e deixa que Deus atue nele, por ele, e por seu intermédio. Por isso, Deus pode dizer, "farei...", "estabelecerei...", "darei". Numa palavra, é tudo Deus e os Seus desígnios; e isto é descanso verdadeiro para o coração que conhece alguma coisa de si próprio.

A Circuncisão

O concerto da circuncisão é agora introduzido. Os membros da família da fé devem trazer em seu corpo o selo desse pacto. Não pode haver exceção: "...será circuncidado o nascido em tua casa, e o comprado por dinheiro; e estará o meu concerto na vossa carne por concerto perpétuo. E o macho com prepúcio, cuja carne do prepúcio não estiver circuncidada, aquela alma será extirpada dos seus povos; quebrou o meu concerto" (versículos 13 e 14). Em Romanos 4:3 é-nos dito que a circuncisão é um selo de justiça: "Creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça." Sendo assim considerado justo, Deus pôs o Seu "selo" sobre ele.

Selados com o Espírito Santo

O selo com que o crente está agora selado não é uma mera marca na carne, mas "o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção" (Ef 4:30). Isto é baseado na sua ligação eterna com Cristo e a sua perfeita identificação com Ele, na morte e ressurreição; como lemos em Colossenses 2:10-13, "E estais perfeitos n'Ele, que é a cabeça de todo principado e potestade; no qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo. Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos. E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com Ele, perdoadando-vos todas as ofensas." E uma passagem gloriosa, mostrando a verdadeira ideia daquilo que a circuncisão devia simbolizar.

Todo o crente pertence à "circuncisão" em virtude da sua ligação viva com Aquele que, por meio da cruz, aboliu para sempre tudo que existia no caminho da justificação perfeita da Sua Igreja. Não houve um ponto de pecado na consciência, nem um princípio de pecado na natureza do Seu povo, cujo julgamento Cristo não tivesse sofrido na cruz; e agora eles são considerados como tendo morrido com Cristo, sido sepultados com Cristo e ressuscitado com Cristo, perfeitamente aceitos n'Ele — os seus pecados, as suas iniquidades e transgressões, a sua inimizade e a incircuncisão havendo sido afastados, inteiramente, por meio da cruz. A sentença de morte foi escrita na carne; porém o crente está de posse de uma nova vida, em união com a sua Cabeça ressuscitada na glória.

O apóstolo, na passagem acima reproduzida, ensina-nos que a Igreja foi vivificada da sepultura de Cristo; e, além disso, que o perdão de todas as suas ofensas é tão completo, e inteiramente obra de Deus, como foi a ressurreição de Cristo de entre os mortos; e este último ato, como sabemos, foi o resultado da "sobrexcelente grandeza do seu poder", ou, como podemos melhor dizer, "segundo a operação da força do seu poder" (Ef 1:19) — uma expressão verdadeiramente maravilhosa, calculada para mostrar a magnitude e glória da redenção, bem como a base sólida em que ela se fundamenta.

Que descanso — descanso perfeito — para o coração e a consciência se encontrar aqui! Que alívio para o espírito oprimido! Todos os nossos pecados sepultados na sepultura de Cristo, sem um sequer—até mesmo o mais pequeno — ter sido deixado de fora! Deus fez isto por nós! Tudo quanto os Seus olhos perscrutadores podiam detectar em nós colocou sobre Cristo quando Ele foi pendurado na cruz! Ele julgou—O ali então, em vez de nos julgar a nós no inferno, para sempre! Que precioso fruto este do amor admirável, profundo e eterno dos desígnios de redenção! E estamos "selados", não com determinada marca feita na carne, mas com o Espírito Santo. Toda a família da fé está selada desta maneira. Tal é a

dignidade, o valor e a eficácia imutável do sangue de Cristo, que o Espírito Santo pode habitar em todos aqueles que têm posto a sua confiança nele.

E, agora, que resta para aqueles que conhecem estas coisas senão serem "firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor" (1 Co 15:58). Que assim seja, ó Senhor, pela graça do Teu Santo Espírito!

CAPÍTULO 18

A COMUNHÃO DE ABRAÃO COM O SENHOR

Abraão, o Amigo de Deus

Este capítulo dá-nos um belo exemplo dos resultados de uma conduta obediente de separação. "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele comigo" (Ap 3:20). Em João 14:23 lemos também, "Jesus respondeu e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada". Destas passagens, tomadas em ligação com o nosso capítulo, concluímos que a alma obediente goza de um caráter de comunhão inteiramente desconhecido daquele que vive numa atmosfera mundana.

Isto, porém, não toca, nem ao de leve, na questão do perdão ou justificação. Os crentes são todos vestidos com o mesmo manto imaculado de justiça — todos estão na mesma justificação comum perante Deus. A mesma vida descendo da Cabeça no céu corre em todos os membros na terra. Isto é bem claro. A doutrina quanto a estes pontos importantes é estabelecida plenamente na Palavra de Deus; e já foi, repetidas vezes, mostrada nas páginas antecedentes deste livro. Contudo, devemos lembrar que justificação é uma coisa, e o seu fruto outra diferente. Ser filho é uma coisa, ser filho obediente é outra muito diferente. Ora, um pai ama um filho obediente, e fará com que um tal filho esteja no segredo dos seus pensamentos e planos. E não é isto verdadeiro quanto ao nosso Pai celestial? Sem dúvida. Em João 14:23 isto é incontestavelmente claro; e, além disso, é prova de que falar-se de amar a Cristo e não guardar a Sua palavra é hipocrisia. "Se alguém me ama, guardará a minha palavra."

Por isso se não guardarmos a palavra de Cristo, é prova clara que não estamos andando no amor do Seu nome. O amor por Cristo é provado em fazer as coisas que Ele manda, e não meramente dizendo, "Senhor, Senhor". De nada vale dizer, "eu vou, senhor" enquanto que o coração não tem a mínima ideia de ir.

Uma Vida com Deus

Contudo, em Abraão vemos um que, por muito que tivesse falhado, era, não obstante, caracterizado por uma conduta íntima, simples e elevada com Deus; e nesta parte interessante da sua história vemo-lo no gozo de três privilégios especiais, a saber: proporcionando repouso para o Senhor, gozando de plena comunhão com o Senhor, e intercedendo por outros perante o Senhor. São distinções elevadas; e contudo são-no somente como resultado de uma conduta de separação obediente e santa. A obediência agrada a Deus, por ser fruto da Sua graça em nossos corações. Vemos no único Homem perfeito que jamais viveu no mundo como Ele agradou constantemente e deleitou o Pai. Deus deu testemunho d'Ele, repetidas vezes, desde o céu, como "Seu Filho amado, em Quem Ele Se tinha comprazido". A conduta de Cristo era motivo de festa constante no céu. Os Seus caminhos enviavam sempre incenso fragrante para o trono de Deus. Desde a manjedoura até à cruz, Ele fez sempre as coisas que agradavam ao Pai.

Não houve interrupção, nem variação ou ponto saliente. Ele era o único perfeito. Somente n'Ele pôde o Espírito traçar uma vida perfeita na terra. Aqui e ali, á medida que vemos a corrente de inspiração, encontramos um ou outro que, ocasionalmente, deu agrado à mente do Céu. Desde modo, no capítulo que temos perante nós, encontramos a tenda do estrangeiro em Manre proporcionando refrigério ao Senhor — refrigério ternamente oferecido e gostosamente aceite (versículos 1-8).

Em seguida vemos Abraão desfrutando de comunhão com o Senhor, primeiramente quanto aos seus interesses pessoais (versículos 9 a 15), e depois a respeito dos destinos de Sodoma (versículos 16 a 21). Que conformidade com o coração de Abraão na promessa firme de "Sara terá um filho"! E todavia esta promessa apenas provocou o riso de Sara, da mesma maneira que havia provocado o riso a Abraão no capítulo antecedente. Nas Escrituras há duas espécies de riso. Existe primeiramente o riso com que o Senhor enche a nossa boca quando, em qualquer crise de provação, Ele intervém de uma maneira notável para nosso alívio. "Quando o SENHOR trouxe do cativo os que voltaram a Sião, estávamos como os que sonham. Então, a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua, de cânticos; então, se dizia entre as nações: ...grandes coisas fez o SENHOR por nós, e, por isso, estamos alegres" (SI 126:1-2).

Outro tanto, existe o riso com que a incredulidade enche as nossas bocas quando as promessas de Deus são magníficas para os nossos corações poderem compreendê-las ou o meio visível é pequeno demais, no nosso entender, para o cumprimento dos Seus desígnios.

O primeiro destes risos nunca teremos vergonha ou receio de o manter: os filhos de Sião não se envergonham de dizer, "...a nossa boca se encheu de riso" (SI 126:2). Quando o Senhor nos faz rir podemos rir alegremente: "E Sara negou, dizendo: Não me ri, porquanto temeu" (versículo 15). A incredulidade faz de nós cobardes e

mentirosos; a fé torna-nos ousados e verdadeiros. Torna-nos idôneos de chegar "com confiança ao trono da graça" e entrar no santuário "com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé" (Hb 4:16; 10:22).

Deus Comunica os Seus Pensamentos a Abraão

Mas, além disso, Abraão fica conhecendo os pensamentos e desígnios de Deus quanto a Sodoma. Embora nada tivesse que ver com isso, estava tão perto do Senhor que foi levado a conhecer o Seu intento a esse respeito. A maneira de conhecermos os propósitos divinos quanto a este mundo de pecado, é não estarmos embaraçados com ele nos seus planos e especulações, mas estarmos inteiramente separados dele. Quanto mais unidos andarmos com Deus, e quanto mais obedientes formos à Sua Palavra, tanto mais conheceremos os Seus pensamentos acerca de tudo. Não precisamos de ler os jornais para sabermos o que vai acontecer no mundo. A Palavra de Deus revela-nos tudo que precisamos saber. Nas suas páginas puras e santificadoras aprendemos tudo quanto ao caráter, o curso, e o destino do mundo; ao passo que se procurarmos notícias junto dos homens do mundo podemos esperar que o diabo as use para lançar poeira nos nossos olhos.

Se Abraão tivesse ido a Sodoma a fim de obter informações quanto aos fatos ali passados, se tivesse recorrido a alguns dos seus homens mais inteligentes, para saber o que eles pensavam das condições e do futuro de Sodoma, qual teria sido a resposta deles? Indubitavelmente, teriam chamado a sua atenção para os seus sistemas de agricultura e arquitetura e os vastos recursos do país; teriam posto diante dos seus olhos um cenário vasto de compras e vendas, construções, plantações, de alimentação, casamento e contratos de casamento. Sem dúvida, nunca teriam pensado, também, no juízo de Deus, e se alguém tivesse falado nele teriam dado largas ao seu riso infiel. Por isso, é claro que Sodoma não era o lugar próprio para se tomar conhecimento do fim de Sodoma. Não; "o lugar onde Abraão estava diante do Senhor" representava o único lugar próprio donde se podia contemplar toda a perspectiva. Ali ele podia estar acima das neblinas e névoas que se haviam formado sobre o horizonte de Sodoma. Ali, na tranquilidade e claridade da presença divina, ele podia compreender tudo. E que emprego fez ele do seu conhecimento e da sua elevada posição? Como se ocupou ele na presença do Senhor?- A resposta a estas interrogações leva-nos ao terceiro privilégio desfrutado pelo nosso patriarca neste capítulo, a saber: Intercessão pelos outros perante o Senhor.

A Intercessão de Abraão em Favor de Sodoma

Ele pôde interceder por aqueles que estavam embaraçados com a contaminação de Sodoma, e em perigo de serem envolvidos no julgamento de Sodoma. Foi um emprego feliz e santo do seu lugar de aproximação de Deus. Assim é sempre. A

alma que pode aproximar-se de Deus, na certeza da fé, tendo o coração e a consciência perfeitamente em descanso, e podendo descansar em Deus quanto ao passado, o presente e o futuro, poderá e quererá interceder pelos outros. O homem que tem "toda a armadura de Deus" poderá orar por todos os santos. E, oh! que visão isto nos dá da intercessão do nosso Sumo-Sacerdote, que penetrou nos céus! Que repouso infindo Ele tem nos desígnios divinos! Com que compreensão de acolhimento Ele está assentado no esplendor da Majestade nos céus! E com que eficácia Ele intercede perante a Majestade por aqueles que estão lutando nesta esfera contaminada! Felizes, inefavelmente felizes, aqueles que são os objetos de tal intercessão eficaz — feliz e certa, ao mesmo tempo. Oxalá nós tivéssemos corações para compreenderem tudo isto — corações dilatados pela comunhão pessoal com Deus, para receberem mais da plenitude infinita da Sua graça e compreenderem a vantagem de Ele prover todas as suas necessidades.

Vemos, nesta Escritura, que, por muito abençoada que pudesse ser a intercessão de Abraão, todavia, era limitada, porque o intercessor era apenas homem. Não alcançava a necessidade. "Ainda só mais esta vez falo", disse ele, e acabou, como se tivesse medo de apresentar um saque grande demais na tesouraria da graça infinita, ou se esquecesse que o cheque da fé nunca havia sido recusado no banco de Deus. Não era que ele estivesse restringido com Deus. De modo nenhum. Havia graça bastante e paciência n'Ele para ter atendido o Seu servo querido, se ele tivesse mesmo continuado até três ou um só. Mas o servo era restrito. Tinha medo de esgotar a sua conta. Deixou de pedir, e Deus deixou de dar. Não é assim com o nosso bendito Intercessor: d'Ele está escrito: "...pode salvai perfeitamente..., vivendo sempre para interceder" (Hb 7:25). Possam os nossos corações agarrar-se a Ele, em todas as nossas necessidades, nas nossas fraquezas e no nosso conflito.

As Profecias e a Esperança

Antes de terminar este capítulo quero fazer uma observação, a qual, quer seja considerada como resultado da verdade nele contida, quer não, é, contudo, digna de consideração. É da máxima importância, no estudo das Escrituras, fazer-se distinção entre o governo moral de Deus sobre o mundo e a esperança específica da Igreja. Todo o corpo da profecia do Velho Testamento, e uma grande parte do Novo, tratam do governo moral de Deus sobre o mundo, e oferecem, assim, um assunto de interesse palpitante para cada cristão. E interessante saber o que Deus está fazendo, e fará, com todas as nações da terra. E de interesse ler os pensamentos de Deus quanto a Tiro, Babilônia, Nínive e Jerusalém; acerca do Egito, da Assíria, e a terra de Israel. Numa palavra, o curso da profecia do Velho Testamento requer a atenção reverente de todo o verdadeiro crente. Mas não se esqueça que não encontramos nele a própria esperança da Igreja. Como seria possível? Se não temos nele a existência da Igreja diretamente revelada, como poderíamos ter aí a

esperança da Igreja?- Impossível! Não é que a Igreja não possa encontrar ali uma seara rica de princípios morais, os quais ela pode usar com o maior proveito. Pode, incontestavelmente; mas isto é muito diferente de querer encontrar nestas profecias a revelação da existência e da esperança específica da Igreja. E, contudo, uma grande parte da profecia do Velho Testamento tem sido aplicada à Igreja! e esta aplicação tem embrulhado todo o assunto em tal confusão que as mentes simples são afastadas do estudo, e, retraindo-se estudo da profecia, têm também descuidado outro estudo que é inteiramente distinto da profecia, que é o da esperança da Igreja. Não necessitamos repetir que esta esperança não tem relação alguma com o que Deus vai fazer com as nações da terra, mas consiste em ir ao encontro do Senhor Jesus nas nuvens dos céus, para estar com Ele para sempre, e ser para sempre semelhante a Ele.

Muitos podem dizer — não temos cabeça para a profecia. Talvez não, mas tendes um coração para Cristo? Certamente, se amardes Cristo, ansiareis pelo Seu aparecimento, embora vos falte capacidade para o estudo profético. Uma esposa terna poderá não ter cabeça para compreender os negócios de seu marido; mas tem lugar no seu coração para o seu regresso a casa. Pode não compreender a escritura dele ou a sua disposição; mas conhece os seus passos e reconhece a sua voz. O mais iletrado santo, se tão-somente tiver afeição ao Senhor Jesus, pode sentir o mais intenso desejo de O ver; e esta é a esperança da Igreja. O apóstolo Paulo podia dizer aos tessalonicenses, "... dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus a Seu Filho... Jesus, que nos livra da ira futura" (1 Ts 1:10). Ora, os santos tessalonicenses podiam, evidentemente, no momento da sua conversão, saber pouco, se é que sabiam alguma coisa, da profecia ou do assunto especial de que ela trata; e contudo eles ficaram nesse próprio momento de posse e no poder da esperança da Igreja — a vinda do Filho de Deus. Assim é em todo o Novo Testamento. Nele, sem dúvida, temos profecia — e nele temos, também, o governo moral de Deus; mas, ao mesmo tempo, inúmeras passagens que podem ser acrescentadas como prova do fato que a esperança dos cristãos, nos tempos apostólicos, a esperança simples, sem impedimento, desembaraçada, era A VINDA DO NOIVO. Possa o Espírito Santo avivar essa bem-aventurada esperança na Igreja, reunindo os eleitos e preparando um povo pronto para o Senhor.

CAPÍTULO 19

LÓ E O JUÍZO SOBRE SODOMA

O Crente e o Mundo

Existem dois métodos que são usados graciosamente pelo Senhor de maneira a afastar o coração deste século mau. O primeiro consiste em pôr diante dele o atrativo e a estabilidade das "coisas que são de cima". O segundo consiste em declarar fielmente a natureza efêmera e instável das "coisas que são da terra."

O capítulo 12 de Hebreus fecha com um lindo exemplo de cada um destes métodos. Depois de expor a verdade que somos chegados ao monte de Sião, com todos os seus gozos dependentes e privilégios, o apóstolo continua, dizendo: "vede que não rejeiteis ao que fala; porque se não escaparam aqueles que rejeitaram o que na terra os advertia, muito menos nós, se nos desviarmos daquele que é dos céus, a voz do qual moveu, então, a terra, mas, agora, anunciou, dizendo: Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu. E esta palavra: Ainda uma vez, mostra mudança das coisas móveis, como coisas feitas, para que as imóveis permaneçam". Ora, é muito melhor ser-se atraído pelos gozos do céu do que impellido pelas dores da terra. O crente não deve esperar até ser afastado das coisas temporais. Não deve esperar que o mundo o rejeite antes de ele próprio desprezar o mundo. Ele deve abandonar o mundo no poder da comunhão com as coisas celestiais. Não há dificuldade em deixar o mundo quando nós, pela fé, nos apegamos a Cristo; a dificuldade está então em conservar o mundo. Se a um varredor fosse deixado um legado de dez mil libras anuais, ele não continuaria a varrer as ruas. Do mesmo modo se nós compreendermos o valor da nossa porção entre as realidades imutáveis do céu teremos muito pouca dificuldade em abandonar as alegrias ilusórias da terra.

Ló Sentado à Porta

Vejamos agora a parte solene da história inspirada que temos perante nós. Vemos nela "Ló assentado à porta de Sodoma", o lugar de autoridade. É evidente que tem feito progresso. Tem "triunfado no mundo". Debaixo do ponto de vista mundano, a sua carreira havia sido feliz. A princípio ele "armou as suas tendas até Sodoma". Depois, sem dúvida, encontrou o caminho para ali; e agora encontramos-lo assentado à porta — um lugar proeminente e de influência. Como tudo isto é tão diferente da cena com que abre o capítulo precedente! Mas, ah! a razão é óbvia. "Pela fé Abraão habitou na terra da promessa, como em terra alheia, morando em cabanas" (Hb 11:9). Não encontramos um tal relato quanto a Ló(1) Nunca poderia dizer-se: "pela fé Ló assentou-se à porta de Sodoma". Ah! não, ele não tem lugar no nobre exército dos homens de fé — a grande nuvem de testemunhas do poder da fé. O mundo era a sua armadilha, as coisas temporais a sua ruína. Ele não "ficou firme como vendo o invisível". Atentou para "as coisas que se veem e são temporais"; ao passo que Abraão atentou para "as coisas que se não veem e são eternas". Havia uma diferença material entre estes dois homens, os quais, embora tivessem partido juntos do princípio, atingiram um fim muito

diferente, tanto quanto se refere ao seu testemunho público. Sem dúvida Ló foi salvo, todavia foi "como que pelo fogo", porque, verdadeiramente, "a sua obra foi queimada". Pelo contrário, Abraão teve uma entrada abundante no "reino eterno de nosso Senhor Jesus Cristo".

(¹) Seria uma pergunta sondável para o coração se disséssemos, "estou fazendo isto por Tudo o que não é de fé é pecado; e "Sem fé é impossível agradar a Deus", (compare Rm 14:23 e Hb 11:6).

Além disso, não vemos que a Ló tivesse sido permitido gozar qualquer dos altos privilégios e distinções com que Abraão foi favorecido. Em vez de receber a visita do Senhor, Ló afligia a sua alma justa; em vez de gozar de comunhão com o Senhor, está a uma distância lamentável do Senhor; e, por último, em vez de interceder pelos outros, ele tem muito que pedir por si próprio. O Senhor ficou para conversar com Abraão e limitou-Se a mandar os Seus anjos a Sodoma; e estes anjos puderam com dificuldade ser persuadidos a entrar em casa de Ló ou aceitar a sua hospitalidade: "E eles disseram: não, antes na rua passaremos a noite." Que repreensão! Que diferença na prontidão com que foi aceite o convite de Abraão, como se depreende das palavras, "Assim faze como tens dito".

A Eleição de Ló

Existe muita coisa no ato de alguém participar da hospitalidade de outrem. Quer dizer, quando encarado inteligentemente, plena comunhão com ele: "...entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele comigo" (Ap 3:20); "...se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e ficai ali" (At 16:15). Se Paulo e Silas não tivessem julgado Lúcia fiel não teriam aceitado o seu convite.

Por isso as palavras dos anjos a Ló encerram uma condenação da sua posição em Sodoma. Preferiam ficar toda a noite na rua a entrar debaixo do telhado de um que estava numa posição má. De fato, o seu único objetivo indo a Sodoma parece ter sido o de libertar Ló, e isto, também, por causa de Abraão; pois que lemos: "E aconteceu que, destruindo Deus as cidades da campina, Deus se lembrou de Abraão e tirou a Ló do meio da destruição, derribando aquelas cidades em que Ló habitava".

Isto é fortemente acentuado. Foi simplesmente por amor de Abraão que se permitiu a Ló escapar: o Senhor não simpatiza com uma mente mundana; e foi uma mente assim que levou Ló a estabelecer-se entre a corrupção dessa cidade culpada. A fé nunca o levou para ali; nenhuma mente espiritual lhe indicou o caminho para lá; "a sua alma justa" nunca o deixou lá. Foi precisamente o amor por este século mau que o levou em primeiro lugar a "escolher", depois a "armar as tuas tendas", e por fim a "assentar-se à porta de Sodoma". Mas oh! que parte ele escolheu! Era verdadeiramente uma cisterna rota que não podia reter água; uma

cana quebrada que feriu a sua mão. E uma coisa amarga, de qualquer modo, orientarmo-nos por nós próprios; podemos estar certos de fazer os erros mais graves. E infinitamente melhor deixar que Deus nos guie em todos os nossos caminhos e entregá-los, no espírito de uma criança, ao Senhor, que quer e pode fazer tudo por nós; pôr a pena, com efeito, na Sua bendita mão, e deixá-Lo delinear toda a nossa carreira, segundo a Sua sabedoria infalível e o Seu amor infinito.

Sem dúvida, Ló pensou que estava fazendo bem para si e sua família, quando se mudou para Sodoma; porém, o resultado mostrou como ele estava equivocado, e ressoa também aos nossos ouvidos uma voz de profunda solenidade — uma voz que nos diz para termos cuidado no modo como cedemos ao desejos de um espírito mundano. "Contentai-vos com o que tendes." Por quê? E porque temos uma boa situação no mundo? Por que temos tudo que os nossos corações enganadores procuram? Por que não há nem sequer uma simples fenda nas nossas circunstâncias por meio da qual um desejo vão possa escapar-se? Deve ser este o fundamento do nosso bem estará De modo nenhum. Então? "Porque Ele disse: não te deixarei nem te desampararei" (Hb 13:5). Bendito quinhão! Se Ló estivesse contente com o que tinha nunca teria procurado as planícies bem regadas de Sodoma.

Consequências da Associação com o Mundo

Além disso, se precisarmos de mais algum estímulo para o exercício de um espírito satisfeito temo-lo verdadeiramente neste capítulo. O que ganhou Ló no caminho da felicidade e satisfação? Muito pouco, na verdade. Os habitantes de Sodoma rodearam a sua casa e ameaçaram invadi-la; ele procura acalmá-los por meio de uma proposta deveras humilhante, mas tudo em vão. Se alguém se mistura com o mundo, com o propósito de engrandecimento, deve dispor-se a aguentar as tristes consequências. Não podemos lucrar com o mundo, e, ao mesmo tempo, dar testemunho eficaz da sua impiedade. "...Como estrangeiro, este indivíduo veio aqui habitar e queria ser juiz em tudo!" (versículo 9). Isto nunca dará resultado. O verdadeiro modo de julgar é permanecer à parte, no poder moral da graça, não no espírito soberbo do Farisaísmo. O esforço para reprovar os caminhos do mundo, ao mesmo tempo que aproveitamos com a nossa companhia com ele, é vaidade; o mundo prestará pouca atenção a uma tal reprovação e um tal testemunho. Aconteceu assim, também, com o testemunho de Ló perante os seus genros; "foi tido por zombador" aos olhos deles. É inútil falar de juízo vindouro ao mesmo tempo que temos o nosso lugar, a nossa parte, e os nossos prazeres, na própria cena que vai ser julgada.

Abraão estava numa situação muito melhor para falar de juízo, tanto mais que estava inteiramente fora dessa cena. A tenda do peregrino em Manre não corria perigo, embora Sodoma estivesse em chamas! Oh! se os nossos corações desejassem

mais os frutos preciosos da nossa situação de estrangeiros, de modo que, em vez de termos de ser tirados, por força, à semelhança do pobre Ló, do mundo, em vez de lançarmos atrás um olhar hesitante, pudéssemos, com santa alegria, correr como bons corredores, para o alvo!

Ló Salvo como que através de Fogo

Evidentemente, Ló suspirava pela cena que foi forçado, por poder angélico, a abandonar; porque não somente os anjos tiveram que pegar nele, e tirá-lo à pressa do juízo iminente, mas até mesmo quando exortado a escapar por sua vida (aliás tudo que ele podia salvar da catástrofe), e fugir para as montanhas, ele responde: "Assim, não, Senhor! Eis que, agora, o teu servo tem achado graça aos teus olhos, e engrandeceste a tua misericórdia que a mim me fizeste, para guardar a minha alma em vida; mas não posso escapar no monte, pois que tenho medo que me apanhe este mal, e eu morra. Eis, agora, aquela cidade está perto, para fugir para lá, e é pequena; ora, para ali me escaparei (não é pequena?-), para que minha alma viva". Que quadro! Parece-se com um homem a afundar-se, pronto a agarrar-se até mesmo a uma pena flutuante. Apesar de o anjo o mandar fugir para o monte, ele recusa, e agarra-se apaixonadamente à ideia de uma pequena cidade — um pequeno bocado do mundo. Temia a morte no lugar para onde Deus misericordiosamente o mandava — sim, temia todo o mal e só podia esperar segurança em qualquer pequena cidade, qualquer lugar de sua própria invenção. "Ora, para ali me escaparei, para que minha alma viva." Como é triste! não se lançou inteiramente em Deus. Oh! Ele tinha andado tanto tempo longe d'Ele! Havia respirado tanto tempo a atmosfera densa duma "cidade" que não podia apreciar o ar puro da presença divina, ou encostar-se ao braço do Todo-Poderoso. A sua alma parecia completamente transtornada; o seu ninho terrestre havia sido repentinamente despedaçado, e ele não se sentia capaz de se refugiar, pela fé, no seio de Deus. Não havia cultivado a comunhão com o mundo invisível; e agora o visível desaparecia debaixo dos seus pés com rapidez tremenda. "Enxofre e fogo, desde os céus" estavam prestes a cair sobre aquilo em que estava posta toda a sua esperança e afeto. O ladrão o havia surpreendido, e ele parece ter perdido toda energia espiritual e todo domínio de si mesmo. Ele chegou ao extremo de seus recursos: está esgotado; mas o elemento mundano, sendo forte demais em seu coração, prevalece, e o força a buscar refúgio numa "pequena cidade". Contudo não se sente tranquilo até mesmo ali, pois deixa-a e dirige-se ao monte. Faz, com medo, o que não quis fazer por ordem do mensageiro de Deus.

E, então, vede o seu fim! As suas próprias filhas embriagam-no, e na sua embriaguez ele torna-se o instrumento de trazer à existência os amonitas e os moabitas — os inimigos declarados do povo de Deus.

Que sudário de instrução existe em tudo isto! Que o leitor veja nisto o que é o mundo! Veja que fatal coisa é deixar que o coração o siga! Que comentário não é a história de Ló daquela breve mas compreensível admoestação, "não ameis o mundo"! As Sodomas do mundo e as suas Zoares são todas as mesmas. Não existe nelas segurança, nem paz, nem descanso, nem satisfação durável para o coração. O juízo de Deus permanece sobre toda a cena; e Ele apenas susta a espada em paciente misericórdia, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se.

Solenes Advertências para Nós

Sigamos, pois, uma conduta de santa separação do mundo. Tenhamos a esperança, enquanto nos mantemos fora de todo o seu curso, da vinda do Mestre. Que as suas campinas bem regadas não tenham encantos para os nossos corações. Que as suas honras, as suas distinções e as suas riquezas, sejam vistas por nós à luz da glória vindoura de Cristo. Que, à semelhança do patriarca Abraão, possamos estar na presença do Senhor, e, desse terreno elevado, olhemos para a extensa cena de ruína e desolação — para a vermos no seu todo, por meio do olhar antecipado da fé, como ruínas fumegantes. Assim ela será. "Os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo" (2 Pe 3:7). Tudo aquilo por que os filhos deste mundo andam tão ansiosos—que procuram tão avidamente — por que lutam tão ferozmente — será queimado. E quem pode prever se não será em breve? Onde está Sodoma? Onde está Gomorra?- Onde estão as cidades da campina — essas cidades que uma vez eram tudo vida e movimento e azáfama?- Onde estão elas agora? Desapareceram! Foram varridas pelo julgamento de Deus! Consumidas pelo Seu fogo e enxofre! Bom. O Seu julgamento permanece agora sobre este mundo culpado. O dia está próximo; e, enquanto o juízo está iminente, a doce história da graça é contada a quantos a queiram ouvir. Felizes daqueles que ouvirem e crerem essa história! Felizes daqueles que fugirem para o monte da salvação de Deus! Aqueles que se refugiarem atrás da cruz do Filho de Deus, e ali encontrarem perdão e paz!

Deus permita que o leitor destas páginas possa saber o que é, com uma consciência purificada do pecado, e as afeições do seu coração purificadas da contaminação da influência deste mundo, esperar dos céus o Filho de Deus.

CAPÍTULO 20

ABRAÃO EM GERAR

O Homem de Deus Exposto à Reprovação do Mundo

Neste capítulo temos duas coisas distintas: a primeira é a degradação moral a que um filho de Deus por vezes se expõe à vista do mundo; a segunda a dignidade moral que sempre lhe pertence à vista de Deus. Abraão mostra outra vez receio das circunstâncias que o coração pode facilmente compreender. Ele vai peregrinar a Gerar e teme os homens dessa cidade. Compreendendo que Deus não estava ali, esquece-se que Ele está sempre consigo. Parece estar mais ocupado com os homens de Gerar do que com Aquele que é mais forte do que eles. Esquecendo a aptidão de Deus para proteger sua mulher, ele recorre ao mesmo estratagema que, anos antes, adotara no Egito. Isto é muito censurável. O pai dos fiéis perdeu-se por desviar os olhos de Deus. Perdeu, por um pouco de tempo, a sua concentração em Deus e por isso cedeu. Quão verdade é que somos fortes somente na medida em que nos apegamos a Deus na nossa inteira fraqueza. Enquanto nos mantivermos no caminho por Ele indicado nada nos poderá prejudicar. Se Abraão tivesse sabido apoiar-se em Deus, os homens de Gerar não se teriam intrometido com ele; e foi seu privilégio vindicar a fidelidade de Deus no meio das dificuldades mais espantosas. E assim teria também conservado a sua própria dignidade, como homem de fé.

É sempre motivo de dor para o coração ver como os filhos de Deus O desonram, e, como consequência, se rebaixam diante do mundo, perdendo o sentido da Sua suficiência para todas as emergências. Enquanto vivermos na compreensão da verdade que todas as nossas fontes estão em Deus, estaremos acima do mundo, em forma e feitio. Nada há de mais nobre para o ente moral como a fé: conduz inteiramente para além do alcance dos pensamentos do mundo; pois como podem os homens do mundo, até mesmo os crentes mundanos, compreender a vida da fé? Impossível: a fonte de onde ela emana está muito além da sua compreensão: eles vivem à superfície das coisas presentes. Desde que possam ver o que lhes parece um fundamento próprio para a esperança e a confiança, são esperançosos e confiantes; porém a ideia de descansarem unicamente nas promessas do Deus invisível não a compreendem. No entanto, o homem da fé mantém-se calmo no meio de cenas nas quais a natureza nada pode ver. Por isso é que a fé parece sempre, no parecer da natureza, uma coisa imprevidente, temerária e visionária. Ninguém senão os que conhecem a Deus pode jamais aprovar as ações da fé, porque ninguém senão eles podem realmente compreender o terreno sólido e verdadeiramente razoável de tais ações.

O Temor de Abraão

Neste capítulo vemos o homem de Deus expondo-se à censura e exprobração dos homens do mundo, por motivo das suas ações, debaixo do poder da incredulidade. Assim terá de ser sempre. Nada senão a fé pode dar ao caráter e à carreira de um homem verdadeira elevação. Podemos, na verdade, ver alguns que são

naturalmente retos e honrados nos seus caminhos; contudo, não podemos confiar na retidão e honra da natureza: apoiam-se num mau fundamento, e estão sujeitas a ceder a todo o momento. É só a fé que pode dar um tom moral verdadeiramente elevado, porque liga a alma em poder vivo com Deus, a única origem de verdadeira moralidade. E um fato notável que, no caso de todos aqueles que Deus tem graciosamente recebido, vemos que, quando se afastam da carreira da fé, eles descem ainda mais do que os seus semelhantes. Isto explica a conduta de Abraão, nesta parte da sua história.

Mas há outro fato de muito interesse e valor a notar aqui. vemos que Abraão tinha alimentado alguma coisa má durante anos: havia começado, parece, a sua carreira com certa reserva na sua alma, a qual reserva era o resultado da sua falta de plena confiança em Deus. Se ele tivesse podido confiar inteiramente em Deus quanto a Sara, não teria havido necessidade de qualquer reserva ou subterfúgio. Deus tê-la-ia resguardado de todo o mal; e quem pode fazer mal àqueles que são os felizes objetos da Sua proteção? Todavia, Abraão pôde, em misericórdia, arrancar a raiz de todo o mal — confessá-lo, julgá-lo, inteiramente, e deixá-lo. Este é o verdadeiro modo de agir. Não pode haver verdadeira bênção e poder enquanto não for trazida à luz cada partícula de fermento e calcada aos pés. A paciência de Deus é ilimitada. Ele pode esperar. Pode aturar-nos; mas nunca guiará uma alma ao ponto culminante de bênção e poder enquanto o fermento conhecido continuar por julgar. Mas basta quanto a Abimeleque e Abraão. Vejamos agora a dignidade moral deste, à vista de Deus.

Dois Pontos de Vista muito Distintos

Na história do povo de Deus, quer o consideremos como um todo ou como indivíduos, somos muitas vezes despertados por diferenças espantosas entre o que são à vista de Deus e o que são aos olhos do mundo. Deus contempla-os em Cristo. Olha para eles através de Cristo, e por isso vê-os "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante" (Ef. 5:27). Eles são o que Cristo é perante Deus. São perfeitos para sempre, quanto à sua posição em Cristo. "Não estão na carne, mas no Espírito".

Mas em si próprios eles são pobres, fracos, imperfeitos, e inconstantes; e, visto que é o que são em si próprios, e nada mais, e é somente desse fato que o mundo toma conhecimento, a diferença parece tão grande entre a avaliação divina e a humana. Contudo, é prerrogativa de Deus mostrar a beleza, a dignidade e a perfeição do Seu povo. É Seu privilégio exclusivo, visto ser Ele Próprio Quem outorga essas coisas. Eles têm somente a formosura que Ele lhes tem dado e é, portanto, Seu direito declarar o que essa formosura é; e Ele fá-lo de uma maneira verdadeiramente digna de Si, e nunca é tão abençoada como quando o inimigo se dispõe a ferir, a amaldiçoar, ou acusar. Desta maneira, quando Balaque procura amaldiçoar a semente de Abraão, a Palavra do Senhor é: "Não vi iniquidade em Israel, nem

contemplei maldade em Jacó". "Que boas são as tuas tendas, ó Jacó! As tuas moradas, ó Israel!" (Nm 23:21;24:5). Outro tanto, quando Satanás se apresenta para resistir a Josué, a palavra é: "O Senhor te repreenda, ó Satanás,... não é este um tição tirado do fogo?" (Zc 3:1). Assim o Senhor Se interpõe sempre entre o Seu povo e toda a língua que procura acusá-los. Ele não responde à acusação referindo-Se ao que o Seu povo é em si, ou o que são aos olhos dos homens deste mundo, mas o que Ele Próprio tem feito deles, e onde os tem colocado.

Assim no caso de Abraão, ele podia rebaixar-se à vista de Abimeleque, rei de Gerar; e Abimeleque podia ter de o repreender, porém, quando Deus trata do caso, Ele diz a Abimeleque: "Eis que morto és"; e de Abraão diz: "profeta é, e rogará por ti", sim, com toda "a sinceridade do seu coração e em pureza das suas mãos", o rei de Gerar era apenas "um homem morto"; e, além disso, ele tem de ser devedor das orações do estrangeiro inconsistente pela restauração da saúde da sua casa. Tal é, pois o método de Deus: Ele pode ter controvérsia secreta com os Seus, com base nos seus caminhos; mas logo que o inimigo intenta acusação contra eles, o Senhor defende sempre a causa dos Seus servos. "Não toqueis os meus ungidos, e aos meus profetas não façais mal" (1 Cr 16:22). "Aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho" (Zc 2;8). "E Deus quem os justifica, quem os condenará?"- (Rm 8:33,34). Nenhum dardo do inimigo poderá penetrar a couraça, atrás da qual o Senhor tem escondido a ovelha mais fraca do Seu rebanho, adquirida à custa do sangue de Seu Filho. Ele esconde o Seu povo no Seu pavilhão, põe os seus pés sobre a rocha dos séculos, levanta as suas cabeças acima dos seus inimigos, e enche os seus corações da alegria eterna da Sua salvação!

Bendito seja eternamente o Seu nome!

CAPÍTULO 21

ISAQUE E ISMAEL

O Nascimento de Isaque — o Filho da Promessa

"E o SENHOR visitou a Sara, como tinha dito; e fez o SENHOR a Sara como tinha falado." Aqui temos o cumprimento da promessa — o fruto bendito da esperança paciente em Deus. Ninguém jamais esperou em vão. A alma que se agarra às promessas de Deus, pela fé, tem uma realidade estável que nunca lhe faltará. Assim aconteceu com Abraão; assim aconteceu com todos os fiéis através dos séculos; e assim será com todos aqueles que podem, em alguma medida, confiar no Deus vivo. Oh! é uma bênção maravilhosa termos o Próprio Deus como a nossa parte e lugar de descanso no meio das sombras insuficientes desta cena através da qual

estamos de passagem: termos a nossa âncora lançada dentro do véu; termos a palavra e o juramento de Deus, as duas coisas imutáveis, para nos apoiarmos, para conforto e tranquilidade das nossas almas.

Quando a promessa de Deus se apresentou perante a alma de Abraão como um fato realizado, ele podia muito bem compreender a futilidade dos seus esforços para alcançar essa realização. Ismael não servia, de modo nenhum, tanto quanto dizia respeito à promessa de Deus. Ele podia proporcionar alguma coisa para as afeições da natureza, de modo a enlaçá-las, tornando assim mais difícil a tarefa que Abraão teria depois que cumprir; mas não era de modo nenhum vantajoso para o cumprimento dos propósitos de Deus, ou para a confirmação da fé de Abraão — era antes o contrário. A natureza nunca poderá fazer alguma coisa para Deus. O Senhor tem de "visitar", o Senhor tem de "fazer", e a fé deve esperar, e a natureza deve estar tranquila; sim, deve ser inteiramente posta de parte como morta, uma coisa inútil, e então a glória divina pode brilhar, e a fé acha nesse brilho o seu rico galardão.

"E concebeu Sara e deu a Abraão um filho na sua velhice, ao tempo determinado, que Deus lhe tinha dito." Existe alguma coisa como "o tempo determinado" por Deus, o Seu "tempo próprio", e por ele os fiéis devem estar contentes em esperar. Pode parecer um tempo longo, e a demora no cumprimento da esperança pode tornar o coração fatigado; porém a mente espiritual achará sempre o seu alívio na certeza de que tudo concorre para a manifestação ulterior da glória de Deus. "Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará... o justo, pela sua fé, viverá" (Hc 2:3-4).

Fé maravilhosa! Mostra-nos no presente todo o poder do futuro de Deus, e alimenta-se da promessa de Deus como de uma realidade presente. Por seu poder a alma permanece em Deus, quando tudo parece ser contra ela; e, "ao tempo determinado" a boca é cheia de riso.

"E era Abraão da idade de cem anos, quando lhe nasceu Isaac seu filho." Assim a natureza nada teve de que se gloriar. O infortúnio do homem foi a oportunidade de Deus; "e disse Sara: Deus me tem feito riso." Tudo é vitória quando Deus pode manifestar-Se.

Contraste entre Duas Naturezas

Ao mesmo tempo que o nascimento de Isaque enchia Sara de riso, introduzia um elemento inteiramente novo na casa de Abraão. O filho da livre precipitou o desenrolar do caráter do filho da escrava. Na verdade, Isaque provou, em princípio, ser para a família de Abraão aquilo que a nova natureza é na alma dum pecador. Não se tratava de Ismael modificado, mas de Isaque nascido. O filho da escrava nunca podia ser nada mais senão isso. Podia vir a ser uma grande nação,

podia habitar no deserto e tornar-se num frecheiro; podia vir a ser o pai de doze príncipes, mas era sempre o filho da escrava. Pelo contrário, por muito fraco e desprezado que Isaque fosse, ele era o filho da livre. A sua posição e o seu carácter, a sua situação e perspectiva, eram do senhor. "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3:6).

A regeneração não é mudança da velha natureza, mas a introdução de uma nova; é a implantação da natureza ou vida do último Adão por operação do Espírito Santo, com fundamento na redenção consumada por Cristo, e em perfeito cumprimento com a vontade soberana ou desígnio de Deus. No momento em que o pecador crê em seu coração, e confessa com a sua boca o Senhor Jesus, torna-o possuidor de uma nova vida, e essa vida é Cristo. É nascido de Deus, é um filho de Deus, é um filho da livre (vede Rm 10:9; Cl 3:4, 1 Jo 3:12; G1 3:26; 4:31).

A Velha Natureza não Pode ser Modificada

Nem tão-pouco a introdução desta nova natureza altera, no mínimo, o carácter verdadeiro e essencial da velha natureza. Esta continua a ser o que era; e não é, de modo nenhum, melhorada; pelo contrário, dá-se a plena manifestação do seu carácter pecaminoso em oposição ao novo elemento;"... a carne cobiça contra o Espírito e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro" (G1 5:17). Aqui vemo-los em toda a sua distinção, e um só pode ter alívio se for deixado em paz pelo outro.

Creio que esta doutrina das duas naturezas do crente não é geralmente conhecida; e todavia enquanto houver ignorância a seu respeito o espírito será inteiramente alheio à verdadeira posição e aos privilégios de um filho de Deus. Há quem pense que a regeneração é uma determinada mudança porque passa a velha natureza; e além disso, que esta mudança é progressiva na sua operação, até que, por fim, o homem é inteiramente transformado.

Que esta ideia é errônea pode provar-se por várias passagens do Novo Testamento. Esta por exemplo: "... a inclinação da carne é inimidade contra Deus" (Rm 8:7). Como pode aquilo de que assim se fala jamais passar por qualquer melhoramento?- O apóstolo continua dizendo, "pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser". Se não pode ser sujeita à lei de Deus, como pode ser melhorada? Como poderá sofrer alguma alteração? Outro tanto, "o que é nascido da carne é carne" (Jo 3:6). Faça-se o que se fizer com a carne, e será sempre carne. Como diz Salomão: "Ainda que pisasses o tolo com uma mão de gral, entre grãos de cevada pilada, não se iria dele a sua estultícia" (Pv 27:22). Não vale a pena procurar fazer a loucura sábia: é preciso introduzir sabedoria celestial no coração que apenas tem sido governado pela loucura. Também em Colossenses 3:9, "... já vos despistes do velho homem". O apóstolo não diz, melhorastes, ou procurais melhorar o "velho homem"; mas já vos despistes dele. Isto dá-nos uma ideia inteiramente diferente.

Existe uma grande diferença entre procurar remendar um vestido velho e pô-lo inteiramente de lado para usar um novo. Esta é a ideia da última passagem reproduzida. E pôr de lado o velho e vestir o novo. Nada pode ser mais claro e simples.

Podíamos multiplicar facilmente as passagens para provar o erro da teoria respeitante ao aperfeiçoamento da velha natureza — para provar que a velha natureza está morta em pecados, e é inteiramente incapaz de ser renovada ou melhorada; e que, além disso, a única coisa que podemos fazer com ela é conservá-la debaixo dos pés no poder daquela nova vida que temos em união com a nossa Cabeça glorificada nos céus.

O nascimento de Isaque não melhorou Ismael, mas apenas ocasionou a verdadeira oposição deste ao filho da promessa. Pôde ter uma conduta pacífica e irrepreensível até Isaque ter feito a sua aparição; mas então mostrou o que era perseguindo e ridicularizando o filho da ressurreição. Qual era logo o remédio? Melhorar Ismael? De modo nenhum; mas, "Deita fora esta serva e o seu filho; porque o filho desta serva não herdará como meu filho, com Isaque" (versículos 8-10). Aqui estava o único remédio. "Aquilo que é torto não se pode endireitar" (Ec 1:15); portanto, é preciso livrarmo-nos inteiramente do que é torto e ocuparmo-nos com aquilo que é divinamente reto. É tempo perdido procurar endireitar uma coisa torta. Por isso todos os esforços tendentes a melhorar a natureza são completamente fúteis, tanto quanto diz respeito a Deus. Pode ser muito bom para os homens melhorarem aquilo que é útil para si próprios, mas Deus deu a fazer aos Seus filhos alguma coisa infinitamente melhor — cultivar aquilo que é Sua própria criação, e cujos frutos, apesar de não servirem, de nenhum modo, para exaltar a natureza, são inteiramente para Seu louvor e glória.

Ora o erro em que caíram as igrejas da Galácia foi a aceitação daquilo que apelava para a natureza."... Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos" (At 15:1). aqui vemos como a salvação se tornava dependente de alguma coisa que o homem podia ser, fazer, ou guardar. Isto importava em deitar por terra toda a obra gloriosa da redenção, a qual, como o crente sabe, assenta exclusivamente sobre o que Cristo é e o que Ele fez. Tornar a salvação dependente, de qualquer maneira, de alguma coisa inerente ao homem, ou a fazer pelo homem, é pô-la inteiramente de lado. Por outras palavras, Ismael tem que ser posto fora, e todas as esperanças de Abraão devem depender daquilo que Deus fez, e deu, na pessoa de Isaque. Escusado será dizer que isto não deixa nada em que o homem possa gloriar-se. Se a bem-aventurança presente ou futura dependesse até mesmo de uma alteração divina na natureza, a carne podia gloriar-se. Embora a minha natureza fosse melhorada, seria alguma coisa de mim, e deste modo Deus não teria toda a glória. Porém, quando sou introduzido numa nova criação, vejo que é tudo de Deus, planeado, fomentado e acabado somente por Ele Próprio. Deus e o

realizador, e eu sou um adorador; Ele é o abençoador, e eu sou o abençoado; Ele é "o maior", e eu sou "o menor" (Hb 7:7); Ele é o Dador, e eu sou o que recebe. É isto que faz da Cristandade o que ela é; e, além disso, a distingue de qualquer sistema de religião abaixo do Sol.

A religião humana dá mais ou menos sempre lugar à criatura; fica com a escrava e o seu filho em casa; dá ao homem alguma coisa em que se gloriar. Pelo contrário, a Cristandade exclui a criatura de toda a interferência na obra da salvação; deita fora a escrava e seu filho, e dá toda a glória Aquele a Quem somente pertence.

A Escravidão da Lei em Oposição com a Liberdade Cristã

Mas vejamos o que são realmente esta escrava e seu filho, e o que simbolizam para nós. O capítulo 4 de Gálatas dá-nos amplo ensino a este respeito. Em resumo, pois, a escrava representa o concerto da lei; e o seu filho representa todos os que são das "obras da lei", ou se fundamentam nesse princípio. Isto é muito claro. A escrava só gera para a escravidão, e nunca pode dar à luz um homem livre. Como poderia?- A lei nunca podia dar liberdade, visto que enquanto o homem vivesse ela dominava sobre ele (Rm 7:1). Eu nunca poderei ser livre enquanto estiver sob o domínio de alguém. Assim, enquanto vivo debaixo da lei esta tem domínio sobre mim; e nada senão a morte pode libertar-me do seu domínio.

Esta é a doutrina bendita de Romanos 7. "Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei, pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus." (Rm 7:4) Isto é liberdade, porque, "Se pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (Jo 8:36). "De maneira que, irmãos, somos filhos não da escrava, mas da livre" (G1 4:31).

Ora é no poder desta liberdade que podemos obedecer ao preceito, "Deita fora esta serva e o seu filho". Se eu não estou conscientemente livre, estarei procurando alcançar a liberdade do modo mais estranho possível, até mesmo conservando a escrava em casa: por outras palavras, procurarei conseguir a vida guardando a lei; estarei, então, procurando estabelecer a minha própria justiça. Sem dúvida, haverá nisto tudo um esforço para deitar fora este elemento de escravatura, porque o legalismo é próprio dos nossos corações. "E pareceu esta palavra mui má aos olhos de Abraão, por causa de seu filho." Contudo, por muito má que seja, é conforme com a mente divina que permaneçamos firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, e não tornemos a metermo-nos debaixo do jugo da servidão (G1 5:1). Possamos nós, prezado leitor, compreender tão inteira e praticamente a bem-aventurança da provisão de Deus por nós em Cristo, que acabemos com todos os pensamentos acerca da carne, e tudo que ela pode ser, fazer ou produzir. Existe tal plenitude em Cristo que torna todo o apelo à natureza supérfluo e vão.

CAPÍTULO 22

MORIÁ

Deus Prova o Seu Servo Abraão

Abraão encontra-se agora num estado próprio para que o seu coração seja posto à prova. Depois de ter confessado o segredo do seu coração, em capítulo 20, e havendo saído de sua casa a escrava e seu filho, no capítulo 21, ele está agora na posição mais honrosa que qualquer alma pode ter, e esta é uma posição de prova da mão do Próprio Deus.

Existem várias formas de provação — provação às mãos de Satanás; provação devido às circunstâncias; porém o caráter mais elevado de provação é aquele que vem diretamente das mãos de Deus, quando Ele põe o ente querido na fornalha do fogo para provar a realidade da sua fé.

Deus faz isto. Ele tem que ter a realidade. De nada servirá dizer: "Senhor, Senhor", ou "eu vou, Senhor". O coração tem que ser provado até ao máximo, de modo que nenhum elemento de hipocrisia, ou falsa profissão, possa ser permitido nele. "Dá-me, filho meu, o teu coração" (Pv 23:26). O Senhor não diz, "dá-me a tua cabeça, ou o teu intelecto, ou os teus talentos, ou a tua língua, ou o dinheiro"; mas, sim, "dá-me o teu coração". E a fim de provar a sinceridade da nossa resposta a este convite gracioso, Ele deitará a mão a qualquer coisa muito querida dos nossos corações. Deste modo Ele diz a Abraão: "Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi". Isto importava tocar muito de perto o coração de Abraão. Era passá-lo na verdade rigorosamente por um cadinho.

Deus requer "a verdade no íntimo". Pode haver muito de verdade nos lábios, e no intelecto, mas Deus procura-a no coração. As provas vulgares do amor de nossos corações não satisfarão Deus. Ele Próprio não ficou satisfeito em dar uma prova vulgar: deu o Seu Filho, e nós deveríamos aspirar dar provas extraordinárias do nosso amor Aquele que nos amou, até mesmo quando estávamos mortos em delitos e pecados.

Contudo, é bom notarmos que Deus dá-nos uma honra notável quando prova os nossos corações. Nunca lemos que Deus tivesse tentado(1) Ló. Não, Sodoma tentou Ló. Ele nunca alcançou um engrandecimento suficiente para ser provado pela mão do Senhor. Era evidente que havia muita coisa entre o seu coração e o Senhor, e isso não necessitava, portanto, da fornalha para o provar. Sodoma nunca tentou Abraão. Isto ficou claro na sua entrevista com o rei de Sodoma, no capítulo 14. Deus sabia bem que Abraão O amava muito mais do que a Sodoma; porém tinha de

ficar bem claro que Ele o amava mais do que toda outra coisa pondo a Sua mão sobre o objeto mais querido do seu coração. "Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque." Sim, Isaque, o filho da promessa; Isaque, o filho da esperança paciente, o objeto do amor paternal, e aquele em quem todas as nações da terra deviam ser abençoadas. Este Isaque tinha que ser oferecido em holocausto. Isto, certamente, era pôr a fé à prova, a fim de que, sendo mais preciosa do que o ouro que perece, embora fosse provada pelo fogo, pudesse ser achada para louvor, honra e glória de Deus. Se a alma de Abraão não tivesse permanecido simplesmente em Deus ele nunca poderia ter rendido obediência resoluto a um tal mandamento. Mas Deus era o suporte vivo e permanente de seu coração, e por isso ele estava pronto a dar tudo por Ele.

(1) O significado do Capítulo 22:1 é que Deus pôs Abraão à prova (N. do T.).

A alma que tem achado todas as suas fontes em Deus pode, sem hesitação, afastar-se de todas as correntes da natureza. Podemos prescindir da criatura, na proporção em que nos tivermos familiarizado com o Criador, e nada mais. Tentar deixar as coisas visíveis de qualquer outro modo, que não seja a energia da fé que lança mão do invisível, é o esforço mais inútil que se pode imaginar. Não pode ser conseguido. Enquanto não achar tudo em Deus, eu conservarei o meu Isaque. E quando podemos dizer pela fé, "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia", que podemos também acrescentar, "pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares" (SI 46:1-2).

Abraão Obedece em Seguida

"Então, se levantou Abraão pela manhã, de madrugada". É obediência imediata. "Apresei-me e não me detive a observar os teus mandamentos" (SI 119:60). A fé nunca olha para as circunstâncias, nem considera os resultados; espera só em Deus; exprime-se deste modo: "Mas, quando aprovou a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue" (Gl 1:15-16). Logo que consultamos carne e sangue o nosso testemunho e serviço são manchados, porque carne e sangue não podem obedecer. Devemos madrugar e levar, pela graça, o preceito divino. Deste modo somos abençoados e Deus é glorificado. Se a palavra de Deus é a base da nossa atividade, ela dar-nos-á sempre força e estabilidade de operação. Se atuarmos apenas por impulso logo que o impulso acaba, a ação acaba também.

Existem duas coisas necessárias a uma carreira contínua e consciente de ação, a saber, o Espírito Santo, como o poder de ação, e a Palavra para nos dar direção apropriada.

Para ilustrar:

O vapor de uma máquina de caminho de ferro seria de pouca utilidade sem os carris firmemente estendidos; o vapor é o poder por meio do qual somos transportados; e as linhas representam a direção. Escusado será dizer que as linhas seriam de pouca utilidade sem o vapor. Bom. Abraão foi abençoado com as duas coisas. Ele tinha o poder de ação conferido por Deus e a ordem de atuar dada também por Deus. A sua dedicação era de caráter definido; e isto é profundamente importante. Vemos por vezes muitas coisas que se parecem com dedicação, mas que, na realidade, são apenas a atividade irregular de uma vontade que não está sob a ação poderosa da Palavra de Deus. Essa dedicação aparente é inútil, e o espírito donde ela emana desaparecerá rapidamente.

Podemos estabelecer este princípio: sempre que a dedicação ultrapasse os limites divinamente marcados é duvidosa. Se não chegar a atingir estes limites é defeituosa; se correr sem eles é desordenada. Concordo em absoluto que há operações extraordinárias do Espírito de Deus nas quais Ele mantém a Sua própria soberania e Se eleva acima dos limites normais; mas, em tais casos, a evidência da atividade divina será suficientemente forte para incutir convicção em toda a mente espiritual; nem tão-pouco estas operações interferirão, de nenhum modo, com a verdade do princípio que a verdadeira dedicação será sempre fundamentada e governada por princípio divino. Sacrificar um filho poderia parecer um ato de extraordinária dedicação; mas não se esqueça que o que deu valor a esse ato, à vista de Deus, foi o fato simples de ser baseado no mandamento de Deus.

A Adoração

Temos, ainda, outra coisa ligada com o verdadeiro afeto, e isto é o espírito de adoração: "... eu e o moço iremos até ali... e havendo adorado". O servo verdadeiramente consagrado terá em vista, não o seu serviço, por muito grande que seja, mas o Senhor, e isto produzirá o espírito de adoração. Se eu amar o meu mestre, segundo a carne, pouco se me dará se limpo os seus sapatos ou se guio a sua carruagem; porém se eu pensar mais em mim do que nele, preferirei ser cocheiro do que engraxador. E assim precisamente no serviço do Mestre celestial: se eu pensar só n'Ele, estabelecer igrejas e fazer tendas será o mesmo para mim. Podemos ver a mesma coisa no ministério angélico. A um anjo não interessa se é mandado destruir um exército ou proteger a pessoa de qualquer herdeiro da salvação. E o Mestre Quem enche inteiramente a sua visão. Como alguém

observou, "se dois anjos fossem enviados do céu, um para governar um império e o outro para varrer as ruas, eles não discutiriam quanto ao seu trabalho". Isto é verdadeiro, e devia ser assim conosco. O servo deveria estar sempre ligado com o adorador, e o trabalho das nossas mãos perfumado com a respiração ardente dos nossos espíritos. Em suma, devíamos partir sempre para o nosso trabalho no espírito daquelas palavras memoráveis, "eu e o moço iremos até ali, e havendo adorado tornaremos a vós". Isto guardar-nos-ia efetivamente daquele serviço meramente maquinal no qual estamos tão prontos a cair: fazer as coisas por amor de as fazer, e estando mais ocupados com o nosso trabalho do que com o Senhor. Tudo deve partir da simples fé em Deus e obediência à Sua Palavra.

O Sacrifício de Isaque: Imagem do Sacrifício de Cristo

"Pela fé, ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito" (Hb 11:17). É só na medida em que andamos pela fé que podemos começar, continuar, e acabar a nossa obra para Deus. Abraão não só partiu para oferecer o seu filho, como continuou o seu caminho, e chegou ao lugar que Deus havia escolhido.

"E tomou Abraão a lenha do holocausto e pô-la sobre Isaque seu filho; e ele tomou o fogo e o cutelo na sua mão. E foram ambos juntos." E mais adiante lemos: "... e edificou Abraão ali um altar, e pôs em ordem a lenha, e amarrou a Isaque, seu filho, e deitou-o sobre o altar em cima da lenha. E estendeu Abraão a sua mão e tomou o cutelo para imolar o seu filho." Isto era realmente obra de fé e trabalho de amor (1 Ts 1:3) no sentido mais elevado. Não era simples mistificação — não era aproximação de lábios, enquanto que o coração está longe —, não era dizer, sim, Senhor, "eu vou", e não ir. Era tudo profunda realidade, como a fé sempre se deleita em produzir, e Deus Se deleita em receber. É fácil fazer uma demonstração de afeto quando não há necessidade dele. É fácil dizer, "Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei... ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei" (Mt 26:33-35); mas o ponto é suportar a provação. Quando Pedro foi submetido à prova, ele falhou completamente. A fé nunca fala do que fará, mas faz o que pode, no poder do Senhor. Nada pode ser mais indigno do que um espírito de pretensão. E tão desprezível como o fundamento em que se baseia. Porém, a fé atua "quando é provada", e até então está contente por ser invisível e silenciosa.

Ora, não é necessário acentuar o fato que Deus é glorificado nestas santas atividades da fé. Ele é o seu objeto imediato, assim como a origem de onde elas emanam. Não houve acontecimento na história de Abraão em que Deus fosse tão glorificado como no Monte Moriá. Foi ali que ele pôde ficar habilitado a dar testemunho do fato que todas as suas fontes estavam em Deus — achara- -as não só

antes, mas depois do nascimento de Isaque. É um ponto tocante, este. Uma coisa é descansar nas bênçãos de Deus e outra coisa descansar n'Ele Próprio.

Uma coisa é confiar em Deus quando temos perante os nossos olhos o meio pelo qual a bênção deve vir; mas outra muito diferente quando esse meio não existe. Foi isto que provou a excelência da fé de Abraão. Ele mostrou que podia confiar em Deus por uma descendência inumerável não apenas enquanto Isaque estava diante dele em vigor e saúde mas da mesmíssima maneira se ele fosse a vítima sobre o fogo do altar. Era uma ordem mais elevada de confiança em Deus; era confiança pura; não era uma confiança apoiada em parte por Deus e em parte pela criatura. Não, baseava-se num pedestal sólido, a saber, Deus. Ele considerou que Deus era Poderoso: nunca considerou Isaque poderoso. Isaque, sem Deus, nada era; Deus, sem Isaque, era tudo.

Isto é um princípio de importância incalculável; calculado evidentemente para experimentar o coração de um modo penetrante. Faz-me alguma diferença ver o meio aparente da minha bênção esgotar-se? Encontro-me suficientemente perto da fonte essencial para poder, com espírito de adoração, ver todos os regatos da criatura secarem-se? É uma pergunta penetrante.

Compreendo eu a suficiência de Deus para poder, com efeito, estender a minha mão e tomar o cutelo para imolar o meu filho? Abraão pôde fazer isto, porque a sua fé estava posta no Deus da ressurreição. "Ele considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar" (Hb 11:18).

Numa palavra, era com Deus que ele tinha de tratar, e isso era o bastante, mas não lhe foi consentido descarregar o golpe. Havia chegado ao extremo: tinha chegado ao limite para além do qual Deus não podia permitir que ele fosse. O bendito Senhor poupou o coração do pai à dor que Ele não poupou o Seu próprio coração — a dor de ferir o Seu Filho. Deus, bendito seja o Seu nome, foi além do limite, pois "nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes, o entregou por todos nós" (Rm 8:32): "...ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar" (Is 53:10). Não se ouviu nenhuma voz do céu quando, no Calvário, o Pai ofereceu o Seu Filho unigênito. Não; foi um sacrifício inteiramente consumado; e, na sua consecução, foi selada a nossa paz eterna.

Abraão Demonstra Sua Fé mediante Suas Obras

Contudo, o afeto de Abraão foi plenamente provado, e aceito. "Porquanto agora sei que temes a Deus, e não me negaste o teu filho, o teu único". Notemos a frase, "agora sei". A prova nunca havia sido feita antes. Existia, sem dúvida, e Deus sabia isto. Porém, o ponto importante aqui é que Deus acha o Seu conhecimento do fato sobre a evidência tirada do altar do Monte Moriá. A fé é sempre comprovada pela ação, e o temor de Deus por meio dos frutos que resultam dela. "Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o

seu filho Isaque?" (Tg 2:21). Quem poderia pensar pôr em dúvida a sua fé? Tirai a fé, e Abraão aparecerá no Monte Moriá como um assassino e um doido. Tomai a fé em conta, e ele aparece ali como um adorador consagrado — um homem temente a Deus e justificado.

Porém a fé tem que ser provada. "Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras?" (Tg 2:14).

Deus ou o homem ficarão satisfeitos com uma profissão infrutuosa e ineficaz? Certamente que não. Deus busca a realidade e honra-a onde a vê; e quanto ao homem, ele nada pode compreender, salvo a expressão viva e inteligível da fé que se manifesta em ações. Estamos rodeados da profissão religiosa: a fraseologia da fé anda em todos os lábios; porém, a fé em si é uma joia tão rara como sempre — essa fé que torna o homem capaz de sair da costa das circunstâncias e enfrentar as ondas e os ventos, e não só enfrentá-los, mas suportá-los, até mesmo se o Mestre estiver aparentemente dormindo sobre uma almofada.

O Ensino do Espírito por meio de Tiago e Paulo

E aqui quero referir a harmonia perfeita que existe entre Tiago e Paulo sobre o assunto da justificação. O leitor inteligente e espiritual, que se curva perante a verdade importante da inspiração plenária da Escritura Sagrada, sabe muito bem que, sobre esta questão não é com Paulo ou Tiago que temos de tratar, mas com o Espírito Santo, que graciosamente usou estes dois venerandos homens como a pena para escrever os Seus pensamentos, precisamente como eu poderia pegar numa pena de penas ou de aço para escrever os meus pensamentos, em cujo caso seria inteiramente absurdo falar de discordância entre as duas penas, uma vez que o escritor era o mesmo. Por isso é impossível que dois escritores inspirados pudessem chocar-se, como corpos celestiais, à medida que se moviam na órbita divinamente indicada, e entrar em colisão.

Na realidade, existe, como podia esperar-se, a maior e mais perfeita harmonia entre estes dois apóstolos sobre o assunto da justificação; com efeito, um é a contra-parte ou o expoente do outro. Paulo dá-nos o princípio íntimo, e Tiago a revelação desse princípio; aquele apresenta a vida oculta, este a vida manifestada; o primeiro vê o homem na sua relação com Deus, o último encarara-o na sua relação com o seu semelhante. Bom. Nós precisamos de ambos: o íntimo não serviria sem o exterior; e o exterior seria inútil e impotente sem o íntimo. "Abraão foi justificado" quando "creu em Deus"; e "Abraão foi justificado" quando "ofereceu Isaque, seu filho". No primeiro caso temos o segredo de Abraão, e no último o seu reconhecimento público pelo céu e pela terra. E conveniente notarmos esta distinção. Não se ouviu nenhuma voz do céu quando "Abraão creu em Deus", embora no parecer de Deus ele fosse ali, então, "considerado justo"; mas quando ele ofereceu o seu filho sobre o altar, Deus pôde dizer, "agora sei"; e todo o mundo teve

uma prova poderosa e incontestável do fato de que Abraão era um homem justificado.

Assim será sempre. Onde quer que existir o princípio íntimo haverá a atuação exterior; porém todo o valor desta resulta da sua ligação com aquele. Desligai, por um momento, a atuação de Abraão, conforme é estabelecida por Tiago, da fé de Abraão, como é estabelecida por Paulo, e que virtude justificadora terá ela? Nenhuma absolutamente. Todo o seu valor, a sua eficácia, a sua virtude emanam do fato que era uma manifestação exterior daquela fé, por virtude da qual ele havia sido contado justo perante Deus. Mas temos dito o bastante quanto à harmonia admirável entre Paulo e Tiago, ou antes, quanto à unidade da voz do Espírito Santo, quer essa voz seja proferida por Paulo ou por Tiago.

Voltemos agora para o nosso capítulo. E interessante vermos aqui como a alma de Abraão é levada a uma nova descoberta do caráter de Deus por meio da prova da sua fé. Quando podemos suportar a provação da própria mão de Deus, é certo levar-nos a alguma nova experiência com respeito ao Seu caráter, a qual nos faz conhecer quão valiosa é a provação. Se Abraão não tivesse estendido a sua mão para imolar o seu filho, ele nunca teria conhecido as ricas e excelentes profundidades desse título que ele aqui dá a Deus, a saber: "O Senhor proverá". É só quando somos realmente postos à prova que descobrimos o que Deus é. Sem provação podemos ser apenas teóricos, e Deus não nos quer assim: Ele quer que entremos nas profundidades vivas que há n Ele Próprio — as realidades divinas de comunhão pessoal com Ele. Com que sentimentos e convicções diferentes deve Abraão ter retrocedido do Monte Moriá para Berseba! Do monte do Senhor ao poço do juramento! Quão diferentes eram agora os seus pensamentos acerca de Deus! Que pensamentos diferentes acerca de Isaque! Como eram diferentes os seus pensamentos quanto a tudo!

Na verdade, nós podemos dizer: "Bem-aventurado o varão que sofre a tentação" (Tg 1:12). É uma honra dada pelo próprio Senhor e a bem-aventurança da experiência a que ela conduz não pode ser facilmente calculada. É quando aos homens, para empregarmos a linguagem do Salmo 107:27, se "esvai toda a sabedoria" que eles podem descobrir o que Deus é. Oh! que Deus nos dê graça para podermos sofrer a provação, e a obra de Deus poder ser vista e o Seu nome glorificado em nós!

A Promessa e o Juramento de Deus

Há um ponto que, antes de terminar os meus comentários sobre este capítulo, desejo frisar, a saber, o modo gracioso como Deus dá a Abraão crédito por ter praticado o ato para o qual se mostrou tão disposto. "Por mim mesmo, jurei, diz o SENHOR; porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único, que deveras te abençoarei e grandissimamente multiplicarei a tua semente como as

estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar; e a tua semente possuirá a porta dos seus inimigos. E em tua semente serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeste à minha voz". Isto corresponde lindamente com a observação do Espírito quanto ao feito de Abraão, conforme nos é apresentado em Hebreus 11, e também em Tiago 2. Em ambas as Escrituras ele é considerado como tendo oferecido o seu filho Isaque sobre o altar.

O grande princípio transmitido por todo o acontecimento é este: Abraão mostrou que estava preparado para perder tudo menos Deus; e, além disso, foi este mesmo princípio que o constituiu e declarou um homem justificado. A fé pode agir sem alguém ou sem coisa alguma, mas não sem Deus: tem o pleno sentimento da Sua suficiência e pode, portanto, deixar tudo mais. Por isso Abraão podia apreciar devidamente as palavras "Por mim mesmo, jurei". Sim, estas palavras maravilhosas "por mim mesmo", eram tudo para o homem da fé. "Porque, quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo..., porque os homens certamente juram por alguém superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda contenda. Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento". (Hb 6:13, 16-17). A Palavra e o juramento do Deus vivo devem pôr fim a todas as contendas e esforços da vontade humana, e formar a âncora irremovível da alma por entre toda a agitação e tumultos deste agitado mundo.

Temos de nos condenar a nós próprios constantemente pelo pouco poder que as promessas de Deus têm em nossos corações. Professamos crer nelas, mas, infelizmente, não são aquela realidade profunda, permanente, influente que devia ser sempre! Não tiramos delas aquela "consolação" que está calculado elas concederem. Quão pouco preparados estamos, no poder da fé e na promessa de Deus, para imolar o nosso Isaque! Devemos clamar a Deus para que seja do Seu agrado dotar-nos de discernimento quanto à realidade bendita duma vida de fé n'Ele Mesmo, para que assim possamos compreender melhor a importância daquela palavra de João: "esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 Jo 5:4). Só poderemos vencer o mundo pela fé. A incredulidade põe-nos debaixo das coisas presentes, ou, por outras palavras, dá ao mundo a vitória sobre nós. A alma que tem compreendido, por meio do ensino do Espírito Santo, o significado da suficiência de Deus, é inteiramente independente das coisas da terra.

Prezado leitor, oxalá nós compreendamos isto, para nossa paz e alegria em Deus e a Sua glória em nós.

A CAVERNA DE MACPELA

A Morte de Sara

Esta pequena parte inspirada dá instrução proveitosa e agradável à alma. Nela o Espírito apresenta-nos um exemplo magnífico do modo como o homem da fé deve comportar-se para com aqueles que estão de fora. Ao mesmo tempo que é verdade, verdade divina, que a fé torna o crente independente do homem do mundo, não é menos verdade que a fé mostrar-lhe-á sempre como andar honestamente com ele. Somos exortados a andar "honestamente para com os que estão de fora" (1 Ts 4:12), a zelarmos "o que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens" (2 Co 8:21) e a não devermos coisa alguma a ninguém (Rm 13:8). São preceitos importantes — preceitos que, até mesmo antes da sua enunciação, eram devidamente observados em todos os tempos pelos servos fiéis de Cristo, mas que, nos tempos modernos, não têm, infelizmente, sido suficientemente cumpridos.

O capítulo 23 do Gênesis é, portanto, digno de especial atenção. Abre com a morte de Sara, e apresenta Abraão num novo estado, a chorar por ela: "veio Abraão lamentar a Sara e chorar por ela." Um filho de Deus tem de enfrentar estas coisas; mas não deve encará-las como os demais. O grande fato da ressurreição vem em seu alívio, e dá uma característica peculiar à sua dor (1 Ts 4:13-14). O homem de fé pode estar à beira da sepultura de um irmão ou de uma irmã na feliz compreensão de que ela não guardará por muito tempo o seu cativo. "Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele" (1 Ts 4:14).

A redenção da alma assegura a redenção do corpo; a primeira já a temos, a última esperamos-la (Rm 8:23).

A Fé na Ressurreição

Ora eu creio que comprando Macpela para cemitério Abraão manifestou a sua fé na ressurreição. "Levantou-se de diante do seu morto". A fé não pode contemplar a morte por muito tempo; tem um objeto mais elevado, bendito seja "o Deus vivo", que o deu. A ressurreição enche para sempre o olhar da fé; e, no seu poder, pode levantar-se de diante dos mortos. Há muita coisa a tirar desta ação de Abraão. Precisamos de compreender o seu significado mais claramente, porque somos propensos a estar ocupados com a morte e suas conseqüências. A morte é o limite do poder de Satanás; porém onde Satanás termina, Deus começa a atuar. Abraão compreendeu isto quando se levantou e comprou a cova de Macpela como lugar de repouso para Sara. Isto foi a expressão do pensamento de Abraão quanto ao futuro. Ele sabia que nos séculos vindouros a promessa de Deus quanto à terra de Canaã

será cumprida, e pôde depositar o corpo de Sara na sepultura "na esperança gloriosa da ressurreição".

Os filhos de Hete nada sabiam a este respeito. Os pensamentos que ocupavam a alma do patriarca eram inteiramente desconhecidos dos filhos incircuncisos de Hete. Para eles era uma coisa de pouca importância onde ele sepultava os seus mortos, mas não era de modo nenhum um caso sem importância para ele. "Estrangeiro e peregrino sou entre vós; dai-me posse de sepultura convosco para que eu sepute o meu morto de diante da minha face." Podia parecer-lhes muito estranho que ele fizesse tanta questão quanto ao lugar duma sepultura; mas, amados, "o mundo não nos conhece; porque o não conhece a ele" (1 Jo 3:1). Os melhores característicos da fé são aqueles que são incompreensíveis para o homem natural. Os Cananeus não faziam ideia das expectativas que caracterizavam os atos de Abraão. Não formavam ideia que ele esperava a posse da terra, enquanto procurava apenas um bocado onde, como homem morto, pudesse esperar pelo tempo de Deus e o método de Deus, isto é, A MANHÃ DA RESSURREIÇÃO. Sentia que não tinha contendas com os filhos de Hete, e por isso estava preparado para descansar a sua cabeça na sepultura e permitir que Deus agisse por ele, e com ele, e por seu intermédio.

"Todos estes morreram na (ou segundo) a fé, sem terem recebido as promessas, mas, vendo-as de longe e crendo nelas e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra" (Hb 11:13). Isto é na verdade uma feição excelente da vida divina. Essas "testemunhas", das quais o apóstolo fala em Hebreus 11, viveram não apenas pela fé, mas, mesmo quando chegaram ao fim da sua carreira, conheceram que as promessas de Deus eram tão reais e satisfatórias para as suas almas como quando no princípio da sua carreira. Ora, eu creio que esta compra de um lugar para sepultura na terra era uma prova do poder da fé, não somente para a vida mas para a morte. Por que estava Abraão tão interessado nesta compra? Por que mostrou tanto interesse em legalizar os seus direitos ao campo e à cova de Efrom sob os princípios do direito? Por que essa determinação em pesar o preço como "correntes entre mercadores"? FÉ, é a resposta. Ele fez tudo por fé. Ele sabia que a terra era sua por promessa, e que em glória a sua descendência havia ainda de possuí-la, e até então ele não seria devedor àqueles que ainda haviam de ser desapossados.

A Conduta e a Esperança do Cristão

Desta maneira podemos encarar este capítulo encantador sob um duplo aspecto: primeiro, apresentando-nos um princípio claro, prático, das nossas relações com os homens do mundo; segundo, mostrando-nos a bem-aventurada esperança que deve caracterizar o homem da fé.

Juntando estes dois pontos temos um exemplo daquilo que um filho de Deus deve sempre ser. A esperança que é posta perante nós no evangelho é uma gloriosa imortalidade; e isto, ao mesmo tempo que eleva o coração acima de todas as influências da natureza do mundo, dá-nos um princípio elevado e santo para governo da nossa convivência com os que estão de fora: "... sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (1 Jo 3:2). Esta é a nossa esperança. Qual é o seu efeito moral? "E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 Jo 3:3). Se em breve vou ser semelhante a Cristo, procurarei ser tão semelhante a Ele tanto quanto posso agora. Por isso, o cristão deve procurar sempre andar em pureza, integridade e graça moral à vista de todos os que o rodeiam.

Foi assim com Abraão, a respeito dos filhos de Hete. Todo o seu comportamento e a sua conduta, como vemos neste capítulo, parecem ter sido assinalados por verdadeira elevação e desinteresse. Ele foi "príncipe de Deus" entre eles, e eles desejavam fazer-lhe um favor; mas Abraão havia aprendido a receber favores somente do Deus da Ressurreição, e ao mesmo tempo que lhes pagava o preço de Macpela ele esperava d'Ele a terra de Canaã. Os filhos de Hete conheciam bem o valor do dinheiro "corrente entre mercadores", e Abraão conhecia o valor da cova de Macpela. Era muito mais valiosa para ele do que era para eles. O valor da terra era de "quatro centos siclos de prata", para eles, mas para ele era inestimável, como título de uma herança eterna, a qual, por ser eterna, só podia ser possuída no poder da ressurreição. A fé conduz a alma ao futuro de Deus; tem os olhos postos nas coisas como Ele as vê, e avalia-as conforme o valor do Santuário. Portanto, na compreensão da fé Abraão levantou-se de diante do seu morto e comprou o lugar de sepultura, o qual mostra significativamente a esperança da ressurreição e uma herança fundada nela.

CAPÍTULO 24

REBECA, FIGURA DA IGREJA

O Servo (imagem do Espírito Santo) Busca uma Esposa para Isaque

A ligação deste capítulo com os dois que o precedem é digna de nota. No capítulo 22 Isaque é oferecido; no capítulo 23 Sara é posto ao lado; e no capítulo 24 o servo é enviado em procura de uma noiva para aquele que foi, com efeito, em figura, recobrado dos mortos. Esta ligação coincide de uma maneira notável com a ordem dos acontecimentos referentes à chamada da Igreja. A questão de esta coincidência

ser de origem divina pode talvez levantar-se na mente de alguns; mas deve, pelo menos, ser considerada como digna de observação.

O Chamado da Igreja

Quando nos voltamos para o Novo Testamento os grandes acontecimentos que chamam a nossa atenção são, em primeiro lugar, a rejeição e morte de Cristo; em segundo lugar, Israel é posto de parte; e, por último, dá-se a chamada da Igreja para ocupar a elevada posição de noiva do Cordeiro.

Ora tudo isto corresponde exatamente com este e os dois capítulos precedentes. A morte de Cristo necessitava ser um fato consumado, antes que a Igreja, propriamente dita, pudesse ser chamada. "A parede de separação" que estava no meio tinha que ser derrubada (Ef 2:14) antes que "o novo homem" pudesse ser criado. E bom compreendermos isto para podermos conhecer o lugar que a Igreja ocupa nos caminhos de Deus. Enquanto a dispensação judaica durasse havia a mais estrita separação entre judeus e gentios, e por isso a ideia de ambos serem unidos num novo homem estava longe da ideia de um judeu. Os judeus consideravam-se a si próprios numa posição de inteira superioridade à que tinham os gentios, e consideravam-nos completamente impuros, e com os quais não era lícito juntarem-se (At 10:28).

Se Israel tivesse andado com Deus segundo a verdade do parentesco para o qual Ele graciosamente os havia trazido, teriam continuado no seu lugar peculiar de separação e superioridade; mas eles não fizeram isto; e, portanto, quando tinham enchido a medida da sua iniquidade, crucificando o Senhor da vida e glória, e rejeitando o testemunho do Espírito Santo, vemos como Paulo foi levantado para ser ministro de uma nova coisa, a qual era retida nos desígnios de Deus, ao mesmo tempo que o testemunho a Israel continuava. "Por esta causa, eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios; se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada: como me foi este mistério manifestado..., o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas" (profetas de Novo Testamento); "a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho" (Ef 3:1-6). Isto é conclusivo. O mistério da Igreja, composta de judeus e gentios, batizada pelo Espírito para um corpo, unida à Cabeça gloriosa no céu, nunca havia sido revelado até aos dias de Paulo. O apóstolo continua a dizer acerca deste mistério, "do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder" (versículo 7). Os apóstolos e profetas do Novo Testamento formaram, com efeito, o primeiro lança deste edifício glorioso (vede Ef 2:20). Sendo isto assim, segue-se, como consequência, que o edifício não podia ter sido começado antes. Se o edifício tivesse existido desde os dias de Abel, o apóstolo teria

dito, "revelado aos santos do Velho Testamento". Porém ele não disse isso, e portanto nós concluímos que, seja qual for a posição atribuída aos santos do Velho Testamento, eles não podem possivelmente pertencer ao corpo que não tinha existência, salvo nos propósitos de Deus, até à morte e ressurreição de Cristo, e a descida subsequente do Espírito Santo. Salvos eles estavam, bendito seja Deus — salvos pelo sangue de Cristo e destinados a gozar a glória celestial com a Igreja; porém eles não podiam fazer parte daquilo que não existiu até séculos depois do seu tempo.

Era fácil entrarmos numa maior discussão acerca desta verdade importante, se fosse este o lugar para o fazer; porém, quero continuar com o estudo do nosso capítulo, depois de ter apenas tocado numa questão de grande interesse, por ser sugerida pela posição que ocupa o capítulo 24 de Gênesis.

Pode perguntar-se se devemos encarar esta parte interessante da Escritura Sagrada como figura da chamada da Igreja pelo Espírito Santo. Quanto a mim, sinto-me feliz por a tratar apenas como, uma ilustração dessa gloriosa obra. Não podemos supor que o Espírito de Deus ocupasse um capítulo todo simplesmente com os pormenores de uma família, se essa família não fosse uma exemplificação de alguma grande verdade.

"Porque tudo o que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15:4). Isto é enfático. Portanto, o que devemos aprender com este capítulo? Creio que nos dá uma linda ilustração ou símbolo do grande mistério da Igreja. E importante vemos que, ao mesmo tempo que não há revelação direta deste mistério no Velho Testamento, há, todavia, cenas e circunstâncias as quais o manifestam de uma maneira notável. Como, por exemplo, este capítulo. Como já foi observado, tendo o filho sido oferecido, em figura, e recobrado de entre os mortos, e o tronco do qual havia saído este filho paterno posto de parte, Sara, o mensageiro é enviado pelo pai para procurar uma noiva para o filho.

Uma Esposa para o Filho

Para a boa compreensão de todo o capítulo, devemos considerar os seguintes pontos: 1. —o pacto,- 2. —o testemunho; 3.—os resultados. É encantador notarmos como a chamada e exaltação de Rebeca foram fundadas sobre o pacto entre Abraão e o seu servo. Ela não sabia nada a esse respeito, embora fosse, nos desígnios de Deus, o objetivo de tudo isso. Assim é com a Igreja de Deus como um todo, e cada parte constituinte: "... no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia" (SI 139:16). "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade" (Ef 1:3, 4). "Porque os que dantes

conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito de entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou, e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8:29-30).

Estas passagens estão todas de harmonia com o assunto que passamos imediatamente a considerar. A chamada, a justificação, e a glória da Igreja são fundadas no propósito eterno de Deus — a Sua Palavra e juramento retificados pela morte, ressurreição e exaltação de Seu Filho. Muito antes, antes do raiar do tempo, nos profundos recessos da mente eterna de Deus, acha-se este maravilhoso propósito a respeito da Igreja, o qual não pode, de nenhum modo, ser separado do pensamento divino quanto à glória do Filho. O juramento entre Abraão e o servo tinha como seu objetivo a procura de uma noiva para o filho. Foi o desejo do pai acerca do filho que levou a toda a dignidade posterior de Rebeca.

E agradável vemos isto. Agradável ver como a segurança e bênção da Igreja estão inseparavelmente ligadas com Cristo e a Sua glória: "Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher, do varão. Porque também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher, por causa do varão" (1 Co 11:8-9). O mesmo acontece com a parábola da ceia: "O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho" (Mt 22:2). O FILHO é o grande objeto de todos os desígnios de Deus: e se alguém é trazido para a bênção, ou glória, ou dignidade, só o pode ser por ligação com Ele. O direito a estas coisas, e até mesmo à própria vida, foi perdido pelo pecado; porém Cristo cumpriu a pena do pecado; Ele responsabilizou-Se por tudo a favor do Seu corpo, a Igreja: foi pregado na cruz como seu substituto, levou os seus pecados no Seu corpo sobre a cruz, e baixou à sepultura sob o peso deles. Por isso nada pode ser mais completo do que a libertação da Igreja de tudo que era contra ela. Ela é vivificada da sepultura de Cristo, onde todos os seus pecados foram deixados. A vida que ela tem é uma vida tomada do outro lado da morte, depois de todas as exigências possíveis terem sido satisfeitas. Por isso, esta vida é ligada e fundada sobre a justiça divina, tanto mais que o direito de Cristo à vida é baseado sobre o fato de ter esgotado inteiramente o poder da morte; e Ele é a vida da Igreja. Desta maneira a Igreja goza de vida divina; ela encontra-se em justiça divina; e a esperança que a anima é a esperança de justiça (vede, entre outras, as passagens seguintes, Jo 3:16,36; 5:39,40; 6:27,40,47,68; 11:25;17:2; Rm 5:21;6:23; 1 Tm 1:16; 1 Jo 2:25; 5:20; Judas 21; Ef 2:1 a 6,14,15; Cl 1:12-22;2:10-15; Rm 1:17;3:21-26;4:5,23-25; 2 Co 5:21; Gl 5:5).

A Igreja, o Complemento de Cristo

Estas passagens estabelecem plenamente os três pontos seguintes: a vida, a justiça e a esperança da Igreja, todos os quais emanam do fato de ela ser um com Aquele que ressuscitou de entre os mortos. Ora nada pode dar tanta segurança ao coração

como a convicção que a existência da Igreja é essencial para a glória de Cristo: "... a mulher é a glória do varão (1 Co 11:7). Outro tanto, a Igreja é chamada "a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (Ef 1:23). Esta última expressão é notável. A palavra traduzida "plenitude" quer dizer o complemento, aquilo que, sendo acrescentado a alguma coisa mais, faz um todo. E assim que Cristo, a Cabeça, e a Igreja, o corpo, formam "um novo homem" (Ef 2:15). Encarando o assunto sob este ponto de vista não é de admirar que a Igreja tivesse sido o objeto dos pensamentos eternos de Deus. Quando a contemplamos como o corpo, a noiva, a companheira, a outra metade do Seu Filho unigênito, vemos que houve, pela graça, uma razão maravilhosa para Deus ter assim pensado nela antes da fundação do mundo.

Rebeca era necessária para Isaque, e, portanto, ela era o assunto de conselho secreto, enquanto estava ainda em absoluta ignorância quanto ao seu destino. Todo o pensamento de Abraão era acerca de Isaque. "Põe agora a tua mão debaixo da minha coxa para que eu te faça jurar pelo SENHOR, Deus dos céus e Deus da terra, que não tomarás para meu filho mulher das filhas dos cananeus, no meio dos quais habito." Aqui vemos que o ponto importante era: mulher para meu filho. "Não é bom que o homem esteja só." Isto descobre uma profunda e bem-aventurada vista da Igreja. Nos desígnios de Deus ela é necessária para Cristo; e na obra consumada de Cristo foi feita provisão divina para a sua chamada à existência. A ocupação com esta verdade de lado a questão de saber se Deus pode salvar pobres pecadores; Deus quer "fazer as bodas de Seu Filho", e a Igreja é a noiva escolhida — ela é o objeto do propósito do Pai, o objeto do amor do Filho e do testemunho do Espírito Santo. Ela vai ser participante de toda a dignidade e glória do Filho, assim como é participante de todo esse amor de que Ele tem sido o objeto eterno. Escutai as Suas Palavras: "E Eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim" (Jo 17:22-23).

Isto resolve toda a questão. As palavras que acabo de reproduzir dão-nos os pensamentos do coração de Cristo a respeito da Igreja. Ela está destinada a ser como Ele é, e não somente isto, mas ela é-o agora; como o apóstolo João nos diz: "Nisto é perfeita a caridade para conosco, para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque, qual ele é, somos nós também neste mundo" (1 Jo 4:17). Isto dá plena confiança à alma. "... no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu filho Jesus Cristo" (1 Jo 5:20). Não existe aqui fundamento para a incerteza. Tudo está seguro para a noiva no Noivo. Tudo que pertencia a Isaque ficou sendo de Rebeca, porque Isaque era dela; e do mesmo modo tudo que é de Cristo é facultado à Igreja: "... tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, seja o presente, seja o futuro, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus" (1 Co 3:21-23).

Cristo é Cabeça da Igreja sobre todas as coisas (Ef 1:22). Será Seu gozo, em toda a eternidade, exibir a Igreja na glória e beleza com que Ele a dotou, pois a sua glória e beleza serão apenas o Seu reflexo. Os anjos e os principados verão na Igreja a manifestação maravilhosa da sabedoria, do poder, e da graça de Deus em Cristo.

O Testemunho do Espírito Santo

Mas consideremos agora o segundo ponto, a saber, o testemunho. O servo de Abraão levou consigo um grande testemunho: "Então, disse: Eu sou o servo de Abraão. O SENHOR abençoou muito o meu senhor, de maneira que foi engrandecido, e deu-lhe ovelhas e vacas, e prata e ouro, e servos e servas, e camelos e jumentos. E Sara, a mulher do meu senhor, gerou um filho a meu senhor depois da sua velhice; e ele deu-lhe tudo quanto tem" (versículos 34 a 36). O servo revela o pai e o filho. Tal é o seu testemunho: fala da abundância de meios do pai, e de o filho ter sido dotado com todos estes bens em virtude de ser "o unigênito" e objeto do amor do pai. Com este testemunho ele procura conseguir uma noiva para o filho.

Tudo isto, desnecessário se torna acentuá-lo, é elucidativo do testemunho com que o Espírito Santo foi enviado do céu no dia de Pentecostes. "Mas, quando vier o Consolador, que Eu da parte do Pai vos hei-de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim" (Jo 15:26). E "Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há-de vir. Ele me glorificará, porque há-de receber do que é meu, e vo-lo há-de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso, vos disse que há-de receber do que é meu e vo-lo há-de anunciar" (Jo 16:13-15). A coincidência destas palavras com o testemunho do servo de Abraão é instrutiva e interessante. Foi falando de Isaque que o servo procurou atrair o coração de Rebeca, e é, como sabemos, falando de Jesus que o Espírito Santo procura afastar os pobres pecadores do mundo de pecado e loucura para a bem-aventurada e santa unidade do corpo de Cristo.

"Ele... há-de receber do que é meu, e vo-lo há-de anunciar." O Espírito de Deus nunca guiará alguém a olhar para si ou para o seu trabalho, mas só e sempre para Cristo. Por isso, quanto mais espiritual se é, mais se estará ocupado com Cristo.

Alguns consideram uma prova de espiritualidade estarem sempre ocupados com os seus corações, e ocupando-se com o que neles encontram, embora isso seja a obra do Espírito. Mas isto é um grande erro. Longe de ser uma prova de espiritualidade, é uma prova do contrário, pois está dito expressamente do Espírito Santo que "Ele há-de receber do que é meu, e vo-lo há-de anunciar". Portanto, sempre que alguém está olhando no íntimo e edificando sobre a evidência da operação do Espírito nele, pode estar certo de que não é guiado pelo Espírito de Deus nisso. E apegando-se a Cristo que o Espírito atrai almas a Deus. Isto é muito importante. O

conhecimento de Cristo é vida eterna; e é a revelação que o Pai faz de Cristo, por intermédio do Espírito Santo, que constitui a base da Igreja. Quando Pedro confessou Cristo como o Filho do Deus vivo, a resposta de Cristo foi: "Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16:17-18).

Que pedra? Pedro? Longe disso. "Esta pedra" quer dizer simplesmente a revelação do Pai acerca de Cristo, como o Filho do Deus vivo — o único meio mediante o qual alguém é agregado à Assembleia de Cristo. Ora isto abre-nos o verdadeiro caráter do evangelho. E uma revelação por excelência — uma revelação não apenas de uma doutrina, mas de uma Pessoa — a Pessoa do Filho. Esta revelação, sendo recebida pela fé, atrai o coração para Cristo, e torna-se a origem de vida e poder — o terreno de confraternidade; o poder de comunhão. "Quando aprovou a Deus... revelar seu Filho em mim" (G1 1:15-16). Aqui temos o verdadeiro princípio da "pedra", a saber, Deus revelando o Seu Filho. É desta maneira que a superestrutura é levantada; e repousa sobre este fundamento sólido, segundo o propósito eterno de Deus.

O Servo Fala de Isaque

É portanto especialmente instrutivo encontrar neste capítulo 24 de Gênesis uma tão notável e encantadora figura da missão e do testemunho especial do Espírito Santo. O servo de Abraão, buscando uma noiva para Isaque, mostra toda a dignidade e riqueza com que o pai o havia dotado; o amor de que ele era alvo; e, em suma, tudo que era calculado para enternecer o coração e afastá-lo das coisas temporais. Ele mostrou a Rebeca um objetivo à distância, e pôs diante dela a bem-aventurança de ser tornada em um com aquele ente amado e altamente favorecido. Tudo que pertencia a Isaque viria a pertencer também a Rebeca, quando ela se tornasse parte dele. Este foi o seu testemunho. Este é, também, o testemunho do Espírito Santo. Ele fala de Cristo, da glória de Cristo, da beleza de Cristo, da plenitude de Cristo, da graça de Cristo, das "riquezas incompreensíveis de Cristo", da dignidade da Sua Pessoa e da perfeição da Sua obra.

Além disso Ele foca a bem-aventurança espantosa de sermos um com Cristo, "membros do Seu corpo, da Sua carne, e dos Seus ossos". Tal é o testemunho do Espírito; e nele temos a pedra de toque por meio da qual podemos provar todas as espécies de ensino e pregação.

O ensino mais espiritual será sempre caracterizado por completa e constante apresentação de Cristo: Ele será sempre o motivo de tal ensino. O Espírito não pode fixar a atenção em coisa alguma senão Jesus. Deleita-Se em falar d'Ele. Compraz-Se em mostrar os Seus atrativos e as Suas perfeições. Por isso, quando

alguém fala do poder do Espírito de Deus haverá sempre mais de Cristo do que qualquer outra coisa no seu ministério. Numa tal pregação haverá pouco lugar para a lógica e a razão. Estas coisas podem ser muito boas quando alguém deseja mostrar-se, porém o único objetivo do Espírito — notem bem todos os que exercem o ministério — será sempre o de revelar Cristo.

Rebeca Vai ao Encontro do Esposo

Pensemos, agora, por último, nos resultados de tudo isto. A verdade e a aplicação prática da verdade são duas coisas muito diferentes. Uma coisa é falar das glórias da Igreja, e outra inteiramente diferente ser-se praticamente influenciado por essas glórias. No caso de Rebeca o efeito foi notável e decisivo. O testemunho do servo de Abraão ecoou aos seus ouvidos e penetrou fundo no seu coração e desligou inteiramente as afeições de seu coração das coisas que a rodeavam. Estava pronta a deixar tudo e abalar, a fim de conhecer tudo que lhe havia sido contado. Era normalmente impossível que ela pudesse ser o alvo de um tão elevado destino e continuasse todavia no meio das circunstâncias da natureza. Se aquilo que lhe era dito quanto ao futuro era verdadeiro, prender-se com o presente seria a pior de todas as loucuras. Se a esperança de ser a esposa de Isaque, co-herdeira com ele de toda a sua dignidade e glória, era uma realidade, continuar a apascentar as ovelhas de Labão equivaleria a desprezar tudo quanto Deus, em graça, havia posto diante de si.

Mas não, as perspectivas eram brilhantes demais para serem desprezadas. Verdade é que ela não havia ainda visto Isaque, nem a herança, mas acreditou no testemunho dado a seu respeito, e recebeu, com efeito, o penhor desse testemunho; e estas duas coisas eram suficientes para o seu coração; e por isso ela levantou-se sem hesitação e mostrou o seu desembaraço em partir na sua decisão memorável: “irei”. Ela estava inteiramente pronta a fazer uma jornada desconhecida na companhia de um que lhe havia falado de um objetivo distante e de glória ligada com ele, à qual ela estava prestes a ser elevada. "Irei", disse ela, e, esquecendo as coisas que atrás ficavam, e avançando para as que estavam diante dela, prosseguiu... pelo prêmio da vocação de Deus (Fp 3:13-14). Exemplificação bela e tocante esta da Igreja sob a condução do Espírito Santo de viagem para ir ao encontro do Noivo celestial. Isto é o que a Igreja deveria ser; mas, infelizmente, existe nisto fracasso triste. Há muito pouco daquela alegria santa em pôr de lado todo o peso e embaraço no poder da comunhão com o Guia Santo e Companheiro do nosso caminho, cuja missão e deleite é receber do que é de trazer-nos saber, precisamente como o servo de Abraão recebeu as coisas de Isaque e deu-as a Rebeca. Sem dúvida, ele achou gozo em lhe dar mais pormenores acerca do filho de seu senhor, à medida que avançavam para o cumprimento de toda a sua alegria e glória. E assim, pelo menos, com o nosso guia e companheiro celestial. Ele

deleita-Se em falar de Jesus, "Ele... há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar" e, "vos anunciará o que há de vir" (Jo 16:13-14).

E é isto precisamente que nós necessitamos, este ministério do Espírito de Deus, mostrando Cristo às nossas almas, produzindo em nós desejo ardente de O ver como Ele é, e sermos semelhantes a Ele para sempre. Nada senão isto jamais desligará os nossos corações da terra e da natureza. O quê, a não ser a esperança de se ligar a Isaque, poderia ter levado Rebeca a dizer "irei", quando o seu irmão e sua mãe disseram "fique a donzela conosco alguns dias, ou pelo menos dez dias?" Assim é conosco: nada, senão a esperança de vermos Jesus como Ele é, e de sermos semelhante a Ele, nos poderá habilitar ou levar a purificarmo-nos a nós próprios, assim como Ele é puro (1 Jo 3:3).

CAPÍTULO 25

O FIM DA VIDA DE ABRAÃO JACÓ E ESAÚ

O Segundo Casamento de Abraão

Este capítulo abre com o segundo casamento de Abraão; um acontecimento de interesse para a mente espiritual, quando visto em ligação com o que temos considerado no capítulo precedente. A luz das Escrituras proféticas do Novo Testamento compreendemos que, depois da consumação e do arrebatamento da noiva eleita de Cristo, a semente de Abraão será outra vez posta em destaque. Deste modo, depois do casamento de Isaque, o Espírito Santo continua a história da posteridade de Abraão, do seu novo casamento, juntamente com outros pontos da sua história, e o da sua posteridade, segundo a carne. Não faço nenhuma interpretação especial de tudo isto; digo apenas que não deixa de ter o seu interesse.

Já fizemos referência à observação de outrem quanto ao livro do Gênesis, isto é, que está "cheio do germe de coisas"; à medida que vamos folheando as suas páginas vemos como abundam em princípios fundamentais da verdade, os quais são primorosamente realizados no Novo Testamento. Verdade é que no Gênesis estes princípios são apresentados figurativamente e no Novo Testamento didaticamente; todavia, a ilustração é profundamente interessante, e eminentemente calculada para apresentar a verdade com poder para a alma.

Esau Menospreza o Direito da Primogenitura

No fim deste capítulo são-nos apresentados princípios de natureza muito solene e prática. O caráter e as ações de Jacó aparecerão, se o Senhor permitir, de uma

maneira mais clara perante nós; contudo, desejo apenas focar, de passagem, a conduta de Esaú, quanto ao direito de primogenitura e tudo que com ele se acha ligado. O coração natural não dá valor às coisas de Deus. Para ele as promessas de Deus são coisas vagas, sem valor e impotentes, simplesmente porque não conhece Deus. E por isso que as coisas temporais exercem tanto peso e influência na opinião do homem. O homem dá apreço a tudo que pode ver, porque é governado por vista, e não por fé: o presente é tudo para si; o futuro apenas uma coisa sem influência — um caso da mais simples incerteza.

Assim aconteceu com Esaú. Escutai o seu argumento falaz: "Eis que estou a ponto de morrer, e para que me servirá logo a primogenitura?". Que maneira estranha de raciocinar! O presente está escorregando debaixo dos meus pés, portanto eu desprezo e prescindo inteiramente do futuro! O tempo está-se desvanecendo da minha vista; portanto abandono todo o interesse pela eternidade! Assim Esaú desprezou "o seu direito de primogenitura" (Hb 12:16). Assim Israel desprezou "a terra aprazível" (SI 106:24); assim eles desprezaram Cristo (Zc 11:13). E foi assim que os que foram convidados para as bodas desprezam o convite (Mt 22:5). O homem não tem lugar no seu coração para as coisas de Deus. O presente é tudo para ele. Um prato de caldo é melhor do que o direito a Canaã. Por isso, a mesmíssima razão que levou Esaú a menosprezar a primogenitura era a mesma porque ele deveria tê-la agarrado com mais força. Quanto mais vejo a vaidade temporária do presente, tanto mais me agarrarei ao futuro de Deus. E assim segundo o juízo da fé. "Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando a apressando- vos para a vinda do Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pe 3:11-13).

Estes são os pensamentos de Deus, e, portanto, os pensamentos da fé. As coisas que se veem perecerão. Devemos nós, então, desprezar as invisíveis? De modo nenhum. O presente passa rapidamente. Qual é logo o nosso recurso? "Aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus". Este é o juízo da mente restaurada; e todo e qualquer outro juízo é apenas "profano, como Esaú, que por um manjar vendeu o seu direito de primogenitura" (Hb 12:16). Que o Senhor nos mantenha julgando as coisas como Ele as julga. Isto só pode ser feito pela fé.

CAPÍTULO 26

ISAQUE EM GERAR E EM BERSEBA

A Fome e as Suas Consequências

O primeiro versículo deste capítulo está ligado ao capítulo 12. "E havia fome na terra, além da primeira fome, que foi nos dias de Abraão." As provações que o povo de Deus encontra na sua carreira são muito semelhantes; e têm sempre por fim mostrar até que ponto o coração tem achado o seu tudo em Deus. É uma coisa difícil — uma coisa rara — andar em tão doce comunhão com Deus que, como consequência, se seja de todo independente das coisas e pessoas. Os egípcios e os homens de Gerar que habitam à nossa direita e à nossa esquerda representam grandes tentações, quer seja para nos afastarem do caminho reto, quer para nos fazerem paralisar na nossa verdadeira posição de servos do Deus vivo e verdadeiro. "Por isso foi-se Isaque a Abimeleque, rei dos filisteus, em Gerar".

Existe uma diferença notável entre o Egito e Gerar. O Egito é a expressão do mundo nos seus recursos naturais, e sua independência de Deus. "O meu rio é meu" (Ez 29:3), é a linguagem de um egípcio que não conhecia a Deus, e não pensou em esperar n'Ele em coisa alguma. O Egito era, geograficamente, muito mais longe de Canaã do que Gerar; e, moralmente, fala da condição da alma longe de Deus. Gerar é mencionada no capítulo 10 da seguinte maneira: "E foi o termo dos cananeus desde Sidom, indo para Gerar, até Gaza; indo para Sodoma, e Gomorra, e Afama, e Zeboim, até Lasa" (versículo 19). Sabemos que "desde Gerar a Jerusalém era caminho de três dias". Gerar era, portanto, comparada com o Egito, uma posição avançada; ainda assim, estava ao alcance de influências perigosas. Abraão encontrou lá dificuldades, e do mesmo modo Isaque, como vemos neste capítulo, e, também, da mesma forma. Abraão negou a sua mulher, e o mesmo faz Isaque. Isto é muito grave. Ver o pai e o filho caírem no mesmo pecado, no mesmo lugar, mostra-nos, claramente, que a influência desse lugar não era boa.

Não tivesse Isaque ido a Abimeleque, rei de Gerar, e não teria tido necessidade de negar sua mulher; mas a verdade é que o mais leve descuido quanto à verdadeira norma de comportamento aumenta a fraqueza espiritual. Foi quando Pedro se aquecia à fogueira do sumo-sacerdote que negou o seu Mestre. E evidente que Isaque não se sentia feliz em Gerar. E verdade que o Senhor diz-lhe: "Peregrina nesta terra"; mas quantas vezes o Senhor dá instruções ao Seu povo moralmente convenientes para as condições em que Ele sabe que eles se encontram, e que são calculadas também para os despertar a um verdadeiro sentido das condições? Ele deu indicações a Moisés em Números 13 para mandar homens espiares a terra de Canaã; mas se eles não se encontrassem numa situação moral baixa tal passo nunca teria sido necessário.

Sabemos bem que a fé não necessita de "espiares" aquilo que as promessas de Deus nos asseguram. Além disso, Deus deu instruções a Moisés para escolher setenta anciãos, para o ajudarem no trabalho; todavia, se Moisés tivesse entendido plenamente a dignidade e bem-aventurança da sua posição, nunca teria

necessitado dessas instruções. Do mesmo modo aconteceu com a eleição de um rei em 1 Samuel, capítulo 8. Os israelitas não precisavam de um rei. Por isso, devemos ter sempre em consideração as condições de um indivíduo ou de um povo a quem são dadas instruções antes de podermos formar um juízo correto quanto a essas instruções.

Em Gerar: uma Posição Errada

Mas poderá dizer-se, se a posição de Isaque em Gerar era má, como é que nós lemos: "E semeou Isaque naquela mesma terra e colheu, naquele mesmo ano, cem medidas, porque o SENHOR O abençoava"?- A minha resposta é que nunca podemos julgar a situação de uma pessoa como própria pelas suas circunstâncias prósperas. Já tivemos ocasião de acentuar que há uma grande diferença entre a presença do Senhor e a Sua bênção. Muitos têm a bênção do Senhor sem a Sua presença; e além disso, o coração é propenso a confundir uma coisa com a outra — propenso a confundir a bênção com a presença, ou, pelo menos, a argumentar que uma coisa deve acompanhar a outra. Mas isto é um grande erro. Quantas vezes não vemos nós pessoas rodeadas de bênçãos de Deus que nem têm nem desejam a Sua presença? É muito importante vermos isto. Um homem pode engrandecer-se até se tornar mui grande, e ter possessão de ovelhas, e possessão de vacas e muita gente de serviço (versículo 14), e ao mesmo tempo não ter o gozo pleno e livre da presença do Senhor consigo. Rebanhos e manadas não são do Senhor. São coisas devido às quais os filisteus podiam invejar Isaque, ao passo que eles nunca o teriam invejado por causa da presença do Senhor. Ele poderia gozar a mais doce e mais rica comunhão com Deus, e os filisteus nada entenderem a esse respeito, simplesmente porque não tinham coração para compreender ou apreciar uma tal realidade. Eles podiam apreciar ovelhas, vacas, servos, e poços de água; porém não podiam apreciar a presença divina.

Em Berseba: a Restauração

Todavia, Isaque, por fim, deixa os filisteus e dirige-se a Berseba. "E apareceu-lhe o SENHOR naquela mesma noite e disse: Eu sou o Deus de Abraão, teu pai. Não temas, porque eu sou contigo, e abençoar-te-ei" (versículo 24). Note-se que não se trata apenas da bênção de Deus, mas do Próprio Senhor. Por quê? Porque Isaque havia deixado os filisteus com toda a sua inveja, contenda e disputas e ido para Berseba. Aqui o Senhor pôde mostrar-Se ao Seu servo. A bênção da Sua mão liberal podia segui-lo durante a sua peregrinação em Gerar; mas a Sua presença não podia ser gozada ali. Para podermos gozar da presença de Deus devemos estar onde Ele está, e certamente o Senhor não pode ser encontrado entre as contendas e disputas de um mundo ímpio; por isso, quanto mais cedo um filho de Deus sair de um tal estado de coisas, tanto melhor. Isaque assim o verificou. No seu espírito não havia

paz; e incontestavelmente ele não servia, de modo nenhum, aos filisteus peregrinando entre eles. É um erro muito vulgar supor-se que servimos os homens do mundo misturando-nos com eles nos seus caminhos e andando na sua companhia. O único meio de os servirmos é permanecermos à parte deles no poder da comunhão com Deus, e assim mostrar-lhes o padrão de um caminho mais excelente.

Note-se o progresso da alma de Isaque e o efeito moral da sua carreira: "... subiu dali..., e apareceu-lhe o SENHOR..., e edificou ali um altar, e invocou o nome do SENHOR, e armou ali a sua tenda; e os servos de Isaque cavaram ali um poço". Aqui temos progresso muito abençoado. Desde o momento em que deu um passo no caminho próprio, ele foi de força em força. Entrou no gozo da presença do Senhor — provou a doçura da verdadeira adoração e mostrou o caráter de um estrangeiro e peregrino e achou refrigério — um poço que não lhe foi disputado, porque os filisteus não estavam ali.

Um Resultado Feliz para Outros

Estas coisas representavam resultados abençoados quanto ao próprio Isaque. Vejamos agora o efeito produzido noutros. "E Abimeleque veio a ele de Gerar, com Ausate seu amigo, e Ficol, príncipe do seu exército. E disse-lhes Isaque: Por que viestes a mim, pois que vós me aborreceis e me enviastes de vós? E eles disseram: Havemos visto, na verdade, que o SENHOR é contigo, pelo que dissemos: Haja, agora, juramento entre nós", etc. O verdadeiro modo de atuar nos corações e nas consciências dos homens do mundo é permanecer em separação decidida deles, tratando com eles, ao mesmo tempo, em perfeita graça. Enquanto Isaque continuou em Gerar não houve nada senão contendas e disputas. Ceifou dores, e não produziu efeito algum sobre aqueles que o rodeavam. Em contrapartida, logo que os deixou os seus corações foram despertados e seguiram-no e desejaram fazer um concerto com ele. Tudo isto é muito instrutivo. O princípio aqui apresentado pode ser exemplificado constantemente na história do povo de Deus. O primeiro ponto com o coração deve ser sempre ver que na nossa posição estamos bem com Deus, não apenas bem em posição, mas na condição moral da alma. Quando estamos bem com Deus, podemos esperar atuar eficazmente com os homens. Logo que Isaque foi para Berseba, e tomou o seu lugar de adorador, a sua própria alma foi aliviada e ele foi usado por Deus para atuar sobre outros. Enquanto nos mantivermos numa posição errada, estamos-nos defraudando a nós próprios de bênção, e fracassando totalmente no nosso testemunho e serviço.

Nem tão-pouco devemos nós, quando estamos numa posição errada, perguntar, como tantas vezes se pergunta: "Onde se pode encontrar alguma coisa melhor? A ordem de Deus é, "Cessai de fazer mal!" e quando agimos sobre este santo preceito

é-nos dado outro, a saber: "aprendei a fazer o bem". Se esperarmos aprender a fazer o bem, antes de deixarmos de fazer o mal, estamos completamente enganados. "Desperta tu que dormes e levanta-te de entre os mortos, e Cristo te esclarecerá" (Ef 5:14).

Prezado leitor, se estás fazendo alguma coisa que sabes ser má, ou se estás identificado, de qualquer modo, com aquilo que entendes ser contrário à Bíblia, escuta a Palavra do Senhor: "Cessai de fazer mal" (Is 1:16). Podes estar certo que se obedeceres a esta palavra não mais terás dúvidas quanto à carreira que deves seguir. E a incredulidade que nos leva a dizer, "não posso deixar o mal antes de encontrar alguma coisa melhor". Que o Senhor nos dê fé simples e um espírito dócil.

CAPÍTULOS 27 A 35

PRINCIPAIS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA DE JACÓ

Os capítulos 27 a 35 apresentam-nos a história de Jacó — pelo menos os acontecimentos principais dessa história. O Espírito de Deus põe aqui diante de nós, em primeiro lugar, a instrução mais profunda quanto ao propósito de Deus de graça infinita; e, em segundo lugar, mostra-nos a completa nulidade da depravação da natureza humana.

Passai por alto, de propósito, uma passagem no capítulo 25 com o fim de a tomar aqui, de maneira que pudéssemos ter a verdade a respeito de Jacó perante nós.

"E Isaque orou instantemente ao SENHOR por sua mulher, porquanto era estéril; e o SENHOR ouviu as suas orações, e Rebeca sua mulher concebeu. E os filhos lutavam dentro dela; então disse: Se assim é, por que sou eu assim«?- E foi-se a perguntar ao SENHOR. E O SENHOR lhe disse: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas: um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor". Em Malaquias 1:2-3 faz-se referência a esta passagem, pois lemos: "Eu vos amei, diz o SENHOR; mas vós dizeis: Em que nos amaste?- Não foi Esaú irmão de Jacó? — disse o SENHOR; todavia amei a Jacó e aborreci a Esaú". Em Romanos 9:11 a 13 faz-se também referência a esta mesma passagem: "Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: O maior servirá o menor. Como está escrito: Amei Jacó e aborreci Esaú."

Temos assim claramente diante de nós o propósito eterno de Deus segundo eleição da graça. Esta expressão quer dizer muito.

Afasta todas as pretensões humanas e defende o direito de Deus atuar como quer. E isto é de grande importância. A criatura humana não pode gozar felicidade até curvar a sua cabeça perante a graça soberana. E seu dever fazê-lo, porquanto é pecador, e, como tal, sem direito a atuar ou ditar. O grande valor de posição sobre este terreno está em que não é mais uma questão do que nós merecemos, mas simplesmente daquilo que Deus tem prazer em nos dar. O filho pródigo podia falar em ser servo, mas na realidade ele não merecia o lugar de servo, se tivesse de ser tomada em conta a questão de mérito; e, portanto, ele teve apenas que aceitar aquilo que o pai quis dar-lhe — e isso foi o lugar mais elevado, o próprio lugar de comunhão consigo.

Assim terá de ser sempre. "A graça será eternamente a coroa de toda a obra de Deus." Felizmente assim é para nós. A medida que avançamos dia a dia, fazendo novas descobertas de nós próprios, necessitamos de ter os pés sobre o fundamento sólido da graça de Deus: nada mais nos poderá suster no crescimento do nosso conhecimento. A ruína é irremediável, e portanto a graça tem de ser infinita; e infinita ela é, tendo a sua origem em Deus Mesmo, o seu curso em Cristo, e o poder de aplicação e gozo no Espírito Santo. A Trindade divina é revelada em ligação com a graça que salva o pobre pecador. A graça reina pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo (Rm 5:21). E só na redenção que pode ver-se este reino da graça. Na criação podemos ver o reino da sabedoria e poder; podemos ver na providência o reino da bondade e longanimidade de Deus; mas só na redenção vemos o reino da graça, e isso, também, sobre o princípio da justiça.

Ora, em Jacó temos uma exibição notável do poder da graça divina; pela simples razão de que vemos um exemplo notável do poder da natureza humana. Vemos nele a natureza em toda a sua irregularidade e, portanto, vemos a graça em toda a sua beleza moral e poder. Dos fatos da sua extraordinária história parece que, antes do seu nascimento, quando do seu nascimento e depois do seu nascimento, a energia extraordinária da natureza foi notada. Antes do seu nascimento lemos: "Os filhos lutavam dentro dela." Quando do seu nascimento: "agarrada a sua mão ao calcanhar de Esaú." E depois do seu nascimento — na verdade, até o ponto culminante da sua história, no capítulo 32, sem exceção — a sua carreira nada mais mostra senão os amáveis característicos da natureza; porém, tudo isto serve apenas, à semelhança de um fundo negro, para dar maior relevo à graça d'Aquele que condescendeu em chamar-Se a Si Próprio pelo nome particularmente enternecedor de "Deus de Jacó" — um nome agradavelmente expressivo da graça.

ISAQUE AS PORTAS DA ETERNIDADE

O Homem Natural e os Planos de Deus

O capítulo 27 mostra-nos uma figura humilhante de voluptuosidade, engano e astúcia; e quando se pensa em tais coisas em ligação com o povo de Deus é triste e doloroso até ao máximo. E contudo quão verdadeiro e fiel é o Espírito Santo! Ele tem de referir tudo. Não pode apresentar um quadro parcial. Se nos dá uma história do homem, tem que descrever o homem tal qual ele é, e não como ele não é.

Assim, se nos apresenta o carácter e os caminhos de Deus, revela-nos Deus como Ele é. E isto, desnecessário se torna notá-lo, é precisamente o que nós necessitamos. Nós necessitamos da revelação d'Aquele que é perfeito em santidade, e não obstante perfeito em graça e misericórdia, que pôde descer à profundidade da miséria e degradação do homem, tratar com ele nesse estado e erguê-lo dali à comunhão livre Consigo em toda a realidade do que Ele é. E isto o que a Escritura nos mostra. Deus sabia o que nós necessitávamos e deu-no-lo, Bendito seja o Seu nome!

E não se esqueça que, pondo diante de nós, em amor verdadeiro, todos os característicos do carácter do homem, é simplesmente com o fim de engrandecer as riquezas da graça divina, e advertir as nossas almas. Não é, de modo nenhum, com o fim de perpetuar a recordação dos pecados, para sempre, apagados da Sua vista. Os defeitos, os erros e as falhas de Abraão, Isaque e Jacó, foram perfeitamente lavados, e eles tomaram o seu lugar entre "os espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12:23). Porém, a sua história permanece nas páginas inspiradas para demonstração da graça de Deus e aviso do povo de Deus, em todos os tempos; e, além disso, para podermos ver claramente que não foi com homens perfeitos que Deus teve de tratar, mas sim com aqueles que eram como nós "sujeitos às mesmas paixões" (At 14:15); e que Ele suportou neles as mesmas fraquezas, as mesmas falhas e os mesmos erros que nos afligem cada dia.

Isto é particularmente animador para o coração; e pode pôr-se em contraste com a maneira como a grande maioria das biografias humanas são escritas; pois que, na maioria dos casos, encontramos, não a história dos homens, mas a história de seres isentos de erros e defeitos. Tais histórias têm o efeito de desanimar, em vez de edificarem aqueles que as leem. São mais propriamente histórias daquilo que os homens deviam ser do que realmente eles são, e são portanto inúteis para nós — sim, não apenas inúteis mas nocivas.

Nada pode edificar senão a apresentação de Deus tratando com o homem como realmente ele é; é isto o que a Palavra de Deus nos mostra. Este capítulo exemplifica isto claramente. Aqui encontramos o idoso patriarca Isaque às portas da eternidade, com a terra e a natureza afastando-se rapidamente da sua vista, e no

entanto ocupado com "um guisado saboroso", e prestes a agir em oposição direta ao desígnio divino abençoando o mais velho em vez do mais novo. Na verdade isto era a natureza, e a natureza com os seus olhos obscurecidos. Se Esaú havia vendido o direito da sua primogenitura por um guisado de lentilhas, Isaque estava prestes a dar a bênção em troca de caça.

Como isto é humilhante!

Porém o conselho de Deus tem que subsistir, e Ele fará tudo o que Lhe apraz. A fé sabe isto, e, no poder desse conhecimento, pode esperar o tempo de Deus. E isto que a natureza não pode fazer, mas procura alcançar os seus próprios fins por sua invenção. Estes são os dois grandes pontos destacados na história de Jacó — o propósito de Deus, da graça por um lado; e, por outro, a natureza maquinando e planeando alcançar aquilo que esse propósito teria infalivelmente realizado sem qualquer conspiração ou plano. Isto simplifica a história de Jacó assombrosamente, e não só a simplifica como realça também os interesses da alma por ela. Nada há talvez em que somos lamentavelmente tão deficientes como na graça de dependência desinteressada e paciente em Deus. De qualquer forma a natureza estará sempre ativa, e assim, tanto quanto está em si, impedirá o brilho da graça e do poder divinos. Deus não precisava do auxílio de elementos como a esperteza de Rebeca e a impostura grosseira de Jacó para conseguir os Seus propósitos. Ele havia dito: "o maior servirá ao menor". Isto era bastante para a fé, mas não bastante para a natureza, a qual tem sempre de adotar os seus próprios meios e nada sabe do que é esperar em Deus.

O Exemplo do Modelo Perfeito

Nada pode ser mais abençoado do que uma posição de dependência própria de crianças em Deus, e esperar com verdadeiro contentamento pelo Seu tempo. E verdade que isso inclui provação; porém a mente renovada aprende algumas das suas lições mais profundas e goza de algumas das suas experiências mais preciosas, enquanto espera no Senhor; e quanto mais dura for a tentação para nos arrancar das Suas mãos, tanto maior será a bênção de nos deixarmos ali ficar. E muitíssimo agradável estarmos inteiramente dependentes d'Aquele que encontra gozo infinito em nosabençoar. São apenas aqueles que têm experimentado, em alguma medida, a realidade desta maravilhosa posição que podem apreciá-la. O único que a ocupou perfeita e continuamente foi o Senhor Jesus Mesmo. Ele esteve sempre dependente de Deus, e rejeitou inteiramente qualquer proposta do inimigo para ser alguma coisa mais. A Sua linguagem era: "Em ti confio" (SI 141:8), e outra vez: "Sobre ti fui lançado desde a madre"(SI 22:10).

Por isso, quando foi tentado pelo diabo a fazer um esforço para satisfazer a Sua fome, a Sua resposta foi: "Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus". Quando tentado para se lançar do pináculo do

templo, a Sua resposta foi: "... está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus". Quando tentado para tomar posse dos reinos do mundo da mão de outro que não Deus, e prestar homenagem a outro que não Deus, a Sua resposta foi: "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele servirás" (Mt 4:4,7,10). Numa palavra, nada pôde seduzir o homem perfeito a abandonar o lugar de absoluta dependência de Deus. É verdade que era propósito de Deus apoiar o Seu Filho; era Seu propósito que Ele viesse subitamente ao Seu templo; era Seu propósito dar-Lhe os reinos deste mundo; porém esta era a verdadeira razão por que o Senhor Jesus esperaria simplesmente e ininterruptamente em Deus o cumprimento dos Seus desígnios, a Seu próprio tempo e segundo o Seu próprio modo. Ele não tentou realizar os Seus próprios fins. Entregou-Se inteiramente à disposição de Deus. Só comeria quando Deus Lhe desse pão; somente entraria no templo quando fosse mandado por Deus; subiria ao trono quando Deus determinasse. "Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés" (SI 110:1).

Esta profunda sujeição do Filho ao Pai é admirável além de toda a expressão. Embora igual a Deus, Ele tomou, como homem, o lugar de dependência, deleitando-se sempre na vontade do Pai; dando graças até mesmo quando as coisas pareciam ser contra Si; fazendo sempre as coisas que agradavam ao Pai; tendo como principal e invariável fim glorificar o Pai; e por fim, quando tudo estava cumprido, quando havia consumado perfeitamente a obra que o Pai Lhe havia dado a fazer, Ele rendeu o Seu espírito nas mãos do Pai, e a Sua carne descansou na esperança da glória prometida. Por isso o apóstolo, inspirado pelo Espírito Santo, pôde dizer: "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e achado na forma de homem humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai" (Fp 2:5-11).

Rebeca e Jacó: Falta de Dependência e de Confiança em Deus

Como Jacó conhecia tão pouco, no princípio da sua história, deste bendito sentimento! Como estava tão pouco preparado para esperar pelo tempo de Deus e o caminho de Deus! Preferiu antes o seu tempo e o seu método. Considerou que era muito melhor alcançar a bênção e entrar na posse da herança por meio de toda a espécie de esperteza e engano em vez de simples dependência e sujeição a Deus, que por Sua graça o havia eleito para ser o herdeiro das promessas, e que, por Sua sabedoria e poder onipotente, cumpriria tudo que lhe havia prometido.

Mas, ah! como é bem conhecida a oposição do coração humano a tudo isto! Prefere tudo a este estado de esperança paciente em Deus. Basta deixar a natureza entregue ao passatempo para a ver privada de tudo, salvo Deus. Isto fala-nos, numa linguagem que não deve ser mal interpretada, do verdadeiro caráter da natureza humana. Não é preciso considerar as cenas de vício e crime, que ferem todo o sentido moral, para podermos saber o que é a natureza humana.

Não, tudo que é preciso é apenas experimentá-la por um momento no lugar de dependência e ver como ela se comporta. Nada sabe realmente de Deus, e portanto não pode confiar n'Ele; e nisto está realmente o segredo de toda a sua miséria e degradação moral. Desconhece inteiramente o Deus verdadeiro, e por conseguinte não pode ser nada mais que uma coisa arruinada e inútil. O conhecimento de Deus é a origem da vida — sim, é em si mesmo vida; e até que o homem tenha vida, o que é ele? Ou o que pode ele ser?

Ora, em Rebeca e Jacó vemos como a natureza humana toma vantagem da natureza de Isaque e Esaú. Foi isto efetivamente. Não se contou em absoluto com Deus. Os olhos de Isaque estavam escurecidos, portanto ele podia ser enganado, e eles dispuseram-se a fazê-lo, em vez de confiarem em Deus, que teria frustrado o intento de Jacó abençoar aquele que Deus não abençoaria — um propósito baseado na natureza, e natureza desagradável, pois Isaque amava a Esaú, não porque era o seu primogênito, mas porque comia os seus guisados. Como isto é humilhante!

Tremendas Consequências

Podemos estar certos de só acumular dores e aflições sempre que tiramos as nossas circunstâncias, o nosso destino e a nós próprios das mãos de Deus(1). Aconteceu assim com Jacó, como teremos ocasião de ver no prosseguimento do estudo. Alguém disse que "quem considerar a vida de Jacó, depois de ele fraudulentamente ter obtido a bênção de seu pai, verá que ele gozou de muito pouca felicidade neste mundo. Seu irmão decidiu matá-lo, para o evitar ele foi obrigado a fugir da casa de seu pai; seu tio Labão enganou-o, assim como ele havia enganado seu pai, e tratou-o com grande dureza; depois de vinte e um anos de servidão, ele foi obrigado a deixá-lo ocultamente, não sem correr o risco de ser reconduzido ao ponto de partida, ou assassinado por seu irmão irritado; apenas se tinham passado os seus temores teve que sofrer a baixeza de seu filho Ruben, em profanar a sua cama; em seguida teve que deplorar a traição e crueldade de Simeão e Levi para com os Siquémitas; depois teve que sentir a perda da esposa amada; foi depois enganado por seus filhos e teve que lamentar o suposto fim prematuro de José; e, para completar tudo, foi obrigado pela fome a ir para o Egito, e ali morreu em terra estranha. Assim os caminhos da providência são justos, maravilhosos e instrutivos".

(¹) Nunca devemos esquecer, em ocasiões de provação, que o que nós precisamos não é de mudança de circunstâncias, mas de vitória sobre o Eu.

Esta descrição é verdadeira; todavia mostra-nos apenas um lado da vida de Jacó, e esse é o lado sombrio. Bendito seja Deus, há um lado claro, do mesmo modo, para Deus tratar com Jacó; e em todos os acontecimentos da sua vida, quando Jacó foi obrigado a colher os frutos da sua maquinação e perversidade, o Deus de Jacó tirou bem do mal e fez com que a Sua graça abundasse sobre todo o pecado e loucura do Seu pobre servo. Veremos isto à medida que vamos procedendo com a sua história. Quero fazer aqui uma observação acerca de Isaque, Rebeca e Esaú. É interessante notar, não obstante a demonstração da fraqueza excessiva de Isaque, no princípio deste capítulo, como ele mantém, pela fé, a dignidade que Deus lhe conferiu. Abençoa com todo o sentimento de ter sido dotado com o poder de abençoar. Ele diz, "... abençoei-o: também será bendito... Eis que o tenho posto por senhor sobre ti, e todos os teus irmãos lhe tenho dado por servos; e de trigo e de mosto o tenho fortalecido; que te farei, pois, agora a ti, meu filho?" (Cap. 27:33-37)

Isaque fala como quem, pela fé, tem à sua disposição todas as riquezas da terra. Não se nota falsa humildade, nem desce da posição elevada que ocupa por causa da manifestação da natureza. E verdade que estava a ponto de cometer um grave erro — a fazer o que era contrário ao desígnio de Deus; no entanto, ele conhecia Deus, e tomou o seu lugar de acordo com esse conhecimento dando bênçãos com toda a dignidade e poder da fé: "... abençoei-o: também será bendito... De trigo e de mosto o tenho fortalecido."

E atribuição da fé elevar-se acima de todas as nossas falhas e suas consequências para o lugar onde Deus nos tem colocado.

Quanto a Rebeca, ela teve de sentir todos os tristes resultados da sua astúcia. Sem dúvida, ela pensava que dirigia as coisas habilmente; mas, oh! nunca mais viu Jacó, por causa da sua manobra! Quão diferente teria sido se ela tivesse deixado o caso inteiramente nas mãos de Deus. Esta é a maneira da fé agir e é sempre vencedora. "E qual de vós, sendo solícito, pode acrescentar um côvado à sua estatura?"- (Lc 12:25). Nada ganhamos com a nossa ansiedade e os nossos projetos: apenas excluímos Deus, e isso não é ganho. É um justo castigo da mão de Deus sermos obrigados a colher os frutos dos nossos planos; e não há nada mais triste do que ver um filho de Deus esquecer-se da sua condição e privilégios para tomar a direção dos seus interesses em suas próprias mãos. As aves dos céus, e os lírios do campo, podem muito bem ser nossos mestres quando esquecemos assim a nossa posição de dependência em Deus.

Finalmente, quanto a Esaú, o apóstolo trata-o por "profano, que por um manjar vendeu o seu direito de primogenitura": e "querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que, com

lágrimas, o buscou" (Hb 12:16-17). Ficamos sabendo assim que um profano é alguém que gostaria de possuir o céu e a terra e desfrutar o presente sem perder o seu direito ao futuro. Isto não é, de modo nenhum, um caso invulgar. Mostra-nos todo o mundano que professa ser cristão, mas cuja consciência nunca experimentou os efeitos da verdade divina, e cujo coração nunca sentiu a influência da graça de Deus.

CAPÍTULO 28

JACÓ FOGUE PARA HARÃ

Frutos Amargos

Vamos seguir agora Jacó nos seus passos depois de ter deixado a casa de seu pai, para o vermos como vagabundo solitário na terra. E aqui que os principais desígnios de Deus a seu respeito começam a manifestar-se. Jacó começa agora a compreender, em certa medida, os frutos amargos do seu procedimento para com Esaú. Enquanto que, ao mesmo tempo, Deus é visto elevando-Se acima de toda a fraqueza e loucura do Seu servo e manifestando a Sua graça soberana e profunda sabedoria na forma como trata com ele.

Deus cumprirá o Seu propósito, não importa quais sejam os instrumentos usados para esse fim, mas se um filho Seu, em impaciência de espírito, e incredulidade de coração, se desliga das Suas mãos, deve esperar muito exercício doloroso e disciplina aflitiva. Foi assim com Jacó: não teria que fugir para Harã se tivesse permitido que Deus atuasse por ele. Deus teria certamente tratado com Esaú, e feito com que ele encontrasse o seu lugar e a sua parte; e Jacó poderia ter gozado aquela doce paz que nada pode conceder salvo inteira sujeição em todas as coisas aos desígnios de Deus.

E aqui está onde a fraqueza dos nossos corações é constantemente manifestada. Não permanecemos inativos nas mãos de Deus; queremos atuar e, por meio da nossa atuação, impedimos a manifestação da graça e poder de Deus em nosso favor. "Aquietai-vos e sabeí que eu sou Deus" (SI 46:10), é um preceito ao qual nada senão o poder da graça divina pode habilitar alguém a obedecer. "Seja a vossa equidade notória a todos os homens.

Perto está o Senhor. Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças" (Fp 4:5-6).

Qual será logo o resultado de atuar assim? "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4:7).

Contudo, Deus domina graciosamente a nossa loucura e fraqueza, não obstante termos de colher os frutos dos nossos métodos impacientes, Ele serve-Se deles para nos ensinar ainda maiores lições da Sua graça e perfeita sabedoria. Isto, ao mesmo tempo que não justifica a incredulidade e a impaciência, mostra, maravilhosamente, a bondade do nosso Deus, e conforta o coração até mesmo quando passamos por circunstâncias dolorosas por causa das nossas faltas. Deus está acima de tudo; e, além disso, é Sua prerrogativa tirar bem do mal; dar comida do comedidor é doçura do forte; e por isso, embora seja verdade que Jacó foi obrigado a exilar-se da casa de seu pai em consequência do seu próprio ato impaciente e enganoso, é igualmente verdade que ele nunca poderia ter aprendido o significado de "Betel" se tivesse ficado em casa. Deste modo os dois lados do quadro são fortemente marcados em cada acontecimento da história de Jacó. Foi quando ele foi expulso, pela sua própria loucura, da casa de Isaque, que foi levado a provar, em certa medida, a bem-aventurança e solenidade da "casa de Deus".

Betel

"Partiu, pois, Jacó de Berseba, e foi-se a Harã; e chegou a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar, e a pôs por sua cabeceira, e deitou-se naquele lugar".

Aqui encontramos o vagabundo na própria situação onde Deus podia encontrá-lo, e na qual podia revelar o Seu propósito de graça e glória.

Nada podia ser mais expressivo do desamparo e da necessidade do que a condição de Jacó posta aqui perante nós. Abaixo a abóbada do céu, com uma pedra por almofada, na situação desamparada do sono. Foi assim que o Deus de Betel manifestou a Jacó os Seus propósitos a seu respeito e quanto à sua descendência. "E sonhou: e eis era posta na terra uma escada, cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela. E eis que o SENHOR estava em cima dela e disse: Eu sou o SENHOR, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque. Esta terra em que estás deitado ta darei a ti e à tua semente. E a tua semente será como o pó da terra; e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul; e em ti e na tua semente serão benditas todas as famílias da terra. E eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra, porque te não deixarei, até que te haja feito o que te tenho dito".

Aqui temos, na verdade, "graça e glória" (SI 84:11). A escada posta na terra leva naturalmente o coração a meditar na revelação da graça de Deus na Pessoa e na obra de Seu bendito Filho. Foi na terra que essa obra maravilhosa foi consumada, a qual forma a base eterna e sólida de todos os desígnios divinos acerca de Israel, a

Igreja, e o mundo em geral. Foi na terra que Jesus viveu, trabalhou e morreu, para que, por meio da Sua morte, pudesse tirar do caminho todos os obstáculos ao cumprimento do propósito divino de abençoar o homem.

Porém, o topo da escada tocava nos céus. Formava o meio de comunicação entre o céu e a terra; e "eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela"—figura notável e bela de Aquele por quem Deus veio até ao mais profundo da necessidade do homem, e por quem também levantou o homem e o assentou na Sua presença para sempre, no poder da justiça divina! Deus supriu as necessidades do cumprimento de todos os Seus planos, apesar da loucura e pecado do homem; e é motivo de gozo eterno de qualquer alma encontrar-se por meio do ensino do Espírito Santo, dentro dos limites do propósito gracioso de Deus.

O profeta Oséias leva-nos ao tempo quando aquilo que foi prefigurado pela escada de Jacó terá o seu pleno cumprimento. "E, naquele dia, farei por eles aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e da terra tirarei o arco, e a espada, e a guerra, e os farei deitar em segurança. E desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias. E desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás o SENHOR. E acontecerá, naquele dia, que eu responderei, diz o SENHOR, eu responderei aos céus, e estes responderão à terra. E a terra responderá ao trigo, e ao mosto, e ao óleo; e estes responderão a Jezreel. E semeá-la-ei para mim na terra e compadecer-me-ei de Lo-Rufama; e a Lo-Ami direi: Tu és o meu povo!; e ele dirá: Tu és o meu Deus!" (Os 2:18-23). Há também uma expressão acerca da visão de Jacó no Evangelho de João, capítulo 1:51: "Na verdade, na verdade vos digo que, daqui em diante, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do Homem".

Manifestação da Graça de Deus para com Israel

Ora esta visão de Jacó é uma revelação bendita de graça divina para Israel. Já tivemos ocasião de ver alguma coisa do verdadeiro caráter de Jacó, alguma coisa, também, da sua verdadeira situação; ambas as coisas eram evidentemente tais que mostravam ser ou graça divina para ele ou nada. Por nascimento ele não tinha direitos; nem tão-pouco por caráter. Esaú podia mover uma pretensão com base nestes dois fundamentos, desde que as prerrogativas de Deus fossem postas de parte; porém Jacó não tinha nenhum direito; e por isso, ao passo que Esaú podia só permanecer sobre a exclusão das prerrogativas de Deus, Jacó só podia estar sobre a introdução e o estabelecimento delas. Jacó era um tal pecador e de tal modo privado de toda a pretensão, tanto por nascimento como por prática, que nada tinha absolutamente em que estribar-se, salvo no propósito de Deus de graça pura, livre e soberana. Por isso, a revelação que o Senhor faz ao Seu servo eleito, na passagem que acabo de reproduzir, é um simples relato ou profecia daquilo que Ele

Próprio havia ainda de fazer. "Eu sou..., darei..., guardarei..., farei tornar..., não te deixarei até que te haja feito o que te tenho dito". Tudo vem de Deus sem condição alguma. Não existem ses e mas-, porque quando a graça atua não pode haver tais coisas. Onde há um se não pode ser graça. Não é que Deus não possa colocar o homem numa posição de responsabilidade na qual tenha que se lhe dirigir com um se. Sabemos que pode; porém Jacó a dormir com uma pedra por almofada não estava em condições de responsabilidade, mas no mais profundo desamparo e necessidade; e portanto ele estava numa boa situação para receber uma revelação de plena graça, rica e incondicional.

Não podemos deixar de reconhecer a bem-aventurança de uma tal situação, em que nada temos para nos apoiarmos senão Deus; e, além disso, que é no caráter perfeito de Deus e Suas prerrogativas que obtemos o verdadeiro gozo e a nossa bem-aventurança. Segundo este princípio, seria para nós uma perda irreparável ter qualquer fundamento próprio para nos apoiarmos, porque, nesse caso, Deus trataria conosco com base na responsabilidade, e o fracasso seria então inevitável. Jacó era tão mau que ninguém, senão Deus, bastava para tudo que o seu estado exigia.

O Temor e o Voto de Jacó

E note-se que foi a sua falta em reconhecer isto que o levou a tanta dor e necessidade. A revelação de Deus Mesmo é uma coisa, e a nossa confiança nessa revelação é outra muito diferente. Deus revela-se a Jacó em graça infinita; contudo tão depressa Jacó acorda do sono, vemo-lo mostrando o seu verdadeiro caráter, e dando provas de quão pouco conhecia, praticamente, d'Aquele bendito Senhor que acabava de se revelar dum modo tão maravilhoso ao seu coração: "...temeu e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a Casa de Deus; e esta é a porta dos céus".

O seu coração não estava tranquilo na presença de Deus; nem tão-pouco o pode estar qualquer coração até ser inteiramente esvaziado e quebrantado. Deus agrada-Se, bendito seja o Seu nome, dum coração quebrantado e um coração quebrantado sente-se ditoso na Sua presença. Porém o coração de Jacó ainda não estava nestas condições; nem tão-pouco tinha ele ainda aprendido a descansar, como uma criança, no amor perfeito d'Aquele que podia dizer: "Amei a Jacó".

"O perfeito amor lança fora o temor"; porém onde esse amor não é conhecido e inteiramente posto em prática, haverá sempre uma medida de ansiedade e perturbação. A casa de Deus e a presença de Deus não são terríveis para a alma que conhece o amor de Deus manifestado no sacrifício de Cristo.

Uma tal alma é antes levada a dizer: "SENHOR, eu tenho amado a habitação da tua casa e o lugar onde permanece a tua glória" (SI 26:8). E, também, "Uma coisa pedi ao SENHOR e a buscarei: que possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da

minha vida, para contemplar a formosura do SENHOR e aprender no seu templo" (SI 27:4). "Quão amáveis são os teus tabernáculos, SENHOR dos Exércitos! A minha alma está anelante e desfalece pelos átrios do SENHOR" (SI 84:1-2). Quando o coração está firmado no conhecimento de Deus, amará certamente a Sua casa, qualquer que possa ser o caráter dessa casa, quer seja Betel, ou o templo de Jerusalém, ou a Igreja agora composta de todos os verdadeiros crentes, "edificados juntamente para morada de Deus em Espírito" (Ef 2:22). Todavia, o conhecimento de Jacó, tanto de Deus como da Sua casa, era muito superficial, neste ponto da sua história.

Teremos outra vez ocasião de tratar de alguns princípios ligados com Betel; e concluiremos agora a nossa meditação deste capítulo com uma breve observação do contrato de Jacó com Deus, tão próprio dele, e tão comprovativo da verdade da afirmação do seu pouco conhecimento do caráter divino. "E Jacó fez um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem que faço, e me der pão para comer e vestes para vestir, e eu em paz tornar à casa de meu pai, o SENHOR será o meu Deus; e esta pedra, que tenho posto por coluna, será Casa de Deus; e, de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo" (versículos 20 e 22). Observe-se "se Deus for comigo". Ora, o Senhor havia acabado de dizer, enfaticamente: "...estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra". E contudo o pobre coração de Jacó não pode ir além de um "se", nem tão-pouco nos seus pensamentos de Deus pode elevar-se acima de "pão para comer, e vestidos para vestir". Tais eram os pensamentos do homem que acabava de ter a visão magnífica da escada cujo topo tocava nos céus, com o Senhor em cima dela, e prometendo-lhe uma semente inumerável e uma possessão eterna. Jacó era evidentemente incapaz de entender a realidade e plenitude dos pensamentos de Deus. Julgou Deus por si próprio, e deste modo falhou completamente em compreendê-Lo. Numa palavra, Jacó não havia ainda chegado ao fim de si próprio; e por isso não havia começado realmente com Deus.

CAPÍTULOS 29 A 31

DEUS SE SERVE DAS CIRCUNSTÂNCIAS PARA DISCIPLINAR JACÓ

Jacó não Entende o Ensino de Betel

"Então pôs-se Jacó a pé e foi-se à terra dos filhos do Oriente." Como acabávamos de ver, no capítulo 28, Jacó falhou inteiramente na compreensão do verdadeiro caráter de Deus e aceitou toda a rica graça de Betel com um "se", e o acordo infeliz de comer e vestidos para vestir. Vamos vê-lo agora ocupado em fazer contratos.

"Tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gl. 6:7). Não há possibilidade de escapar a esta sentença. Jacó não se havia humilhado verdadeiramente na presença de Deus; portanto, Deus serviu-Se das circunstâncias para o castigar e humilhar.

Este é o verdadeiro segredo de muitas, muitíssimas, das nossas dores e provações neste mundo. Os nossos corações nunca foram realmente quebrantados perante o Senhor: nunca nos julgamos nem nos despojamos de nós próprios; e por isso, repetidas vezes, nós, com efeito, batemos com a cabeça contra a parede. Ninguém pode realmente alegrar-se em Deus até ter chegado ao fim do eu e isto pela simples razão que Deus começa a manifestar-Se no próprio ponto onde é visto o fim da carne. Se, portanto, eu não tiver atingido o fim da minha carne, na experiência profunda e positiva da minha alma, é moralmente impossível que eu possa ter alguma coisa semelhante a uma compreensão exata do caráter de Deus. Mas eu devo, de uma maneira ou de outra, ser levado a conhecer o que vale a minha natureza. Para conseguir este fim, o Senhor faz uso de vários meios, os quais, não importa quais sejam, são somente eficazes quando usados por Ele com o propósito de revelar à nossa vista o verdadeiro caráter de tudo que há nos nossos corações. Quantas vezes acontece que, como no caso de Jacó, ainda mesmo que o Senhor venha até junto de nós, e fale aos nossos ouvidos, contudo não compreendemos a Sua voz nem tomamos o nosso verdadeiro lugar na Sua presença: "... o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia...".

"Quão terrível é este lugar!" Jacó nada aprendeu com tudo isto, e foram precisos, portanto, vinte anos de terrível instrução, e isso, também, numa escola maravilhosamente adequada à sua carne; e até isto mesmo, como veremos, não foi suficiente para o dominar.

Dois Negociantes

Contudo, é admirável ver como ele ingressa numa atmosfera tão adequada à sua condição moral. O pechincheiro Jacó encontra-se com o explorador Labão, e vê-los, de fato, ambos esticando os nervos para se excederem um ao outro em astúcia. Não devemos estranhar o caso em Labão, pois ele nunca havia estado em Betel: nunca vira o céu aberto e uma escada posta na terra cujo topo tocava nos céus; nem tinha ouvido promessas grandiosas dos lábios do Senhor, garantindo-lhe toda a terra de Canaã, com uma posteridade inumerável. Não é de admirar, pois, que ele mostrasse um espírito avaro e abjeto; não tinha outro recurso. E escusado esperar do homem do mundo outra coisa que não seja um espírito mundano, e princípios e métodos mundanos; não tem nada superior; e não podemos tirar uma coisa limpa duma imunda. Porém, encontrar Jacó, depois de tudo que havia visto e ouvido em Betel, a lutar com um homem do mundo, e procurando, por tais meios, acumular riquezas, é notavelmente humilhante.

E todavia, enfim, não é um caso raro encontrar os filhos de Deus esquecendo assim os seus altos destinos, e a herança celestial, para descerem à arena com os filhos deste mundo, a fim de ali lutarem pelas riquezas e honras de uma terra ferida de pecado e perdida. Na verdade, isto é de tal forma verdadeiro que, em muitos casos, é difícil descortinar uma simples evidência daquele princípio que o apóstolo João nos diz "que vence o mundo" (Jo 5:4). Olhando para Jacó e Labão, e considerando-os segundo princípios naturais, será difícil notar neles qualquer diferença. E preciso ficar-se atrás das cenas e compreender os pensamentos de Deus quanto a ambos para ver como diferem um do outro. Todavia foi Deus Quem os fez diferir, e não Jacó; e assim é agora. Por muito difícil que possa ser descortinar alguma diferença entre os filhos da luz e os filhos das trevas, há, todavia, uma grande desigualdade—uma diferença baseada no fato solene que os primeiros são "vasos" de misericórdia, que "para glória já dantes preparou", enquanto que os últimos são "os vasos da ira(1), preparados (não por Deus, mas pelo pecado) para a perdição (Rm 9:22-23). Isto faz uma diferença muito séria. Os Jacós e os Labões são diferentes materialmente, e serão para sempre diferentes, embora os primeiros possam falhar tristemente na realização e manifestação prática do seu verdadeiro caráter e dignidade.

(1) É muito interessante notar como o Espírito de Deus, em Romanos 9, e, na verdade, através de toda a Escritura, nos precaver contra as conclusões horrendas que a mente humana tira da doutrina da eleição de Deus. O que Ele diz dos "vasos da ira" é que eles são simplesmente para "destruição". Não diz que Deus os "preparou".

Ao passo que, por outro lado, quando se refere aos vasos de misericórdia, diz que Deus "para glória já dantes os preparou". Isto é notável.

Se o leitor consultar por um momento Mateus 25:34 a 41 há-de encontrar outro caso notável e belo da mesma coisa.

Quando o rei se dirige aos que estão à Sua direita, diz-lhes; "Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado, desde a fundação do mundo" (versículo 34).

Porém quando fala aos que estão à Sua esquerda, diz: "Apartai-vos de mim, malditos." Não diz, "malditos de meu Pai". E, além disso, acrescenta, "para o fogo eterno" preparado, não para vós, mas "para o diabo e seus anjos" (versículo 41).

Em suma, é, portanto, claro que Deus "preparou" um reino de glória e "vasos de misericórdia" para herdarem esse reino; mas não preparou "o fogo eterno" para os humanos, mas sim para "o diabo e seus anjos"; nem tão-pouco preparou os "vasos para ira", mas eles mesmos se prepararam para isso.

A Palavra de Deus estabelece tão claramente a "eleição" como nos avisa contra "a condenação". Todos os que se encontrarem no céu terão de dar graças a Deus por isso, e todo aquele que se achar no inferno terá de agradecer a si próprio por isso.

Em Harã se Manifesta o Coração do Homem

Ora, no caso de Jacó, como nos é apresentado nos três capítulos que temos perante nós, toda a sua labuta e trabalho, à semelhança do contrato infeliz que fez, é o resultado do seu desconhecimento da graça de Deus, e a sua incapacidade para ter confiança implícita nas Suas promessas. O homem que podia dizer, depois de uma promessa de Deus de lhe dar toda a terra de Canaã, "SE Deus me der pão para comer e vestes para vestir", podia apenas ter uma pálida compreensão de Quem Deus era, ou o que era a Sua promessa; e por esta razão vemo-lo fazer tudo que pode por si mesmo. Este é sempre o método adotado quando a graça não é compreendida: os princípios da graça podem ser professados, mas a verdadeira medida da nossa experiência do poder da graça é outra coisa muito diferente. Poderia supor-se que a visão de Jacó lhe tivesse falado de graça; contudo a revelação de Deus em Betel, e o procedimento de Jacó em Harã são duas coisas muito diferentes; todavia, este mostra-nos o que fora a compreensão de Jacó daquela. O caráter e o comportamento são prova real da medida da experiência e convicção da alma, seja qual for a profissão. Porém Jacó não se conhecia ainda tal qual era perante Deus, e portanto desconhecia a graça, e mostrou a sua ignorância medindo-se com Labão e adotando as suas máximas e métodos.

O Conhecimento de si Mesmo

Não pode deixar de notar-se o fato que visto Jacó ter falhado em entender e julgar o caráter natural da sua carne perante Deus, foi, na providência de Deus, levado para a própria esfera na qual esse caráter foi inteiramente revelado nos seus traços mais largos. Foi conduzido a Harã, o país de Labão e Rebeca, a própria escola donde esses princípios, de que ele era um adepto notável, tinham emanado, e onde eram ensinados, mostrados e mantidos. Se alguém quisesse aprender o que Deus era tinha de ir a Betel; se desejasse conhecer o que o homem era devia ir a Harã. Mas Jacó havia falhado em receber a revelação que Deus lhe dera de Si Próprio em Betel, e portanto foi para Harã, e ali mostrou o que era — e, oh! que contendas e que mesquinhez! Que subterfúgios e que astúcia! Não mostra confiança santa em Deus, nem fé e esperança n'Ele.

É verdade que Deus estava com Jacó — porque nada pode impedir o brilho da graça divina. Além disso, ele reconhece a presença e fidelidade de Deus, em certa medida. Todavia, nada pode fazer sem um projeto e um plano: não deixa que Deus trate da questão das suas mulheres e do seu salário, mas procura arranjar tudo por meio da sua habilidade e procedimento. Numa palavra, é o "suplantador" em tudo.

Veja o leitor, por exemplo, o capítulo 30:37 a 42, e diga se é possível encontrar uma melhor obra-prima de esperteza. É verdadeiramente um retrato perfeito de Jacó. Em vez de permitir que Deus multiplicasse "todos os salpicados e malhados, e todos os morenos entre os cordeiros", como evidentemente o Senhor teria feito, se Jacó tivesse confiado n'Ele, ele dispôs-se a conseguir a sua multiplicação por meio de um plano que só podia ter achado a sua origem na mente de um Jacó. O mesmo aconteceu com todos os seus atos, durante os vinte anos em que morou com Labão; e finalmente, ele, muito caracteristicamente "raspa-se", mantendo deste modo, em tudo, conformidade consigo próprio.

O Conhecimento do Deus da Graça

Ora, é segundo o verdadeiro caráter de Jacó, de lugar em lugar da sua extraordinária história, que se obtém uma maravilhosa vista da graça divina. Ninguém senão Deus poderia suportar uma pessoa como Jacó assim como ninguém senão Deus teria tratado com uma pessoa assim. Graça começa pelo ponto mais baixo. Recebe o homem como ele é, e trata com ele no pleno conhecimento do que ele é. É de grande importância compreender este aspecto da graça no ponto de decisão de alguém; habilita-nos a levar, com firmeza de coração, as descobertas posteriores de vileza pessoal, que tão frequentemente abalam a confiança e perturbam a paz dos filhos de Deus.

Muitos não compreendem desde o princípio a ruína completa da sua natureza, tal qual se manifesta na presença de Deus, embora os seus corações hajam sido atraídos pela graça, e as suas consciências tranquilizadas, de algum modo, pela aplicação do sangue de Cristo. Por isso, à medida que vão avançando na sua carreira, começam a fazer descobertas mais profundas do mal em seus corações, e, sendo deficientes na sua compreensão da graça de Deus, e da eficácia e extensão do sacrifício de Cristo, levantam imediatamente a questão acerca de serem filhos de Deus. Deste modo são tirados a Cristo e atirados para cima de si próprios, e então ou se entregam às ordenações, de modo a manterem o seu tom de devoção, ou caem outra vez inteiramente no mundanismo e na carnalidade. Estas consequências são desastrosas, e o resultado de não se ter o coração estabelecido na graça.

E isto que torna o estudo da história de Jacó tão interessante e útil. Ninguém pode ler estes três capítulos sem ser despertado pela graça maravilhosa que pôde cuidar de um como Jacó, e não apenas cuidar dele, mas dizer, depois da descoberta plena de tudo que havia nele, que não "viu iniquidade em Israel, nem contemplou maldade em Jacó" (Nm 23:21). Deus não diz que não havia perversidade e iniquidade em Jacó. Uma tal afirmação não daria confiança ao coração — a própria coisa, sobre todas as coisas, que Deus quer dar. Nunca daria ânimo ao coração de um pobre pecador dizer-lhe que nele não havia pecado — porque, enfim, ele sabe muito bem que há —, porém, se Deus diz, com base no sacrifício perfeito de Cristo,

que não vê pecado sobre si, isso dá, infalivelmente, paz ao seu coração e à consciência. Se Deus tivesse escolhido Esaú, não teríamos tido, de modo nenhum, uma tal demonstração da graça; é por esta razão, que ele não aparece perante nós na luz amável em que vemos Jacó. Quanto mais o homem se afunda, mais a graça de Deus se eleva. À medida que o meu débito aumenta, nos meus cálculos, de cinquenta para quinhentos talentos, do mesmo modo, a minha apreciação da graça, e a experiência do amor que, não tendo nós nada com que pagar, pôde liberalmente perdoar-nos tudo (Lc. 7:42), se elevam.

Bem podia o apóstolo dizer, "... bom é que o coração se fortifique com graça e não com manjares, que de nada aproveitaram aos que a eles se entregaram" (Hb 13:9).

CAPÍTULO 32

OS PLANOS DE JACÓ ANTES DO ENCONTRO COM ESAÚ

A consciência má de Jacó

"E foi também Jacó o seu caminho, e encontraram-no os anjos de Deus". Apesar de tudo, a graça de Deus ainda segue Jacó. Nada pode alterar o amor de Deus. Quem Ele ama, e como ama, ama-o até ao fim. O Seu amor é como Ele Próprio, "o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hb. 13:8). Contudo, o pouco efeito que "o exército de Deus" produziu em Jacó pode ser visto pelos seus atos descritos neste capítulo. "E enviou Jacó mensageiros diante da sua face a Esaú, seu irmão, à terra de Seir, território de Edom." Jacó sente-se evidentemente inquieto a respeito de Esaú, e com razão: havia-o tratado mal, e a sua consciência não estava tranquila. Contudo em vez de confiar em Deus sem reservas, ele entrega-se outra vez aos seus planos, de modo a impedir a ira de Esaú. Procura entender-se com Esaú, em vez de apoiar-se em Deus.

"E ordenou-lhes, dizendo: Assim direis a meu senhor Esaú: Assim diz Jacó, teu servo-. Como peregrino morei com Labão e me detive lá até agora." Tudo isto indica uma alma muito afastada do seu centro em Deus. "Meu senhor", e "teu servo", não é a linguagem própria de um irmão ou de alguém cômico da dignidade da presença de Deus; mas era a linguagem de Jacó, e de Jacó, também, com uma má consciência.

"E os mensageiros tornaram a Jacó, dizendo: Fomos a teu irmão Esaú; e também ele vem a encontrar-te, e quatrocentos varões com ele. Então, Jacó temeu muito e angustiou-se." Mas o que faz ele primeiramente?- Confia em Deus? Não, começa a atuar:

"... repartiu em dois bandos o povo que com ele estava, e as ovelhas, e as vacas, e os camelos. Porque dizia: Se Esaú vier a um bando, e o ferir, o outro bando escapará." O primeiro pensamento de Jacó era sempre um plano, e ele não é mais que um verdadeiro exemplo do pobre coração humano. Verdade é que depois de ter feito o seu plano ele volta-se para Deus, e pede-Lhe libertação; mas tão depressa acaba de orar, recomeça os seus planos. Bom, orar e fazer planos nunca dará resultado. Se eu fizer planos, estou confiando, mais ou menos, nos meus planos; mas quando oro, devo descansar unicamente em Deus. Por isso, as duas coisas são inteiramente incompatíveis: destroem-se virtualmente uma à outra. Quando a minha vista está ocupada com a minha própria administração das coisas não estou preparado para ver Deus atuar por mim; e nesse caso, a oração não é a expressão da minha necessidade, mas apenas o cumprimento supersticioso de alguma coisa que julgo deve ser feita, ou pode ser o pedido a Deus para santificar os meus planos. Isto nunca dará resultado. O princípio não é pedir a Deus para santificar e abençoar os meus planos, mas pedir-Lhe para o fazer Ele Próprio (1).

(1) Sem dúvida, quando a fé deixa Deus atuar, Ele empregará os Seus meios; porém isto é uma coisa totalmente diferente de Ele aceitar e abençoar os planos e preparativos da incredulidade e impaciência. Esta distinção não é suficientemente compreendida.

Um Plano Humano para Apaziguar Esaú

Embora Jacó pedisse a Deus para o livrar de seu irmão Esaú, não estava, evidentemente, satisfeito com isso, e portanto procurou apaziguá-lo com "um presente". Deste modo a sua confiança estava no "presente", e não inteiramente em Deus. "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso" (Jr. 17:9). E muitas vezes difícil descobrir o que é o verdadeiro terreno da confiança do coração. Persuadimo-nos, ou somos forçados a convencer-nos, que nos apoiamos em Deus, quando, na realidade, confiamos em algum plano de nossa invenção. Quem, depois de escutar a oração de Jacó, em que ele diz: "Livra-me, peço-te, da mão de meu irmão, da mão de Esaú: porque o temo, que porventura não venha e me fira e a mãe com os filhos", poderia supor que ele dissesse: "eu o aplacarei com o presente?" Tinha esquecido a sua oração?- Estava fazendo um deus do seu presente?

Confiava mais nalguns animais que no Senhor, a Quem acabava de se entregar! Estas perguntas resultam naturalmente da atitude de Jacó com referência a Esaú, e nós podemos prontamente dar-lhes a resposta através do espelho dos nossos próprios corações. Neles aprendemos tão bem como nas páginas da história de Jacó quão prontos estamos a confiar mais nos nossos próprios planos do que em Deus; mas isto não dará resultado; temos de ser levados a ver o fim dos nossos planos, que

são tolice, e que o verdadeiro passo de sabedoria é descansar com absoluta confiança em Deus.

Nem tão-pouco de nada servirá fazer das nossas orações parte dos nossos planos. Muitas vezes sentimo-nos satisfeitos quando acrescentamos oração aos nossos planos, ou depois de termos empregado todos os meios lícitos, e pedido a Deus para os abençoar. Quando é este o caso, as nossas orações são quase de tanto valor como os nossos planos, visto que confiamos nelas em vez de dependermos de Deus. Devemos ser levados realmente ao fim de tudo com que o eu tem alguma coisa que fazer; porque antes disso Deus não pode manifestar-Se. Todavia, nós nunca podemos chegar ao fim dos nossos planos até sermos levados ao fim de nós próprios. Devemos ver que "Toda carne é erva, e toda a sua beleza, como as flores do campo" (Is 40:6).

Jacó a Sós com Deus

Assim é neste interessante capítulo. Quando Jacó acabou de pôr em ordem todos os seus preparativos, lemos: "Jacó, porém, ficou só; e lutou com ele um varão, até que a alva subia." E um ponto decisivo na história deste homem notável. Ficar a sós com Deus é o único meio verdadeiro de se chegar a um conhecimento justo de nós próprios e dos nossos caminhos. Nunca poderemos receber um verdadeiro conhecimento da natureza e todos os seus atos, até os termos pesado na balança do santuário, e ali, então, verificarmos o seu valor verdadeiro. Seja o que for que pensarmos de nós próprios, e o que o homem possa pensar de nós, a grande questão é saber o que Deus pensa de nós. E a resposta a esta pergunta só pode ser ouvida quando ficamos sós. Longe do mundo; longe do eu; longe de todos os pensamentos, argumentos, cálculos, e emoções da natureza, e "só" com Deus— deste modo, e só assim, podemos obter um juízo correto de nós próprios.

Deus Luta com Jacó

"Jacó porém ficou só; e lutou com ele um varão." Notemos que não foi Jacó quem lutou com um varão; mas um varão que lutou com Jacó. Esta cena é vulgarmente mencionada como um exemplo do poder de Jacó na oração. Que não é assim é evidente pela simples redação da passagem. O eu lutar com um homem, e um homem lutar comigo são duas ideias totalmente diferentes para a mente. Se sou eu quem luta com outro é porque pretendo dele alguma coisa; se, pelo contrário, é outro que luta comigo é porque deseja conseguir alguma coisa de mim. Ora, no caso de Jacó, o objetivo divino era levá-lo a ver que criatura pobre, fraca, inútil, ele era, e quando Jacó resistiu tenazmente ao tratamento divino, o varão "tocou a juntura de sua coxa; e se deslocou a juntura da coxa de Jacó, lutando com ele". A

sentença de morte tem que ser lavrada sobre a carne — o poder da cruz tem que ser compreendido antes de podermos andar firmemente com Deus.

Até aqui temos seguido Jacó por entre todos os meandros e expedientes do seu extraordinário caráter — vim-lo fazendo planos e pondo-os em prática durante a sua estadia de vinte anos com Labão; mas não foi antes de ter ficado só que teve uma verdadeira ideia da sua inutilidade. Então, havendo sido tocado o centro da sua força, ele pôde dizer, "não te deixarei ir". Como disse o poeta:

Nenhum outro refúgio tenho;
Minha alma desamparada apega-se a Ti."

Isto foi uma nova era na história do suplantador e engenhoso Jacó. Até aqui ele havia-se agarrado aos seus meios e caminhos; mas agora é levado a dizer "não te deixarei ir". Bom, o leitor dirá que Jacó não se exprimiu assim até que "a juntura da sua coxa foi tocada". Este simples fato é suficiente para concretizar a verdadeira interpretação de toda a cena. Deus lutava com Jacó para o levar a este ponto. Já vimos que, quanto ao poder de Jacó na oração, tão depressa pronunciava algumas palavras a Deus mostrava logo o verdadeiro segredo da independência da sua alma, dizendo: "Eu o aplacarei (a Esaú) com o presente." Teria dito isto se tivesse realmente compreendido o significado do oração ou da verdadeira dependência em Deus? Certamente que não. Se tivesse esperado só em Deus, para aplacar Esaú, poderia ter dito: "eu o aplacarei com o presente?" Decerto que não! E preciso que Deus e a criatura conservem o seu lugar distinto, e sempre assim será com toda a alma que conhece a santa realidade de uma vida de fé.

Mas, oh! aqui está onde nós falhamos, se podemos falar uns pelos outros! Sob a fórmula plausível e aparentemente piedosa de usarmos meios, nós realmente encobrimos a infidelidade dos nossos pobres corações enganosos; pensamos que estamos esperando em Deus para abençoar os nossos meios, ao passo que, na realidade, O afastamos confiando nos meios, em vez de dependermos d'Ele, Oh! que os nossos corações possam compreender o mal deste procedimento! Possamos nós aprender a confiar mais simplesmente em Deus somente, para que assim a nossa história possa ser mais caracterizada por aquela santa elevação acima das circunstâncias através das quais estamos passando. Não é uma coisa fácil chegar a conhecer-se a nulidade da criatura até ao ponto de poder dizer-se: "não te deixarei ir se me não abençoares". Dizer isto do coração e permanecer no seu poder é o segredo de todo o verdadeiro poder. Jacó disse-o quando a juntura da sua coxa foi tocada; mas não antes. Lutou muito, até ceder, porque a sua confiança na carne era grande. Porém, Deus pode deprimir até ao pó o caráter mais ativo. Ele sabe como tocar a mola do poder da natureza, e escrever a sentença de morte inteiramente sobre ela; e até que isto não for feito não pode haver verdadeiro poder com Deus

ou o homem. Temos de ser "fracos" para podermos ser "fortes". "O poder de Cristo" só pode "repousar sobre nós" em ligação com o conhecimento das nossas fraquezas. Cristo não pode pôr o selo da Sua aprovação sobre o poder da natureza, a sua sabedoria ou a sua glória: todas estas coisas têm de submergir-se para que Ele possa levantar-Se. A natureza humana nunca poderá constituir, de modo nenhum, uma base para manifestar a graça ou o poder de Cristo; pois se pudesse sê-lo então a carne podia gloriar-se na Sua presença; mas isto, como sabemos, nunca poderá ser. E assim como a manifestação da glória de Deus, e o nome ou caráter de Deus, estão ligados com o afastamento completo da natureza, do mesmo modo a alma nunca poderá gozar a revelação daquela enquanto esta não for posta de parte. Por isso, embora Jacó fosse intimado a dizer o seu nome, ou seja "Jacó é um suplantador", todavia não recebe revelação do nome d'Aquele que havia lutado com ele até o deixar por terra. Jacó recebeu para si o nome de "Israel, ou príncipe", o que representava um grande passo andado; mas quando diz: "Dá-me, peço-te, a saber o teu nome", recebe a resposta: "Porque perguntas pelo meu nome?" O Senhor recusa dizer o Seu nome, embora tivesse levado Jacó ao ponto de dizer a verdade quanto a si mesmo e o abençoasse de acordo com ela.

Jacó, o Suplantador, se Torna Israel, Príncipe de Deus

Quantas vezes não é este o caso na história da família de Deus! Dá-se a manifestação do eu em toda a sua deformidade moral; contudo, falhamos em compreender o que Deus é, apesar de Ele ter vindo até tão perto de nós, e nos ter abençoado, também, em ligação com a descoberta do que somos. Jacó recebeu o novo nome de Israel quando a juntura da sua coxa foi tocada. Tornou-se num príncipe poderoso quando foi levado a conhecer-se como homem fraco; mas ainda assim o Senhor teve que dizer: "Porque perguntas pelo meu nome?" Não é feita revelação do nome d'Aquele que, todavia, havia posto a descoberto o verdadeiro nome e a condição de Jacó.

De tudo isto entendemos que é uma coisa sermos abençoados pelo Senhor e outra inteiramente diferente termos a revelação do Seu caráter, por meio do Espírito, aos nossos corações. "E abençoou-o ali"; mas não lhe disse o Seu nome. Há bênção em sermos levados a conhecermo-nos a nós próprios, porque desse modo somos levados a um caminho no qual podemos mais claramente discernir o que Deus é para nós em pormenor. Foi assim com Jacó. Quando a juntura da sua coxa foi tocada ele encontrou-se numa condição na qual tinha de ser ou Deus ou nada. Um pobre coxo pouco podia fazer, portanto teve que se agarrar a Um que era Poderoso. Desejo frisar, antes de deixar este capítulo, que o livro de Jó é, em certo sentido, um comentário pormenorizado desta cena na história de Jacó. Através dos primeiros trinta e um capítulos Jó prende-se com os seus amigos, e mantém o seu ponto de vista contra todos os seus argumentos. Porém, no capítulo 32, Deus, por

intermédio de Elihu, começa a lutar com ele; e, no capítulo 38 vem diretamente sobre ele com toda a majestade do Seu poder, subjuga-o pela manifestação da Sua grandeza e glória, e arranca-lhe as palavras bem conhecidas, "Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te veem os meus olhos. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:5-6). Isto era realmente tocar a juntura da sua coxa. E notemos esta expressão, "agora te veem os meus olhos".

Ele não diz, "veem-me os meus olhos"; não, mas "veem-te". Nada senão uma visão do que Deus é pode realmente levar ao arrependimento e à própria abominação. Assim acontecerá com o povo de Israel, cuja história é análoga à de Jó. Quando eles contemplarem Aquele que feriram, lamentar-se-ão, e então haverá plena restauração e bênção. O seu fim, à semelhança de Jó, será melhor do que o princípio. Apreenderão o pleno significado dessa frase, "Para tua perda, ó Israel, te rebelaste contra mim, contra o teu ajudador" (Os 13:9).

CAPÍTULOS 33 E 34

A PARADA DE JACÓ EM SIQUÉM E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

O Encontro de Jacó com Esaú

Podemos ver nestes dois capítulos como os temores de Jacó eram infundados, e quão inúteis eram os seus planos. Não obstante a luta, o toque da juntura da sua coxa, e o coxear, vemos Jacó ainda ocupado com planos. "E levantou Jacó os seus olhos e olhou, e eis que vinha Esaú, e quatrocentos homens com ele. Então, repartiu os filhos entre Léia e Raquel, e as duas servas. E pôs as servas e seus filhos na frente e a Léia e a seus filhos, atrás; porém a Raquel e José, os derradeiros". Estes preparativos são prova da continuação dos seus temores. Previa ainda a vingança de Esaú, e expôs aqueles que menos lhe interessavam ao primeiro golpe dessa vingança.

Como as profundezas do coração humano são assombrosas! Como é tardo em confiar em Deus! Se Jacó tivesse confiado realmente em Deus nunca teria receado a destruição de sua família; mas, enfim, o coração sabe alguma coisa da dificuldade de descansar simplesmente em confiança calma num Deus infinitamente gracioso, Todo-Poderoso e Onipresente.

Mas, note-se, agora, como a ansiedade do coração era desnecessária. "Então, Esaú correu-lhe ao encontro e abraçou-o; e lançou-se sobre o seu pescoço e beijou-o; e choraram". O presente era inteiramente desnecessário; o plano inútil. Deus "apacou" Esaú, como já havia acalmado Labão. E assim que Ele Se deleita em repreender os nossos pobres corações, cobardes e incrédulos, e afugentar todos os

nossos temores. Em vez da temida espada de Esaú, Jacó encontra o abraço e beijos de seu irmão; em vez de luta, eles misturam as suas lágrimas. Tais são os caminhos de

Deus. Quem não confiará n'Ele? Quem não O honrará com a plena confiança do coração? Porque é que, não obstante toda a evidência agradável da Sua fidelidade para com aqueles que põem a sua confiança n'Ele, estamos tão prontos, em todas as ocasiões, a duvidar e hesitará A resposta é simples: não estamos suficientemente unidos a Deus. "Une-te pois a Ele, e tem paz, e assim te sobrevirá o bem" (Jó. 22:21). Isto é verdadeiro, quer seja acerca do pecador inconvertido, ou de um filho de Deus. Conhecer verdadeiramente a Deus (verdadeira intimidade com Ele) é vida e paz. "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17:3). Quanto mais perfeito for o nosso conhecimento de Deus, tanto mais sólida será a nossa paz, e mais elevadas serão as nossas almas acima de toda a dependência da criatura. "Deus é uma rocha", e nós precisamos apenas de alijar todo o nosso peso sobre Ele, para sabermos quão poderoso é para nos suster.

Sucote

Depois de toda esta manifestação da bondade de Deus, encontramos Jacó fixando-se em Sucote, e, contra o espírito e os princípios da vida de um peregrino, edificando uma casa, como se estivesse na sua pátria. Ora, Sucote não era, evidentemente, o lugar que lhe fora destinado por Deus. O Senhor não lhe havia dito: "Eu sou o Deus de Sucote", mas sim: "Eu sou o Deus de Betel". Portanto, Betel, e não Sucote, devia ter sido o grande objetivo de Jacó. Mas, oh! o coração é sempre propenso a estar satisfeito com uma posição inferior àquela que Deus, graciosamente, lhe destina!

Siquém

Então Jacó muda-se para Siquém, e compra terreno, faltando deste modo ainda à medida divina, e o nome pelo qual chama o seu altar é indicativo do estado moral da sua alma. Chama-o "El-elohe-Israel" ou "Deus, o Deus de Israel". Isto era fazer uma ideia muito contratual de Deus. Verdade seja que é nosso privilégio conhecer Deus como nosso Deus; porém é muito melhor conhecê-Lo como Deus da Sua própria casa, e contemplarmo-nos a nós próprios como partes dessa casa. É privilégio do crente conhecer Cristo como sua Cabeça; contudo é maior privilégio conhecê-Lo como a Cabeça do Seu corpo, a Igreja, e conhecermo-nos como membros desse corpo.

Teremos ocasião de ver, quando chegarmos ao capítulo 35, como Jacó é levado a formar uma ideia de Deus mais elevada; em Siquém ele estava numa condição espiritual baixa, e foi obrigado a sentir as suas conseqüências; como sucede sempre que não alcançarmos a posição que nos é destinada. As duas tribos e meia que

ficaram do lado de cá do Jordão foram as primeiras a cair nas mãos do inimigo. Assim aconteceu com Jacó. Vemos, no capítulo 34, os frutos amargos da sua peregrinação em Siquém. É lançada uma mancha sobre a sua família, a qual Simeão e Levi procuram limpar, na energia e violência da natureza, e que levou ainda a uma mais profunda dor; e foi isso, também, que tocou Jacó ainda mais vivamente do que o insulto feito a sua filha: "Então disse Jacó a Simeão e a Levi: Tendes-me turbado, fazendo-me cheirar mal entre os moradores desta terra, entre os cananeus e fereseus, sendo eu pouco povo em número, ajuntar-se-ão, e ficarei destruído, eu e minha casa" (capítulo 34:30). Deste modo, foram as consequências quanto a si próprio que mais afligiram Jacó. Parece que viveu sempre em constante perigo para si e sua família, mostrando em toda a parte um espírito ansioso, cauteloso, tímido e calculista, inteiramente incompatível com uma vida de genuína fé em Deus.

Etapas com Consequências Dolorosas

Não é que Jacó não fosse, em geral, um homem de fé; era, certamente, e como tal, tem um lugar entre "uma tão grande nuvem de testemunhas" de Hebreus 11. Porém mostrou um triste fracasso em não andar no exercício habitual desse princípio divino. Poderia a fé levá-lo a dizer, "ficarei destruído, eu e minha casa?" Não, evidentemente. A promessa de Deus no capítulo 28:14-15 devia ter banido qualquer temor do seu espírito. "...te guardarei... não te deixarei." Isto devia ter tranquilizado o seu coração. Porém, o fato é que a sua mente estava mais ocupada com o perigo que corria entre os homens de Siquém do que com a sua segurança nas mãos de Deus. Devia ter sabido que nem um só cabelo da sua cabeça poderia ser tocado, e, portanto, em vez de se preocupar com Simeão e Levi, ou as consequências do seu ato precipitado, devia julgar-se a si próprio naquela posição. Se não se tivesse fixado em Siquém, Diná não teria sido desonrada, e a violência de seus filhos não teria sido manifestada. Vemos constantemente crentes passando por profunda dor e dificuldades por causa da sua própria infidelidade; e então, em vez de se julgarem a si próprios, começam a ponderar as circunstâncias e lançam sobre elas a culpa.

Quantas vezes vemos pais crentes, por exemplo, em aflição de alma quanto à travessura, rebeldia e mundanidade dos seus filhos; e, ao mesmo tempo, eles são os próprios culpados por não andarem em fidelidade perante Deus quanto às suas famílias. Foi assim com Jacó. Estava em terreno moral baixo, em Siquém; e, visto que lhe faltava aquela sensibilidade refinada que o teria levado a detectar o baixo terreno, Deus, em verdadeira fidelidade, usou as suas circunstâncias para o castigar. "Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gl. 6:7). E um princípio do governo moral de Deus—um princípio de cuja aplicação ninguém pode escapar; e é uma misericórdia para os

filhos de Deus serem obrigados a ceifar os frutos dos seus erros. E uma misericórdia ser-se ensinado, de qualquer modo, da amargura de deixar ou não de contar com o Deus vivo. Temos de aprender que este não é o nosso repouso; porque, bendito seja Deus, Ele não nos daria um repouso manchado. Ele quer que descansemos em e com Ele Próprio. Tal é a Sua graça; e quando os nossos corações duvidam, ou fracassam, a Sua palavra é "Se voltares..., diz o Senhor, para mim voltarás" (Jr. 4:1). A humildade falsa, a qual é apenas o fruto da incredulidade, leva o extraviado ou apóstata a tomar uma posição inferior, desconhecendo o princípio ou medida da restauração de Deus. O filho pródigo procurava ser tomado como um servo, desconhecendo que, tanto quanto lhe dizia respeito, ele não tinha mais direito ao título de servo que ao de filho; e, além disso, seria inteiramente indigno do caráter do pai colocá-lo numa tal posição. Devemos vir a Deus no princípio e segundo a maneira digna d'Ele Mesmo, ou então não vir.

CAPÍTULO 35

O RETORNO DE JACÓ A BETEL

"Levanta-te, sobe a Betel"

"Depois, disse Deus a Jacó: Levanta-te, sobe a Betel, e habita ali." Isto confirma o princípio em que temos insistido. Quando há fracasso ou decadência o Senhor chama outra vez a alma a Si. "Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras" (Ap 2:5). Este é o princípio de restauração. A alma tem que ser reconduzida ao ponto mais elevado; deve ser restaurada ao padrão divino. O Senhor não diz, "lembra-te de onde estás"; não, mas "lembra-te da posição elevada de onde caíste". Só assim se pode aprender até que ponto tem chegado a decadência, e como se devem retroceder os passos.

Ora, é quando somos assim restaurados ao padrão elevado e santo de Deus que podemos compreender a gravidade do mal do nosso estado de decadência. Que tremendo pecado moral tinha caído sobre a família de Jacó, sem ser julgado por ele, até que a sua alma foi despertada pela chamada para subir a Betel. Siquém não era o lugar para detectar todo este mal. A atmosfera desse lugar estava impregnada demais com elementos impuros para permitir à alma discernir com algum grau de precisão e clareza o verdadeiro caráter do mal. Porém, logo que a chamada para Betel foi ouvida por Jacó, "Então, disse Jacó à sua família e a todos os que com ele estavam: Tirai os deuses estranhos, que há no meio de vós, e purificai-vos, e mudai as vossas vestes. E levantemo-nos e subamos a Betel; e ali farei um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia e que foi comigo no caminho que

tenho andado". A própria alusão à "Casa de Deus" tocou uma corda na alma do patriarca, e levou-o, num abrir e fechar de olhos, por sobre a história de vinte anos cheios de acontecimentos. Havia sido em Betel que ele aprendera o que Deus era, e não em Siquém; por isso ele tem que ir outra vez a Betel, e fazer ali um altar sobre uma base inteiramente diferente, e debaixo de um nome totalmente diferente, do seu altar em Siquém. Este estava ligado com muita impureza e idolatria.

Jacó podia falar de "Deus, o Deus de Israel", ao mesmo tempo que estava rodeado por muitas coisas inteiramente incompatíveis com a santidade da casa de Deus. É importante estarmos certos quanto a este ponto. Nada nos pode manter num estado de separação do mal, firme e inteligente, senão o reconhecimento do que é "a casa de Deus", e o que se torna essa casa. Se eu confiarem Deus somente no tocante ao que me diz respeito, não terei um conhecimento claro, pleno, divino, e de tudo quanto resulta do reconhecimento devido à relação de Deus com a Sua casa. Alguns consideram um caso sem importância misturarem-se com coisas impuras no culto de Deus, desde que eles próprios sejam sinceros e verdadeiros de coração. Por outras palavras, pensam que podem adorar a Deus em Siquém; e que um altar chamado "Deus, o Deus de Israel", é tão elevado, tanto quanto segundo Deus, como um altar com o nome de "Betel". Isto é evidentemente um erro. O crente espiritual detectará imediatamente a grande diferença moral entre a condição de Jacó em Siquém e a sua condição em Betel, e a mesma diferença existe entre os dois altares. As nossas ideias quanto à adoração a Deus devem necessariamente ser afetadas pela nossa condição espiritual; e a nossa adoração será baixa e formal ou elevada e compreensível justamente na proporção do conhecimento que tivermos do Seu caráter e parentesco.

Ora o nome do nosso altar e o caráter da nossa adoração expressam a mesma ideia. O culto em "Betel" é mais elevado do que o culto a "Deus, o Deus de Israel". Por esta simples razão, que dá uma ideia mais elevada de Deus—dá uma ideia mais elevada falar d'Ele como o Deus da Sua casa, do que como o Deus de um indivíduo solitário. De certo que há graça na expressão do título "Deus, o Deus de Israel"; e a alma não pode deixar de sentir-se feliz por considerar o caráter de Deus, ligando graciosamente a Si cada pedra da Sua casa, e cada membro do corpo individualmente. Cada pedra no edifício de Deus é "uma pedra viva", está ligada com "a pedra viva", e tem comunhão com "o Deus vivo", pelo poder do "Espírito de vida". Porém, embora tudo isto seja verdadeiro, Deus é o Deus de Sua casa; e quando podemos, por meio de uma inteligência espiritual engrandecida, considerá-Lo como tal, o nosso culto toma um caráter mais elevado do que aquele que resulta meramente de conhecermos o que Ele é para nós, individualmente.

O Altar de Betel

Contudo, há outra coisa a notar no regresso de Jacó a Betel. Ele é convidado a edificar um altar ao Deus que lhe apareceu, quando fugia diante da face de seu irmão. E assim lembrado do dia da sua "angústia". É bom, por vezes, que as nossas mentes sejam levadas desta maneira ao ponto em que na nossa história nos achamos lançados ao degrau mais baixo da escala. Deste modo Saul foi reconduzido ao tempo em que era pequeno aos seus olhos. É este o ponto de partida para todos nós. "...Porventura, sendo tu pequeno aos teus olhos..." (1 Sm 15:17), é um ponto de que necessitamos de ser lembrados muitas vezes. E então que o coração descansa realmente em Deus. Depois começamos a sentir que somos alguma coisa, e o Senhor é obrigado a ensinar- nos outra vez a nossa própria inutilidade.

Quando se entra no princípio ao serviço ou se é chamado a dar testemunho, que sensação se tem então de fraqueza pessoal e incapacidade! E, como consequência, que dependência de Deus, que apelos sinceros e fervorosos Lhe são então feitos por auxílio e poder! Mais tarde começamos a pensar que, por termos estado tanto tempo ao serviço, podemos desempenhar bem o nosso cargo sós, pelo menos já não existe a mesma sensação de fraqueza, ou a mesma dependência simples em Deus; e então o nosso ministério torna-se pobre, fraco, petulante, uma coisa faladora, sem unção ou poder—uma coisa que resulta não da operação exaustiva do Espírito mas das nossas próprias mentes desgraçadas.

Desde os versículos 9 a 15 Deus renova as Suas promessas a Jacó e confirma o seu novo nome de "príncipe", em vez de "suplantador"; e Jacó chama outra vez o nome daquele lugar "Betel".

O Nascimento de Benjamim e a Morte de Raquel

No versículo 18 temos um exemplo interessante da diferença entre o juízo da fé e o juízo da natureza. Esta olha para as coisas através das névoas escuras que a rodeiam; aquela olha para elas à luz da presença e dos desígnios de Deus. "E aconteceu que, saindo-se-lhe a alma (porque morreu), chamou o seu nome Benoni; mas seu pai o chamou Benjamim". A natureza chamou-o "filho da minha dor", mas a fé chamou-o "filho da minha destra"; assim é sempre. A diferença entre os pensamentos da natureza e os da fé deve ser sempre grande, na verdade; e devemos desejar sempre que as nossas almas sejam governadas somente por esta, e não por aquela.

CAPÍTULO 36

A GENEALOGIA DOS FILHOS DE ESAÚ

Este capítulo contém uma lista dos descendentes de Esaú, com os seus vários títulos e lugares de habitação. Não vamos alargar-nos em considerações a este respeito, mas passar imediatamente a uma das mais frutíferas e interessantes porções de todo o cânone de inspiração.

CAPÍTULO 37

OSÉ - BELO TIPO DE CRISTO

Não há nas Escrituras Sagradas um símbolo mais perfeito e belo de Cristo do que José. Quer encaremos Cristo como o objeto do amor do Pai ou da inveja dos "seus"—na Sua humilhação, sofrimentos, morte, exaltação e glória —, vemo-Lo maravilhosamente simbolizado em José.

José É Odiado por Seus Irmãos

No capítulo 37 temos os sonhos de José, cujo relato desperta a inimizade de seus irmãos. Ele era o objeto do amor de seu pai, e assunto de altos destinos, e, visto que os corações de seus irmãos não estavam em comunhão com estas coisas, eles odiaram-no. Não tinham parte no amor do pai, e não queriam aceder ao pensamento de exaltação de José. Em tudo isto, eles são uma figura dos Judeus nos dias de Cristo. "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1:11). Ele "não tinha parecer nem formosura" a seus olhos (Is 53:2). Não o reconheceram como o Filho de Deus nem como Rei de Israel. Os seus olhos não estavam abertos para verem "a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1:14). Não o queriam, e, pelo contrário, odiaram-No.

Ora, no caso de José, vemos que ele não enfraqueceu, de modo nenhum, o seu testemunho em virtude da recusa de seus irmãos em aceitarem o seu primeiro sonho.

"Sonhou também José um sonho, que contou a seus irmãos; por isso o aborreciam ainda mais... E sonhou ainda outro sonho e o contou a seus irmãos." Isto era testemunho simples baseado na revelação divina; mas era testemunho que havia de levar José à cova. Se ele tivesse guardado o seu testemunho, ou tirado alguma coisa do seu poder e ofensa, ter-se-ia salvo a si próprio; mas não: ele contou-lhes a verdade, e portanto eles aborreceram-no.

Cristo — Antítipo de José

Aconteceu assim com o grande Antítipo de José. Ele deu testemunho da verdade — fez boa confissão —, nada ocultou; só podia dizer a verdade porque Ele era a verdade, e o Seu testemunho da verdade teve a resposta, por parte do homem, por

meio da cruz, o vinagre, e a espada do soldado que feriu o Seu lado. O testemunho de Cristo foi também acompanhado da graça mais profunda, plena e rica. Ele não veio apenas como a "verdade", mas também como a perfeita expressão de todo o amor do coração do Pai: "a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (Jo 1:17). Ele foi a plena manifestação aos homens do que Deus era. Por isso o homem foi deixado inteiramente sem desculpa. Ele veio e mostrou Deus aos homens, e os homens odiaram a Deus completamente. A manifestação do amor divino produziu ódio cruel. É isto que vemos na cruz; e temo-lo prefigurado numa maneira tocante na cova onde José foi lançado por seus irmãos.

"E viram-no de longe, e, antes que chegasse a eles, conspiraram contra ele, para o matarem. E disseram uns aos outros: Eis, lá vem o sonhador-mor! Vinde, pois, agora, e mantemo-lo, e lancemo-lo numa destas covas, e diremos: Uma besta-fera o comeu; e veremos que será dos seus sonhos."

Estas palavras fazem-nos lembrar a parábola de Mateus 21: "E, por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança. E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha e o mataram" (versículos 37 a 39). Deus enviou o Seu Filho ao mundo com este pensamento: "Terão respeito a meu filho"; mas, ah! o coração do homem não tinha temor pelo "bem amado" do Pai! Lançaram-No fora. A terra e o céu estavam em discórdia a respeito de Cristo; e ainda o estão. O homem crucificou-O, mas Deus ressuscitou-O dos mortos. O homem pô-lo na cruz entre dois malfeitores; Deus colocou-O à Sua direita nas alturas. O homem deu-Lhe o lugar mais baixo na terra; Deus deu-Lhe o lugar mais elevado nos céus, em majestade sem igual.

José — um Ramo Frutífero

Tudo isto é prefigurado na história de José. "José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus ramos correm sobre o muro. Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam e o aborreceram. O seu arco, porém, susteve-se no forte, e os braços de suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do Valente de Jacó (donde é o Pastor e a Pedra de Israel), pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com bênçãos dos céus de cima, com bênçãos do abismo que está debaixo, com bênçãos dos peitos e da madre. As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais, até à extremidade dos outeiros eternos; elas estarão sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos" (Capítulo 49:22-26).

Estes versículos mostram-nos "os sofrimentos de Cristo e a glória que se lhes havia de seguir" (1 Pe 1:11). "Os flecheiros" fizeram o seu trabalho; mas Deus era mais poderoso do que eles. O verdadeiro José foi flechado e gravemente ferido na casa de seus amigos; porém, "os braços de suas mãos foram fortalecidos" no poder da

ressurreição, e a fé conhece-O agora como o fundamento de todos os propósitos de Deus de bênção e glória a respeito da Igreja, Israel e toda a criação. Quando pensamos em José na cova, e na prisão, e mais tarde como governador de toda a terra do Egito, vemos a diferença que existe entre os pensamentos de Deus e os pensamentos dos homens; e assim quando olhamos para a cruz e para o trono da Majestade nos céus, vemos a mesma coisa.

Nunca houve nada que revelasse o verdadeiro estado do coração do homem para com Deus como a vinda de Cristo. "Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado" (Jo 15:22). Não é que eles não fossem pecadores. Não, mas "não teriam pecado". Do mesmo modo, Ele diz noutra lugar: "Se fôsseis cegos não teríeis pecado" (Jo 9:41). Deus aproximou-Se do homem na Pessoa de Seu Filho, e o homem pôde dizer: "este é o herdeiro", e todavia disse: "Vinde, matemo-Lo". Por isso, "mas agora não têm desculpa do seu pecado". Aqueles que dizem ver, não têm desculpa. A cegueira professa não é a dificuldade, mas sim a profissão de vista. É um princípio solene para uma época de crença professa, como esta. A continuidade do pecado está ligada com a profissão de ver. Um homem que é cego, e sabe que o é, pode esperar que os seus olhos sejam abertos, mas que poderá fazer-se por aquele que pensa ver, quando realmente não vê?

CAPÍTULO 38

JUDÁ E TAMAR

O Triunfo da Graça de Deus sobre o Pecado

Este capítulo apresenta-nos uma dessas circunstâncias notáveis em que a graça de Deus triunfa gloriosamente sobre o pecado do homem, "Visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá" (Hb 7:14). Mas como? "Judá gerou de Tamar a Perez e a Zerá" (Mt 1:3). Isto é peculiarmente notável. Vemos como Deus, na Sua muita graça, Se eleva acima do pecado e da loucura do homem, com o fim de cumprir os Seus propósitos de amor e misericórdia. Assim um pouco mais adiante, no versículo 6, lemos, "e o rei Davi gerou a Salomão da que foi mulher de Urias". É digno de Deus atuar desta maneira. O Espírito de Deus conduz-nos através da linha por meio da qual, segundo a carne, veio Cristo; e, fazendo-o, dá-nos, como elos na cadeia genealógica, Tamar e Bate-Seba! Como é evidente que nada há do homem em tudo isto! Como é claro, quando chegamos ao fim do primeiro capítulo de Mateus, que é "Deus manifestado em carne" que encontramos, e isto, também, da pena do Espírito Santo. O homem nunca poderia ter inventado uma tal genealogia. E inteiramente divina, e ninguém espiritual poderá lê-la sem ver nela

uma bendita demonstração de graça divina, em primeiro lugar; e em segundo lugar da inspiração de todo o evangelho de Mateus. Creio que um confronto de 2 Samuel 11 Gênesis 38 com Mateus 1 dará ao cristão concentrado assunto para meditação muito agradável e edificante.

CAPÍTULOS 39 A 45

A ELEVAÇÃO DEPOIS DA PROVA

Deus Sempre Cumpre Seus Desígnios

Lendo atentamente estas porções interessantes de inspiração percebemos uma cadeia notável de atos providenciais, convergindo todos para um ponto, a saber, a exaltação do homem que havia estado na cova-, e ao mesmo tempo trazendo à luz, gradualmente, um número de objetos secundários. "Os pensamentos de muitos corações" estavam para ser "revelados"; mas José estava para ser exaltado. "Chamou a fome sobre a terra; fez mirrar toda a planta do pão. Mandou adiante deles um varão, que foi vendido por escravo: José, cujos pés apertaram com grilhões e a quem puseram em ferros, até ao tempo em que chegou a sua palavra: a palavra do SENHOR O provou. Mandou o rei, e o fez soltar; o dominador dos povos o soltou. Fê-lo Senhor de sua casa, e governador de toda a sua fazenda para, a seu gosto, sujeitar os seus príncipes e instruir os seus anciãos" (SI 105:16-22).

É bom ver que o fim era exaltar aquele que os homens haviam rejeitado; e então produzir nesses mesmos homens a mágoa do seu pecado na rejeição. E como tudo isto é admiravelmente conseguido! Circunstâncias triviais e importantes, prováveis e improváveis, são usadas no desenrolar dos propósitos de Deus. No capítulo 39 Satanás emprega a mulher de Potifar, e no capítulo 40 serve-se do copeiro-mor do Faraó. Aquela foi usada para meter José no cárcere; e este para o conservar lá, por causa do seu esquecimento ingrato; mas foi tudo em vão. Deus estava atrás dos bastidores dirigindo com a Sua mão as molas do encadeamento das circunstâncias, e a seu tempo tirou dali o homem do Seu desígnio e encaminhou os seus pés para um lugar espaçoso. Ora isto é sempre prerrogativa de Deus. Ele está acima de tudo e pode usar tudo para cumprimento dos Seus inescrutáveis desígnios. É agradável podermos seguir assim a mão do nosso Pai em todas as coisas. Agradável saber que toda a sorte de agentes está ao Seu soberano dispor: anjos, homens, e demônios—todos estão debaixo da Sua mão onipotente, e todos são criados para cumprir os Seus propósitos.

Neste capítulo tudo isto se nos apresenta de um modo notável. Deus visita o lar de um capitão gentio, o palácio de um rei pagão, sim, e o seu quarto, e faz com que as

próprias visões que ele tem em seu leito contribuam para cumprimento dos Seus desígnios. Nem tão-pouco são só indivíduos e as suas circunstâncias que são usados para o progresso dos propósitos de Deus; mas o próprio Egito e todos os países circunvizinhos são postos em cena; em suma, toda a terra foi preparada pela mão de Deus para ser o teatro no qual pudesse ser mostrada a glória e grandeza de um que "fora separado de seus irmãos". Tais são os caminhos de Deus; e é um dos mais felizes e altos privilégios de exercício da alma de um santo seguir assim os atos admiráveis de seu Pai Celestial. Como a providência de Deus é forçosamente trazida à luz nesta história profundamente interessante de José! Olhai, por um momento, para o cárcere do capitão da guarda. Vede ali um homem "em ferros", acusado de um crime abominável—proscrito e escória da sociedade; e todavia vede-o, quase num momento, elevado à mais alta distinção; e quem poderá negar que Deus está em tudo isto?

A Elevação de José sobre toda a Terra do Egito

"Depois, disse Faraó a José: Pois que Deus te fez saber tudo isto, ninguém há tão inteligente e sábio como tu. Tu estarás sobre a minha casa, e por tua boca se governará todo o meu povo; somente no trono eu serei maior que tu. Disse mais Faraó a José: Vês aqui te tenho posto sobre toda a terra do Egito. E tirou Faraó o anel da sua mão, e o pôs na mão de José, e o fez vestir de vestes de linho fino, e pôs um colar de ouro no seu pescoço, e o fez subir no segundo carro que tinha, e clamavam diante dele: Ajoelhai.

Assim, o pôs sobre toda a terra do Egito. E disse Faraó a José: Eu sou Faraó; porém sem ti ninguém levantará a sua mão ou o seu pé em toda a terra do Egito" (capítulo 41:39-44).

Aqui, pois, estava exaltação invulgar. Compare-se isto com a cova e o cárcere; e note-se a cadeia de acontecimentos que ocasionaram isto, e ter-se-á, imediatamente, uma prova da manifestação da mão de Deus, e uma figura notável dos sofrimentos e da glória do Senhor Jesus Cristo. José foi tirado da cova e do cárcere, nos quais havia sido lançado por causa da inveja de seus irmãos, e do falso juízo de um gentio, para ser dominador de toda a terra do Egito; e não somente isto, mas para ser o meio de bênção, e o mantenedor da vida, para Israel e toda a terra. Tudo isto é ilustrativo de Cristo. De fato, um símbolo não podia ser mais perfeito. Vemos um homem posto, para todos os efeitos, no lugar da morte pelos homens, e então levantado pela mão de Deus e colocado em lugar de dignidade e glória. "Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, O crucificastes e

matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela" (At 2:22-24).

Porém, há dois pontos na história de José, que, com o que já foi dito, tornam o símbolo notavelmente perfeito: refiro-me ao seu casamento com uma mulher estrangeira no capítulo 41, e a entrevista que tem com seus irmãos, em capítulo 45. A ordem dos acontecimentos é a seguinte: José apresenta-se aos seus irmãos como um que é enviado do pai; eles rejeitam-no, e, tanto quanto está neles, põem-no no lugar da morte; Deus tira-o dali, e exalta-o a uma posição da mais alta dignidade: assim exaltado, ele arranja uma noiva; e quando seus irmãos, segundo a carne, se prostram perante ele completamente humilhados, ele dá-se-lhes a conhecer, tranquiliza os seus corações e leva-os à bênção; então torna-se o meio de bênção para eles e todo o mundo.

Asenate, Esposa de José: Imagem da Igreja Unida a Cristo

Desejo apenas fazer alguns comentários acerca do casamento de José e da restauração de seus irmãos. A noiva estrangeira ilustra a Igreja. Cristo apresentou-Se aos judeus, e, sendo rejeitado por eles, tomou o Seu lugar nas alturas e enviou o Espírito Santo para formar a Igreja, que é composta de judeus e gentios, para ser unida com Ele na glória celestial. A doutrina da Igreja já foi tratada quando dos nossos comentários sobre o capítulo 24, mas restam ainda dois ou três pontos a notar aqui. A esposa egípcia de José teve parte íntima com ele na sua glória(1). Sendo parte de si próprio, ela compartilhou de tudo que era seu. Além disso, ela ocupava um lugar de intimidade e aproximação dele somente conhecido dela. Assim é com a Igreja, a esposa do Cordeiro: ela está unida com Cristo para ser participante, ao mesmo tempo, da Sua rejeição e glória. E a posição de Cristo que dá caráter à posição da Igreja, e a sua posição deveria caracterizar sempre a sua conduta. Se somos reunidos para Cristo, é conforme Ele está exaltado em glória, e não humilhado aqui. "Assim que, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora, já não o conhecemos desse modo" (2 Co 5:16). O centro de reunião da Igreja é Cristo na glória. "E eu quando for levantado da terra todos atrairei a mim" (Jo 12:32).

(1) A esposa de José apresenta à nossa vista a Igreja unida a Cristo na Sua glória; enquanto que a mulher de Moisés é uma figura da Igreja unida a Cristo na Sua rejeição.

Existe muito mais de valor prático na compreensão deste princípio do que pode parecer à primeira vista. O intuito de Satanás, bem como a tendência de nossos corações é sempre levar-nos a ficar aquém do objetivo de Deus em todas as coisas, e

sobre tudo no que diz respeito ao centro da nossa união como cristãos. E um sentimento vulgar que "o sangue do Cordeiro é a união dos santos", isto é, que é o sangue que forma o seu centro de união. Ora que é o sangue infinitamente precioso de Cristo que nos põe individualmente como adoradores na presença de Deus, é bem-aventuradamente verdadeiro. O sangue, portanto, forma a base divina da nossa comunhão com Deus. Porém tratando-se do centro da nossa união como Igreja, devemos ter em vista o fato que o Espírito Santo nos reúne para a Pessoa de um Cristo ressuscitado e glorificado; e esta grande verdade dá o caráter—caráter elevado e santo—à nossa união como cristãos. Se tomarmos outra posição, que não esta, então, formamos inevitavelmente uma seita ou ismo. Se nos reunirmos em volta de uma ordenação, por muito importante que seja, ou em torno de uma verdade, por mais indiscutível, fazemos de alguma coisa o nosso centro, que não Cristo.

Por isso é muito importante ponderar as consequências práticas que resultam da verdade de sermos reunidos para um Cristo ressuscitado e glorificado no céu. Se Cristo estivesse na terra, seríamos reunidos para Ele aqui; mas, visto que está oculto nos céus, a Igreja toma o seu caráter da posição que Ele tem ali. Por isso, Cristo podia dizer: "Não são do mundo, como eu do mundo não sou", e também, "e por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade". (Jo 17:16-19). Assim também em 1 Pedro 2:4-5: "Chegando-vos para ele, a pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo". Se somos reunidos para Cristo, temos de ser reunidos para Ele como Ele é, e onde Ele está; e quanto mais o Espírito de Deus conduzir as nossas almas à compreensão disto, tanto mais veremos o caráter da conduta que nos convém. A noiva de José foi unida a si, não na cova nem no cárcere, mas na dignidade e glória da sua posição no Egito; e, no seu caso, não podemos ter dificuldade em perceber a grande diferença entre as duas posições.

Além disso, lemos, "e nasceram a José dois filhos (antes que viesse o ano da fome)" (capítulo 41:50). Aproximava-se uma época de tribulações; mas antes disso veio o fruto da sua união. Os filhos que Deus lhe deu foram chamados à existência antes deste tempo de provação. Assim será com respeito à Igreja. Todos os seus membros serão chamados, o corpo será acabado e ligado à Cabeça no céu, antes da "grande tribulação" que há-de vir sobre toda a terra.

O Encontro de José com Seus Irmãos

Consideremos agora, por uns momentos, a entrevista de José com seus irmãos, na qual encontraremos alguns pontos de semelhança com a história de Israel nos últimos dias. Durante o tempo em que José esteve oculto da vista de seus irmãos

eles tiveram que passar por profunda e aguda provação, por meio de exercícios penosos e intensos da consciência. Um destes exercícios é concebido nestes termos: "Então, disseram uns aos outros: Na verdade, somos culpados acerca de nosso irmão, pois vimos a angústia de sua alma, quando nos rogava; nós, porém, não ouvimos; por isso vem sobre nós esta angústia. E Rúben respondeu-lhes, dizendo: Não vo-lo dizia eu, dizendo: Não pequeis contra o moço? Mas não ouvistes; e, vedes aqui, o seu sangue é requerido" (capítulo 42:21-22).

Entretanto no capítulo 44:16 lemos: "Então, disse Judá: Que diremos a meu senhor? Que falaremos? E como nos justificaremos? Achou Deus a iniquidade de teus servos". Ninguém pode ensinar como Deus. Somente Ele pode produzir na consciência a verdadeira compreensão do pecado, e levar a alma aos profundos recessos da sua própria condição na Sua presença. Isto é tudo trabalho Seu. Os homens correm na sua carreira de culpa, descuidados de tudo, até que a flecha do Todo-Poderoso fere a sua consciência, e então são levados àquelas pesquisas do coração e intensos exercícios de alma, de que só podem achar alívio nos recursos do amor redentor. Os irmãos de José não tinham ideia de tudo que havia de resultar para eles devido aos seus atos para com ele: "... tomaram-no e lançaram-no na cova...; depois assentaram-se a comer pão" (capítulo 37:24-25). Ai dos "que bebeis vinho em taças e vos ungis com o mais excelente óleo, mas não vos afligis pela quebra de José!" (Amós 6:6).

Todavia, Deus promoveu dor de coração e exercícios de consciência dum modo maravilhoso. Passaram-se anos e estes irmãos poderiam ter pensado inutilmente que tudo estava bem; mas, "então, acabaram-se os sete anos de fartura que havia... e começaram a vir os sete anos de fome!" (capítulo 41:53-54). Que importavam ele si Quem os mandou e com que fim? Providência admirável! Sabedoria inescrutável! A fome chega a Canaã, e as necessidades da fome trazem agora os irmãos culpados aos pés do ofendido José! Como é notável a manifestação da mão de Deus em tudo isto! Ali estão eles, com a seta da convicção atravessada nas suas consciências, na presença do homem a quem haviam, com "mãos ímpias", lançado na cova. Certamente, o pecado tinha-os achado; mas era na presença de José. Bendito lugar!

A Restauração do Povo Judaico

"Então, José não se podia conter diante de todos os que estavam com ele; e clamou: Fazei sair daqui a todo o varão; e ninguém ficou com ele quando José se deu a conhecer a seus irmãos" (capítulo 45:1). Nenhum estranho foi autorizado a presenciar esta cena sagrada. Qual o estranho que poderia compreendê-la ou apreciá-la? Somos convidados aqui a testemunhar, de fato, convicção por operação divina na presença de graça divina; e nós podemos dizer, que quando estas se encontram há um acordo fácil de todas as questões.

"E disse José a seus irmãos: Peço-vos, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então, disse ele: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora, pois, não vos entristeçais nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque, para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face. ...para conservar vossa sucessão na terra e para guardar-vos em vida por um grande livramento. Assim, não fostes vós que me enviaste para cá, senão Deus" (capítulo 45:4-8). Isto é graça de verdade, e põe a consciência perfeitamente em paz. Os irmãos já se haviam condenado a si próprios inteiramente, e por isso José só teve que deitar o bálsamo bendito em seus corações. Tudo isto é agradavelmente figurativo dos desígnios de Deus com Israel, nos últimos dias, quando olharem para "Aquele a quem traspassaram, e O prantearão". Então experimentarão a realidade da graça divina e a eficácia purificadora daquela "fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, contra o pecado e contra a impureza" (Zc 12:10; 13:1).

No capítulo 3 de Atos vemos o Espírito de Deus procurando por meio de Pedro produzir esta convicção divina nas consciências dos Judeus. "O Deus de Abraão, e de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Filho Jesus, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes, tendo ele determinado que fosse solto. Mas vós negastes o Santo e o Justo e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas" (At 3:13-15). Estas palavras eram destinadas a arrancar dos corações e lábios dos ouvintes a confissão feita pelos irmãos de José—"somos culpados." Então segue-se a graça: "E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes. Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado: que o Cristo havia de padecer. Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham, assim, os tempos do refrigério, pela presença do Senhor" (At 3:17-19). Vemos aqui que, embora os Judeus tenham realmente manifestado a inimizade de seus corações na morte de Cristo, assim como os irmãos de José fizeram no seu tratamento para com ele, a graça de Deus para com cada um é vista nisto, que tudo é apresentado como tendo sido previsto e decretado por Deus para sua bênção. Isto é graça perfeita, que excede todo o nosso entendimento; e tudo que é necessário a fim de poder gozar-se a sua alegria é uma consciência verdadeiramente convicta pela verdade de Deus. Aqueles que podiam dizer: "somos culpados", podiam compreender igualmente as palavras preciosas da graça: "não fostes vós, mas Deus". Assim tem que ser sempre. A alma que tiver pronunciado a sua própria condenação, está preparada para compreender e apreciar o perdão de Deus.

CAPÍTULOS 46 A 50

OS ÚLTIMOS DIAS DE JACÓ

A Descida para Egito e a Morte de Jacó

Os últimos capítulos do livro de Gênesis tratam da mudança de Jacó e sua família para o Egito, e o seu estabelecimento ali; os atos de José durante os restantes anos de fome; Jacó abençoando os doze patriarcas; e a sua morte e enterramento. Não vamos entrar em pormenores sobre estas coisas, embora a mente espiritual possa encontrar nelas muito com que se alimentar (1). Os temores infundados de Jacó dissipados pela presença de seu filho vivo, e exaltado—a graça de Deus manifestada no seu poder ativo e contudo acompanhada de juízo, visto que os filhos de Jacó têm que descer ao mesmo lugar para onde haviam mandado o seu irmão.

(1) O fim da carreira de Jacó encontra-se em agradável contraste com todas as cenas da sua história. Faz-nos lembrar uma tarde serena, depois de um dia tempestuoso: o sol, que durante o dia esteve oculto da vista por neblinas, nuvens, e nevoeiros, põem-se em majestade e brilho, dourando com os seus raios o céu ocidental, e mostrando a perspectiva agradável de uma manhã clara. Assim acontece com o nosso velho patriarca. A superioridade, a avidez, a astúcia, a atividade, os expedientes, a chicana, os temores egoístas — todas essas nuvens carregadas da natureza e da terra parece terem passado, e ele manifesta-se em toda a calma elevada da fé, para dar bênçãos e transmitir dignidades, naquela santa habilidade que só a comunhão com Deus pode conceder.

No capítulo 48:11 temos um lindo exemplo do modo como o nosso Deus sempre Se eleva acima de todos os nossos pensamentos, e Se mostra melhor do que todos os nossos temores. "E Israel disse a José: Eu não cuidara ver o teu rosto; e eis que Deus me fez ver a tua semente também".

À vista da natureza José estava morto; enquanto que para Deus ele estava vivo e sentado no lugar de mais elevada autoridade, a seguir ao trono. "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam" (1 Co 2:9). Permita Deus que as nossas almas possam elevar-se na compreensão de Deus e dos Seus caminhos.

É interessante notar o modo como os títulos "Jacó" e "Israel" são introduzidos no fim do livro do Gênesis; como por exemplo, "E um deu parte a Jacó e disse: Eis que José, teu filho, vem a ti. E esforçou-se Israel e assentou-se sobre a cama" (capítulo 48:2). Então acrescenta-se imediatamente: "E Jacó disse a José: O Deus Todo-Poderoso me apareceu em Luz". Ora nós sabemos que nada há na Sagrada

Escritura sem o seu significado específico, e por isso esta troca de nomes encerra alguma instrução. Em geral, pode observar-se que "Jacó" mostra a profundidade até onde Deus desceu; e "Israel" a altura a que Jacó foi elevado.

Embora os olhos estejam obscurecidos, a visão da fé é penetrante. Ele não vai ser enganado quanto à posição destinada a Efraim e Manassés nos desígnios de Deus. Não tem que estremecer, como seu pai Isaque, em capítulo 27:33, "estremeceu de um estremecimento muito grande", em face de um erro quase fatal. Antes pelo contrário. A sua resposta ao filho menos instruído é, "eu sei meu filho, eu sei". O poder de senso não tem, como no caso de Isaque, obscurecido a sua visão espiritual. Aprendera na escola da experiência a importância de se manter agarrado aos propósitos divinos, e a influência da natureza não pode afastá-lo deles. No capítulo 48:11 temos um lindo exemplo do modo como o nosso Deus sempre se eleva acima de todos os nossos pensamentos, e Se mostra melhor do

Aspectos Proféticos

E também a graça admirável de José em tudo: embora exaltado por Faraó, ele oculta-se, com efeito, e conserva o povo em permanente obediência ao rei. Faraó diz: "Ide a José" (capítulo 41:55), e José, com efeito, diz: "tudo o que tendes e sois deveis a Faraó". Tudo isto é muito interessante e conduz a alma a esse tempo glorioso em que o Filho do homem tomará as rédeas do governo nas Suas mãos, por decreto divino, e dominará sobre toda a criação redimida; a Sua Igreja—a noiva do Cordeiro— ocupando o lugar mais próximo e de maior intimidade, segundo os desígnios eternos. A casa de Israel, plenamente restaurada, será alimentada e mantida pela Sua mão graciosa; e, toda a terra conhecerá a profunda bem-aventurança de estar sob o Seu cetro. Finalmente, tendo posto todas as coisas em sujeição, Ele entregará outra vez as rédeas do governo nas mãos de Deus, para que "Ele seja tudo em todos". De tudo isto podemos fazer alguma ideia da riqueza e abundância da história de José. Em suma, ela põe perante nós, distintamente, em figura, a missão do Filho à casa de Israel — a Sua humilhação e rejeição — os profundos exercícios, arrependimento e restauração final de Israel —, a união da Igreja com Cristo, a Sua exaltação e o governo universal, e, por fim, aponta-nos o tempo em que "Deus será tudo em todos". É escusado frisar que todas estas coisas são largamente ensinadas, e plenamente estabelecidas, através de todo o cânon inspirado; não estabelecemos, portanto, a sua verdade sobre a história de José; contudo é consolador encontrarmos aqui tais símbolos destas verdades preciosas; provam-nos a unidade divina que atravessa toda a Escritura. Quer nos voltemos para o Gênesis ou Efésios — os profetas do Velho ou do Novo Testamento — aprendemos as mesmas verdades: "TODA A ESCRITURA É DIVINAMENTE INSPIRADA."

FIM